VÂNIA DOS SANTOS MESQUITA

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A Fachada do poder

Uma análise de títulos em jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, durante períodos eleitorais

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Vânia dos Santos Mesquita e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data 30 / 05 / 2000

Assinatura: Elisabeth Kosmath
(Orientador(a))

MODELO BC-1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
M562t
V. Ex.
TOMBO BC/45398
PROC. 16-392/01
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 25/07/01
N.º CPD

CM00158135-8

VÂNIA DOS SANTOS MESQUITA

A Fachada do poder

Uma análise de títulos em jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, durante períodos eleitorais

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, da Universidade Estadual de Campinas, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Educação, sob orientação da professora Doutora Elisa Angotti Kossovitch .

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
2000

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

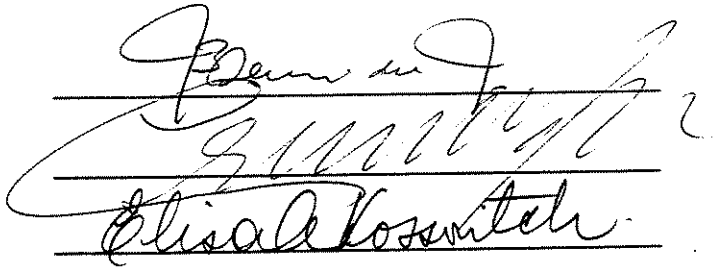
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A Fachada do poder: uma análise de títulos em jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, durante períodos eleitorais

Autora: Vânia dos Santos Mesquita

Orientadora : Elisa Angotti Kossovitch

COMISSÃO JULGADORA:



2000

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

M563f
M562f

Mesquita, Vânia dos Santos.
A fachada do poder : uma análise de títulos em jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, durante períodos eleitorais / Vânia dos Santos Mesquita. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Elisa Angotti Kossovitch.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Imprensa – Aspectos políticos. 2. Imprensa – Aspectos econômicos. 3. Poder (Ciências Sociais). 4. Eleição. 5. Oligarquia. 6. Análise de conteúdo (Comunicação). I. Kossovitch, Elisa Angotti. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Para Lauro e Tiago, meus queridos filhos, para Marcos, meu marido, para José e Fausta, meus pais e para todos os meus irmãos, meu carinho, amor e agradecimento pelo incentivo e constante preocupação.

Agradecimentos especiais à minha orientadora Profª. Elisa Angotti Kossovitch, pelo empenho e acolhimento, ao prof. João Baptista de Almeida Júnior, pela incansável dedicação e amizade, à profª. Maria Ângela Pavan pelo acolhimento e carinho, à profª. Lúcia Avelar por indicações bibliográficas valiosas e pela atenção, à profª. Mírian dos Santos e à profª. Iracema Kian Dantas pelas revisões e amizade, ao prof. Isaías Pascoal e ao prof. Carlos Zanotti, pelos esclarecimentos, ao meu filho Tiago dos Santos Mesquita por sugerir o título deste trabalho, aos colegas da UNIPA e aos meus alunos, pelo interesse constante. Quero agradecer também aos proprietários do Jornal do Estado, ao diretor do jornal Folha do Vale e ao editor do Sul das Geraes e a todos os outros profissionais dos jornais analisados que concederam entrevistas. Agradeço ainda, ao juiz e funcionárias do cartório Eleitoral de Pouso Alegre, ao TRE/MG e ao INDI, por colaborarem com esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa evidencia a existência de ligações entre a imprensa e os poderes constituídos, político e econômico, através das mensagens de jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, correspondentes aos meses pré-eleitorais de três anos: 1994, 1996 e 1998. Por meio da análise de títulos das matérias jornalísticas e de entrevistas com proprietários e editores dos jornais, que revelaram várias informações importantes, confirmando os resultados da análise, foi possível detectar detalhes do emaranhado jogo entre a imprensa e o poder, na disputa, nem sempre leal, entre os diversos atores políticos. Interesses acima da preocupação com o leitor/eleitor, tentativas de sugestionar o público, slogans sobre determinados candidatos, entre outros fatores, mostram o comprometimento dos jornais estudados com o poder político local.

ABSTRACT

This paper points out the links between the press and the political and economical powers, through messages publicized on newspapers in the city of Pouso Alegre, south of Minas Gerais. The study was held during the pre-electoral months of three years: 1994, 1996, and 1998. Details of the tangled game played between the press and the power in the not always loyal dispute between the diverse political agents could be detected through both the analysis of the headings of journalistic coverages and the interviews with proprietors and editors of newspapers. These intervieus revealed information, confirming the results of the analysis. Interests above the concern with the reader/ elector, attempts at influencing the public, slogans about particular candidates, among other factors, all indicate the commitment between the researched newspapers and the local political power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I - A relação entre a imprensa e o poder 7

1- No surgimento europeu comprometido 7

2- Na instalação da corte no Brasil 12

3- Na instauração do poder político em Minas 21

CAPÍTULO II - A imprensa do Sul de Minas Gerais 31

1-A imprensa e o desenvolvimento político e econômico do Estado 31

2- Povoação e os primeiros jornais de Pouso Alegre 35

3- Influência das oligarquias na imprensa do sul de Minas 42

3.1-Consolidação da política oligárquica no sul de Minas 47

CAPÍTULO III – Histórico dos jornais estudados, importância dos títulos e metodologia 51

1- Jornal do Estado 51

2- Sul das Geraes 53

3- Folha do Vale 55

4- A importância dos títulos na mensagem jornalística 57

5- Metodologia de análise dos títulos dos jornais estudados 61

CAPÍTULO IV – Análise de títulos em jornais de Pouso Alegre 69

1- Eleições de 1994 69

2- Eleições de 1996 110

3- Eleições de 1998 143

CONCLUSÃO 179

BIBLIOGRAFIA 185

ANEXOS 191

Introdução

Evidenciar a existência de ligações entre a imprensa e os poderes constituídos, político e econômico, através das mensagens veiculadas em jornais do interior, é o principal objetivo deste trabalho. Esta proposta levou à seguinte hipótese: os jornais de Pouso Alegre, Sul de Minas, estariam, de fato, ligados e comprometidos ao poder.

Alguns fatores previamente definidos justificaram as opções tomadas e recortes estabelecidos para a escolha do estudo dos títulos de jornais, dos períodos da análise, e da forma como eles entrariam neste trabalho. Após muita leitura crítica do material jornalístico de toda a década de 90 e reflexão sobre os acontecimentos mais expressivos divulgados por esses veículos, assim como, uma observação constante do desempenho profissional nas redações desses pequenos jornais do interior (esta última foi possível no decorrer de meu desempenho profissional como repórter durante alguns anos nessas redações), chegou-se à conclusão de que os períodos pré-eleitorais, nos jornais, tinham um grande conteúdo ideológico para esta pesquisa e proporcionariam relevantes informações. A partir da leitura exploratória dos jornais de arquivo de três empresas jornalísticas de Pouso Alegre, dos três últimos anos eleitorais da década de 1990, verificou-se a necessidade de um recorte sobre o extenso material. Foi realizado um estudo piloto antes do processo de qualificação, através do qual analisou-se todo o conteúdo das primeiras páginas e das páginas de opinião nos três jornais escolhidos, num total de 156 exemplares. Após esse estudo, verificou-se que o primeiro recorte ainda era muito extenso e chegou-se à proposta de se fazer a análise de conteúdo de títulos de três jornais pouso-alegrenses, em períodos pré-eleitorais, estabelecendo-se cinco meses para as eleições a cargos estaduais e federais, ocorridas em 1994 e 1998, e seis meses para a eleição a cargos municipais, ocorridas em 1996. Os títulos possibilitaram uma leitura histórica do momento e contextos previamente escolhidos, com objetivo claramente estabelecido, de se verificar nessas mensagens a hipótese levantada por esta pesquisa: a existência de ligação e comprometimento da imprensa com os poderes político e econômico (empresarial). Para concretizar a preparação da pesquisa, foram determinadas as categorias e selecionadas as mais representativas, com base na proposta e objetivo do estudo, o que permitiu a análise e os resultados obtidos.

As ligações políticas e econômicas estão localizadas em vários momentos históricos da imprensa escrita do mundo e também na própria história da imprensa no Brasil. Pode-se verificar essa constante no decorrer do primeiro capítulo deste trabalho quando percebe-se que, durante o surgimento dos primeiros jornais no mundo a existência de preocupação dos reis e imperadores com assuntos que iriam ser veiculados pelos impressos. As notícias se restringiam aos fatos ligados aos reinados como: as batalhas, exéquias dos príncipes, festas e outros acontecimentos de interesse dos reis. Um outro fator importante é o de uma imprensa totalmente controlada pelo poder público, sem qualquer liberdade.

Mesmo com o avanço do jornalismo periódico a imprensa ainda é contida pelo controle político. O aparecimento dos primeiros jornais independentes do poder instituído, produzidos por grupos associativos, provocam o aparecimento da censura, a nova modalidade de controle sob a forma de Lei.

Nem mesmo os ideais de liberdade, inspirados pelo espírito revolucionário que se propagou a partir do século XVIII, garantiram uma imprensa livre e independente dos poderes políticos e econômicos dos governos. Apesar de o período revolucionário ter proporcionado à imprensa um impulso sem precedentes, no sentido multiplicador do aparecimento de diversos jornais e, ainda, ter promovido alterações no cenário de controle político, a fase dura pouco e é interrompida pelo autoritarismo de imperadores, como Napoleão Bonaparte, que conhece a importância da imprensa e passa a controlá-la, com censura e repreensões drásticas, aprisionamento de jornalistas e fechamento de jornais, que não lhes correspondia ideologicamente.

O surgimento da imprensa moderna americana e o desenvolvimento tecnológico do começo do século XX fazem a imprensa mundial mudar e se desvincular dos governos instituídos. Os objetivos passam a ser mais, o comercial e o industrial, próprios do jornalismo capitalista de produção. O controle da imprensa escrita vai para as mãos do empresariado de iniciativa privada. Surgem os grandes conglomerados noticiosos, geralmente liderados por uma só família.

Durante todo o período de desenvolvimento da imprensa mundial, percebe-se que os momentos de abertura política, concedidos à produção jornalística, foram sempre controlados por atitudes retrógradas, que impedem uma imprensa totalmente livre de influências políticas e independente do poder.

No aparecimento da imprensa brasileira, como pode-se verificar no item dois do primeiro capítulo deste trabalho, o jornalismo impresso inicia sua história dependente do poder político da metrópole, subjugado ao controle de D. João VI, em um contexto de total domínio colonial, em que predominava a censura a livros e impressos, que dificultavam a evolução cultural.

As dificuldades para o desenvolvimento da imprensa livre eram decorrentes da política econômica da exploração colonial. Tanto que, três meses antes do surgimento do primeiro jornal em solo brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro, editada em 10 de setembro de 1808, impressa a mando de D. João VI, é publicado o Correio Brasiliense, jornal de Hipólito José da Costa, em 1° de junho de 1808. Era uma imprensa brasileira exilada, mas livre do vínculo com o poder real e da autoridade maior que este país possuía na época. O jornal de Hipólito da Costa estabeleceu um clima de confronto com o poder da coroa portuguesa e demonstrava uma tendência mais jornalística, ao combater as proibições do rei.

Essa ligação entre o poder instituído e a imprensa terá continuidade no jornalismo brasileiro em uma fase bem mais adiantada, a de produção pré-capitalista, que se desenvolve no final do século XIX, e permanece despreocupada com as funções educativa, informativa, crítica e prestadora de serviços da imprensa, priorizando antes de tudo o interesse da empresa de propriedade privada de multiplicar seus leitores e anúncios, deixando a sociedade ainda relegada à ignorância.

A parte três do primeiro capítulo localiza que na fase de formação do estado político de Minas Gerais surgem os primeiros jornais mineiros. Este estudo conseguiu localizar um complicado desencontro entre os historiadores ao se referirem ao primeiro periódico surgido no estado de Minas Gerais. Mas através de diversas buscas em bibliotecas, arquivos públicos e na hemeroteca do próprio estado, foi possível chegar ao primeiro jornal do estado: "O Compilador Mineiro" surgido em Ouro Preto em 1823 e cuja quinta edição foi localizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, datada de 22 de outubro de 1823.

Muitos periódicos do início do século XIX, surgidos em Minas Gerais, também nascem ligados ao poder instituído. Uns publicam notícias de reuniões legislativas, outros de fatos religiosos e outros publicam apenas leis. Este foi mais um indício da ligação

estreita da imprensa mineira, em seu início, com as mais diferentes representações do poder.

Deve-se ressaltar também que durante a época em que aparecem os primeiros jornais mineiros, de 1823 até a década de 50, do século XIX, vários fatos põem em risco a liberdade de imprensa. Um deles está inserido no capítulo II desta dissertação, referindo-se ao primeiro jornal de Pouso Alegre, "O Pregoeiro Constitucional". O jornal foi fundado pelo padre José Bento Leite Ferreira de Melo, que além de líder religioso na cidade teve uma vida política bastante atuante, e ao mesmo tempo, complicada com outras lideranças locais e até mesmo nacionais, chegando a ser senador. O jornal apresenta um tom de panfletário ao apregoar ideais de liberdade contra os abusos da tirania, mas na verdade o proprietário tinha seus interesses políticos e transforma seu jornal em um instrumento de luta contra D. Pedro I, já que ele não aceitava a supremacia parlamentar, a qual José Bento defendia.

É possível ainda compreender a ligação da imprensa pouso-alegrense com o poder em seu início e passado, ao acompanhar os envolvimentos de seu precursor com as políticas mineiras, e a própria política local, o que acaba por provocar seu assassinato.

Mas é na parte três, do segundo capítulo, do estudo bibliográfico deste trabalho, que mais se evidencia as ligações do poder com a imprensa do Sul de Minas, incluindo a cidade de Pouso Alegre. Ao falar sobre as oligarquias mineiras, o presente trabalho situa como foram fortalecidas algumas formas de ligações, e ainda a dependência da imprensa desta região em relação ao poder público, no início e depois de sua transferência para outras instâncias de poder (empresas jornalísticas).

O capítulo III apresenta informações históricas dos três jornais pesquisados, o Sul das Geraes, o Jornal do Estado e o Folha do Vale, fornecendo dados importantes para entender ainda melhor o estudo desenvolvido. Consta também deste capítulo uma parte que trata especialmente da importância do título nas mensagens jornalísticas. São também levantadas algumas questões e é apresentada a metodologia da pesquisa.

Nos capítulos I e II foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica, necessária para fundamentação teórica e para localizar momentos expressivos durante a história da imprensa que determinassem a existência de ligação de poder com a imprensa escrita; enquanto o capítulo IV, por meio da análise do conteúdo dos títulos de três jornais pouso-

alegrenses, acima mencionados, se verificam, por meio das categorias previamente definidas, os fatores que indicam as relações entre imprensa escrita com políticos, e/ou empresários. Esta análise, acrescida de informações de editores e proprietários dos jornais analisados, permitiu a esta pesquisa a verificação do objetivo, e ainda possibilitou respostas para a hipótese levantada. Portanto, foi através de dois fundamentos metodológicos e um técnico, da pesquisa bibliográfica, da análise de conteúdo e de entrevistas, que esta dissertação firmou as bases epistemológicas para tentar comprovar a proposta inicial.

O interesse ideológico dos jornais é identificado na constatação do número de títulos favoráveis a determinados políticos em época eleitoral, que apontam a preferência destes impressos por atores sociais ligados aos veículos de comunicação, atitude esta, ainda confirmada através da carga semântica destes títulos. Isto resulta em mensagens que conotam práticas políticas de autoridade, subserviência, troca de favores, algumas em tons publicitários e de slogans em textos informativos, enfrentamentos e discussões entre políticos, através dos jornais, que persistem por mais de um ano eleitoral, posturas empresariais jornalísticas favoráveis a políticos e outras características, que desvirtuam as propostas jornalísticas de imparcialidade, objetividade, clareza, precisão, e as funções informadora, educativa, denunciadora e esclarecedora dos jornais.

Capítulo I – A relação entre a imprensa e o poder

1- No surgimento europeu comprometido

Desde o surgimento, no século XV, a imprensa mundial periódica foi marcada por uma série de fatores políticos e econômicos que se conjugaram para seu desenvolvimento e propagação. Esses fatores contribuíram para a concretização da antiga prática de narrar os fatos como, por exemplo, a divulgação de leis e decisões dos reis, transmitidas via oral ou por escrita manual, a descrição dos novos mundos visitados por viajantes cronistas, as mensagens levadas a público, oralmente ou por escrito, durante a Antigüidade e a Idade Média e muitas outras formas. Alguns fatos políticos e econômicos foram bastante propalados, como o Renascimento e a Reforma. Através das grandes descobertas e das trocas bancárias e comerciais ocorre a necessidade de criação de novas redes de informação, como registra ALBERT & TERROU (1990 : 4). Uma dessas redes de informação, anterior ao aparecimento da imprensa, foi o serviço de correio, por intermédio de mensageiros, que auxiliava os governos nas rápidas decisões em tempo de guerra.

Segundo ainda ALBERT & TERROU (1990), a criação dos Estados modernos estimula o aparecimento dos serviços de correio. Instalam-se os primeiros serviços postais na França, sob Luíz XI, em 1464; na Inglaterra, sob Eduardo IV, em 1478; e, no Império, sob Maximiliano I, em 1502.

Antes disso, em 1438, Gutenberg inventa a tipografia, que se difundiu com muita rapidez, na segunda metade do século XV, permitindo a reprodução em série de um mesmo texto e agilizando a difusão das notícias, antes orais ou manuscritas. É a partir da invenção dos tipos móveis que surge a impressão, mas ainda não se trata da imprensa. O público leitor, ainda não alfabetizado, não está constituído. Assim, a impressão que surge está mais aplicada ao registro cultural dos feitos e das ideologias dominantes: na instância religiosa, à reprodução de Bíblias; na área política, à divulgação de leis e decretos; no campo das

grandes expedições marítimas, à descrição de novos mundos visitados pelos navegadores – Marco Polo, Vasco da Gama, Colombo, Cabral, etc.

A invenção de Gutenberg promove uma verdadeira disputa política entre França, Holanda e Itália, para utilizar o novo invento e, até mesmo, reivindicarem a autoria de iniciadores da impressão por tipos móveis. Devido a essa disputa o novo invento teria provocado o primeiro caso de espionagem mundial: quando no início das atividades de impressão, o rei da França Carlos VII, teria enviado a Mogúncia (cidade onde nascera e residia Gutenberg), o mestre da Casa da Moeda de Tours, Nicole Jenson, com a finalidade de roubar o segredo da nova arte. Mas, a autoria continua sendo atribuída a seu criador e o início dessa atividade à Alemanha.

Outro fato político, além da disputa para utilizar a impressão por tipos móveis em primeiro lugar, e assumir a autoria do novo invento, ocorrido após a assembléia legislativa de Nuremberg em 23 de fevereiro de 1461, contribui para que a nova forma de imprimir se espalhe pela Europa (CASTAGNI, 1987: 100). O príncipe – bispo da Mogúncia, Diether Von Isenburg, após ter se rebelado contra o papa Pio II, é deposto e, em seu lugar é imposto o cônego Adolfo de Nassau. A substituição deu início a uma luta entre os rivais e nesta disputa os dois já usam a nova técnica da impressão, para ataques pessoais. Em 1462, Von Isenburg lança um manifesto contra Nassau e o papa Pio II. Este documento foi impresso em Mogúncia e a autoria da impressão do material ofensivo teria sido creditada a Gutenberg. Isso provoca uma rebelião em que a facção favorável a Nassau invade a Mogúncia, matando e devastando tudo. Com isso, muitas pessoas de classes mais elevadas são expulsas do lugar, entre estas, o próprio Gutenberg. Pouco tempo após o conflito, Gutenberg volta para sua terra natal, porém não retorna à atividade da tipografia. Contudo, muitos artesãos, que haviam trabalhado e aprendido com ele, espalham a novidade, por outras cidades da Europa. O território, onde mais tarde se localizaria a Itália, teria sido o primeiro país estrangeiro a abrigar os tipógrafos aventureiros que aí espalham a nova técnica de impressão. As cidades consideradas berço do Humanismo e do Renascimento, ansiosas por qualquer novidade, dispunham de estruturas que permitiram o desenvolvimento de uma técnica mais aperfeiçoada de impressão, aprimorando assim, o invento de Gutenberg.

A difusão da invenção de Gutenberg adquire, na Europa de então, diversas formas, dentre elas, instrumentos de publicação jornalística, a saber : a *gazeta*, que começa a circular em vários locais como França, Alemanha e Itália, no final do século XV, que consiste em um tipo de folha de notícia na qual se relatam acontecimentos importantes como batalhas, exéquias dos príncipes, festas e outros fatos ligados aos reinados. Outro tipo de impresso é o *pasquim*. O primeiro surge na França, em 1529, com a característica de trazer relatos extraordinários. Outro ainda é o *libelo*, que surge na Europa, no começo do século XVI e alimenta polêmicas religiosas e, posteriormente, políticas. É importante acrescentar que esses *libelos* desencadeiam o endurecimento da "legislação repressiva" (censura), em diversos estados europeus. Esses tipos de impresso delineavam as três principais funções do jornalismo, como registram ALBERT e TERROU (1990) : " a informação sobre fatos da atualidade, o relato dos pequenos eventos do dia-a-dia, a expressão das opiniões". No final do século XVI, aparecem os primeiros periódicos mensais e, logo depois, os semanais.

Com o avanço do jornalismo periódico e a diversificação dos tipos de impresso, acima referida, a imprensa começa a ser contida pelo controle político, nos séculos seguintes. O surgimento de instrumentos alternativos de informação impressa, independentes do poder instituído e produzidos por grupos associativos, provoca o aparecimento de uma legislação repressiva, como forma de censura, o que parece ser mais um indicador de que a imprensa só será aceita se atuar à sombra do poder. Caso se comporte criticamente a esse respeito, a imprensa encontrará dificuldades para continuar funcionando, será perseguida e condenada a se calar. Mesmo após a Revolução Francesa, que introduziu os princípios da liberdade de imprensa, foi apenas durante o século XIX que a onda de reivindicações, dos jornalistas, por maior liberdade de expressão, se espalha por todo o mundo.

O artigo XI da Declaração dos Direitos do Homem, de 26 de agosto de 1789, afirma que:

> "A livre comunicação do pensamento e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem: todo cidadão, portanto, pode falar, escrever e imprimir livremente, respondendo pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei".

O *caput* desse artigo é ainda a proclamação que mais inspira o princípio de liberdade da imprensa, porque, até hoje, mantém uma relação direta, com a liberdade de expressão a qual todos deveriam ter direito e, que, por uma série de fatores políticos e econômicos, não têm.

Mesmo com todos os ideais de liberdade em ebulição, muitas questões políticas e econômicas, no mundo, desencadeiam mudanças nas conquistas empreendidas pela imprensa. Dentre estas, jornais são suprimidos por decretos e sistemas de censura são implantados por dirigentes políticos que se sentiam ameaçados pelo crescimento e aumento do número de impressos. O período revolucionário havia dado à imprensa um impulso extraordinário. A curiosidade que os acontecimentos despertam no público promove a criação de mais de 1500 títulos de publicações apenas na França, de 1789 a 1800. Isso corresponde a duas vezes mais, em onze anos, do que em 150 anos anteriores. É nesta época que os jornais franceses demonstram seu poder político, até então, secundário. Exatamente esse poder conquistado pela imprensa européia que é posteriormente combatido pelo poder político autoritário.

O período napoleônico não foi nada animador para a imprensa francesa. Restabelece o sistema de autorização prévia para criação de novos jornais e, após o golpe de Estado, baixa um decreto que só permite a subsistência de 13 jornais em Paris. Napoleão cala seus opositores e utiliza os jornais a serviço de sua propaganda, na França e no exterior. Sobre a eficácia dessa propaganda, surgiam comentários que, para o imperador, as gazetas equivaleriam a um exército de 300 mil homens. Conhecendo a importância da imprensa, o imperador repreende sempre seus censores e, à menor crítica deixa-o furioso. Em trecho de carta a Fouché, escrita em abril de 1805, é possível constatar essa irritação em que costumava dizer: " jamais permitirei que jornais digam ou façam algo contra meus interesses". (ALBERT e TERROU, 1990 : 26).

No final do século XIX, fatores políticos e sociais irão contribuir para o desenvolvimento da imprensa, porém governos de diversos países ainda adotavam uma política de contenção a esse movimento, pois dificultava o exercício do poder. Mas a instrução, que é acelerada neste período, com aumento do público interessado em notícias a partir do aprimoramento de nível cultural, até mesmo entre as classes populares, incrementa

a curiosidade e diversifica o gosto do leitor. Os fatores econômicos como a ampliação do mercado, a inclusão de métodos mais aperfeiçoados de impressão e o constante desenvolvimento de novas técnicas (aperfeiçoamento de tintas e papéis, algumas mudanças na composição das páginas, transformações constantes nas prensas, evolução das ilustrações, dos transportes, desenvolvimento das técnicas de informação, como o surgimento do telégrafo e das agências internacionais de notícias), tudo isso, permite à imprensa dar um salto em qualidade e rapidez. As tiragens aumentam e o número de jornais cresce cada vez mais. Surge uma imprensa moderna, a americana, que principia inspirando-se em modelos da imprensa inglesa, para, a seguir, evoluir rapidamente.

A primeira guerra mundial, logo no início do século XX, seguida quase que imediatamente da segunda, concorrem para o controle de grande parte da imprensa por representantes políticos das principais potências mundiais. Mais tarde este poder será transferido para o empresariado privado de acordo com os ideais dessa classe dirigente.

O desenvolvimento tecnológico, antes, durante e após a guerra, como as inovações das técnicas de impressão e fotografia, a função do rádio e mais tarde da televisão, possibilita a formação de grandes grupos empresariais no setor de comunicação, envolvendo muitas vezes os vários tipos de veículos (emissora de rádio, emissora de televisão e impresso), todos aglomerados, pertencendo a um só proprietário ou a uma só família. A imprensa se torna forte com o aparecimento dos grandes conglomerados noticiosos (alguns com esta característica familiar) e marca uma nova busca de autonomia política, desvinculando-se dos governos instituídos para uma função cada vez mais comercial, sustentada na publicidade, na opinião pública e na fidelidade dos leitores.

Para SODRÉ (1977:1), "a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista". As técnicas de produção e circulação da imprensa, segundo o historiador, seriam alguns dos traços que conduziriam o produto jornalístico à uniformização, através da universalização de valores éticos e culturais, como também da padronização de estilo e comportamento. A ligação entre a imprensa e a ordem capitalista estaria também na evolução da liberdade de informar e de opinar. Isto porque, enquanto a imprensa alcançava seu ideal de liberdade e, através da própria pressão burguesa, passava para o controle da iniciativa privada, era, ao mesmo tempo, cooptada pelo capitalismo em ascensão.

2 - Na instalação da corte no Brasil

O Brasil não ficou indiferente ao que se passava na Europa em termos de imprensa, menos por opção do que por subordinação aos ditames de D. João VI, quando este aqui desembarcou em 1808. E é preciso retroagir no processo de desenvolvimento tecnológico da imprensa, para entender melhor o que ocorreu no Brasil em relação à passagem do controle dos veículos de imprensa do poder público para o privado e mostrar seu caminho, de certa forma, sempre dependente dos dirigentes da política e da economia. Enquanto no mundo se iniciava o processo de novas ocupações e comercializações e, paralelamente, surgia a imprensa, o Brasil era descoberto por exploradores portugueses que para aqui traziam as mais severas marcas da escravidão e do extermínio tribal.

Durante o primeiro século da colonização brasileira, até mesmo os livros em Portugal eram

> "sujeitos a três censuras: a episcopal, ou do Ordinário, a da Inquisição, e a Régia, exercida pelo Desembargo do Paço, desde 1576, cuja superioridade firmava-se nas Ordenações Filipinas, que proibiam a impressão de qualquer obra sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição" (SODRÉ, 1977).

JACOB GORENDER (1978 : 75) observa que, no Brasil, " a legislação do Império proibiu que os escravos recebessem instrução sequer nas escolas primárias", acrescentando, "a escravidão desenvolveu-se em sociedades de forte predominância agrária". Ora, pode-se notar através dessas observações que, durante a colônia escravista, Portugal, desejando manter o controle da situação, impedia o aporte de informações que promovia o ser humano, como por exemplo, aquelas sobre o que se passava no restante do mundo, obstaculizando assim qualquer tipo de evolução social e cultural. Era necessário manter distanciamento de uma possível influência social por intermédio de novas idéias. Isso incluía a censura à imprensa, às leituras, ao aprendizado, às informações e, por conseqüência, aos pensamentos.

GORENDER explica que o conceito de colonial, como forma de escravidão, extrapola a dimensão do período em que Portugal descobriu as terras brasileiras, dominou-as e explorou-as até a independência. " A esta altura devo precisar que o conceito de colonial é aqui puramente econômico. Por isso, tanto pode referir-se a um país colonial também sob aspecto político, como a um país organizado em Estado independente." Segundo GORENDER (1978:170), o significado "econômico" de colonial, ou seja, "próprio à era iniciada com o mercantilismo", teria "traços" característicos: "economia voltada principalmente para o exterior"; "troca de gêneros agropecuários e/ou matérias primas minerais por produtos manufaturados estrangeiros, com uma forte participação de bens de consumo na pauta de importações"; e "fraco ou nenhum controle sobre a comercialização no mercado externo".

Um exemplo de produção escravista colonial em um Estado independente, citado pelo autor, seria o período Brasil – Império. Embora considerada uma fase em que se conquista a independência política, o escravismo colonial permaneceria em seu sistema econômico, explicado no modo de produção escravista compatível com uma finalidade mercantil e voltado para o mercado externo. Ou seja, o desenvolvimento cultural não devia ser interessante para aqueles que deveriam apenas se limitar a produzir riqueza para os colonizadores.

O que se pode deduzir de um sistema exploratório que visava apenas comércio e lucros, em todos os sentidos, incluindo o comércio de escravos e índios (os últimos, quando se conseguiam dominá-los), que não passavam de meros objetos, destinados à produção e à serventia dos colonizadores? As formas de brutalidade e as duras leis, impostas ao povo colonizado pelos portugueses, demonstram que o governo queria manter seus escravos o mais distanciados possível da cultura e do aprendizado. Para que ele pudesse controlar a exploração de riquezas era necessário que seus servos não soubessem nem entendessem o que se passava no resto do mundo, que não lessem as ordens, que não compreendessem sua língua. Assim seria mais fácil dominá-los.

O que interessa particularmente a este trabalho são as censuras contra a leitura de livros ou a impressão de certos impressos. Essas leis resultaram da manutenção intencional de políticas econômicas que geraram heranças centenárias, que reprimiram e atrasaram a evolução cultural do Brasil e parecem ser bem mais complexas nesse sentido.

SODRÉ (1977 : 12) observa que em Portugal, "a partir de 1624, os livros dependiam das autoridades civis para serem impressos, isto é, das autoridades reconhecidas pelo Estado". Entre estas representações de censura constavam as da Igreja e, para circularem, a da Cúria romana. "Pombal, em 1768, encerrou esse regime, substituindo-o pelo da Real Mesa Censória, que vigorou até 1787". Por esse duro regime que proibia os livros na Metrópole fica mais fácil entender as proibições, censuras, punições e penas que prevaleciam na colônia escravista, particularmente durante o ciclo da mineração, quando os interesses exploratórios se tornam ainda maiores e mais disputados.

Enquanto no Brasil colônia existia um sistema coercitivo que atrasa o ensino, a imprensa, e a leitura, até mesmo a de livros religiosos, aos quais tinham acesso apenas os padres que para aqui vieram, o México e Peru conheceram a Universidade e a imprensa, ainda no período colonial. "É sabido que a Universidade, no Brasil, é recente: os motivos são os mesmos que atrasaram o desenvolvimento da imprensa" (SODRÉ, 1977:12), a saber : as censuras aplicadas antes da liberação de livros e impressos, em Portugal, que se estendiam à colônia através da vigilância constante dos oficiais do Santo Ofício e dos desembargadores do Paço.

Mesmo diante das dificuldades impostas para leitura, as mulheres, conforme ARAÚJO (apud DEL PRIORE, 1997: 48), liam *cartas de tocar*, tirinhas de papel com fórmulas infalíveis para conquistar o amor de outrem, que eram feitas por Isabel Rodrigues, apelidada de Boca Torta, e vendidas por cinco tostões a uma clientela, em 1590, antes da chegada do Santo Ofício em Salvador. Ainda, de acordo com DEL PRIORI, "Francisco Manuel de Melo, contemporâneo de Gregório de Matos, afirma em sua *Carta de guia de casados*, de 1651, que às mulheres bastavam as primeiras letras, visto que seu melhor livro é a almofada e o bastidor". Por volta de 1798, documentos básicos sobre a educação feminina relatam que, havia um mínimo de educação formal voltada para o ensino religioso, que se realizava em casa ou em recolhimentos como, a clausura em conventos (ARAÚJO apud DEL PRIORI,1997: 50).

SCHWARCZ (1993:23-24) também confirma que o ensino no Brasil é bastante recente. " Controlado pelos jesuítas, o ensino na colônia portuguesa limitava-se às escolas elementares, não existiam centros de pesquisa ou de formação superior", situação esta que permanece até início do século XIX, quando D. João VI se transfere para o Brasil

com sua corte. " Fugindo das tropas de Junot, o monarca português desembarcava na colônia em 1808, com a firme intenção de estabelecer no país instituições centralizadoras que reproduzissem de forma perfeita o antigo domínio colonial". Uma história institucional se inicia nesse período, surgindo então, os primeiros estabelecimentos culturais, a Imprensa Régia, a Biblioteca, o Real Horto e o Museu Real. Paralelamente formava-se uma "classe ilustrada nacional", ainda dependente das instituições recentemente criadas e do controle português.

Após a volta de D. João VI para Portugal, o processo de criação de instituições continua com seu filho, D. Pedro I. Logo após a declaração de independência, o imperador funda escolas de direito no país, uma ao norte, em Olinda, outra ao sul, em São Paulo, aprovadas em 1827, cinco anos após o rompimento com Portugal.

Os motivos que atrasam o processo cultural brasileiro estão ligados ao sistema político e econômico do Brasil colônia que prevalece praticamente durante três séculos, deixando raízes e efeitos, até hoje, em diversas regiões do país. Para RAIMUNDO FAORO (1997: 127):

> " O sistema de colonização do Brasil teria lançado, no mundo rural, as raízes do feudalismo indígena. Feudalismo nascido neste lado do Atlântico, gerado espontaneamente pela conjunção das mesmas circunstâncias que produziram o europeu. Feudalismo renascido na América, renovo da velha árvore multisecular portuguesa. Feudalismo, no século XVI ainda vivo na Península Ibérica, que se prolongou no Brasil".

A tese do feudalismo brasileiro estaria inserida na figura do "senhor de latifúndios e de escravos – o senhor de engenho - , opulento e liberal nos gastos, se incorpora a uma categoria social, a aristocracia ou a nobreza, de ordem rural"(FAORO, 1997: 128). Com o tempo esse nobre se faria culto e a partir daí exigiria o poder político. Este seria o caminho de um trânsito que iria da riqueza à aristocracia e da aristocracia ao poder político e que iria culminar mais tarde no coronelismo. No entanto, vale acrescentar que o feudalismo brasileiro também é visto de maneira diferente entre vários historiadores. Para o próprio FAORO (1997: 130), " a tese mais convincente em nossa história repele o chamado feudalismo brasileiro". Comenta que Sílvio Romero teria considerado apenas o primeiro século da colonização, como o século feudal do Brasil e Oliveira Martins

estenderia esse tempo até o século XVIII. Nesse polêmico desacordo entre historiadores, Martins Júnior explicaria que o feudalismo colonial não teria a pureza (na expressão do autor) do sistema europeu, o que, segundo este, seria muito mais uma tendência social, resultante do sistema organizacional das capitanias hereditárias, onde os capitães-governadores teriam sido os troncos do sistema feudal através da transmissão hereditária do seu poder e da sua propriedade. FAORO (1997: 130) levanta a questão de que,

> " opõe-se ao feudalismo a própria natureza dos favores concedidos aos donatários, favores de estímulo a uma empresa que o rei engordava para colher benefícios futuros – é o capitalismo politicamente orientado em ação".

Com isso FAORO mostra que, considerar o sistema de colonização brasileira como feudalismo, seria um equívoco. Em sua opinião, aquele sistema estaria mais próximo de um capitalismo, pois todos, incluindo os colonos, estariam sendo controlados pelo rei.

> " O rei subordinava as pessoas, o governo dirigia as ações – prontos para quebrarem as resistências, mesmo as erguidas por um homem da altura e com serviços de Duarte Coelho. Essa relação vertical não se coaduna com o feudalismo, no qual vive a idéia de pacto entre camadas desiguais, mas estruturadas rigidamente em privilégios" (FAORO, 1997: 131).

É a partir destas características da colonização que é possível compreender um pouco melhor as coibições às quais estavam sujeitas as populações daquela época, em relação ao ensino, à leitura e à publicação de escritos e livros. A tática de controle da Metrópole era bastante empreendedora e às vezes *ilusória*[1], utilizava-se até mesmo dos homens que para aqui vieram, com intuito de enriquecerem,

atraídos pela propaganda tendenciosa de lucro fácil que o governo português fazia, para atrair a vinda de pessoas para a colônia e garantir a ocupação de suas terras. O rei não deixava que escapasse nada que se constituísse em riqueza. O rei "delimitou as vantagens da colonização, reservando para si , o dízimo das colheitas e do pescado, o monopólio do

[1] O chefe de plantação, por exemplo, por ser rico, seria considerado, por sua opulência, um aristocrata e convertido em homem culto, de maneiras finas. Isso, seria apenas uma situação formalizada e não uma autêntica nobreza real, que pertence apenas àqueles que, herdavam o título da família, já considerada nobre por dois motivos: por ter um estatuto jurídico que confirma e materializa a superioridade por ela pretendida e a perpetuação do estatuto na dependência.

comércio do pau–brasil, das especiarias e das drogas, o quinto das pedras e metais preciosos" (FAORO, 1997 : 131).

Tanto SODRÉ (1997) quanto BAHIA (1990) e também GORENDER (1978) referem-se ao período setecentista brasileiro como a fase em que se alteram as condições anteriores, em que a produção que gerava riqueza para a exploração colonial se resumia apenas à monocultura da cana de açúcar.

Segundo GORENDER (1978:427), os efeitos da economia mineradora foram:

> "aumento rápido da população colonial, ampliação da ocupação territorial em direção ao interior, propensão marcante à urbanização, formação de ponderável mercado interno, acentuação da divisão social do trabalho e estreitamento de vínculos econômicos inter- regionais, influência na história de Portugal e repercussão na economia européia, em particular da Inglaterra, enfim, aguçamento das contradições entre colônia e metrópole".

Esses fatores serão relevantes para o aguçamento do processo educacional e surgimento da imprensa.

Durante o ciclo minerador no Brasil ocorre um aumento de imigrantes portugueses para a colônia devido às novas possibilidades de aquisição de riquezas. Como a maior parte das minas se encontravam no interior de Minas Gerais, é para esta região que esses novos moradores se dirigem, começando a erigir novas localidades. Aumenta o número de escravos que também vinham para trabalhar nas minas, e passam a existir alguns que conquistam sua liberdade, comprada através do lucro, com a extração de ouro. Alguns homens passam a trabalhar nas minas por conta própria, como faiscadores ou garimpeiros. Os faiscadores eram homens livres, pobres, que exploraram jazidas abandonadas. Já os garimpeiros eram homens livres ou escravos fugidos que se dedicavam à extração clandestina de diamantes ou ouro, e eram perseguidos conforme esclarece GORENDER (1978: 436).

Ao invés de diminuir, a perseguição, a fiscalização e a opressão são ainda mais duras durante o período de exploração do ouro, em decorrência dos impostos e influenciam negativamente o desenvolvimento educacional e social.

A arte gráfica, segundo BAHIA (1990), tenta iniciar-se clandestinamente no país, em 1706, mas é impedida pelas autoridades coloniais. Uma tipografia aberta no Rio em 1746 também é fechada em 1747, pela Carta Régia, de 10 de maio, que proíbe a impressão de livros ou de papéis avulsos.

Nesta época, ainda no século XVIII, iniciam-se os movimentos brasileiros de inconformismo contra as atrocidades culturais e sociais do governo português. São movimentos de reação ao controle colonial e ao mesmo tempo influenciados pelas grandes manifestações no mundo que acrescentariam ideais de liberdade e de insatisfação contra as desigualdades sociais: a "independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa".

Como esclarece BAHIA (1990:10):

> " confrontada pelo nacionalismo que dá sinais de inquietude e atua, em 1720, com Felipe dos Santos; em 1789, na Inconfidência Mineira; em 1789, na Revolução dos Alfaiates; em 1817, na Revolução Nativista de Pernambuco; e depois nos movimentos populares como Cabanagem, a Coroa teme liberar a imprensa e exercita toda sua autoridade para impossibilitar a tipografia e o jornalismo".

Nos fins do século XVIII começam a aparecer bibliotecas particulares. Ler ainda era considerado crime, mas os estudantes que vinham da Europa traziam livros. Muitos desses livros entravam no país clandestinamente e outros através de licenças da censura, conforme revela SODRÉ (1977). Algumas obras que chegaram ao Brasil foram parar nas mãos dos inconfidentes, o que também teria contribuído para algumas coerções que lhes foram impostas, somadas mais tarde à de conspiradores.

> "Mesmo após a abertura dos portos, "a provisão de 14 de outubro de 1808, ordenava aos juizes da alfândega que não admitissem a despacho livros ou papéis impressos sem que lhe fosse mostrada a licença do Desembargo do Paço" (SODRÉ, 1977: 17).

Ainda no final do século XVIII começam a surgir no Brasil as chamadas "sociedades secretas". Algumas delas ligadas à Maçonaria e outras ao Clero. As segundas, apesar de serem mais conhecidas por representações que contribuíram para manutenção da censura, puderam também contar mais tarde com figuras de destaque. Tais pessoas, devido à ação individual, tornaram possível a participação de alguns de seus integrantes, com

tendências políticas na vanguarda liberal que se constituía, firmarem-se em princípios da Revolução Francesa e em lutas contra a opressão colonial (SODRÈ, 1977). É o caso de Frei Caneca, um lutador contra a censura e proibições em relação à imprensa.

Segundo SODRÉ (1977:19-20), as maiores dificuldades para implantação da imprensa jornalística no Brasil eram as condições coloniais adversas que ele enumera como: "o escravismo dominante era infenso à cultura e à nova técnica de sua difusão. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa".

A vinda de D. João VI de Portugal para o Brasil, devido à pressão de Napoleão na Europa, como já referido, foi o fator que propiciou o surgimento do primeiro jornal brasileiro, " por iniciativa oficial". De acordo com SODRÉ, Antônio de Araújo, que seria o futuro conde de Barca, é que teria mandado colocar o material gráfico no navio Medusa, na confusão da fuga de Portugal para colônia. Como esse material havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, da qual Antônio Araújo era titular, ele mandou instalá-lo nos baixos de sua casa, à rua dos Barbonos, no Rio de Janeiro. Logo depois, por meio de um ato real, foi autorizado o seu funcionamento, para servir inteira e exclusivamente à impressão Régia.

Através do ato real que autorizava a instalação de equipamento gráfico no país, após tantas proibições, prisões e mortes ordenadas pelo rei, por não permitir que o povo da colônia tivesse contato com publicação ou leitura, não autorizada pela censura daquela época, constata-se que o primeiro jornal brasileiro, depois da demora de três séculos para surgir, ainda assim, nasceria a serviço dos colonizadores, para cobrir assuntos da coroa, os mesmos que desejavam apenas defender os interesses da exploração colonial, nas atitudes pouco esclarecedoras e, portanto, contra a formação intelectual, impedindo a educação e a impressão, como também a leitura. O rei D. João VI não pretendia perder o controle sobre os que lhe asseguravam o lucro exploratório.

Em 10 de setembro de 1808 sai a primeira edição da Gazeta do Rio de Janeiro (ANEXO 1), o primeiro jornal a ser criado em terra brasileira. Tinha apenas quatro páginas e sua periodicidade era inicialmente semanal. " Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o

faziam". O comentário de SODRÉ (1977:23), acerca do conteúdo veiculado pela Gazeta, aponta a despreocupação do primeiro jornal brasileiro em relação aos problemas existentes naquela época.

> "Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume".

Desconsiderado por muitos como o primeiro jornal do Brasil, o Correio Brasiliense (ANEXO 1) surgiu em Londres em 1° de junho de 1808, três meses antes, da Gazeta do Rio de Janeiro. Aqueles que consideram o Correio Brasiliense como o marco da imprensa nacional, também fazem de Hipólito da Costa, que o criou e o redigiu, o " pai da imprensa brasileira". Hipólito teria lançado o jornal brasileiro em Londres devido à proibição de publicar no Brasil. Essas dificuldades estariam resumidas à censura e aos perigos a que os redatores se exporiam.

A Gazeta do Rio de Janeiro, por ser vinculada ao poder real, submissa à autoridade maior, não se constituía um órgão de imprensa livre e portanto não seria ainda um jornalismo brasileiro, apesar de ser produzida no Brasil. O Correio Brasiliense, por sua vez, aparece em um país britânico, feito por um brasileiro e motivado a se confrontar com o poder da metrópole, de modo a confirmar sua vocação de jornalismo com liberdade de expressão e sem vassalagem.

Os problemas educacionais e sociais, como saúde e lazer, principalmente na área cultural, sempre foram relegados a discursos e promessas. Imensas regiões brasileiras, com grandes populações ainda vivem as degradações dessa política de carências: a falta de escolas e vagas para todos, de alfabetização, de atendimento médico e hospitalar, o saneamento básico, remédios, alimento, terra e muito mais. Os contrastes sociais e toda essa falta de responsabilidade com as necessidades do povo e da terra (incluindo os sérios desgastes e abusos ecológicos no país) podem ter raízes neste interesse escuso em não resolver as questões da colônia, como já se via no período colonial. Uma herança que é discutida e estudada e que parece bastante presente na apática atitude política de hoje, é claramente percebida na criação da imprensa brasileira. Uma imprensa que só pensa em

reproduzir o discurso institucional do poder, como foi a Gazeta e tantos outros jornais surgidos no país no século XIX.

Pode-se citar o exemplo do Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo que também surgem no final do século XIX. Conforme comentou o correspondente de um jornal francês, LECLERC (apud SODRÉ, 1999: 252-253), que esteve no país em 1889, a imprensa brasileira era "um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II". Na opinião de LECLERC, os grandes jornais brasileiros, surgidos nesta época, não estariam preocupados em orientação da opinião pública mas, em multiplicar leitores e anúncios e, com isto, a imprensa não estaria cumprindo sua função também educativa e sim, abandonando o povo à ignorância e à apatia.

Assim, como naquela época, ainda hoje os jornalistas não demonstram qualquer preocupação em ter opiniões próprias, preferem aderir ao discurso da empresa jornalística para a qual trabalham, sob pena, ou melhor, ameaça de perderem seus cargos e a posição que desfrutam, como homens de confiança dos proprietários dos veículos de comunicação. Poucos estão conscientes das funções de contribuírem para o aumento da cultura e fortalecimento dos valores do senso crítico. Esta atitude de lealdade ao proprietário da empresa jornalística parece ter origem no surgimento da imprensa brasileira, quando jornalistas que não aderissem ao discurso institucional, seriam escorraçados e até assassinados, como muitos foram.

3 - Na instauração do poder político em Minas

Ao que tudo indica, existe uma dupla informação, às vezes contraditória, entre os historiadores brasileiros, a respeito do primeiro periódico mineiro. JOSÉ PEDRO XAVIER DA VEIGA(1898: 173), diretor do Archivo Público de Minas Gerais e um dos mais importantes historiadores da imprensa mineira no séc. XIX, escreveu na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, que o primeiro jornal, a aparecer no Estado, foi "A Abelha do Itaculumy" (sic), que teria sido publicado, em 14 de janeiro de 1824. Segundo SODRÉ (1977:41), o primeiro periódico de Minas teria surgido em uma tipografia denominada "Patriótica" e seria " A Abelha do Itacolomi", em Ouro Preto, na mesma data referida por VEIGA. No

entanto, segundo uma indicação, em pé de página, do próprio SODRÉ (1997: 41), o historiador Carlos Rizzini teria apontado como primeiro periódico mineiro, o "Compilador Mineiro", datado de 13 de outubro de 1823. E ainda, leia-se em SODRÉ (1997:100) uma contradição do próprio Autor, em relação à informação da página 4: "A Província de Minas Gerais só conheceu a imprensa em 1823, quando, a 13 de outubro, apareceu em Ouro Preto, o Compilador Mineiro". BAHIA (1990:37) diz que Minas Gerais lança seu primeiro jornal, "O Compilador", na mesma data referida por Rizzini. BAHIA(1990) trata o primeiro jornal mineiro, à página 37 de seu livro, como sendo " O Compilador" e, logo depois, à página 59, da mesma obra, como "Compilador Mineiro", ambos seriam do ano de 1823, data do início da publicação, em Ouro Preto, do que se deduz claramente ser o mesmo jornal, citado pelo autor, sob títulos diferentes.

Tanto VEIGA como SODRÉ se enganam em relação à data da primeira edição do "Abelha do Itaculumy" (ANEXO 1). Localizado por esta pesquisadora, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o jornal data de 12 de janeiro de 1824 e não de 14 de janeiro de 1824, conforme referem-se os dois Autores. Convém também acrescentar uma segunda contradição de SODRÉ (1997:100), em relação a informações contidas a esta outra parte do seu livro, quando o Autor fornece a data correta da primeira edição do "Abelha do Itacolomi" e, não mais a citada por ele, anteriormente, à página 41, com data errada.

Por meio das datas apresentadas e se estas não estiverem equivocadas, fica claro que o primeiro jornal de Minas Gerais é, sem dúvida o "Compilador Mineiro", surgido na antiga capital brasileira, Ouro Preto, em 1823, no início do período republicano. Esta informação é reforçada, por meio da verificação da data de 22 de outubro de 1823, que consta na 5ª edição do jornal "Compilador Mineiro" (ANEXO 1), também localizado nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde não se encontrou a primeira edição. Porém, VEIGA (1898 : 195) ao publicar uma listagem atualizada, contendo todos os jornais surgidos no Estado de Minas Gerais, até o ano de 1898, considerou o jornal, "Compilador Mineiro" o segundo a surgir no Estado, logo após o " A Abelha do Itaculumy" e não o primeiro, publicado um ano antes deste, como informam os outros autores. O mais intrigante é que na relação de jornais avulsos da Hemeroteca Pública de Belo Horizonte, não se encontra nenhuma referência a " A Abelha do Itaculumy", o que certamente não desabona sua existência, podendo-se considerar apenas que suas edições

não estejam disponíveis para consulta, naquele órgão público. O mesmo não acontece com " O Compilador"[2], que aparece na listagem da Hemeroteca Pública em edições dos anos de: 1843, 1844, 1845, 1846, 1847 e 1863 . Segundo VEIGA, "Abelha do Itaculumy" teve uma duração de 14 de janeiro de 1824 a 11 de julho de 1825. De acordo com a edição de "O Compilador", arquivada na Hemeroteca Pública de Belo Horizonte, de 23 de abril de 1844, o jornal tinha uma periodicidade trisemanal, sendo editado na *Typografia do Correio de Minas,* à rua do Ouvidor, casa nº 23, pelo editor Jaques Augusto Cony. O jornal era órgão da Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais e seu conteúdo se resumia basicamente na transcrição das sessões ordinárias daquela Câmara. A edição de 1844 trazia assuntos discutidos na 22ª Sessão Ordinária do dia 29 de fevereiro daquele ano. Como vários outros jornais mineiros da primeira metade do século passado, "O Compilador" era apenas mais um ligado ao poder público, tendo, por conseguinte, seu conteúdo também voltado para os interesses do Órgão Público ao qual se vinculava.

Segundo VEIGA (1898: 188), publicou-se também em Ouro Preto, " no decurso de 1824", um jornal com o título de "O Compilador Mineiro", que coincidiria quase inteiramente com jornal de mesmo título, considerado o primeiro a surgir em Minas Gerais, apresentado por outros autores, como visto anteriormente, o que colocaria a informação de VEIGA em confronto com as de RIZZINI (apud SODRÉ) e de BAHIA. Outro ponto polêmico, sobre o primeiro jornal mineiro, é que: o referido jornal, citado por VEIGA, teria sido editado na

> " typographia official ou na typographia de Silva (Luiz Maria da Silva Pinto), a quem parece-nos, foi transferida a propriedade daquella e que effectivamente, durante muitos annos, possuio e dirigio imprensa em Ouro Preto. *O Compilador Mineiro* teve ephemera duração" (sic),

No entanto, sabe-se que "O Compilador", como é possível ler nas informações da Hemeroteca Pública de Belo Horizonte, e por meio da leitura do exemplar de uma terça–feira, de 23 de abril de 1844, foi editado na Tipografia do Correio de Minas, localizada na rua do Ouvidor, casa 23. E, através da cópia do quinto exemplar de o "Com-

---

[2] Deve-se esclarecer que o nome do referido jornal, "O Compilador" e não "Compilador Mineiro" é o que aparece na listagem da Hemeroteca Pública de Belo Horizonte, listagem esta proveniente do Arquivo Público Mineiro.

pilador Mineiro", localizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por esta pesquisadora, ao qual já se referiu anteriormente, é possível ler em sua última página, a de número 20 (de continuação às edições anteriores), que o jornal foi impresso na *Officina Patrícia Barboza* e não na Tipografia do Correio de Minas .

Além disso, para completar essas desencontradas informações sobre o surgimento da imprensa mineira, VEIGA diz que " O Compilador Mineiro" teria tido "vida efêmera", mas não soube precisar a data de seu término, tanto que esse dado não aparece em sua listagem, que geralmente traz o surgimento e a data das últimas edições, dos jornais que foram fundados no Estado. Como também pôde-se averiguar, encontram-se na Hemeroteca de Belo Horizonte alguns exemplares de " O Compilador", a partir de 1843 até 1863, o que lhe daria "apenas" durante esse tempo, 20 anos de existência, retirando-lhe a imputação feita por VEIGA de " vida efêmera", caso o Autor estivesse se referindo ao mesmo jornal.

Se analisarmos todas as evidências, divergências e contradições, levantadas por esta pesquisa, existiram dois jornais editados em Ouro Preto, com nomes bastante parecidos e que surgiram em épocas distintas, o "Compilador Mineiro" (1823), o primeiro de Minas Gerais, e o "Compilador" (1843).

Conforme revela CASTRO (apud LINHARES, 1995:18), ao comentar as considerações de FRIEIRO (1962:64), "há obscuridades na história da instauração da imprensa em Minas, como é comum havê-las em toda investigação de origens". Segundo ainda CASTRO, embora haja estudos relevantes sobre o tema, como o trabalho de José Pedro Xavier da Veiga e de outros que lhe sucederam, permanece "nebulosa a história dos periódicos publicados em Minas Gerais, o que se deve, principalmente, à escassez de exemplares seus, nas principais bibliotecas do país, como nas do próprio Estado interessado".

Vida efêmera, para um jornal, teria o "Abelha do Itaculumy", contrariamente ao que apresenta VEIGA(1898: 188). Suas edições ocorreram durante "apenas" um ano e meio (entre 14 de janeiro de 1824 a 11 de julho de 1825). O " Abelha do Itaculumy" era vendido na própria tipografia (Officina Patricia de Barboza) que o imprimia, ao preço de 10$ réis, anualmente. Seu conteúdo trazia: objetos concernentes à legislação, ditos ministeriais de imediato interesse à Província, ofícios e documentos transmitidos pelo

governo e por autoridades da Província, correspondências e escritos referentes à instrução pública e artigos noticiosos, especialmente aqueles que diziam respeito à Província. E ainda, na primeira edição do "Abelha do Itaculumy", de 12 de janeiro de 1824, artigo da primeira página , logo no primeiro parágrafo, relata que, o referido periódico, estaria sendo empreendido em substituição ao "Compilador Mineiro", fato que, provavelmente, por falta de uma pesquisa mais criteriosa, não foi mencionado por nenhum dos historiadores acima referidos, resultando em informações incompletas e contraditórias.

Seu teor não se diferenciava muito do que trazia "O Compilador" na edição de 23 de abril de 1844 (arquivada na Hemeroteca Pública de Belo Horizonte). Nem do conteúdo de o "Compilador Mineiro" na edição de 22 de outubro de 1823, dos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio. Interesses governamentais e relacionados às várias instâncias do poder público estavam diretamente inseridos naquelas páginas. Isso só reforça a ligação e dependência dos primeiros periódicos mineiros ao poder político. Essa parece ser uma constante desde o nascimento da imprensa brasileira.

Durante a fase inicial da imprensa mineira, o Brasil enfrenta a contradição de suas lideranças. D. Pedro I, que proclamara a independência do país, é, ao mesmo tempo, aquele que dissolve a Constituinte, possibilitando o retorno do absolutismo (BAHIA,1990: 36). Havia, em 1822, uma hierarquia de poder composta pelo clero, pelos proprietários de terras, produtores agrícolas, senhores de escravos e pelos grandes comerciantes. Aquilo que hoje se denomina, a classe média, era formada por intelectuais, doutores, funcionários e pequenos comerciantes, enquanto que, mulatos e negros livres representavam a classe baixa.

A economia continuava sob o jugo de Portugal, que detinha o controle sobre as exportações e, juntamente com a Inglaterra, dividia o financiamento das exportações. A produção se baseava no latifúndio, no trabalho escravo e na monocultura. Como escreve BAHIA (1990: 42-43):

> " Muitos jornais aparecem e fecham entre 1830 e 1854. (...) As dificuldades e as queixas dos jornalistas e impressores, sobretudo nas províncias, derivam substancialmente de dois fatores que persistirão até 1880: a improvisação, associada ao apartidarismo; e a tutela do poder político, que limita a liberdade de

> iniciativa e impõe pressões econômicas para aliviar ou calar opiniões contrárias".

Durante o período que sucedeu a dissolução da Assembléia Constituinte por D. Pedro I, jornalistas oposicionistas são presos e jornais, considerados panfletários, são fechados. O imperador tenta demonstrar que a dissolução da Constituinte não significa a volta ao absolutismo, mas uma parcela da sociedade, principalmente a formada por intelectuais, jornalistas e alguns líderes de oposição, está revoltada e insatisfeita.

Após a destruição da tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 1747, por ordem da coroa, segundo VEIGA (1898:175), Minas Gerais é considerada a quarta, das antigas províncias brasileiras, por ordem cronológica, a ter um órgão de imprensa. Uma importância "singular", também referida por VEIGA a Minas, é a de ter sido, o primeiro lugar do país, onde surge uma tipografia, em 1807, antes mesmo da primeira a ser instalada no Brasil, a mando de D. João VI. Essa tipografia instalada em Minas teria sido inteiramente produzida por mineiros: chapas, prelos, tipos e demais equipamentos, e foi nela que se edita o primeiro periódico mineiro.

Criada em Minas, pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes, também conhecido como "Gutenberg brasileiro", por sua criação da tipografia inteiramente fabricada em Ouro Preto, teria surgido, inicialmente, com a finalidade de agradar ao governador da capitania de Minas Gerais daquela época, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello. E durante um dos saraus, promovidos pelo governador no palácio de Villa Rica, um poema ter-lhe-ia sido dedicado pelo Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, também residente naquela Vila. O presente muito lhe teria agradado. Por esse motivo, o governador, desejando que o poema, que o homenageava, fosse impresso, não havendo tipografia no Brasil, e imprimir em Portugal seria muito demorado (levando talvez um ano), procura o padre Viegas de Menezes para realizar seu desejo – eis, por conseguinte, o fato narrativo, fundamentando a "descoberta" da tipografia mineira.

A origem da imprensa mineira tem direta ligação aos caprichos do poder e seus primeiros periódicos são publicações destinadas unicamente ou à cobertura das decisões políticas da época ou às do clero.

Durante o período colonial, a leitura e o comércio de livros eram atividades proibidas e até mesmo castigadas, quando descobertas, pelos representantes do rei. O livro,

a partir do período da Regência, "rompia a clandestinidade, deixava de ser estigmatizado como coisa diabólica, começava a interessar. Mais do que isso: a ser necessário. E o saber, era a ferramenta, encontrava agora, nas classes e camadas menos desfavorecidas, aquelas que tinham acesso ao ensino, um lugar e uma função. Ler, aprender, eram atividades que continham, em si mesmas, como sempre, um sentido anticolonialista – representavam um esforço de libertação".

Como destaca SODRÉ (1977:47):

> É uma época de mudanças de concepção e de comportamento. Os revolucionários pernambucanos reagem em 1817 e escrevem na Constituição republicana : " A liberdade de imprensa é proclamada, ficando porém o autor de qualquer obra e seus impressos sujeitos a responder pelos ataques à religião, à Constituição, aos bons costumes e caráter dos indivíduos, na maneira determinada pelas leis em vigor".

Após a Revolução do Porto em 1820[3], o governo interino, em Lisboa, facilita a impressão e a leitura de livros e papéis. Seria um princípio de exercício de liberdade de imprensa, um pouco tímida e temerosa, pois mesmo convivendo com o espírito revolucionário, a favor do liberalismo e contra a monarquia absolutista, o povo brasileiro ainda permanece acostumado ao comportamento servil e de aceitação da exploração colonial. Era uma liberdade contida e limitada pelas autoridades. A censura não seria feita mais sobre as produções manuscritas, mas recairia sobre as provas tipográficas.

Não se pode deixar de refletir sobre as recomendações que as autoridades do Desembargo do Paço faziam quanto aos despachos de censura daquela época. Para eles era indispensável liberar com rapidez a imprensa para facilitar a leitura de papéis que pudessem dirigir a opinião pública. Vê-se aqui, mais uma vez, que a liberdade de imprensa que aparentemente se iniciava, surgia acompanhada de cerceamentos e interesses escusos. Um decreto de 2 de março de 1821 apresentava os dois lados da questão. De um, a censura que impedia a livre imprensa, e do outro, os problemas para religião, a moral e a tranqüilidade pública, que a liberdade de imprensa, sem controle, poderia trazer.

---

[3] A Revolução do Porto foi uma revolução liberal, que ocorreu em Portugal em 1820, iniciada, em sua base, por comerciantes portugueses, que organizaram um governo provisório naquele país, aguardando o retorno de D. João VI do Brasil, com o objetivo de que ele, o rei português, criasse o governo Monárquico Constitucional, que acabaria com a monarquia absolutista. O resultado foi o fim do absolutismo português, o que significou a vitória da revolução.

Para garantir a segurança administrativa, uma portaria de 19 de janeiro de 1822, poucos meses antes da independência do Brasil, determinava que não se devia proibir a impressão de escritos anônimos (muitos apareciam nesta mesma época), mas responsabilizar aqueles que o teriam publicado, o editor ou o impressor, exatamente como aparece na Lei de imprensa ainda hoje. Essa portaria mostrava-se mais preocupada com a segurança do Estado, do que com os abusos contra a religião, os bons costumes ou o caráter de indivíduos, como aparecia em outras determinações. Foi nesta época que surgiu o chavão: *doutrinas subversivas*, que até hoje, como comenta SODRÉ (1977:49), serve em ocasiões diversas para acobertar atentados à liberdade.

A oposição em relação ao monopólio comercial no Brasil unia classes internas no sentido de se conseguir a independência colonial. Existia também a luta entre a burguesia ascendente e a classe feudal originárias da Europa. A restrição à liberdade de imprensa interessava às chamadas classes dominantes. A partir do momento em que ocorreu a independência em setembro de 1822, a unidade entre as duas facções opostas brasileiras cessa. E desta forma, o lado formado por uma classe chamada de direita, composta por representantes que desejavam a separação e os que aceitariam a união com eles, mantendo a estrutura colonial e a monarquia absolutista, temendo ficar sem o poder, passa a se opor à liberdade de imprensa.

> "Havia também uma esquerda, que abrange desde os que desejam a separação sem condições àqueles que pretendiam ir adiante, e pregam alterações na estrutura colonial e mudança no regime político, batendo-se pela república" (SODRÉ,1977: 53).

Na verdade, a independência do Brasil era uma ameaça para aqueles que pretendiam permanecer no controle das decisões políticas. Jornais e jornalistas daquela época que se opunham à falta de liberdade eram violentamente punidos e passam a conviver com o terror da vigilância constante.

Então, pode-se verificar, que o momento da independência inspirava a liberdade, mas contrariamente, é notório que durante o aparecimento do primeiro jornal mineiro, em 1823 até a década de 50 do século XIX, acontecem diversos fatos que contribuem para colocar em risco a liberdade de imprensa. Primeiro, o retorno do absolutismo, com a dissolvência da constituinte por D. Pedro I, logo após a independência,

já mencionada acima. Depois, as ameaças da direita brasileira que temia a perda de poder político.

Capítulo II – A imprensa do Sul de Minas Gerais

1- A imprensa e o desenvolvimento político e econômico do Estado

O desenvolvimento político e econômico de Minas Gerais se inicia a partir do processo de imigração para o interior de todo o estado. No Sul de Minas, essa imigração se dá a partir da entrada dos bandeirantes paulistas e na descoberta de ouro. Como informa CARVALHO (1957), o estado de Minas se distingue historicamente do que ocorreu com outros estados brasileiros, no início da divisão territorial em capitanias hereditárias, e por isso, as terras mineiras não teriam sido outorgadas a nenhum fidalgo português.

> " Minas representa principalmente o fruto da energia dos bandeirantes paulistas na caça do índio, às esmeraldas e ao ouro, e ainda dos baianos e pernambucanos, que acometeram o território pelo Norte, nêle fundando fazendas de criar"(CARVALHO, 1957:8).(sic)

No começo da ocupação, Minas teve portanto a ocupação formada por dois grupos principais: a dos emboabas e a dos paulistas. Os emboabas seriam portugueses, baianos, pernambucanos e quaisquer outros, excluindo-se os bandeirantes paulistas. Esses conquistadores em geral encontravam dificuldades em suas entradas como: condições geográficas adversas (montanhas e matas cerradas), o perigo de animais e insetos como mosquitos, aranhas, escorpiões, cobras, jacarés e onças e, sobretudo as mais variadas tribos selvagens. A maior dificuldade para a ocupação foi o combate à resistência indígena.

De acordo com CARVALHO (1957: 10), os paulistas já haviam adquirido experiência em combates com indígenas em mais de um século de guerras contra eles e portanto haviam tido mais facilidade em suas entradas pelo interior das Minas. "Nas bandeiras paulistas, se os chefes e os oficiais possuíam sangue índio, o grosso da tropa era constituído por índios das fazendas, das aldeias próximas e até das reduções jesuíticas". Havia preponderância de índios nas bandeiras paulistas. Alguns documentos, como a Carta Régia de 19 de abril de 1702, mostram a utilização da mão de obra indígena no começo da

exploração de ouro em Minas Gerais. O próprio Conselho Ultramarino dessa época aconselhava os paulistas a empregarem os índios nas lavras. Os índios também ajudaram nas edificações da antiga capital brasileira, Ouro Preto.

É inegável a importante parcela de contribuição do indígena na conquista e organização do território mineiro, embora sob domínio da força dos conquistadores. Basta observar os costumes de plantio, através da queima de matas, até hoje utilizada, não apenas no Estado, mas muito comum em pequenas regiões agrícolas do país. E ainda, os costumes de pesca e de navegação por lagos e rios, antes muito mais utilizados.

Essa participação do indígena na formação do povo mineiro irá se pronunciar também no seu comportamento psicológico em singularidades como as precauções e reservas na sua maneira de agir, como também a desconfiança que teria sido acrescida pelo drama da Inconfidência Mineira e a perseguição contra os ideais de liberdade liderados por Tiradentes, mais tarde. Uma outra característica do mineiro é o nomadismo, em busca de terras virgens.

Existem ainda características marcantes que definem melhor o mineiro em sua formação, o das regiões das Minas seria um homem extrovertido, alegre e descuidado, e o da lavoura seria introvertido, sisudo, econômico, desconfiado.

Segundo CARVALHO (1957:26), os mineiros herdaram também características dos paulistas como: amor à independência, altivez, a probidade e a energia posta nos empreendimentos. No entanto, os mineiros não possuiam o arrojo dos paulistas, pois essa qualidade teria sido transmudada em tenacidade que os ajudaria a vencer os embaraços do meio, a pobreza das minas e das terras agricultáveis. Os mineiros seriam ainda, montanheses desconfiados, contemplativos, cautos, frios, lentos, impassíveis.

Outra influência na formação histórica do povo mineiro foi a dos judeus, lavradores vindos do norte de Portugal, que acentuaram os hábitos de poupança, o espírito de exatidão, análise e decomposição de coisas e idéias, o gosto pelo trato dos metais, pedras preciosas e dinheiro. Os portugueses, lavradores do Minho e das Beiras, fortaleceram o fundo de probidade e de amor à família e à terra, opondo-se à tendência do nomadismo. Já os baianos e pernambucanos influenciam o gosto do mineiro pelo bate-papo, dança, poesia proporcionando alegria. E os negros contribuíram com a afetividade, fidelidade, vocação

para música, festividades e folguedos, a resistência ao trabalho duro das lavras e roças e a paciência com a qual enfrentaram as privações.

Todas essas influências na conquista e formação dos mineiros revelam uma série de fatores que passam a ser referências importantes para se entender melhor a composição do poder político e econômico em Minas Gerais.

Os arquivos da Câmara de São Paulo e inventários dos bandeirantes demonstram que a maior parte dos paulistas que empreenderam as conquistas eram homens orgulhosos, honestos, pobres e de vida rude e sem conforto, ao contrário do que muitos historiadores que os consideravam ricos e de vida suntuosa. Só após as descobertas auríferas é que o padrão de vida dos bandeirantes se modifica e estes se enriquecem.

Após vários conflitos ocorridos em Minas, em fins do século XVII e início do XVIII, disputas entre emboabas e paulistas, como a Guerra dos Emboabas, a Coroa toma a primeira providência para reunir o território mineiro em um só governo. Foi então fundada a capitania de São Paulo e Minas de Ouro e designado o Capitão General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Mais tarde essa Capitania é dividida na de Minas e na de São Paulo.

Logo após surgem as primeiras Vilas do Estado, hoje cidades de Mariana, Ouro Preto e Sabará, mostrando a formação de uma capitania com várias localidades, diferentemente das outras já existentes, que só contavam com uma, a capital. Isso reflete uma outra característica política de Minas Gerais, a autonomia municipal por imposição da sua natureza topográfica, vasta extensão territorial dividida por inúmeras montanhas, o que dificultava o processo de comunicação.

No século XVIII e XIX vão surgindo em Minas Gerais várias instituições. Além das Câmaras Municipais, com as fazendas de café e as de engenho de açúcar, surgem as capelas colocadas próximas aos casarões. Nessa mesma época foram criados diversos colégios para moças, como o Recolhimento de Macúbas, em 1716, e em meados do mesmo século foi fundado o Seminário de Mariana, e mais tarde, já no início do século XIX, o colégio do Caraça. Estas instituições, todas elas ligadas à igreja católica, contribuíram para o surgimento de outras como: hospitais, templos, educandários e obras de caráter público. A influência da Igreja Católica fica portanto evidente na época, conforme CARVALHO (1957:23).

Outra instituição era a de artífices, conhecida como corporação dos ofícios, que reunia uma classe média de carpinteiros, pedreiros, ferreiros, seleiros, alfaiates, pintores, entalhadores, imaginários ou santeiros, douradores e outros. Estes artífices tinham certa dignidade e um deles não podia ser considerado escravo. Desta forma, ao contrário de outros estados, Minas Gerais já contava com uma classe média durante o Brasil colonial.

Além da classe média, havia a cúpula do Estado, a máquina administrativa com os capitães generais, as intendências do ouro, as guardamorias das minas e as *fôrças* militares com os *têrços* de auxiliares (ordenanças e milícias) e a tropa regular das companhias dos Dragões.

Também em Minas não se praticava apenas a monocultura durante o século XVIII. As fazendas tinham uma característica mista e possuiam muito mais que algodão, fumo, cana ou café. Elas mantinham uma lavoura de cereais e criação de gado para suprir as necessidades dos mercados locais. Outro fator importante e diferencial na história do povo mineiro é que, além da oligarquia de alguns senhores de engenho, barões feudais absolutos, havia em Minas muitas cidades e vilas com centenas de homens livres, alguns até mais ricos que os fazendeiros.

É a partir do século XVIII que Minas Gerais conta com uma sociedade organizada e uma consciência nacional que se refletirá mais tarde no movimento da Inconfidência Mineira.

A economia mineira irá ter reflexos em todo país e no exterior. O ouro mineiro muda o centro de negócios de Amsterdam para Londres, conforme comenta CARVALHO (1957: 27). E isso ainda faz a Inglaterra adotar o monometalismo.

Alguns fatos são relevantes para entender a formação do Sul de Minas. O Estado mineiro teve uma formação bastante original. Contribuíram os índios, negros, paulistas (mais ao sul) e povos do nordeste do Brasil. Além disso, as pessoas, que para aqui vieram, tinham a finalidade de se enriquecerem à procura de ouro e, posteriormente, de pedras preciosas. O movimento da Inconfidência teve reflexos em todo país e prevalecia o desejo de liberdade, e a economia mineira irá ter repercussões na Europa, impulsionando a Inglaterra a adotar uma moeda.

2- Povoação e os primeiros jornais de Pouso Alegre

O Sul de Minas foi basicamente povoado a partir da vinda de conquistadores e bandeirantes para o estado, atraídos pelas novas riquezas que o Brasil teria em seu interior. O que se sabe é que esta região do estado foi uma das primeiras a ser explorada à procura de ouro. Mas de acordo com o historiador da imprensa pouso - alegrense Amadeu de Queiroz, a primeira expedição que teria passado pelo alto Sapucaí, região de Pouso Alegre, seria a de D. Francisco de Sousa, em 1601, da qual fazia parte o alemão Glimer, o primeiro naturalista que penetrou em território mineiro (QUEIROZ, 1998: 35).

No entanto, o ouro descoberto no Sul de Minas era considerado de "lavragem"[4], e a região teria sido pobre em ouro. As únicas jazidas que atraíram, os exploradores na região teriam localização nas Minas do Rio Verde, território situado entre Campanha e São Gonçalo. Conforme QUEIROZ, essas minas foram bastante exploradas e como resultado houve o devassamento do Sul de Minas.

Durante a fase de exploração dessas minas, na região Sul do Estado, ocorreu a primeira delimitação de terras entre as capitanias de São Paulo e Minas Gerais. O rio Sapucaí seria o limite, o que fez alguns exploradores paulistas mudarem de Campanha do Rio Verde para o outro lado da margem do Sapucaí. Com a explorações desses paulistas, entre os quais Francisco Martins Lustosa e Veríssimo João de Carvalho, foram descobertas ricas jazidas em Santana do Sapucaí entre 1743 e 1745. Por muito tempo Pouso Alegre esteve ligada à Santana, atualmente Silvianópolis. Mais tarde, estes mesmos exploradores descobriram ouro em Ouro Fino, ainda hoje a cidade mantém este nome. Nestas condições, o Sul de Minas foi sendo aos poucos descoberto e explorado.

Segundo QUEIROZ (1998:59), o rio Mandu que passa pela cidade de Pouso Alegre, e que por algum tempo foi o nome da cidade "Arraial do Mandu", possui cerca de quarenta e cinco quilômetros de percurso e nasce em um dos vales formados pelas vertentes da Serra do Albertão, e segue em direção à nordeste, atravessando a bacia do Sapucaí, outro rio da cidade, para lançar-se no Sapucaí – Mirim. A quase um quilômetro acima de sua foz,

[4] Aqui, o sentido de lavragem é o de explorar ouro, embora sem muito valor.

situava o caminho de São Paulo para Vila Rica. Na parte noroeste desse caminho, nas encostas da Serra do Gaspar, que morrem à esquerda do Mandu, estaria localizada a cidade de Pouso Alegre. Segundo o autor existia uma antiga fazenda que hoje coincide com o centro da cidade, a praça Senador José Bento.

O primeiro habitante, às margens do rio Mandu, teria sido o aventureiro Antônio Araújo Lobato, chegado por volta de 1750. Depois veio a expedição de Francisco Martins Lustosa e Veríssimo João de Carvalho. Em geral, esses homens se apossavam das terras para exploração de ouro, no sertão de Minas Gerais, eram senhores de escravos e, sem a interferência do governo construíam moradias, abriam plantações e organizavam suas fazendas.

Entre os primeiros proprietários de terras de Pouso Alegre está João da Silva Pereira que, em 1755, adquiriu terras da posse feita por Lobato e Felix Francisco. Mas, essas terras não eram legitimadas. Só após cultivá-las, por trinta anos, João Pereira decidiu pedir ao governo de Luiz Cunha Menezes, a concessão de uma sesmaria de três léguas de comprimento, por uma de largura, que correspondia à área por ele adquirida, como conta QUEIROZ (1998:61). A área foi concedida pelo então governador, através de uma carta, em 14 de junho de 1785 e a demarcação corresponde ao local onde foi edificada a cidade de Pouso Alegre.

Segundo informa QUEIROZ, (1998:63):

> "Em 1766 já era o pouso do Mandu relativamente grande, visto que nesta data se estabeleceu o Governo um Registro Fiscal para o ouro que saia de Santana e de Ouro Fino. Cerca de cinqüenta anos depois de sua fundação, quando já eram numerosos os habitantes do lugar empreenderam eles a criação da freguesia, por se lhes tornar difícil a freqüência a Santana, a cuja paróquia pertenciam" .

A capela de Pouso Alegre, onde atualmente está a catedral da cidade, foi erguida em 1790. Em 1811 o arraial de Pouso Alegre já contava com cinqüenta casas. Em vinte de janeiro deste ano chegou à cidade, para tomar posse da matriz, Senhor Bom Jesus, o padre José Bento Ferreira de Melo, mais tarde fundador da imprensa pouso - alegrense.

Como já referido por BAHIA (1990:37), Ouro Preto é a primeira cidade que publica um jornal em Minas Gerais, em 1823, com o título de "O Compilador Mineiro". VEIGA (1898:173), através da "Revista do Archivo Público Mineiro" informa que o

primeiro jornal de Minas Gerais é "A Abelha do Itacolomy" em 1824. Desta forma, segundo QUEIROZ (1998:75), Pouso Alegre é o primeiro lugar do Sul de Minas e o quinto lugar da província a ter imprensa. Quando ainda é um arraial, em 7 de setembro de 1830, publica-se no local o "Pregoeiro Constitucional" (ANEXO 1), jornal fundado pelo padre José Bento Leite Ferreira de Melo, que mais tarde tornar-se-á Senador. Não se deve entender, por aí, que o "Pregoeiro Constitucional" tivesse sido o quinto jornal a ser fundado em Minas Gerais, pois antes dele, outros apareceram em Ouro Preto, São João Del Rei, Diamantina e Mariana, cidades que antecederam à Pouso Alegre na fundação de seus jornais e que tiveram mais de um jornal antes do surgimento do primeiro jornal pouso-alegrense.

O último número do "Pregoeiro Constitucional" vem datado de 4 de junho de 1831, o que demonstra que o jornal não teve uma vida muito longa. Em 1832, já sem o Pregoeiro, teria sido impresso pela Tipografia que o imprimia, antes mesmo da Tipografia do Rio de Janeiro, o projeto de reforma da Constituição do Império, ficando por isso conhecido por Constituição de Pouso Alegre, conforme lê-se em VEIGA(1898:193).

O "Pregoeiro Constitucional " tinha quatro páginas e formato 20 por 30 cm, e era publicado duas vezes por semana, às quartas e sábados. O jornal trazia em seu cabeçalho, bem abaixo do título os seguintes dizeres :

" Outrager est d'un fou, flatter est d'un esclave.
Il faut bannir l'audace, et non la liberté,
La balança a la main, peser la verité!"
Bernis *sur L'independence*[5]

O Pregoeiro parecia ser um jornal que desejava conclamar os brasileiros para os ideais de liberdade, contra os abusos e horrores da tirania dos reis e da aristocracia. Segundo QUEIROZ (1998: 78), era um jornal de combate, que jamais teve intuitos comerciais, não fazendo referência à própria oficina nem publicando expediente de negócios. Na verdade, em pouco tempo, José Bento vai transformar o seu jornal num instrumento de luta, em Pouso Alegre, contra D. Pedro I, que não aceita a supremacia parlamentar (PASCOAL, 1999).

---

[5] Trad. da epígrafe: "Ofender é de um louco, lisonjear é de um escravo, é preciso banir a ousadia, e não a liberdade, com a balança a mão, pesar a verdade!" Bernis sobre a independência

Como se pode observar pela pesquisa dos originais encontrados na hemeroteca do Clube Literário e Recreativo de Pouso Alegre, em sua décima edição, um sábado de 9 de outubro de 1830, o jornal fala da luta francesa pela liberdade, em 1789 e, à página 39 comentando a opressão do "déspota espanhol"[6], traz também comentários sobre o "despotismo religioso e político, o desalento na agricultura, a diminuta população provando os horrores da tyrannia (...)". Só a partir de seu 19° número o jornal passa a ter a identificação da localidade de sua procedência, logo abaixo do título e da epígrafe em francês.

Segundo QUEIROZ (1998: 77), até 1833 é possível encontrar referências à Tipografia do Pregoeiro Constitucional, em atas da Câmara Municipal de Pouso Alegre, datadas de 1832. O Autor ainda faz comentário sobre o objetivo que teria motivado a criação do Pregoeiro, ou seja, a divulgação ou defesa da Constituição de Pouso Alegre, justificando com base neste motivo, o curto período em que o "Pregoeiro Constitucional" circula.

O padre José Bento Leite Ferreira de Melo, fundador da imprensa de Pouso Alegre, era natural da cidade de Campanha, também do Sul de Minas. Além de representante da igreja, tendo conquistado diversos cargos importantes, o padre José Bento de Melo chegou a ocupar cargos políticos, como membro do Governo Provisório, fez parte do primeiro Conselho Geral da Província de Minas, foi deputado geral da Província e vereador, por várias vezes, em Pouso Alegre. Em 1834 , o padre, após ser escolhido pelo governo de Minas, comendador da *Ordem de Christo*, a província o apresenta em uma lista tríplice de que faziam parte Vasconcellos e Mello e Souza, segundo informa QUEIROZ (1933:77). Depois desta indicação, José Bento conquistou seu maior posto político, o de senador do Império.

O segundo jornal de Pouso Alegre é criado e circula, a partir de 6 de janeiro de 1833, é "O Recopilador Mineiro", também redigido, sob orientação de José Bento de Mello, por Modesto Antônio Mayer e pelo Cônego João Dias de Quadros Aranha. Este o

---

[6] Refere-se ao Rei espanhol Fernando VII, que governou a Espanha de 1814 a 1833. Seu governo foi marcado pelo confronto com os liberais espanhóis que conseguiram impor a Constituição de Cádiz em 1812, em meio a ocupação napoleônica na Espanha. A ascensão de Fernando VII implicou na luta contra os liberais, até a repressão mais crua e rejeição da constituição liberal. Ao se referir a ele, o jornal Pregoeiro Constitucional procura mostrar a diferença do império brasileiro, marcado pelo respeito à constituição de 1824 (PASCOAL,1999) .

último também teria colaborado na redação do Pregoeiro, durante as ausências do padre José Bento da cidade. A gráfica é também a mesma do primeiro jornal de Pouso Alegre e, segundo QUEIROZ (1998:82), "O Recopilador" teria encerrado suas publicações, em 1837. Este tem as mesmas dimensões do "Pregoeiro Constitucional" e a mesma disposição tipográfica, em duas colunas, e traz a seguinte divisa: *"Consentir que a perfídia, a traição e o despotismo ofendam a liberdade, é um crime!"*. Esta divisa representa o momento político que seu proprietário, senador José Bento, enfrentava na época.

Seu objetivo já é diferente daquele do Pregoeiro Constitucional. É um periódico de cunho comercial e muita transcrição, segundo comentários do próprio QUEIROZ (1998: 83). O título já denuncia esta última característica do impresso. Porém não deixou igualmente de demonstrar seu "patriotismo" na época do levante militar[7], em Ouro Preto , em 1833.

O terceiro jornal de Pouso Alegre só aparece em 1873, portanto 36 anos após o segundo. "O Mineiro" é fundado para combater o conservadorismo do chefe político, José Inácio de Barros Cobra, filho de Pouso Alegre, parente de duas poderosas famílias que, até 1844, disputavam entre si, a direção da cidade, estagnando durante trinta anos, como dirigentes políticos, o progresso da cidade (QUEIROZ, 1998:84).

Isso acontece após o assassinato do senador José Bento, morto em Pouso Alegre, na tarde de 8 de fevereiro de1844, quando se dirige da vila à sua fazenda. Segundo comentários e histórias de época, o padre José Bento teria sido morto por inimigos políticos, que não eram poucos. Sua biografia mostra que foi uma pessoa bastante combativa e determinada a enfrentar destemidamente seus inimigos, chegando mesmo a ridicularizá-los com "superioridade insolente", (QUEIROZ, 1933:136). Um trecho de um artigo, de um cônego, chamado Marinho, sobre a morte do padre José Bento, aponta os possíveis autores do crime:

---

[7] O Levante Militar, de 22 de abril a 3 de junho de 1833, foi a rebelião de parte da força militar e do funcionalismo em Ouro Preto, capital da província, contra o que consideravam um desmando do vice-presidente de Minas, Bernardo Pereira de Vasconcelos e do membro da junta do governo, deputado José Bento (vigário de Pouso Alegre). Alegavam perseguições e depuseram o governo, prendendo Vasconcelos e José Bento. A reação da província, sobretudo do sul de Minas, e do governo regencial foi instantânea e os rebeldes foram depostos dois meses depois. Para conseguir apoio à causa da legalidade, os seus adversários a rotularam de caramuru, isto é, reacionários, desejosos da restauração do trono de D. Pedro I, que havia renunciado em abril de 1831 (PASCOAL, 1999) .

> "Morto o senador Ferreira de Mello, a voz publica apontou como autores mandantes do assassinato Antônio de Barros e a seu irmão padre José de Barros Mello, um comandante superior da guarda nacional e outro vigário encomendado da freguesia, ambos inimigos políticos do senador e membros da Oligarchia. Um homem que na provincia de Minas, valiosos e desinteressados serviços prestou á ordem publica, mas que, restabelecida esta, entendeu que não devia concorrer para o exterminio de uma parte tão consideravel da população mineira, e que, muito menos queria apoiar a politica de bacamarte, o coronel Julião Florencio Meyer, achava-se como delegado de policia e dando as providencias que tão grave caso exigia, fez ver em seus oficios, dirigidos ao ministro da justiça, e ao presidente da provincia, a funda persuasão em que estava, de que os Barros haviam diretamente concorrido para o assassinato, lembrando igualmente a impossibilidade em que se achava de os perseguir, atenta à posição dos indiciados, e as providencias que haviam eles tomado para se oporem a qualquer perseguição judiciária" (sic) (QUEIROZ, 1933:139).

Através do artigo, é possível perceber as condições de disputa política e de ódio em que se encontravam as lideranças de Pouso Alegre, nos anos que antecederam ao lançamento de seu terceiro jornal, " O Mineiro". De acordo com QUEIROZ (1998:85), o chefe político vai, aos poucos, perdendo a influência, permanecendo apenas a pessoal dentro do partido. Mais tarde, por meio de seu espírito autoritário, o coronel José Inácio de Barros Cobra ainda teria mandado queimar a tradicional tipografia de " O Mineiro", em plena praça pública, que, já em 1885, publicava outro jornal : " Vale do Sapucaí". Fato que decorreu de um artigo considerado ofensivo contra um secretário do coronel e acabou por irritar os conservadores da cidade. Ainda, segundo QUEIROZ (1998:83), não há nenhuma melhoria, na cidade, durante a dominação do partido conservador, dominado pelos Barros Cobra, em Pouso Alegre, a não ser, a construção da Matriz, em 1857, trabalho que teria sido realizado, pelo esforço pessoal, do coronel José Garcia Machado, membro de outra família da mesma oligarquia política local.

Como relata QUEIROZ (1998:84), neto de Policarpo Queiroz:

> "Foi O Mineiro que tocou o rebate do liberalismo, abalando o prestígio do grande chefe conservador, devendo sua independência, seu destemor político e

> seu ardor cívico à pena de seu fundador e relator Policarpo Teixeira de Almeida Queiroz".

Conforme expõe o neto de Policarpo Teixeira de Almeida Queiroz, o novo jornal de Pouso Alegre inicia a campanha política de independência e chamava às urnas os liberais; seu redator combate o mandonismo e enfrenta o chefe político conservador. O "jornalista político", como o próprio neto se refere a Policarpo Queiroz, tudo teria feito, para recuperar o Partido Liberal de Pouso Alegre, que retorna a suas atividades, após trinta anos de indiferença. Em 1886, o Partido Liberal alcança prestígio.

A partir do relato acima, percebe-se que o proprietário do jornal " O Mineiro" é ao mesmo tempo, jornalista e integrante do Partido Liberal. Ele próprio reorganiza a reintegração dos membros do partido, tornando-o novamente ativo.

"O Mineiro" é editado de 1873 à 1876. Relativamente em relação aos anteriores é um jornal de formato maior, media 60X35 cm. Sua periodicidade é semanal, saindo aos domingos, em páginas de cinco colunas de texto cerrado. Durante toda sua existência teria sustentado sua firmeza, seu programa político e jornalístico. Os jornais que foram publicados depois dele, de 1877 até 1881, quando sai o "Livro do Povo", outro jornal da cidade, já não têm o mesmo cunho político, nem lutam por qualquer ideal. Após "O Mineiro", Pouso Alegre teve 110 periódicos, até 1935. Depois dessa data, surgem na cidade, mais 13 jornais. É importante ressaltar que alguns publicam apenas uma edição, outros são pequenas publicações de estudantes das escolas primárias, até mesmo de faculdades, de clubes e da igreja.

O primeiro jornal diário de Pouso Alegre é o "Sul Mineiro", publicado de 1914 a 1916, saindo como diário apenas entre 12 de outubro de 1914 e 13 de dezembro do mesmo ano, passando depois a bissemanal e posteriormente a semanal. Em dezembro de 1997 surge, na cidade, um novo jornal diário, que teria servido para campanha política de um candidato a vice-governador do Estado de Minas Gerais[8], Clésio Andrade, concorrente nas eleições de 1998. O jornal chamava-se "Diário de Pouso Alegre". Em outubro de 1998, após as eleições, o "Diário de Pouso Alegre" passa a circular com notícias da cidade de Varginha, onde é impresso, desde o início de sua publicação, continuando porém, a veicular

[8] Esta informação foi obtida por uma pessoa que pediu a omissão de seu nome por receio de algum tipo de retaliação futura.

em Pouso Alegre, por alguns meses, até fechar em 17 de outubro de 1997, edição 205, a última a constar nos arquivos do Museu Municipal de Pouso Alegre. Este é apenas mais um dos exemplos de veículos de comunicação, servindo de projeção para alguns candidatos à eleição e sua manutenção no poder. Permanece em circulação por menos de um ano, em um período pré-eleitoral, encerrando suas atividades logo depois do segundo turno. Este tipo de promoção acontece com freqüência e às vezes não é ao menos percebido. Em Pouso Alegre pode-se citar ainda outro exemplo, o de um proprietário de meios de comunicação (rádio e televisão) e também político. Ele foi deputado federal, ocupou outros cargos políticos no estado, sempre utilizando seus veículos de comunicação como vitrine para suas candidaturas. É mais um dos atestados do compromisso entre alguns jornalistas e o poder político. Melhor dizendo, atesta o envolvimento do processo democrático, devido à falta de ética profissional em todos os setores do campo informativo, com o político e principalmente com o econômico, privilegiando as classes oriundas das velhas oligarquias.

Ainda deve-se retroagir nesta dissertação e lembrar que imperadores utilizaram os jornais para se promoverem. Napoleão cala seus opositores e utiliza os jornais a serviço de sua propaganda, na França e no exterior.

Pouso Alegre ainda conta com algumas outras publicações, não diárias, que não irão constar deste trabalho, por definição do recorte metodológico dado ao campo de pesquisa. São publicações voltadas para públicos bem específicos como, por exemplo, escolas, sindicatos, vestibulandos, igrejas e outros, que circulam por um determinado período e, atualmente não mais existem ou não mantêm uma periodicidade regular.

3- Influência das oligarquias na imprensa do Sul de Minas

O que interessa mais especificamente neste capítulo é mostrar as relações de poder entre aqueles que lideram politicamente e os que (donos de empresas jornalísticas ou jornalistas)[9], mesmo livres, do ponto de vista empresarial, ouvem os chefes políticos. Esta é

[9] Abro este parênteses para direcionar os atores que mais interessam para o recorte de minha pesquisa, no entanto, deixo claro que, estes atores estão diluídos em áreas diversas com atitudes bastante semelhantes.

uma atitude típica das oligarquias, em que coronéis são os mandatários políticos e todos, mesmo aqueles que têm seu próprio negócio, ficam à mercê de suas decisões políticas, seguindo portanto, as regras do jogo político deste chefe, cujas malhas se infiltram por diversos setores, espalhando-se entre seguidores e dependentes diretos.

SOBRINHO (apud LEAL, 1997:13) esclarece o sentido do vocábulo *coronel,* a partir da contribuição do historiador Basílio de Magalhães, que residiu em Lambari, Sul de Minas e conheceu de perto a influência dos coronéis, através da militância política em Minas Gerais.

> " A Guarda Nacional, criada em 1831, para substituição das milícias e ordenanças do período colonial, estabelecera uma hierarquia, em que a patente de coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais. De começo, a patente coincidia com o comando efetivo ou uma direção, que a Regência reconhecia, para defesa das instituições. Mas, pouco a pouco, as patentes passaram a ser avaliadas em dinheiro e concedidas a quem dispusesse a pagar o preço exigido ou estipulado pelo poder público, o que não chegava a alterar coisa alguma, quando essa faculdade de comprar a patente não deixava de corresponder a um poder econômico, que estava na origem das investiduras anteriores".

O título de coronel poderia ser recebido de graça, como condecoração, ou por força de donativos. De qualquer forma, quem o recebia detinha o maior prestígio político da localidade. Este poder estaria inserido numa estrutura social hierarquizada como aquela organizada sobre as bases do escravismo. A grande propriedade territorial rural ou latifúndio também representava o poder econômico do senhor da terra que recebia o título de coronel e dirigia, de certa forma, a política local.

O coronel também aumentava seus domínios territoriais "à custa de propriedades usurpadas, aos adversários ou aos próprios amigos, pela pressão". Criava no dono de pequenas propriedades, a convicção de que seria melhor vender suas terras e, através de algum tipo de pressão, conseguia cada vez mais hegemonia econômica, política e social, acompanhada do *filhotismo*, um espécie de regime de concessão de favores aos amigos e perseguição aos inimigos.

SOBRINH0 (apud LEAL, 1997:18) esclarece que o fenômeno social do *coronelismo* de 1975 não é o mesmo daquele de 1949[10]. Transforma-se numa evolução "natural" e, enquanto a influência do antigo coronel vai-se acabando, surgem outras lideranças nas empresas e fábricas. Assim explica SOBRINHO:

> "O fenômeno 'coronelismo' persiste, até mesmo como reflexo de uma situação de distribuição de renda, em que a condição econômica dos proletários mal chega a distinguir-se da miséria. O desamparo em que vive o cidadão, privado de todos os direitos e de todas as garantias, concorre para a continuação do 'coronel', arvorado em protetor ou defensor natural de um homem sem direitos".

LEAL (1997:40) afirma que o *coronelismo* poderia ser entendido como um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, representado pelo governo, e o poder privado, representado pelos senhores de terras. Os representantes do poder privado receberiam do governo o título de coronéis e estes, em troca, garantiriam o apoio político ao governo. Esta dependência gera outras formas de troca de favores como: o mandonismo, o filhotismo, o falseamento de votos e a desorganização dos serviços públicos locais, podendo-se citar o constante inchaço nos serviços públicos (contratação de mais servidores do que o necessário, para pagar os favores políticos).

O que se pode também perceber na atualidade do interior do Brasil e, mais especificamente, em cidades como Pouso Alegre, é que os chefes não são mais coronéis, eles estão representados nas pessoas dos médicos, advogados e outros profissionais que reúnem qualidade de comando e dedicação que os habilitam à chefia (LEAL, 1997: 41). Porém, sempre existe alguma correlação entre esses novos e os antigos coronéis. Ou bem são amigos ou são parentes. Outra variação do antigo coronel é aquela construída e consolidada pelo chefe municipal que, depois de edificada sua liderança, pode conquistar outros postos políticos mais elevados, como os de deputado e senador, o que não lhe tira o

---

[10] BARBOSA L. SOBRINHO refere-se à evolução do fenômeno coronelismo no Brasil. Coronelismo é uma forma específica de política da República Velha (1889 –1930). Após essa época, devido à mudanças na sociedade brasileira, em direção a maior urbanização e industrialização, o fenômeno coronelismo vai se alterando. Algumas características de origem são preservadas como, o personalismo e o mandonismo, e após 1945, passa a ocorrer o populismo (um outro termo que o designa), como forma de dominação e manipulação em um contexto mais urbano-industrial. A comparação entre os anos de 1949 e 1975 é apenas uma referência de SOBRINHO às épocas em que saíram a primeira e segunda edições do livro de LEAL, para o qual ele escreve o prefácio, na segunda edição.

poder anterior mas, acresce-o, pois, em seu retorno ao município de origem para descanso, visitas a parentes, etc, manda, faz conchavos, ordena ações políticas, compõe rixas e desavenças, exercendo até mesmo funções policiais, sem caráter oficial (LEAL,1997:42).

A força eleitoral do coronel ou do chefe municipal está também no controle que faz através do *voto de cabresto.* Este tipo de voto é também a troca de favores que mantém com seus eleitores para deter o prestígio político que conserva em função de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Seus empregados rurais vivem, em geral, em uma situação de pobreza, ignorância e abandono, situação mantida exatamente pela relação de favor.

Segundo LEAL(1997: 43) existem hoje "poucos" fazendeiros prósperos. O mais comum são os fazendeiros que, mesmo mantendo suas propriedades rurais, têm gado em penhor e terra hipotecada. Ou então, aqueles que deixam de pagar taxas e impostos e vivem de empréstimos junto aos bancos e credores. Mesmo assim, o empregado ainda vê neste fazendeiro, seu patrão, um homem poderoso, de prestígio político e que obtém financiamentos. Em momentos de aperto, o roceiro apela para o *coronel* , compra fiado no armazém para pagar com a colheita – esta é uma relação de favor acima referida.

Hoje, também a pessoa que lidera o município, não se resume ao fazendeiro, mas a uma liderança política que traz a herança do coronelismo, mandonismo, filhotismo, clientelismo e todo tipo possível de troca de favores políticos, entre aqueles que seguem seu chefe político e o obedecem. É o caso de alguns proprietários de veículos de comunicação que proíbem a edição de algumas matérias que podem interferir em suas futuras trocas de favor com políticos, ou políticos que usam os meios de comunicação, em colunas e espaços jornalísticos, cedidos pelos proprietários das empresas, para obterem cargos políticos, ou ainda, de jornalistas que prestam-se a trabalhos subservientes para permanecerem em cargos futuramente mais promissores. O coronelismo, como percebe-se nestes exemplos, também evolui e se adapta às novas situações.

Em época de eleição, em Pouso Alegre, isto fica claramente evidenciado com as kombis e outros meios de transportes, que vêm das localidades rurais, financiadas por políticos, desejosos de garantir um cargo, não importando ser o de vereador, deputado, prefeito etc. Além disto, outro signo, bastante característico da troca de favores, são pessoas que se aglomeram frente às casas dos representantes políticos municipais, em época de

pleito ou ainda dentro delas. Os cabos eleitorais e pessoas que irão votar no candidato sempre esperam alguma recompensa, garantindo, em troca a vitória daquele que trará algum benefício (uma dentadura, uma cadeira de rodas, um par de óculos, um atendimento médico, dentário, uma cesta básica, etc.). Para comprovar tal realidade basta observar a prática desses atos durante um dia de eleição ou em dias que a precedem. A polícia sempre espera a denúncia destes fatos e o eleitor "comum" parece ter medo, ou não querer se envolver em alguma situação constrangedora, fazendo todos *vista grossa*. Tudo transcorre "normalmente" e sempre acaba "bem" para os mesmos representantes políticos que continuam no cargo ou assumem outro.

Segundo LEAL (1997: 56), o maior número de eleitores reside e vota no interior do Brasil. Além disso, é também no interior que "o elemento rural predomina sobre o urbano". Desta forma, é exatamente no município, que mais chances tem o chefe político local, de convencer o eleitor "simples", que vem das áreas rurais.

LEAL comenta também, que nas eleições de 1945 e 1947, estas ações estavam aos poucos diminuindo e que os próprios trabalhadores traíam os fazendeiros. Isso estaria ocorrendo, segundo o Autor, por influência do rádio, que divulgava novas chances para o trabalhador, em áreas urbanas, que deixaria de depender do proprietário de terra, ao mudar-se das fazendas.

Entretanto, é preciso acrescentar que a atitude de troca de votos por favores existe ainda e pode ser claramente comprovada em época eleitoral, principalmente em cidades do interior. Basta observar os supermercados em dias próximos às eleições. Preparam cestas básicas diariamente. Ambulâncias de políticos não param de chegar com pacientes levados para os hospitais. Também costumam aparecer propagandas de dentistas e médicos oferecendo serviços gratuitos, poucos meses antes da eleição. Um certo candidato a vereador, que oferecia serviços gratuitos à população, de atendimento dentário, antes da última eleição em Pouso Alegre, foi eleito. Ele também trabalha com uma instituição sem fins lucrativos, recebendo subvenções de deputados, e era, "apenas" um colunista social, poucos meses antes da campanha. Hoje, é vereador e mantém sua coluna social em um dos jornais locais. Este exemplo ilustra bem a troca de favores. Uma ocorre entre o dentista e seus futuros eleitores e a outra entre o proprietário do referido jornal e o vereador eleito.

A omissão e apoio dos veículos de informação ficam evidentes na situação acima descrita. Nada denunciam sobre o candidato que oferece serviços profissionais gratuitos à população, pouco tempo antes do pleito, tendo trânsito livre, em um dos jornais para escrever uma coluna de página inteira, durante quase todo o ano eleitoral. O mesmo candidato está sempre em destaque em sua coluna e em outras, antes das eleições municipais e agora, enquanto vereador da Câmara de Pouso Alegre e colunista social.

Outro fato que caracteriza a estreita ligação entre o poder e a imprensa e a troca de favores é o de um ex- deputado federal de Pouso Alegre que possui uma emissora de televisão e outra de rádio na cidade e que também já foi mencionando neste trabalho. Na última eleição, a de 1998, após haver disputado algumas outras, ter sido eleito e exercido representações públicas, e ainda ter ocupado alguns outros cargos públicos no alto escalão e de confiança em governos estaduais, ele perdeu a disputa para deputado, para ocupar mais uma vez uma vaga na Câmara Federal. Durante todo o processo eleitoral, o proprietário de televisão e de rádio aparecia no vídeo da sua TV, através de uma propaganda dissimulada que usava seu nome, fora do horário eleitoral. A "TV Libertas", como é conhecida, passou a adotar uma nova *vinheta*[11], com uma *angulação grupal,*[12] na
qual também se incluía o nome do proprietário. Com isso aparecia no vídeo, por escrito, em letras garrafais, durante várias vezes ao dia o nome do candidato e do proprietário da TV. Nenhum órgão público ligado ao processo eleitoral, ou responsável do judiciário da cidade tomou qualquer providência para coibir tal atitude ilegal. Talvez o candidato tivesse a tal carta-branca[13] que LEAL comenta.

3.1- Consolidação da política oligárquica no sul de Minas

[11] São inserções na TV de imagens e som que divulgam algum evento ou momento promocional de algum show, festa, etc., com caráter de ilustrar e promover. No caso foi utilizado para promoção da própria empresa.

[12] A angulação grupal é aquela voltada para os interesses da própria empresa que faz a divulgação da mensagem.

[13] Carta branca é a delegação de poderes de estâncias administrativas mais elevadas para as menores, por exemplo, um presidente permitiria a um dirigente municipal a indicação de alguém para uma função de um cargo federal, a ser exercida no município, e esta pessoa seria de confiança do chefe municipal.

Desde o governo de marechal Floriano Vieira Peixoto que substituiu o primeiro presidente do Brasil do período republicano, o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, em 1891, após a renúncia deste, os oligarcas já demonstravam as suas forças para derrubar governos, mas não ainda para assumirem o poder, como explica SILVA (1975: 35) :

> "Derrotado o inimigo principal – os setores industrializantes – a oligarquia uniu-se aos militares e às camadas médias para exercerem o poder, na fase em que esses seriam os 'inimigos'.
>
> Floriano ainda tentou adotar, em sua política econômica, algumas posições defendidas por Rui. No entanto, seus resultados foram efêmeros e insignificantes. Para manter a estabilidade do regime, compactuou com as oligarquias regionais e alguns grupos exportadores. Como não tinha um programa de governo definido, não suportou as pressões. Os cafeicultores e as oligarquias regionais passaram a assumir a hegemonia do bloco do poder, e Floriano teve que governar com eles."

Durante o governo de Silviano Brandão, em Minas Gerais, favoreceu-se a aceleração da estrutura de dominação oligárquica no Estado. Conforme RESENDE (1982: 173), três foram os instrumentos na concretização do poder oligárquico em Minas. O primeiro seria o Partido Republicano Mineiro (PRM) do qual Silviano Brandão se apossou *virtualmente*, a partir da convenção de 1898. A política de subordinação das municipalidades seria o segundo instrumento de dominação e envolvia "um intricado de relações entre força policial, organização judiciária, eleitoral e municipal". Tudo isso corroborou para cercear as forças locais de oposição e garantir o apoio dos coronéis. Força e coerção seriam o terceiro instrumento para domínio oligárquico. Como esclarece ainda RESENDE, mesmo usando todos esses instrumentos, o governo de Silviano Brandão não conseguiria manter o monopólio do poder, sem lançar mão da fraude eleitoral.

> " A fraude, fator permanente de manipulação eleitoral que encontra nas leis da República ampla margem de utilização, não pode ser desprezada como componente vital que é do sistema".

Com uma estrutura de sustentação, os anos de 1898 a 1906 são dominados pelo silvianismo e pelo salismo (época em que Campos Sales é presidente do Brasil e recebe apoio e troca de favores políticos com Silviano Brandão). A política dos governadores implantada pelo presidente Manuel Ferraz de Campos Sales entre 1898 e 1902 consistia no seguinte: os senadores e deputados correligionários dos governadores teriam amplo prestígio junto ao governo federal e, em contrapartida, o presidente apoiaria os governadores estaduais na execução da política geral do país. O resultado dessa política foi a formação das oligarquias. [14]

O PRM promove o afastamento do Legislativo do comando que assumira no período precedente e se sustenta com a fraude eleitoral, em bases coronelistas, com a organização municipal, a organização judiciária e a Brigada Policial. A política silvianista satisfazia os interesses federais e, ao mesmo tempo, promovia a articulação Minas-União.

Algumas alterações ocorrem nas relações Estado-Município com a nova política oligárquica. As garantias jurídicas contra a intromissão do poder estadual são retiradas e garante-se aos chefes municipais situacionistas ampla autonomia *extralegal* (RESENDE, 1982:213). Sobre esta autonomia, que extrapola a legalidade, LEAL chama atenção ao explicar o poder dos governos municipais. Exercem certas funções fora de sua alçada, ou da competência dos governos estaduais e federais, como, por exemplo, a nomeação de funcionários e delegação de funções. Esses cargos são trocados com os governos de outras instâncias e seriam um compromisso vinculado ao coronelismo. É ainda LEAL quem denomina essa autonomia de *carta-branca* que o governo estadual dá ao municipal, mesmo sendo para cometer certas atrocidades e arbitrariedades. Tal situação permanece até hoje.

Pode-se observar a autonomia dos prefeitos nas cidades de interior quando percebe-se que são eles quem indicam funções ou delegam cargos juntamente com as lideranças políticas locais, deputados federais e estaduais. Quando estes pertencem à oposição, e não ao partido do governador, é a liderança do mesmo partido do governo estadual que tem esta autonomia. De qualquer forma, a autonomia municipal continua com alguma liderança, o que permite a manutenção da troca de favores e do compromisso político entre as diversas instâncias governamentais, própria das oligarquias. Têm-se vários

[14] [on line] disponível em < http: //www.elogica.com.br/ users/ crdubeux/sales.html>[lido em 28/06/99]

exemplos dessa *carta-branca,* na cidade de Pouso Alegre. Há pouco tempo, ganhou as eleições para governador de Minas, o ex-presidente Itamar Franco. Como o atual prefeito da cidade é de outro partido, do PPB, a indicação de cargos de confiança como: o de delegada de ensino, o de diretor da Secretaria Regional de Saúde e outros, foi feita pela liderança política do mesmo partido do atual governador, ou seja, do PMDB.

Com a política oligárquica, surgida ainda, no início da República Velha, o bloco cafeeiro consolida sua hegemonia e, junto com os exportadores passam a ser a força política mais poderosa do país. Durante a Republica Velha, o café é que irá garantir o fortalecimento político e econômico da região Centro-Sul. A nascente burguesia industrial também tinha certa importância, por ser uma parte da força hegemônica do poder mas, são os cafeicultores, que irão mandar por vários anos, sempre em articulação com as bases políticas.

O Sul de Minas faz parte da área em que a produção de café era o forte da sua economia. Até hoje, a região mantém a cultura cafeeira como carro chefe de sua produção agrícola. Muitas famílias tradicionais, das principais cidades da região, construíram seu patrimônio, com a exploração do café. São famosos os grandes cafezais sulmineiros. Aqui, mais do que nunca, prevaleceu a política oligárquica, com base na troca de favores, no mandonismo dos coronéis e chefes locais que se mantiveram e ainda se mantêm no poder, em uma relação de reciprocidade entre os poderes locais constituídos, contando inclusive com o apoio dos veículos de comunicação, como já vimos acima.

Capítulo III – Histórico dos jornais estudados, importância dos títulos e metodologia

Esta pesquisa faz a análise de conteúdo de três jornais pouso-alegrenses: o *Sul das Geraes*, o *Jornal do Estado* e o *Folha do Vale*. Os dois primeiros são os mais antigos da cidade (1984 e 1985), e o último surgiu um pouco mais tarde, em 1992. Antes, porém, a pesquisa inclui um breve histórico de cada um deles, de modo a contextualizar, para o leitor, a análise que se fará logo em seguida.

1- Jornal do Estado

O *Jornal do Estado* foi criado em dezembro de 1985, tendo completado seus 14 anos de circulação ininterrupta, em 1999. Seu proprietário é Sebastião Foch Kersul, ex-empresário da construção civil em Pouso Alegre e empresário da área de comunicação. O perfil do jornal é empresarial, segundo considera o proprietário, o que se confirma no terceiro parágrafo de um histórico elaborado pelo jornal, fornecido à esta pesquisa, datado de julho de 1999. Quando foi criado, o *Jornal do Estado* possuía o tamanho tablóide de 26 cm de largura por 32 cm de altura.

O formato atual do jornal é standard, medindo 29,7 cm de largura por 54 cm de altura, tendo sido adaptado para as novas medidas adotadas recentemente em todo o país e dividido em seis colunas de 4, 7 cm. A periodicidade é semanal. Atualmente o jornal possui dois cadernos coloridos (incluindo a primeira página) e os demais em preto e branco. Sua tiragem é de 5 mil exemplares. O *Jornal do Estado* é vendido em banca ao preço unitário de R$ 0,70 (setenta centavos), a assinatura por seis meses corresponde ao valor de R$ 20,00 (vinte reais). Ao ano a assinatura está em R$ 35,00 (trinta e cinco) o que permite ao assinante o recebimento de 52[15] exemplares. O jornal é impresso na gráfica do Jornal de Rio Claro, em Rio Claro, no estado de São Paulo.

[15] Valores correspondentes a março de 2000

O número de páginas fica entre 12 e 20 em edições normais. Contém matérias opinativas que abrange comentários e artigos assinados por articulistas da cidade e de outros locais do país, textos noticiosos sobre economia (empresas, indústria e comércio), polícia (cobertura do noticiário policial), esporte, sociedade, política e outros.

Segundo seu histórico, o *Jornal do Estado* foi instituído pela Corregedoria da Justiça, como Órgão Oficial do Poder Judiciário para publicar informações oficiais de seis comarcas da região: Paraisópolis, Bueno Brandão, Monte Sião, Santa Rita do Sapucaí e Cachoeira de Minas, além do credenciamento em Pouso Alegre. O jornal está habilitado pelo Poder Executivo a efetuar publicações oficiais de todas as prefeituras de sua área de circulação. Desta forma, a base de sustentação financeira do jornal corresponde a publicações oficiais de balanços e balancetes de prefeituras (30 prefeituras), onde o jornal circula, sendo que nem todas publicam no mesmo jornal, e a maior fonte é proveniente de anúncios de prefeituras, instituições em geral (de clubes, serviços, entidades beneficentes), publicações do judiciário como atos dos juizes e editais, estes últimos obtidos por convênios firmados entre o jornal e o Fórum responsável pela Comarca e aprovado pela Corregedoria de Justiça do Estado. A partir desses convênios o jornal é considerado Órgão Oficial, responsabilizando-se por essas publicações.

Também de acordo com informações do histórico do jornal, sua veiculação abrange um total de 52 municípios do Sul de Minas.

O *Jornal do Estado* parece mesmo adotar com orgulho uma postura de Órgão Oficial. Até mesmo em seu histórico o jornal informa sobre a importância de o veículo ter sido instituído pela corregedoria Órgão Oficial do Poder Judiciário em seis comarcas da região. Além disso, o jornal também faz publicações sobre as prefeituras, que corresponde a sua maior fonte de anúncios, junto com as publicações de instituições em geral e as do poder judiciário. Essa dependência talvez crie dificuldades para o projeto de comunicação do jornal: realizar reportagens polêmicas ou de efetuar denúncias relacionadas a qualquer um dos anunciantes que formam a sustentação do jornal.

2 - Sul das Geraes

O Jornal Sul das Geraes foi criado em 7 de setembro de 1984 e é o jornal mais antigo de Pouso Alegre em circulação. Com 16 anos completos, o Sul das Geraes já não pertence aos mesmos proprietários que o lançaram. O jornal foi adquirido há alguns anos pelo empresário do Rio de Janeiro Erivaldo Bezerra, que não reside em Pouso Alegre.

Quando surgiu, o jornal pertencia a um grupo liderado por Jair Siqueira, atual prefeito de Pouso Alegre. Como explica o nº 0 do Sul das Geraes, à página 3, além de ter pertencido à Jair Siqueira, que naquela época era advogado e proprietário de algumas indústrias do setor têxtil, o Sul das Geraes teve ainda os seguintes proprietários: o dentista Luiz Alberto Turqueto Veiga, o empresário pecuarista José Reinaldo Sanchez, o médico José Teixeira Filho e o engenheiro têxtil mecânico, Amador Graciano, que também era sócio de Jair Siqueira nas indústrias do ramo têxtil.

Ao ser criado, o Sul das Geraes trazia algumas de suas intenções em um artigo escrito por seus proprietários, em 1984: primeiro a de ser um jornal que noticiasse, divulgasse e informasse. Afirmava a vontade de manter correspondentes em todas as cidades próximas à Pouso Alegre, desejava cobrir todo o Sul de Minas, de forma que o jornal fosse lido por moradores de toda região. Demonstrava interesse por todo tipo de informação e dava explicações que não noticiaria apenas os fatos agradáveis, que teria compromisso com a notícia, desde que esta fosse verdadeira. Mostrava-se receptivo às cartas dos leitores e estimularia essa prática, como também mostrava o desejo de publicar tudo, mesmo o que estivesse em desacordo com a linha de pensamento do jornal. Afirmava a sua convicção na democracia e na honestidade, acima de tudo, e ainda, fazia um apelo à população para que assinasse o novo jornal, e baseando-se na crença popular pedia a todos para "fazer uma figa", desejosos de sorte para um jornal que não pretendia morrer.

De acordo com o ex- proprietário do Sul das Geraes, o dentista Luiz Alberto Turqueto Veiga, durante uma entrevista para esta pesquisa, o jornal surgiu para ocupar o espaço de um outro, denominado Semana Religiosa, que no ano de 1984 deixara de circular. O projeto editorial seria o de um jornal que daria importância para cobertura jornalística voltada para as carências sociais, como infra-estrutura, assistência ao esporte e outras, além de ter também uma finalidade cultural. Logo no primeiro ano de existência, o

jornal conseguiu também ser Órgão Oficial da Justiça, da Comarca de Pouso Alegre. Isso teria dado muito trabalho ao veículo durante a cobertura jornalística das eleições, conforme comentários de Luiz Turqueto.

O Sul das Geraes foi vendido ao ex- prefeito Jair Siqueira, por seus outros sócios, por volta de 1990. E depois foi adquirido por Erivaldo Bezerra, seu atual proprietário.

O jornal surgiu em formato standard e foi adaptado para as novas medidas adotadas por todos os outros jornais brasileiros, correspondendo a 54 cm de altura por 29,7 cm de largura. O número de páginas varia entre 8 e 12, aproximadamente, mas tem sido mantido o número de 8 páginas. A periodicidade também se manteve semanal nos 16 anos de existência. O jornal é composto de dois cadernos com quatro páginas cada um, sendo que a primeira e a última, do primeiro caderno, são coloridas. Hoje o jornal atravessa uma fase financeira ruim, segundo informou seu editor Sérgio Baptista e tem 350 assinaturas, mas já chegou a ter 3000. O preço unitário nas bancas está em R$ 0,50 (cinqüenta centavos) e a assinatura semestral é R$ 15,00 (quinze reais), o que possibilita o recebimento de 25 exemplares ao assinante. É impresso na gráfica do Jornal de Rio Claro, na cidade de Rio Claro, no estado de São Paulo.

A sustentação financeira deste jornal é proveniente de anúncios e editais de Fóruns. Ele publica também editais de pequenas causas das cidades de Camanducaia e de Pouso Alegre, que são no entanto gratuitos, mas os advogados que publicam esses editais geralmente têm que assinar o jornal. Fora esses editais existem as publicações pagas também provenientes dos Fóruns.

Dois fatores relevantes apontam a ligação deste jornal com o poder em sua história. Um deles é que o grupo que o criou era formado por pessoas sempre ligadas, indiretamente, à política local. O exemplo característico é de seu ex- proprietário Jair Siqueira, prefeito de Pouso Alegre, pela segunda vez, na gestão; 1996-2000, com a possibilidade de ser novamente candidato à reeleição. O proprietário atual é bastante envolvido com políticos da região. O outro fator seria o de publicações ligadas a prefeituras e a Fóruns, o que, de certa maneira, cria um vínculo entre o econômico e a linha editorial do jornal, tornando-a mais dependente e vulnerável às pressões dos poderes instituídos.

3 - Folha do Vale

O jornal Folha do Vale existe desde 17 de dezembro de 1992 quando foi criado por um grupo de quatro ex- alunos recém- formados da primeira turma de jornalismo da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Eugênio Pacelli, unidade da atual Universidade de Pouso Alegre- UNIPA. Os primeiros proprietários eram Adaísa Fernandes, Silvana Xavier Pereira, José Francisco de Oliveira e José Roberto Fernandes.

Naquela época o nome era Folha da Cidade e a partir da 2ª edição, em 21 de janeiro de 1993, foi acrescentado no fio data do jornal (local onde se colocam as informações como o nome da cidade à qual pertence a empresa jornalística, data da publicação e número da edição) uma insígnia que dizia: "Jornalismo ético, imparcial e responsável". Segundo uma das proprietárias e também repórter do jornal, Adaísa Fernandes, o jornal tinha a proposta ideológica inicial dentro do princípio do tripé que compunha a insígnia que trazia, ou seja, o de ser um veículo ético, imparcial e responsável.

Em 1993 uma das sócias, Silvana Pereira, deixou o Jornal Folha da Cidade, e no início de 1994, outro sócio, José Roberto Fernandes, também resolveu vender sua parte, restando dois sócios do início da criação do veículo. Ainda no final de 1993, quando Silvana Pereira resolveu vender sua cota social, entrou para a sociedade, agora com três pessoas, o funcionário público, João Batista de Faria que ficou até setembro de 1994, quando veículo foi adquirido parcialmente pelos dirigentes da Igreja Católica de Pouso Alegre.

A primeira publicação, com a participação na societária de 50% da Igreja Católica, ocorreu em 13 de outubro de 1994. O Folha da Cidade passou então a se chamar Folha do Vale do Sapucaí, nome que mantém ainda hoje, sendo mais conhecido por Folha do Vale. A partir dessa data, o jornal também alterou sua insígnia para: " Um jornal ético, responsável e imparcial da Igreja Católica". Segundo Adaísa Fernandes (entrevista 2000), foi a seu pedido que o Pe. Nelson Pereira Rosa, representante da Igreja Católica, que realizou todo o processo de contrato da nova sociedade, que a antiga insígnia do jornal se manteve, com pequenas modificações. A preocupação da proprietária era que seu jornal mantivesse o tripé que originou sua criação. Uma preocupação, muito provavelmente,

ligada à proposta pedagógica do curso de jornalismo da UNIPA, local em que os quatro ex-alunos empreendedores deste jornal se formaram em um passado próximo.

Essa última sociedade do Folha do Vale durou até 31 de dezembro de 1995, quando os dois outros sócios também venderam a outra parte (50%) da sociedade para a Igreja Católica. Desde essa época, o jornal se mantém de propriedade exclusiva da igreja.

O formato do jornal que era standard em seu início passou mais tarde, após a aquisição total do veículo pela igreja, para o formato tablóide germânico cujas medidas são: 45,5 cm de altura por 32 cm de largura. O número de páginas varia entre 14 e 16 em edições normais. O jornal mantém quatro páginas coloridas, sendo sempre a primeira e a última de cada caderno. Sua periodicidade também é semanal. Além disso, o jornal também circula com um caderno especial, denominado Semana Religiosa, que corresponde ao retorno de um antigo veículo de comunicação impresso de Pouso Alegre, pertencente à Igreja Católica, e que havia deixado de circular por muitos anos.

O Folha do Vale é vendido em banca ao preço unitário de R$ 0,50 (cinqüenta centavos) e a assinatura anual custa ao consumidor R$ 30,00 (trinta reais). O jornal tem quase mil assinaturas.

Segundo informações do diretor comercial e administrativo deste impresso, Jurandir Serafim Pinto Ribeiro, a sustentação financeira do jornal é feita através da venda de anúncios e publicação de editais e avisos de prefeituras, de Fóruns, comércio em geral, entidades filantrópicas e outras entidades de economia mista como bancos, a exemplo da Caixa Econômica Federal. O diretor ainda informou que 11 prefeituras do Sul de Minas fazem anúncios com o jornal e atualmente eles mantêm três contratos com Fóruns da região para publicação de editais, mas por enquanto apenas dois estão publicando. Do terceiro eles aguardam aprovação do convênio através da Corregedoria do Estado para iniciarem as publicações.

A mais forte sustentação financeira do Folha é proveniente de seus projetos editoriais, conforme comentou Jurandir Ribeiro. Estes projetos consistiriam na venda de espaço para matérias pagas, sem transparecer matéria paga. Sem ser identificado como informe publicitário. Segundo o gerente comercial do Folha do Vale "isso é comum em todos os jornais", e acrescenta que eles não fazem esse tipo de publicação caso o assunto esteja fora da linha editorial do jornal. Esta linha editorial, conforme explicou ainda o

gerente, estaria ligada a publicação de assuntos políticos. O jornal, em caso de questões políticas polêmicas, costuma adotar a postura de ouvir os dois lados da versão e estar bem documentado quanto aos fatos levantados. E em relação a textos que envolvem política o Folha do Vale já recebeu ameaças de políticos devido à publicação de algumas matérias que não agradaram a alguns atores públicos da política local.

A decisão de publicar projetos editoriais pagos como se fossem matérias levantadas pela pauta do jornal, quando na verdade se tratam de publicidades, portanto preparadas pelo cliente e favoráveis a quem as encomendou, pode ser o próprio mascaramento da mensagem que o jornal estaria veiculando para o leitor. Uma matéria que, a princípio, não seria informativa e nem crítica, apenas teria a finalidade de convencer o leitor a respeito dos fatos. Principalmente se fosse sobre política e estivesse de acordo com a linha editorial política do veículo. Neste caso, como o diretor comercial informou, seria publicada e a mensagem política dela teria a finalidade de convencer o leitor. Esta possibilidade no jornal Folha do Vale abre espaço para que políticos alinhados com esta empresa de jornalismo façam suas publicidades, com aparência de matérias jornalísticas, o que significa, portanto, uma matéria de fachada, como o próprio título desta pesquisa sugere.

4- A importância dos títulos na mensagem jornalística

O título resume a idéia central da notícia jornalística e ele é extremamente importante como apelo da mensagem que se quer passar ao leitor. Tanto em matérias que tenham a angulação massa, pessoal ou grupal, os títulos reúnem em uma única frase, em geral com verbo e na ordem direta, uma denotação e conotação que traz resumidamente o significado da matéria jornalística para a qual ele é cuidadosamente redigido.

O título, para ser bem compreendido, deve ter tudo aquilo que é aconselhado pelos manuais de redação: clareza, ordem direta, objetividade, precisão e concisão. Estas características também são as dos textos jornalísticos para que o público compreenda o sentido e objetivo da mensagem.

Segundo o manual de redação da Editora Abril, "o título é a chave" e para que este funcione precisa ter impacto, para chamar atenção do público. A chave, porque é o título a primeira mensagem da matéria com a função de conquistar o leitor sobre os assuntos que estão sendo tratados pelo veículo de comunicação, tanto nos meios impressos, jornais e revistas, como também nos auditivos e visuais, rádio, tevê e computador. O mesmo manual aconselha os profissionais a utilizarem poucas e curtas palavras ao escreverem títulos e esclarece que: "Um título bem feito 'vende' uma reportagem. Ou uma edição. Um título ruim consegue esconder um magnífico trabalho jornalístico".[16]

LAGE (1887:22) fala da restrição pragmática do jornalismo durante a produção industrial da notícia. Segundo ele a limitação do código ou a redução do número de

palavras e expressões gramaticais de uso corrente, aumenta a comunicabilidade e facilita a construção da notícia. Esta redução vocabular é fundamentada na Teoria da Informação e é exemplificada na prática jornalística como o próprio LAGE expõe: "É o que leva à padronização das vozes de comando e permite a locutores radiofônicos descreverem com incrível rapidez os lances de um jogo". Em geral esses locutores se utilizam de um elenco de palavras bastante conhecido e familiar do público para o qual se dirige, tornando a informação mais aproximada e bastante conhecida, de fácil acesso a todos.

MEDINA(1988: 118) comenta sobre os apelos lingüísticos que a mensagem jornalística desenvolveu como produto de consumo da indústria cultural. Estes apelos teriam uma componente verbal específica que serve para chamar atenção do leitor. Entre os apelos verbais a Autora fala do título como o primeiro que surgiu na história da mensagem jornalística com a função de embalar a notícia e torná-la mais atraente.

Toda esta importância contida no título das mensagens jornalísticas passou a existir a partir da introdução do *lead* no jornalismo, formalizado pelos norte-americanos. O *lead*, segundo Noberto (apud LUSTOSA, 1996:77), surgiu aproximadamente há cem anos a fim de substituir o estilo britânico, que redigia as notícias pela ordem cronológica dos fatos, como em livros de ficção. Enquanto o estilo britânico teria a finalidade de preparar o leitor para o impacto da notícia o *lead* não seria apenas uma abertura mas, a soma total dos detalhes do fato e, portanto, o próprio impacto. Conteria todos os aspectos importantes da

[16] Manual de estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas, (1990:22).

informação em um parágrafo. O *lead* é o primeiro parágrafo de uma notícia e deve responder às principais perguntas que se faz a respeito do fato noticiado: o quê?, quem?, quando?, quando?, onde?, como?, e por quê?. Algumas destas perguntas podem ser respondias no *sublead* que é o parágrafo seguinte ao *lead* e que tem a mesma função do primeiro. Desde que surgiu, o *lead* se desdobrou em outras formas de apelo lingüístico que teriam a mesma finalidade do título, ou seja, agarrar o leitor. Surgiram os subtítulos, localizados abaixo dos títulos e também conhecidos como linha fina, com a função de completar as informações mais importantes sobre o assunto da matéria jornalística. Surgiram, ainda, os supratítulos, localizados acima dos títulos, também chamados de "olhos" e que também aparecem entre espaços abertos durante as entrevistas, sob a forma de textos destacados do restante do conteúdo da matéria, com a função de chamar atenção para detalhes importantes presentes no texto.

De acordo com MEDINA(1988), o estudo de títulos de imprensa se restringe a um livro e a alguns artigos ou capítulos de obras. Ela se refere a Joaquim Douglas em *Jornalismo: A técnica do título* que aborda a função, a lingüística, a estrutura e a apresentação gráfica dos títulos. Segundo a Autora, os outros livros e artigos se preocupariam apenas em falar sobre algumas regras de como fazer títulos como todos os manuais de redação dos jornais brasileiros que contêm o que deve e o que não deve conter nos títulos jornalísticos.

O que existe em relação à análise da titulação em jornais são trabalhos bem recentes, muitos ainda não publicados. ZANOTTI (1995: 101) refere-se ao título como a mensagem que revela o tipo de mercadoria que o jornal tem a oferecer ao seu leitor que busca a novidade na publicação.

"Na realidade, falta ao estudo da titulação de imprensa uma perspectiva global que referencie às outras componentes da mensagem, ou seja, o título como resultado de uma angulação, de uma edição e de uma captação", argumenta MEDINA (1998: 119).

E comenta que na angulação informativa pré-cultura de massa, a que pretende impor como política empresarial o "conteúdo objetivo", o título seria o resumo frio da notícia anunciada. Caso a proposta não tenha uma carga emocional, o título conciso perderia a força e apareceria em meio-tom. Como a proposta de formulação massa não adota esta última possibilidade, o título da mensagem para consumo teria que ser aquele que tem um

apelo forte, nutrido de emoções, surpresas lúdicas, jogos visuais, artifícios lingüísticos. Seria o caso do *título-consumo* do jornalismo industrializado, que se aproxima muito do enfoque publicitário e da vertente sensacionalista, cada vez mais presente na maior parte da imprensa atual, e que deseja vender o produto-notícia a qualquer custo.

"Na angulação opinativa onde se encontram os artigos e comentários grupais ou crônicas de nível pessoal, os títulos ora sofrem influências das formas típicas de consumo, ora se vestem de casaca e mantêm o tradicionalismo. Na realidade, o título sempre deixa transparecer a posição opinativa do grupo empresarial, mesmo aqueles que se dizem imparciais. Qualquer título de aparência denotativa pode ser conotado no contexto da informação", esclarece MEDINA (1998:120).

Ao dizer que o título deixa sempre transparecer a posição opinativa do grupo empresarial, mesmo os que se dizem imparciais, MEDINA contribui em um ponto fundamental de nossa pesquisa. O de que os títulos apesar de resumirem objetivamente o fato e terem a função primordial de prender a atenção do leitor, ao mesmo tempo, conseguem reunir toda a carga informativa contida no lead, que aparece em segundo plano, na ordem de importância dos argumentos do fato noticioso, e afinal, de todo o conteúdo da matéria, em uma única frase, de forma objetiva, clara, apelativa e resumida. Além disto o título de aparência apenas denotativa carrega a conotação do contexto, como no caso dos títulos analisados por serem de uma época em que existem interesses pessoais ligados à política local e a disputas por cargos próprios do momento eleitoral.

BAHIA (1990: 46) diz que o título se propõe ao principal: resumir a notícia e destacar a sua importância para o imediato interesse pela sua leitura. Argumenta ainda que o título deve deixar sempre alguma informação que crie impacto que seja completada durante o texto, seria o aspecto de suspense criado por ele, para segurar o leitor e fazê-lo ler o texto. Ao deixar a função de apenas noticiar para opinar, o título se submeteria às leis da propaganda, o que seria o caso daqueles voltados para textos que emitem opinião como no caso dos editoriais. No entanto, BAHIA explica que isto não quer dizer que a função do título seja exclusivamente a informativa e sim, que este não deveria "brigar" com a notícia. Ou seja, caminhar em sentido oposto ao que o fato diz.

Com base na importância do título, por esta mensagem quase completa que uma simples frase carrega, considerada a primordial do fato jornalístico, é que este trabalho

decidiu pela análise dos conteúdos dos títulos contidos nos três principais jornais da cidade de Pouso Alegre, em períodos pré-eleitorais, dos três últimos anos, como reveladores dos liames entre a imprensa e os poderes regionais. O momento político diz respeito a um contexto em que as pessoas tendem à parcialidade através da escolha de lideranças. É quando as decisões dependem também da comunicação entre os grupos que disputam os interesses. Portanto, até mesmo os veículos de comunicação, por meio de suas informações, acabam expondo na sua objetividade, as preferências. Estas atitudes podem ser observadas através da análise de conteúdo de suas mensagens pertinentes aos fatos eleitorais/eleitoreiros.

Ao partir para esta opção, a pesquisa estaria abrangendo além da carga informativa, a emotiva, ligada ao momento de disputa política que o município vivencia nestas épocas, pela circunstância de posicionamentos expostos através das notícias, a respeito das ações e atitudes dos atores públicos, dos atores da imprensa e das relações entre estes e das mensagens passadas ao público. Isto possibilitaria a verificação de estreitas ligações de poder entre empresários, políticos e a imprensa local, aspecto principal da hipótese desta dissertação. Nas mensagens dos títulos seria possível obter um resumo, mesmo que incompleto, e o principal significado do fato. Teríamos o essencial do acontecimento. A verificação do conteúdo do significado inserido neste resumo e a constatação de sua importância poderiam trazer à tona algumas contribuições essenciais para esta pesquisa.

5 - Metodologia de análise dos títulos dos jornais estudados

A preocupação com as palavras e frases deve ser inerente ao trabalho do jornalista e daqueles que produzem as diversas formulações em comunicação. A partir de dados retirados da escrita de jornais e revistas foram possíveis inúmeros estudos, através dos tempos, ligados às ciências humanas, que contribuíram para o levantamento de problemas e propostas para soluções. STONE (1971:315) explica: "o que as pessoas dizem e escrevem constitui uma fonte básica de evidência sobre processos individuais e sociais". Por isso, investigar através da pesquisa bibliográfica e das técnicas da análise de conteúdo e das

entrevistas foi a opção encontrada no sentido de caminhar em direção aos objetivos propostos por esta pesquisa, sem se perder, por meio de averiguações constantes que podem definir os planos experimentais, no sentido de se chegar, com rigor metodológico, à refutação ou comprovação das questões.

Segundo BARDIN (1977:28):

> "Apelar para estes instrumentos de investigação laboriosa de documentos, é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a Pierre Bourdieu passando por Bachelard, querem dizer não 'à ilusão da transparência' dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. É igualmente, 'tornar-se desconfiado' relativamente aos pressupostos, lutar contra evidência do saber subjectivo, destruir a intuição em proveito do 'construído', rejeitar a tentação da sociologia ingénua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas somente atinge projecção da própria subjectividade. Esta atitude de 'vigilância crítica', exige o rodeio metodológico e o emprego de 'técnicas de ruptura' e afigura-se tanto mais útil para o especialista das ciências humanas, quanto mais ele tenha sempre uma impressão de familiaridade face ao seu objeto de análise".

O estudo que se fez, através do rigor metodológico da pesquisa bibliográfica, da análise de conteúdo e de entrevistas, procura mostrar a estreita ligação da imprensa com o poder, desde o surgimento dos primeiros jornais no mundo até os dias de hoje. O objetivo destes métodos corresponde à ultrapassagem da incerteza e à descoberta de conteúdos e de estruturas, que possam desvendar o propósito das mensagens comunicativas, pelo esclarecimento de significações que conduzem o que a priori não se compreendia na sua amplitude, e que, por isso, desencadeava uma série de indagações.

Duas funções são importantes ao aplicar–se a análise de conteúdo: a função heurística, que enriquece a pesquisa através da tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta, e a função de administração da prova, que consiste nas hipóteses a serem testadas, para confirmação ou não, através do método.

É importante ressaltar que a análise de conteúdo deve ser adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, deve por isso, segundo informa BARDIN (1977: 31) ser reinventada a cada momento. Isto não quer dizer improvisação das técnicas, mas sim, a adequação delas

no sentido de adaptá-las a cada situação, já que esta análise presta-se a diversas técnicas aplicadas às diferentes mensagens da comunicação.

A definição de Berelson (apud BARDIN,1977:36), sobre a análise de conteúdo, ainda é o ponto de partida para compreensão do seu significado, de sua importância e da sua aplicação neste trabalho: " uma técnica de investigação que através de uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações".

Ao recorrer a esta técnica metodológica, foi possível realizar as inferências necessárias em relação à realidade de produção e recepção das notícias veiculadas nos jornais selecionados. A principal preocupação era a de que este estudo caminhasse com rigor, no sentido de obter resultados a partir de uma leitura qualitativa de dados quantitativos e documentais.

Foram selecionados para análise os títulos de três jornais da cidade de Pouso Alegre, localizada ao Sul de Minas Gerais. A partir da escolha do método partiu-se para delimitação do período a ser analisado. Após uma reflexão sobre o objetivo proposto, chegou-se à importância de se fazer a pesquisa bibliográfica primeiro, e depois a análise de conteúdo dos títulos, durante os períodos pré-eleitorias, de três anos: 1994,1996 e 1998. A importância dos períodos foi estimulada com base no fato que, é durante esses períodos que todos os jornais acirram sua divulgação em torno dos pré-candidatos e de suas propostas. Além disto, o momento da disputa por cargos políticos deixa as pessoas com tendência a manifestações orais e/ou escritas, o que fica mais evidenciado nos noticiários das emissoras de televisão e rádio, e principalmente, na publicação de textos impressos em jornais e revistas, quando o assunto principal é a política.

De acordo com a técnica, o processo deve conduzir a dedução a partir dos índices ou indicadores, o que não é raro na prática científica (BARDIN,1977:41). Desta forma o objetivo desta análise de conteúdo não se resumiria à leitura do receptor normal, mas na finalidade de se verificar, através de significantes e significados da mensagem comunicativa, outros significados para deduções, que poderiam contribuir na compreensão e interpretação fundamentadas.

Segundo esclarece BARDIN(1977:44) "a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça ..., é uma busca de outras

realidades através das mensagens". É o que interessa particularmente neste trabalho, mostrar as relações de poder entre a imprensa e a política, através das mensagens dos títulos dos jornais em períodos pré-eleitorais, evidenciando que esta relação é mais abrangente, é subjacente e ocorre também em outros momentos e épocas.

É importante ressaltar que por trás desta análise busca-se também uma compreensão da ideologia presente nas mensagens. Segundo COHN (1971: 340), a ideologia é um nível de significação que pode estar presente em qualquer tipo de mensagem e qualquer material de comunicação é suscetível de leitura ideológica. Essa análise ideológica consistiria em descobrir a organização implícita, não–manifesta das mensagens, que só é possível no discurso organizado através de seu código.

A relação com outras épocas e momentos é mostrada nesta dissertação através de analogias entre os primeiros capítulos deste trabalho e o capítulo de análise de conteúdo. Na primeira parte se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica, para situar os diversos contextos e situações em que se visualizam o poder político e econômico e suas relações com a imprensa. Seja no momento da descoberta dos métodos de impressão no mundo e sua disseminação nas diversas regiões do planeta, no surgimento dos primeiros periódicos, no reconhecimento da importância e poder dos jornais por ditadores, na precaução dos dirigentes políticos ao adotar a censura, nas guerras, no controle da leitura, na criação de jornais áulicos no Brasil, na prisão de diversos jornalistas, na destruição de vários jornais, na adoção de privilégios e troca de favores com origens nas oligarquias e em inúmeros outros momentos e outras situações em que o poder controlou e controla a imprensa.

Para a análise bibliográfica buscou-se a identificação das fontes de informação, através da seleção de livros e documentos, em museus, órgãos públicos, arquivos públicos, hemerotecas, bibliotecas públicas e Internet. Foram necessárias inúmeras viagens a Belo Horizonte, Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro, para verificação de documentos autênticos, no sentido de ser o mais fiel possível em relação às mensagens originais. Foram localizados os originais dos dois primeiros jornais brasileiros, dos dois primeiros jornais mineiros e do primeiro jornal da cidade de Pouso Alegre, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Na Hemeroteca Pública de Belo Horizonte e no Arquivo Público Mineiro, também foram localizados, lidos e xerocados alguns jornais e listagens de jornais mineiros,

documentos e consultas estas que possibilitaram algumas interpretações sobre o surgimento e finalidades propostas pelos primeiros periódicos do estado de Minas Gerais.

Após a fase exploratória de identificação das fontes de informação documental e bibliográfica, partiu-se para a localização dos fatos e ocorrências significativos em direção ao objetivo já delimitado e definido. Estes dados e fatos localizados em diversos momentos da história da imprensa, permitiram a complementação da metodologia.

Após a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a análise de conteúdo e as entrevistas com proprietários, ex-proprietários e editores dos jornais analisados. As entrevistas permitiram comparar os resultados da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo com as respostas dos entrevistados, confirmando algumas interpretações e deduções originárias das outras técnicas metodológicas aplicadas. Além disto as entrevistas completaram as informações sobre cada jornal analisado, sua história, proposta ideológica, no momento em que surgiu e hoje.

De acordo com STONE (1971:328) uma parte importante do processo de inferência é a informação externa aos textos analisados, obtida por comparações feitas com as medidas aplicadas à análise. Essa informação permite fundamentar as inferências feitas em relação às mensagens.

Conforme enumera GIL (1995: 163), a análise de conteúdo se desenvolve em três fases: a primeira seria a pré-análise do material ou documentação, depois viria a exploração deste material e depois o tratamento dos dados, inferência e interpretação.

A pré-análise neste estudo corresponde aos primeiros contatos que se teve com os documentos a serem pesquisados e a uma leitura exploratória, verificando o que iria ou não interessar de fato ao trabalho. Depois ocorre a fase em que se formularam as hipóteses e em seguida a de preparação dos materiais para análise.

Durante a pré-análise do material que seria utilizado neste estudo, ainda não estavam definidos o período e especificados os textos a serem analisados. O que estava previamente definido, com base no estudo piloto realizado para o exame de qualificação, eram as fontes de consulta para análise de conteúdo, os três jornais de Pouso Alegre, e ainda, o objetivo de se verificar neles, as relações entre o poder e a imprensa. Foi no início da pré-análise que refletiu-se bastante sobre qual seria o momento mais adequado para se analisar e chegou-se à conclusão que, o mais propício seria o período pré-eleitoral. Para

analisar apenas um ano eleitoral, ficaria inviabilizada uma seqüência mínima de verificação dos conteúdos subseqüentes àquele processo, uma comparação entre um período e outro, e uma análise de eleições diferentes, ou para funções políticas diversificadas, que permitiriam verificar maior ou menor envolvimento dos jornais do interior. Decidiu-se também não analisar a categoria que verificaria a candidatura eleitoral para presidente da república, que foi descartada previamente, devido ao distanciamento dos fatos em relação à cobertura jornalística, em cidade do interior, neste tipo de eleição.

A opção por títulos também foi decidida após uma reflexão sobre o tipo de mensagem que seria importante analisar. Decidiu-se pelos títulos que cobririam mais amplamente os períodos a serem estudados, e ao mesmo tempo, pela característica básica e importante dos títulos jornalísticos, a de corresponder a um resumo, com objetividade e clareza, através de uma única frase ou período, ao conteúdo da mensagem jornalística. Mesmo atendo-se aos títulos, o trabalho não deixou de ser exaustivo por seu detalhamento e sutilezas.

Após definir os jornais, os períodos e os conteúdos a serem analisados, estabeleceram-se, a partir de leituras mais detidas junto ao conteúdo previamente definido, as categorias a serem analisadas, para se chegar às respostas das questões levantadas. Esta é fase mais longa e detalhada da análise de conteúdo, e é a partir dela, que depende a última etapa, a inferência e a interpretação dos dados.

Nesta fase de definição das categorias foram lidas e anotadas todas as edições dos três jornais deste estudo, entre os meses de junho a novembro de cada ano pesquisado: 1994,1996 e 1998. Desta primeira seleção de títulos partiu-se para a escolha do que seria importante relacionar nas categorias em direção ao objetivo e para se tentar responder às seguintes questões:

Existiria mesmo uma relação entre a imprensa e o poder?

Seria possível verificar esta relação na produção da notícia em jornais do interior?

Estas relações entre o poder e a imprensa podem ser detectadas em outros períodos históricos da imprensa?

É possível identificar que relações de poder são estas, caracterizando-as?

Para possibilitar estas respostas foram estabelecidas as categorias em 9 planilhas para cada ano escolhido, totalizando então 27 planilhas, que posteriormente deram origem a

algumas tabelas. Nestas 27 planilhas foram definidas 18 categorias no período pré-eleitoral do ano de 1994, para cada um dos três jornais, 19 categorias no período pré-eleitoral do ano 1996, para cada jornal e 17 categorias em relação ao período pré-eleitoral do ano de 1998, para cada um dos três jornais. Essas planilhas foram reformuladas para os atuais quadros e algumas categorias acabaram não sendo selecionadas.

Por fim, através destas categorias, foram possíveis as inferências e interpretações, última etapa da análise de conteúdo, que comparadas à pesquisa bibliográfica e às entrevistas possibilitaram a este estudo algumas deduções e respostas às questões inicialmente levantadas.

Capítulo IV - Análise de títulos em jornais de Pouso Alegre

1- Eleições de 1994

As eleições de 1994 foram para escolha de governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Como primeira categoria selecionada para análise dos títulos, a pesquisa buscou identificar a presença nominal (referência direta ao nome do candidato) nos títulos das matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral para governador do Estado de Minas Gerais no ano de 1994. Concorreram, na época, os candidatos: Antônio Carlos Ramos Pereira, do Partido dos Trabalhadores – PT, cognominado Carlão; Cleuber Cunha Dalseco - PRONA, Eduardo Brandão de Azeredo, do Partido Social Democrático Brasileiro – PSDB, Ércio Quaresma Firpe, do Partido Social Democrata - PSD, Hebert Ribeiro Pessoa do Partido Social Cristão - PSC, Hélio Calixto da Costa, Costa do Partido Popular – PP, José de Alencar do PMDB; e Monico Gomes da Silva do Partido da Reconstrução Nacional – PRN.

O levantamento restringiu-se aos meses que antecederam o dia da eleição, em dois turnos – dia a dia - de agosto a novembro, nos três jornais de Pouso Alegre: Jornal do Estado, Sul das Gerais e Folha do Vale.

Tendo cada jornal a periodicidade semanal, cada dígito na coluna do mês corresponde ao número de vezes, por edição semanal, que o nome do candidato foi mencionado em títulos das matérias jornalísticas.

Optamos por relacionar na coluna à esquerda – candidatos, os nomes de todos os concorrentes, mesmo que não tivessem sido mencionados uma só vez.

As indicações das colunas de subtotal auxiliam na comparação do número de referências aos concorrentes para o mesmo jornal, enquanto que a última linha de total permite uma cotização quanto à quantidade de referências nominais aos candidatos, entre os jornais pesquisados.

O quadro, a seguir, contempla apenas as referências em título, dos três jornais selecionados de Pouso Alegre, aos candidatos ao cargo de governador do Estado.

QUADRO 1 – Levantamento de títulos com referência nominal de candidato a governador de Minas Gerais, em jornais de Pouso Alegre, durante campanha eleitoral de 1994

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Candidatos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Antonio Carlos	1+1				2											2
Cleuber Cunha																
Eduardo Azeredo		1			1			1	1+1	3			1+1		2	6
Ercio Quaresma																
Hebert Ribeiro																
Hélio Costa	1+1	1+1 1+3	1	1+1	11	1	1+1 2+1	1+1	1+1 +1	11			1+1		2	24
José Alencar						1	1+1			3						3
Monico Gomes																
Total					14					17					4	35

A partir das leituras dos dados do quadro é possível fazer algumas deduções :

a) As forças políticas da região parecem ter apoiado o concorrente Hélio Costa, o que fica, a princípio, demonstrado na incidência bem maior (24 menções) de referências nominais a este candidato. Eduardo Azeredo fica em segundo lugar com um número de citações nominais em títulos que corresponde à quarta parte do número alcançado por Hélio Costa.

b) O jornal Folha do Vale publica apenas 4 títulos com referência nominal aos candidatos. De modo equânime (duas vezes para Eduardo Azeredo e duas para Hélio Costa), o jornal de caráter confessional católico busca uma posição menos parcial na campanha eleitoral, evitando apoiar abertamente este ou aquele candidato. A citação reduzida do jornal também se explica no fato que, neste ano e poucos meses antes do período eleitoral a Igreja Católica de Pouso Alegre adquire o controle acionário total do Folha do Vale.

c) Apenas quatro dos oito candidatos são citados em títulos pelos três jornais, reduzindo em 50% as chances de esclarecimento para o leitor do interior poder conhecer os outros concorrentes, que lhes possibilitariam mais opções no dia da eleição.

Analisando a primeira categoria selecionada – referência direta ao nome do candidato -, nota-se certa preferência dos jornais por determinados candidatos e partidos ao governo de Minas. É possível constatar que o Jornal do Estado praticamente apoiou o candidato Hélio Costa, já que, de agosto a novembro, publicou 11 títulos e respectivas matérias, favorecendo sua campanha. Por outro lado, o candidato Eduardo Azeredo - PSDB, maior concorrente de Hélio Costa - PP na região, foi citado apenas uma vez; enquanto o candidato Carlão - PT, duas vezes. Neste mesmo período, o jornal não publicou nenhum título referindo-se diretamente ao nome do candidato do PMDB, José de Alencar, e nem se referiu aos outros quatro candidatos concorrentes.

Sobre o candidato Hélio Costa o Jornal do Estado registrou os seguintes títulos:

Costa lidera no Sul de Minas com 43% dos votos (12/8/94);

Hélio Costa defende mutirão para diminuir deficit habitacional (26/8/94);

Costa vence no primeiro turno (9/9/94);

Pesquisas confirmam vitória de Hélio Costa no primeiro turno (9/9/94);

Ibope confirma vitória de Hélio Costa (23/9/94);

Hélio Costa tem encontro com Itamar e recebe carta de Fernando Henrique (30 /9/94);

Hélio Costa, um trabalhador que não se cansa de lutar por Minas Gerais (30 /9/94);

Conheça as principais propostas de Hélio Costa (30/9/94);

Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB (4 /11/94);

Hélio Costa reafirma propostas para o desenvolvimento do Sul (11/11/94);

Hélio Costa – "Junto com o povo vamos mudar Minas Gerais" (11/11/94).

Dos onze títulos, cinco fazem alusão a pesquisas eleitorais. Dois títulos incluem, como argumento de autoridade, o nome da instituição Ibope de forma a legitimar a pesquisa e conduzir o leitor a aceitar a tendência de vitória do candidato a partir da força dos números da sondagem de opinião. Não há no texto da matéria informação sobre a metodologia da pesquisa, nem indicação da região onde foi realizada, fala-se genericamente da região ou do estado de Minas.

Os três títulos das matérias da edição do Jornal do Estado de 30 de setembro, uma etapa de preparação para o segundo turno da campanha eleitoral, não escondem a adesão do Jornal ao candidato do PPR. Os três títulos (*Hélio Costa tem encontro com Itamar e recebe carta de Fernando Henrique; Hélio Costa, um trabalhador que não se cansa de lutar por Minas Gerais; Conheça as principais propostas de Hélio Costa*) não disfarçam o tom publicitário, utilizando inclusive instrumentos próprios da linguagem publicitária como *slogan* e imperativo, não comuns em títulos jornalísticos, conforme as regras gerais dos manuais de redação, que aconselham objetividade, concisão, precisão, imparcialidade. Os três títulos, na seqüência, resumem, de certa forma, a procedência partidária, o perfil e o programa do candidato Hélio Costa a partir da utilização de três fatores: a estreita vinculação do candidato com o presidente (intimidade com o poder instituído sugerida pela carta recebida do Ministro da Fazenda Fernando Henrique, reforçando a tradição mineira de respeito ao governo instituído); o empenho do candidato como trabalhador incansável por Minas (título predicativo, aumentando a identificação emocional com o leitor/eleitor mineiro); e a apresentação de um candidato que tem propostas em contraste aos outros que fazem denúncia de problemas mas não apresentam soluções para os mesmos (o título vem com o imperativo *Conheça....*)

A edição do Jornal do Estado, confirmando o próprio nome do jornal, é um exemplo inconteste da subserviência da pequena empresa jornalística do interior aos ventos da campanha do candidato vitorioso, colocando o veículo impresso a serviço das idéias de um candidato, em detrimento da discussão dessas idéias ou mesmo, da divulgação das propostas de seus concorrentes, de modo a permitir aos eleitores, o confronto crítico - reflexivo dessas idéias e propostas.

Por outro lado, apenas dois títulos, na mesma edição de 19 de agosto, nomeiam o candidato do PT: *Carlão denuncia propostas da Frente no Sul de Minas* e *Carlão denuncia falha no SUS e vê saída para desenvolvimento.* É possível verificar que os dois títulos fazem referência à denúncia reforçando a pecha de que candidatos do PT, mesmo que se apresentem com uma visão crítica e coerente da situação problemática, raramente têm propostas concretas para solução.

A partir de uma análise semântica dos verbos transitivos diretos usados na confecção dos títulos, constata-se que o candidato Hélio Costa sempre tem, associada a sua imagem, ações positivas traduzidas pelos verbos: liderar (duas vezes), defender, vencer, reafirmar, etc. Já o candidato Carlão aparece duas vezes associado ao verbo denunciar, reafirmando pejorativamente o perfil crítico de candidato do PT.

No mesmo período que o jornal anterior, o *Sul das Geraes* também aponta sua preferência em relação ao candidato Hélio Costa PPR, com 13 títulos e textos publicados sobre ele, dois a mais que no Jornal do Estado para o mesmo candidato. Em relação a Eduardo Azeredo - PSDB, o jornal divulga apenas três títulos. E citando o nome de José de Alencar – PMDB, também três títulos. Este jornal também não se refere aos outros cinco candidatos da campanha, deixando de informar, assim como o Jornal do Estado, sobre outras candidaturas, que o leitor/eleitor poderia optar.

Os títulos foram os seguintes:

Alencar critica descalabro administrativo (19/8/94)

Hélio Costa defende agricultura e turismo no Sul de Minas (26/8/94)

Hélio Costa amplia vantagem sobre adversários (26/8/94)

Hélio Costa quer governar com apoio de prefeitos (9/9/94)

Hélio Costa quer mais empregos em Minas Gerais (16/9/94)

Hélio Costa "Temos que recolocar Minas no caminho do desenvolvimento" (23/9/94)

José de Alencar faz campanha na região (23/9/94)

Minas não terá segundo turno (30/9/94)

Hélio Costa disparado nas pesquisas com 54% de preferência popular, já teria vitória assegurada em 3 de outubro (linha fina)

Jair comenta liderança absoluta de Costa (30/9/94)

José de Alencar (30/9/94)

Hélio Costa quer atrair peemedebistas (14/10/94),

FHC não irá apoiar Eduardo Azeredo no 2° turno (14/10/94)

Hélio Costa será processado (28/10/94)

Jair afirma que denúncia contra Costa é política (4/11/94)

"Hélio Garcia é quem está sendo julgado", afirma Hélio Costa (4/11/94)

Hélio Costa realiza o maior comício da história de Pouso Alegre (11/11/94, citado duas vezes)

Vice de Eduardo Azeredo envolvido em lavagem de dinheiro (11/11/94, citado duas vezes)

Observa-se que, a maior parte destes títulos, além de se referirem ao nome de Hélio Costa foram completamente favoráveis ao candidato. Ao publicar os títulos sobre Hélio Costa, o Sul das Geraes utiliza vários verbos transitivos diretos, completando os sentidos das mensagens com a imagem do candidato ideal, que o jornal pretende passar para o leitor/eleitor, num tom sempre satisfatório. É possível perceber esta adesão do jornal ao candidato nos seguintes títulos: *Hélio Costa defende agricultura e turismo no Sul de Minas* (26/8/94); *Hélio Costa amplia vantagem sobre adversários* (26/8/94), estes dois na mesma edição; *Hélio Costa quer governar com apoio de prefeitos* (9/9/94); *Hélio Costa quer mais empregos em Minas Gerais* (16/9/94) e *Hélio Costa quer atrair peemedebistas* (14/10/94). O jornal mostra as ações do candidato com os verbos e complementos: *defende agricultura, amplia vantagem sobre adversários, quer mais empregos, quer governar com apoio* e *quer atrair peemedebistas.* Todos eles mostrando as propostas do candidato para agricultura, trabalho e um governo aliado aos prefeitos mineiros, a obtenção de adesões, além de mostrar sua vantagem em relação aos concorrentes. Apenas um deles, entre os 13 publicados com o nome de Costa, é desfavorável ao candidato: *Hélio Costa será processado* (28/10/94), que é refutado imediatamente, na edição seguinte, por outros dois títulos, em resposta à denúncias feitas em relação ao candidato: *Jair afirma que denúncia contra Costa é política* e; *"Hélio Garcia é quem está sendo julgado", afirma Hélio Costa.* Estes dois títulos, que defendem Hélio Costa, são publicados em um mesmo dia e demonstram apoio e adesão irrefutáveis, ao candidato preferido, não só do jornal, como

também do prefeito na época, Jair Siqueira. Além da resposta do próprio candidato Hélio Costa, que representa, ao mesmo tempo, um confronto e uma contra-denúncia, em relação ao então governador daquela época, Hélio Garcia, que apoiava outro candidato.

Os três títulos que referem-se ao nome do candidato Eduardo Azeredo são desfavoráveis. *FHC não irá apoiar Eduardo Azeredo no 2° turno; Vice de Eduardo Azeredo envolvido em lavagem de dinheiro* (duas vezes na edição de 11 de novembro de 94), a apenas três dias da eleição, mostrando a intenção do jornal, mais uma vez, em reafirmar sua opção pelo outro candidato, que foi referendado com os seguintes títulos neste mesmo dia : *Hélio Costa realiza o maior comício da história de Pouso Alegre* (duas vezes o mesmo título em páginas diferentes). Tudo isto confirma a preferência do Sul das Geraes que, entre os 13 títulos publicados com o nome de Costa encontrou-se apenas um com a conotação negativa. Dois destes títulos ainda representam o apoio de outras instâncias de poder ao candidato apoiado pelo Sul das Geraes. Por exemplo, Fernando Henrique Cardoso, já eleito presidente da República na época, e mostrando-se favorável ao candidato Hélio Costa e contra o candidato de seu próprio partido, Eduardo Azeredo, e o prefeito da cidade, Jair Siqueira, defendendo Costa de uma suspeita de envolvimento em corrupção. Uma tendência bastante peculiar de dependência deste jornal aos poderes constituídos e à necessidade de se mostrar coerente com os poderes que ocupam os governos, tanto no município como no país. Esta dependência demonstra também as ligações oligárquicas deste jornal com os governos municipal e federal, principalmente neste título: *Hélio Costa quer governar com apoio de prefeitos.* Uma aliança típica dos governos da oligarquia.

E ainda tem o título: *Hélio Costa disparado nas pesquisas com 54% de preferência popular, já teria vitória assegurada em 3 de outubro,* resultante de uma provável pesquisa que é publicada a poucos dias do primeiro turno, sem nenhuma preocupação em esclarecer como foi feita, nem onde e a linha fina que o completa: *Jair comenta liderança absoluta de Costa* (30/9/94), que reforçam o que se pode considerar como um consenso entre prefeito, jornal e candidato.

Sobre o candidato do PMDB, José de Alencar, também citado pelo Sul das Geraes, o jornal mostra a intenção crítica do concorrente neste título: *Alencar critica descalabro administrativo* (19/8/94), e o óbvio em um outro: *José de Alencar faz campanha na região*

(23/9/94) e no terceiro praticamente não mostra nada mais além de seu nome: *José de Alencar* (30/9/94). O tratamento diferenciado dado a este candidato, em relação a Hélio Costa, por exemplo, é notório. Apenas o primeiro apresenta um conteúdo mais importante ao registrar uma denúncia elaborada pelo candidato.

Quanto ao Jornal *Folha do Vale,* deve-se levar em conta que, no ano de 1994, o jornal muda de proprietário, sendo vendido aos dirigentes da Igreja Católica de Pouso Alegre, voltando a circular, portanto, a partir do dia 13 de outubro de 1994, com a edição nº 1, o que lhe dá uma diferença de dois meses na análise, durante este período, em relação aos outros jornais pousoalegrenses. Mesmo assim, o Folha do Vale aponta empate nesta primeira categoria (títulos com referência nominal de candidato a governador de Minas Gerais, durante campanha eleitoral de 1994). O jornal demonstrou que os candidatos Hélio Costa do PPR e Eduardo Azeredo do PSDB tiveram o mesmo número de títulos publicados, com duas menções ao nome de cada um, no mês de outubro. Os outros seis candidatos não foram referidos em nenhum título. De certa forma o Folha do Vale repetiu a omissão dos outros jornais em relação aos demais concorrentes. Os títulos foram:
Hélio Costa e Eduardo Azeredo se enfrentam no segundo turno (13/10/94)
Hélio Costa é acusado de falsidade ideológica (27/10/94)
Trajetória do Tucano Eduardo Azeredo (10/11/94).

Pode-se notar que um dos dois títulos publicados sobre Hélio Costa aponta para um fato negativo a sua eleição, uma denúncia contra ele, e os que saem sobre Azeredo em nada prejudicam sua disputa política. Isso poderia indicar uma possível preferência do jornal pelo tucano. Mas neste caso fica difícil afirmar isto, devido ao pouco tempo de publicação do jornal no período. De qualquer forma, o Folha do Vale demonstra que para um proprietário recente de uma empresa jornalística de uma cidade do interior de Minas Gerais, ligado à Igreja Católica, ainda estaria em um período bastante inicial de desenvolvimento, não desejando portanto, se chocar com os poderes políticos constituídos, preferindo não se expor.

O candidato do PT, ao governo de Minas, em 94, era Carlão e este aparece em apenas dois títulos e matérias, do Jornal do Estado, no mês de agosto. Através deste resultado fica clara a preferência dos jornais de Pouso Alegre por candidatos a governador pertencentes aos quadros de partidos da direita brasileira.

Foram publicados ao todo 35 títulos citando nomes de candidatos a governador de Minas em 1994, nos três jornais analisados. Destes, 24 títulos ou 68,57% se referiram à Hélio Costa, Azeredo foi citado em 6 títulos, ficando com 17,14% do total , Carlão foi citado em 2 títulos obteve 5,51%, e José de Alencar foi citado 3 vezes ficou com 8,57%. Por estas porcentagens é possível afirmar que Hélio Costa foi, sem dúvida, o candidato a governador mais apoiado pelos jornais pousoalegrenses, mas apesar disto, Azeredo ganhou as eleições para governador naquele ano. Só que, não se pode deixar de lembrar que, em Pouso Alegre e Região o candidato Hélio Costa foi o mais votado.

A segunda categoria selecionada para análise de título procurou identificar a presença nominal (referência direta ao nome do candidato) nos títulos das matérias jornalísticas da campanha eleitoral, para deputados estaduais. Não é possível enumerar todos os candidatos daquele ano, já que foram milhares em todo o estado, e apenas a listagem dos eleitos corresponde a quatro laudas preenchidas com nomes de diversos concorrentes, aos vários cargos políticos. Mas, os candidatos que aparecem nos jornais de Pouso Alegre são: Simão Pedro Toledo – PTB, Olavo Bilac Pinto Neto – PFL e Homero Duarte – da coligação PSN/PSD.

QUADRO 2 – Levantamento de títulos com referência nominal aos candidatos a deputado estadual de Minas Gerais durante campanha eleitoral de 1994

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Candidatos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Simão Pedro		1			1		1+1 +1 +1 +1			5						6
Olavo Bilac							1+1 +1 +1			4						4
Homero Duarte							1+1			2						2
Total					1					11					0	12

Com referência às candidaturas a deputado estadual em 1994, podemos fazer as seguintes constatações iniciais, a partir de leituras dos dados deste quadro:

a) O candidato Simão Pedro Toledo – PTB, que é de Pouso Alegre, é também o único candidato que aparece em 6 títulos publicados em dois jornais da cidade, Jornal do Estado (em um) e Sul das Geraes (em cinco).

b) O candidato Olavo Bilac Pinto Neto – PFL, embora morador da cidade vizinha de Pouso Alegre - Santa Rita do Sapucaí -, é o segundo nome mais divulgado em títulos de matérias do jornal Sul das Geraes.

c) Um outro candidato, que mantém residência em Pouso Alegre - Homero Duarte, aparece em dois títulos do Sul das Geraes.

d) O Jornal Folha do Vale não publica títulos com nomes de candidatos a deputado estadual, o que confirma a tendência do veículo, de não querer mostrar-se favorável a um ou outro candidato, talvez pelos mesmos motivos já comentados anteriormente durante a análise do quadro 1.

e) Nenhum outro candidato a deputado estadual mereceu divulgação através dos jornais pouso-alegrenses, durante todo o período pré- eleitoral analisado, do ano de 1994, demonstrando a clara intenção dos jornais de interior, em divulgar para o leitor/eleitor apenas uma parcela mínima de opções de candidatos, nesta categoria, para eleger.

f) O jornal Sul das Geraes foi o que mais divulgou títulos e respectivas matérias de candidatos a deputado estadual, da cidade e região, num total de 11, durante os quatro meses pré-eleitorais pesquisados. É importante destacar que todos os títulos do Sul das Geraes, desta categoria, foram publicados no mês de setembro.

Foram os seguintes:

Olavo Bilac Pinto, o dom de trabalhar pelo Sul de Minas (9/9/94)

Olavo Bilac, o dom, de trabalhar pelo Sul de Minas (16/9/94)

Homero Duarte: um mandato à serviço de Pouso Alegre e região (16/9/94)

Você conhece você confia

Este é nosso! Simão Pedro (16/9/94)

Simão libera recursos para a Santa Casa (16/9/94)

Emocionado, Olavo Bilac diz muito obrigado (23/9/94)

Aliança completa 7° aniversário com homenagens ao deputado Homero Duarte (23/9/94)

Líderes da política regional confirmam apoio a Simão (23/9/94)

Lideranças de Pouso Alegre confirmam seu apoio a Simão Pedro (23/9/94)

Olavo Bilac Pinto quer um mandato junto ao povo (em 30/9/94)

Simão Pedro defende municipalismo (em 30/9/94)

O jornal Sul das Geraes demonstrou uma tendência maior para dois candidatos: Simão Pedro Toledo, que obteve 6 títulos referindo-se ao seu nome, e Olavo Bilac que vem em segundo com 4 títulos. Uma linguagem publicitária de slogan, apelativa e emocional prevalece na maioria dos títulos publicados por este jornal. Observa-se estas características nos seguintes títulos: *Olavo Bilac Pinto, o dom de trabalhar pelo Sul de Minas* (publicado duas vezes da mesma forma em edições seguidas), reforçando o slogan de um homem trabalhador, portanto honesto; *Você conhece você confia,* e no mesmo texto vem logo

abaixo, *Este é nosso! Simão Pedro,* neste, além do slogan da primeira parte, com as formas verbais, - *conhece e confia* –, que vêm no imperativo e exprimem conselho, aparece ainda a complementação apelativa - *Este é nosso!* -, utilizando o ponto de exclamação e indicando que o referido candidato é da terra, merecendo ser eleito por seus conterrâneos, pela ligação de aproximação que pode indicar laços fraternos e a facilidade de poder cobrar serviços para o município e favores também, próprios da Oligarquia mineira, praticamente confirmados nestes apoios recebidos pelo candidato, através de dois outros títulos bastante parecidos, publicados em uma única edição de 23/9/94, em páginas diferentes: *Líderes da política regional confirmam apoio a Simão* e *Lideranças de Pouso Alegre confirmam seu apoio a Simão Pedro.*

Em outro título sobre Bilac Pinto, o Sul das Geraes continua a mostrar que o candidato é alguém que, além de trabalhador é sensível, educado e agradecido pela adesão que recebe: *Emocionado, Olavo Bilac diz muito obrigado.* Ao utilizar o adjunto adverbial, o jornal pretende impressionar o leitor/eleitor.

Já o título em linguagem publicitária de slogan: *Homero Duarte: um mandato à serviço de Pouso Alegre e região*, se referindo ao candidato menos citado pelo jornal, demonstra a intenção de passar a imagem de alguém que, embora não seja natural de Pouso Alegre, já estaria prestando serviços para cidade e região, através de um mandato anterior, e portanto, mereceria confiança do eleitor no sentido de uma reeleição. Também em relação a esse mesmo candidato o Sul das Geraes publica: *Aliança completa 7º aniversário com homenagens ao deputado Homero Duarte* - , o título faz uma apologia ao trabalho assistencialista de Homero Duarte, que segundo um dos trechos dos textos sobre este assunto, que ocupa página inteira, todos ligados à este título, o candidato Homero Duarte seria o "principal benfeitor" (página 5 de 23/9/94), da entidade beneficente, Aliança Nacional da Juventude, "comandada" (termo utilizado pelo jornal na mesma edição) , há alguns anos, pelo vereador, dentista e colunista social deste mesmo jornal (naquela época), Marcos Campanella. Quem observa o título reconhece nele a ligação estreita entre instituições do interior e políticos. E é isso mesmo que ocorre com a maioria das entidades assistencialistas, cujas subvenções obtidas para a manutenção são provenientes de convênios firmados entre estado, representantes do legislativo e instituição. Um exemplo a

ser considerado que liga o colunista social e portanto o jornal em que atua, aos representantes do legislativo e ao governo estadual. Mais um típico exemplo de oligarquia.

O Folha do Vale não faz qualquer referência, em títulos e matérias, sobre estes candidatos, nem mesmo aos da cidade como já comentado acima. E o Jornal do Estado demonstrou sua preferência pelo candidato Simão Pedro Toledo do PTB, de família tradicional da cidade, já foi prefeito de Pouso Alegre por duas vezes, chegando a ocupar o cargo de presidente do Tribunal de Contas do Estado.

Com o título *Mosconi e Simão Pedro inauguram central em Pouso Alegre* (16/9/94), o Jornal do Estado restringe a opção do leitor/eleitor ao cargo de deputado estadual, demonstrando não apoiar outro que não seja o do município, já que o candidato nomeado é o que tem ligação mais próxima com o veículo de informação. O verbo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo - *inaugurar* -, mostra que os candidatos já estariam realizando algo em favor do município antes mesmo da eleição.

Dos 11 títulos em que aparecem nomes de candidatos a deputado estadual nos três jornais, 54,54% foram para o candidato Simão Pedro Toledo, 36,36% para candidato Olavo Bilac Pinto e 18,18% para o candidato Homero Duarte. Todos os títulos são favoráveis aos candidatos. Simão Pedro obteve o maior número de citações nos jornais estudados e foi eleito. Assim como também o segundo nome que mais aparece nos títulos, Olavo Bilac, também foi eleito. Já o terceiro colocado, Homero Duarte, parece não ter conseguido se eleger. O nome dele não foi localizado na listagem de eleitos do Estado de Minas Gerais, do ano de 1994, lista esta proveniente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), obtida através de autorização escrita do juiz eleitoral, Antônio Krepp Filho, a pedido de documentação por esta pesquisadora, no Fórum Municipal (escritório da Comarca de Pouso Alegre).

Como terceira categoria selecionada para análise de títulos, o estudo procurou identificar a referência direta a nomes de candidatos a deputado federal do Estado de Minas Gerais, nos títulos das matérias jornalísticas, durante a campanha eleitoral do ano de 1994. Pelo pequeno número de candidatos que aparecem nos jornais pesquisados, percebe-se que foi mínima a ocorrência, em relação à quantidade de concorrentes para este cargo político.

Optou-se por não apresentar uma listagem completa de concorrentes, já que, através de uma pesquisa à lista do Tribunal Superior Eleitoral, obtida por meio do Tribunal

Regional Eleitoral, o único levantamento possível foi a de candidatos que foram eleitos em todo o estado. Esta lista completa de nomes, no entanto, não teria tanto significado para a pesquisa, já que, o importante é a análise de conteúdo dos títulos publicados nos jornais estudados.

Concorreram e aparecem em títulos dos três jornais de Pouso Alegre, os seguintes nomes: Carlos Eduardo Venturelli Mosconi, do Partido Social Democrático Brasileiro – PSDB; Jair Siqueira, do Partido da Frente Liberal – PFL; Sérgio Augusto Naya, do Partido Popular – PP; e Tilden José Santiago, do Partido dos Trabalhadores – PT.

QUADRO 3 – Levantamento de títulos com referência nominal aos candidatos a deputado federal de Minas Gerais durante campanha eleitoral de 1994.

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Candidatos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Carlos Mosconi		1+1			2											2
Jair Siqueira	2		1		3	2+1	2+1 +2	1+1		10						13
Sérgio Naya		1			1			1		1						2
Tilden Santiago	1				1											1
Total					7					11					0	18

Constata-se a partir de leituras dos dados do quadro que:

a) O candidato de maior incidência de referências nominais é Jair Siqueira, talvez porque fosse o único candidato a deputado federal de Pouso Alegre, que já havia cumprido o cargo de prefeito da cidade, encerrando sua primeira administração em 1992.

b) O Sul das Geraes foi o jornal que mais publicou títulos com referência nominal de candidatos, sendo que oito deles se referem ao candidato da cidade, Jair Siqueira, e apenas um se refere a Sérgio Naya, o que aponta uma possível preferência.

c) O Jornal do Estado manteve uma média em citação nominal de candidatos a deputado federal e foi o único a se referir a um candidato de esquerda; Tilden Santiago do PT.

d) O Jornal Folha do Vale não fez referência nominal a qualquer candidato à Câmara Federal. Mostrou mais uma vez uma postura afastada da realidade, de não envolvimento, explicada, talvez, pelos mesmos motivos anteriormente referidos.

e) Nenhum outro candidato a deputado federal pelo Estado de Minas Gerais foi citado em títulos desses três jornais, apontando também uma seleção bastante restrita a políticos locais, regionais ou que tivessem ligação com a política local.

O Jornal do Estado publicou os seguintes títulos sobre os candidatos:

Tilden pretende redefinir sua atuação pela ética parlamentar (2/9/94)

Mosconi e Simão Pedro inauguram central em Pouso Alegre (16/9/94)

Jair descarta complô do prefeito (16/9/94)

Siqueira não crê em armação política contra sua candidatura (16/9/94)

Dissidência do PSDB confirma apoio a Sérgio Naya para Federal (23/9/94)

Cresce a preferência por Mosconi no Sul de Minas (30/9/94)

Jair Siqueira é federal (7/10/94)

Nota-se que o Jornal do Estado se manifesta mais favorável ao candidato a deputado federal Carlos Mosconi. Não porque tivessem sido encontrados mais títulos a seu favor neste jornal, o candidato da cidade Jair Siqueira aparece mais vezes, mas o significado e a formulação da mensagem dos títulos destinados ao nome de Mosconi têm mais atrativos de convencimento para o público, favoráveis ao candidato.

Observam-se os dois títulos com o nome de Mosconi: *Mosconi e Simão Pedro inauguram central em Pouso Alegre* e *Cresce a preferência por Mosconi no Sul de Minas.* O jornal utiliza dois verbos transitivos diretos que apresentam uma conotação bastante positiva para o candidato, no primeiro título o verbo *inaugurar,* como já mencionado acima, significa que o candidato já faz algo para o leitor/eleitor, antes mesmo de ser eleito; e depois o segundo verbo *crescer*, no outro título, dá força à expressão: *a preferência por*

Mosconi, sujeito da oração, dando idéia de que o candidato está em plena ascensão. Também serve de reforço para a afirmativa do jornal, justificando que ele é preferido por um número de eleitores, e por isso estaria aumentando suas adesões. Como o cargo disputado pelo candidato é federal, e o jornal circula por vários municípios próximos, e além disto, o candidato referido é de Poços de Caldas, cidade próxima a Pouso Alegre, o jornal ainda estendeu o título para o Sul de Minas, para dar ampliação à mensagem, mostrando que em toda região crescia a preferência por Carlos Mosconi.

Dois dos títulos que referem-se ao nome de Jair Siqueira, - *Jair descarta complô do prefeito* e - *Siqueira não crê em armação política contra sua candidatura,* mostram uma situação dúbia de rejeição política em relação ao candidato, principalmente no primeiro título, quando se levanta a hipótese de que Jair Siqueira estaria descartando um possível complô contra ele, armado pelo prefeito da época. Este primeiro título estaria reforçado pela mensagem do segundo título, que foi publicado no mesmo dia, em páginas diferentes, em que o mesmo candidato estaria desacreditando em armação política contra sua candidatura. Apesar de ter ligação um com outro, e tratar-se do mesmo assunto, isso não fica claro nos títulos e parecem haver duas armações contra o candidato, uma partindo do prefeito e outra partindo de outra pessoa, ou de uma representação não nomeada.

Tanto os verbos utilizados, *descartar* e a negativa *não crer*, são verbos que trazem um significado bastante prejudicial. O fato de um candidato estar descartando e não acreditando, ou crescendo na campanha, ou inaugurando uma obra, como nos títulos que citam o nome do candidato Carlos Mosconi, já sugerem uma grande diferença. Além disso o jornal constrói o título com termos como o substantivo, - *complô*, e a expressão substantivada , - *armação política* , que sugerem ao leitor um envolvimento do candidato em situações obscuras, embaraçosas e opostas à sua candidatura. O fato de não deixar claro o desagravo do prefeito à candidatura de um único concorrente à Câmara Federal da cidade e de uma armação política contra ele, cria um clima insatisfatório para Siqueira em relação à sua pretensão de representante local na Câmara de Deputados.

O único título favorável ao nome de Jair Siqueira, neste jornal, foi o que saiu após sua eleição, em 7 de outubro de 1994 : *Jair Siqueira é federal.* Este título demonstra o quanto o jornal adere à circunstância, preocupando-se em agradar quem está no poder. Nenhum título publicado durante a campanha favoreceu a este candidato, no entanto

apenas um, publicado para o ex- deputado Sérgio Naya, foi favorável a ele: *Dissidência do PSDB confirma apoio a Sérgio Naya para Federal.* Passada a campanha, o único candidato a ter seu nome revelado no Jornal do Estado, após ser eleito, foi Siqueira.

Deve-se lembrar que, o editor do Jornal do Estado, em entrevista a esta pesquisa, revelou sobre a amizade do proprietário do jornal com o prefeito daquele ano, 1994, João Batista Rosa. Sabe-se também que este prefeito mantinha constantes contatos com Sérgio Naya em inaugurações e outras situações deste tipo. Este esteve no município, a convite do ex- prefeito várias vezes. E ainda é possível perceber nos títulos que João Rosa sempre fez política de oposição a Jair Siqueira. Portanto, não se pode descartar as relações políticas oligárquicas antecedentes que, de certa forma, contribuem para explicar as publicações. Em um momento o jornal publica títulos que contribuem negativamente para o candidato e em outro mostra-se afável e simpático ao candidato eleito.

Quanto ao título sobre o candidato de esquerda, *Tilden pretende redefinir sua atuação pela ética parlamentar*, o Jornal do Estado utiliza a locução verbal *pretende redefinir*, sugerindo a idéia de que o candidato em plena campanha ainda não teria uma definição de seu projeto, e estaria ainda pretendendo ter uma proposta de trabalho. O fato de usar o verbo *pretender* no presente do indicativo não invalida a idéia de que a ação desse candidato é para o futuro, pois o próprio sentido do verbo auxiliar *redefinir*, leva o leitor/eleitor a pensar que esse candidato de esquerda ainda não têm um projeto de atuação na Câmara bem definido, pois pretende alterá-lo, e portanto, não mereceria o voto do eleitor. Enquanto isso, os outros dois candidatos Carlos Mosconi, – PSDB, e Sérgio Naya, - PP, aparecem em títulos inaugurando obras e recebendo adesões, referências nominais bem mais favoráveis do que a do candidato petista.

Já o Sul das Gerais publicou os seguintes títulos neste período:

Vereador afirma que Jair pagou obra inexistente (5/8/94)

Vereador anuncia obra fantasma de 303 milhões - linha fina – *Ex- prefeito Jair Siqueira contratou e pagou empreiteira e não realizou o serviço* (5/8/94)

Jair Siqueira, em matéria paga, contesta a reportagem do Sul das Geraes (12/8/94)

Vereador denuncia armação contra Jair Siqueira (9/9/94)

Verador denuncia: Praça é manobra política de João Rosa para prejudicar Jair Siqueira (9/9/94)

Jair Siqueira – Candidato quer fim das Oligarquias na Câmara dos deputados (23/9/94)

Jair Siqueira quer acabar com o corporativismo na Câmara Federal (23/9/94)

Jair comenta liderança absoluta de Costa (30/9/94)

Jair eleito deputado federal - linha fina – *Candidato consegue vitória esmagadora em todo o Sul de Minas* (7/10/94)

Votação de Sérgio Naya reflete liderança de João Rosa (7/10/94)

Jair afirma que denúncia contra Costa é política (21/10/94).

Apesar de ser o jornal que mais títulos pesquisou nesta categoria, entre os três analisados, o Sul das Geraes também, como o Jornal do Estado, publicou 10 títulos citando o nome do candidato Jair Siqueira e apenas um título com referência ao nome de Sérgio Naya. Nenhum outro candidato a deputado federal foi citado por este jornal neste período pré-eleitoral.

Entre os 10 títulos que citam o nome de Jair Siqueira, apenas dois falam das propostas do candidato e parecem ser matérias pagas, sem no entanto transparecer. Não traz os fios contornando a notícia e identificando-a como informe publicitário, o que caracterizaria a mensagem como publicidade. Os outros são títulos de matérias contestatórias contra denúncias: duas de denúncias, duas do candidato em defesa de Hélio Costa, e uma anunciando sua vitória para o cargo de deputado federal.

Mesmo assim podemos perceber que o jornal não foi nada favorável ao candidato Jair Siqueira. Os dois títulos do dia 5 de agosto de 1994 tratam de denúncias contra Siqueira: *Vereador afirma que Jair pagou obra inexistente* e *Vereador anuncia obra fantasma de 303 milhões* - linha fina – *Ex- prefeito Jair Siqueira contratou e pagou empreiteira e não realizou o serviço*. O Sul das Geraes usa o verbo transitivo direto *afirmar*, no primeiro título que denuncia o candidato, impossibilitando qualquer dúvida para o leitor/eleitor de que Siqueira estaria comprometido com o desvio do dinheiro público. O segundo título utiliza o verbo *anunciar*, que já traz o significado de trazer a público, revelar para o público algo bastante importante. Porém, o nome de quem denunciou não está identificado diretamente no título, como no caso do acusado. Mas, todos os indícios de que o crime fora cometido foram explicitados nos dois títulos publicados em uma mesma edição. É possível identificar as tradicionais perguntas que o

lead deve responder sobre o fato, apenas observando as mensagens dos títulos. Teríamos então as seguintes respostas: Jair teria pago obra inexistente quando foi prefeito da cidade (O quê?), Jair teria gasto 303 milhões com uma obra fantasma (Como?), O ex- prefeito Jair Siqueira teria aplicado este dinheiro em uma obra da cidade (Onde?), e ao utilizar as expressões, *obra inexistente* e *obra fantasma,* o jornal aponta para um possível desvio de dinheiro público, ocorrido durante a administração de Siqueira , que poderia responder ao Por quê?. Teríamos também o quando, implícito na linha fina do segundo título, no fato da mensagem se referir ao ex- prefeito, ou seja, no tempo em que Jair foi prefeito, o fato teria ocorrido.

Desta forma quase tudo foi revelado, de mais importante, nos títulos que denunciam o candidato, menos uma informação deixou de ser publicada nos dois títulos, o nome do autor da denúncia.

Além disto, quando se observa o segundo verbo do primeiro título *pagar*, que vem no passado, pode-se ver que o candidato Siqueira já teria gasto inadequadamente o dinheiro público e portanto, no futuro, não mereceria o voto do leitor /eleitor.

Logo depois, nas semanas posteriores, o jornal Sul das Geraes publicaria títulos que iriam contestar as denúncias feitas contra o candidato Jair Siqueira. Foram três com este objetivo: *Jair Siqueira, em matéria paga, contesta a reportagem do Sul das Geraes* (12/8/94), *Vereador denuncia armação contra Jair Siqueira* (9/9/94) e *Vereador denuncia: Praça é manobra política de João Rosa para prejudicar Jair Siqueira* (9/9/94). O primeiro título já confirma que o jornal não dera espaço gratuito para o acusado se defender, como ocorre em caso de crimes de calúnia, injúria e difamação, ou seja, em ocorrências de notícias difamatórias contra alguém, não comprovadas. Ao utilizar a expressão substantivada: *matéria paga*, o jornal deixa claro que o candidato teve que pagar pelo espaço jornalístico, para contestar uma matéria veiculada no jornal que o envolvia em desvio de dinheiro público. O jornal quis mostrar com isso que não teria mentido ao publicar denúncias graves contra o candidato e que Siqueira, teria pago ao veículo um espaço para poder refutar acusações tão sérias.

Será que não teria sido mais ético por parte do jornal se ele tivesse escutado o candidato antes de publicar a mensagem que traz a acusação do vereador? As respostas e contestações à denúncia só aparecem nas semanas seguintes. O verbo transitivo *contestar*,

que aparece no título, é expressivo, ainda mais que a ação de contestar se refere a uma matéria publicada pelo próprio jornal que será contestado. No entanto, a carga semântica do verbo é, de certa forma, aliviada pela expressão (*matéria paga*), tirando a força que teria o título sem esta expressão.

Os outros dois títulos pretendem defender Jair Siqueira de uma possível armação contra sua candidatura, talvez articulada pelo prefeito da época, João Batista Rosa. No primeiro, *Vereador denuncia armação contra Jair Siqueira*, apesar do jornal usar o verbo *denunciar*, no presente do indicativo, que desperta uma grande curiosidade no leitor, deixa dúvida quanto a autoria da armação, a informação só é completada por outro título, que explica a denúncia em uma mensagem sobre uma manobra política envolvendo uma praça: *Praça é manobra política de João Rosa para prejudicar Jair Siqueira.*

Este segundo título deixa o leitor em dúvida se esta denúncia, que também é feita por um vereador, não se sabe qual deles, seria mesmo tão séria. Quando se compara com as mensagens transmitidas nos títulos de denúncia contra o candidato Jair Siqueira: denunciar obra inexistente, anunciar obra fantasma, e pagar empreiteira que não concluiu serviço, percebe-se que estas são bem mais graves do que as utilizados nos títulos que tentam defender o candidato, denunciando que uma praça estaria sendo utilizada como manobra política do prefeito para prejudicar candidato.

Dois títulos são positivos para o candidato Jair Siqueira no Sul das Geraes: *Jair Siqueira – Candidato quer fim das Oligarquias na Câmara dos Deputados* e *Jair Siqueira quer acabar com o corporativismo na Câmara Federal,* ambos publicados em 23/9/94, e expõem as propostas do candidato. O título utiliza o verbo querer, no presente do indicativo composto, dando o mesmo sentido nos dois casos, o de querer acabar com políticas de favorecimentos a determinados grupos, na Câmara dos Deputados. O verbo querer exprime desejo, vontade de conseguir algo e não ter conseguido, ou já ter feito algo. São propostas que poderão acontecer ou não. O fato do teor dos títulos ser favorável ao candidato leva o leitor a crer em matéria encomendada. Colabora com essa impressão a construção dos títulos com a mesma a estrutura frasal e poucas alterações de alguns termos.

Basta observar o título do dia 7 de outubro de 1994, quando o candidato Jair Siqueira é eleito deputado federal, para perceber o quanto a postura do jornal Sul das Geraes parece ter mudado em relação às acusações anteriores: *Jair eleito deputado federal -*

linha fina – *Candidato consegue vitória esmagadora em todo o Sul de Minas*. Divulgar que o deputado foi eleito é notícia provável, mas não da forma como faz o jornal, depois de praticamente ter acusado o candidato de corrupção, por suspeita de desvio de dinheiro público, demonstra uma virada oportunista nos moldes do fisiologismo que caracteriza a postura de jornais do interior.

Percebe-se que faltou o verbo predicativo *ser*, no presente do indicativo, acompanhado pelo complemento *eleito*, estado em que o candidato se encontrava, no momento em que ocorreu o fato. Desta forma o título ganharia mais ação, que tornaria mais completo em seu significado. A linha fina representa a situação bastante clara sem deixar qualquer dúvida. O jornal no texto da linha fina utiliza um termo que parece ser exagero de linguagem, o adjetivo *esmagadora*. Só que, o título, anterior à linha fina, sem o verbo, esfriou a notícia. Por isso, ao divulgar esse fato o jornal parece ter publicado com certa dose de resistência.

Percebe-se a tendência de lealdade do Sul das Geraes ao ex- prefeito João Rosa, no título, *Votação de Sérgio Naya reflete liderança de João Rosa*, publicado no mesmo dia que os que se referem a vitória de Siqueira. É um título que não se preocupa com o fato de o candidato citado ter sido também eleito, mas é suficiente para apontar a intenção do jornal durante todo o processo eleitoral e ao encerrar a fase com a mesma tendência, ou seja, a de apoiar o ex- prefeito João Rosa, que também seria muito amigo do proprietário do jornal e já teria usufruído de vários favores seus, conforme revelou o editor do Sul das Geraes a esta pesquisa. Além disso, Naya era amigo de João Rosa fato já comentado por esta pesquisa.

Do total de 18 nomes que aparecem em títulos publicados com nomes de candidatos a deputado federal, nos veículos de informação estudados, 13 citavam Jair Siqueira, o que correspondeu a 72,22% das publicações de títulos, nesta categoria. O referido candidato foi eleito e obteve uma votação de 50% dos votos da cidade, naquela época. Os candidatos Carlos Mosconi de Poços de Caldas e Sérgio Naya ficaram em segundo com 11,11% dos títulos para cada um. E Tilden Santiago obteve 5,55% de
títulos publicados citando seu nome.

Como quarta categoria a pesquisa procurou identificar a presença nominal de candidatos a senador nos títulos das matérias jornalísticas dos três jornais de Pouso Alegre

durante a campanha eleitoral de 1994. Concorreram os seguintes candidatos: Aluísio Pimenta, do Partido Liberal, – PL; Arlindo Porto Neto, do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB; Carlos Roberto Duarte Medina – PMN; Deyfus Bueno Rabelo – PRP; Edwaldo Sérgio dos Anjos – PCD; Francelino Pereira dos Santos, do Partido da Frente Liberal - PFL; Helvécio Tavares de Carvalho - PSC; Maria do Socorro Jô Moraes Vieira, do Partido Comunista do Brasil - PC do B; Sérgio Mário Ferrara, do Partido Democrático do trabalhador - PDT; Walter Paulo de Almeida - PRONA; Virgílio Guimarães de Paula, do Partido dos Trabalhadores - PT.

QUADRO 4 – Levantamento de títulos com referência nominal aos candidatos a senador de Minas Gerais durante campanha eleitoral de 1994 em jornais de Pouso Alegre.

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Candidatos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Arlindo Porto	2	1			3	1				1						4
Francelino Pereira	2	1+1 +1			5		1			1						6
Virgílio Guimarães	1				1											1
Sérgio Ferrara																
Aluísio Pimenta					9					2						11
Raimundo Delgado																
Jo Moraes																
Edwaldo dos Anjos																
Carlos Medina																
Helvécio de Carvalho																
Dreyfus Rabelo																
Walter de Almeida																
Total					18					4						22

Constata-se através de leitura dos dados do quadro que:

a) O Jornal do Estado foi o que mais publicou títulos desta categoria, tendo citado o nome de três candidatos ao senado. Francelino Pereira obteve maior número de referências, citado em cinco títulos, dos oito que este jornal publicou. Arlindo Porto teve o nome citado em três títulos e Virgílio Guimarães em um.

b) O Jornal Sul das Geraes fez apenas uma referência nominal ao nome de Francelino e outra ao candidato Arlindo Porto, distribuindo seus títulos para senador de forma idêntica.

c) As citações nominais para os dois primeiros candidatos relacionados no quadro são quase em mesmo número. Enquanto Francelino obtém seis citações no total, Porto fica com quatro.

d) O jornal Folha do Vale, mais uma vez, não faz qualquer referência nominal nesta categoria.

e) Nenhum outro candidato, dos doze concorrentes que participaram das eleições de 1994, foi citado em jornais de Pouso Alegre, a não ser os três primeiros da planilha, os mais votados em todo o estado.

Vejamos os títulos do Jornal do Estado:

Candidatura de Arlindo Porto para o senado tem apoio do PMDB (2 vezes em 5/8/94)

Virgílio quer projeto econômico para o Sul de Minas (19/8/94)

Francelino : desnutrição infantil é um massacre (19/8/94)

Francelino denuncia situação das crianças mineiras (19/8/94)

Francelino mostra déficit habitacional do Estado (2/9/94)

Francelino também lidera (9/9/94)

Francelino assume liderança na preferência pelo Senado (16/9/94)

Arlindo Porto é o melhor nome para o Senado em Minas (30/9/94)

Pode-se perceber que todos os títulos veiculados com nomes de candidato a senador no Jornal do Estado foram favoráveis aos candidatos. Francelino leva a vantagem por ter mais títulos e matérias publicadas com seu nome, mas em particular, o último título publicado sobre Arlindo Porto, parece mais uma indicação de candidato ao senado pelo veículo de informação, em tom de publicidade. Nota-se uma segurança do jornal ao afirmar: - *Arlindo Porto é o melhor nome para o Senado em Minas*. Ao utilizar o verbo ser

no presente do indicativo acompanhado pelo adjetivo melhor, o jornal não deixa dúvidas sobre uma opção certa de candidato ao senado. A tendência do jornal, porém, se torna duvidosa quando se compara os dois últimos títulos, com os nomes de Arlindo Porto e de Francelino Pereira: - *Francelino assume liderança na preferência pelo Senado*, e logo em seguida, - *Arlindo Porto é o melhor nome para o Senado em Minas,*

O Jornal do Estado parece desejar apoiar tanto Pereira quanto Porto. No entanto, o segundo é muito mais uma afirmativa convicta do melhor candidato ao senado, do que o primeiro, dirigido para Francelino. Enquanto o primeiro, referindo-se a Francelino, tem uma aparência de resultado de uma pesquisa, o outro é uma afirmativa assumida pelo jornal. É necessário expor que, os primeiros títulos publicados com nomes de senador por este jornal foram para Arlindo Porto do PTB: *Candidatura de Arlindo Porto para o senado tem apoio do PMDB*, título publicado duas vezes no dia 5 de agosto de 1994. Estes já são bastante favoráveis ao candidato mostrando apoio de um outro partido, o PMDB, que não é o dele.

Por sinal, o PMDB havia lançado outro candidato ao senado, que não foi citado por nenhum jornal pouso-alegrense, pois como já constatado inicialmente, os jornais pesquisados só fazem referência nominal a três candidatos a senador, deixando, simplesmente, nove sem o prévio conhecimento do leitor/eleitor. Uma seleção bem reduzida, correspondendo a quarta parte do total.

Os jornais deixam de exercer um importante papel educativo-informativo na formação política do leitor/eleitor, deixam de ser agentes formadores da cidadania, ou melhor, contribuírem para uma opinião dirigida segundo os interesses dos jornais que são em última instância, os interesses das forças políticas da região. Isto demonstra novamente que estas forças instrumentalizam os veículos com conivência conveniente e oportunista dos empresários de imprensa. Com isso o jornalismo abdica de exercer uma de suas funções primordiais, segundo BAHIA (1990: 19), a de orientar, além de informar. "A missão do jornalismo se confunde com a natureza da informação. Sua prioridade básica é difundir notícias. Fora dessa função primordial, absorve muitas outras como, por exemplo, a de promover o bem comum e a de estimular a mais ampla e livre troca de idéias entre as pessoas, quaisquer que sejam suas convicções" (BAHIA, 1990:20).

Quanto ao título publicado com o nome do candidato do PT - *Virgílio quer projeto econômico para o Sul de Minas*, é muito parecido com a mesma construção frasal dos títulos que fizeram referência ao candidato a governador pelo PT. Ao utilizar o verbo transitivo direto *querer*, no presente do indicativo, o título mostra que, se o candidato quer defender um projeto é porque ainda não tem um definitivo, remetendo mais uma vez a insinuação da falta de propostas dos candidatos de esquerda.

Ao comparar outros títulos que citam Francelino, publicados pelo Jornal do Estado: - *Francelino: desnutrição infantil é um massacre* e *Francelino denuncia situação das crianças mineiras*, em um mesmo dia, 19 de agosto de 1994, - *Francelino mostra déficit habitacional do Estado*, em 2 de setembro de 1994, e - *Francelino também lidera*, em 9 de setembro de 1994, percebe-se que, os primeiros apontam a intenção do candidato em querer denunciar problemas relacionados à infância e à questão habitacional, sem também apontar soluções. E o último parece equiparar a liderança de Francelino à de outro candidato. Fica a dúvida levantada pelo jornal mais uma vez a respeito de quem estaria liderando, dúvida esta levada a público para o leitor/eleitor.

Os títulos do Sul das Geraes foram: *PMDB confirma apoio a Arlindo Porto* (5/8/94) e *Francelino Pereira dispara rumo ao senado* (23/9/94). Este jornal também não define muito sua preferência para senador, publicando um título com referência a cada candidato, os dois favoráveis. O título sobre Francelino Pereira é mais benéfico à sua candidatura. Ao utilizar o verbo transito direto *disparar*, o título mostra que este candidato está bem à frente, sendo impossível alcançá-lo. Seria o mesmo que comparar a situação dos concorrentes a uma prova de corrida atlética, quando o primeiro corredor estivesse com uma vantagem bem superior, em relação aos outros.

Na quinta categoria selecionada para análise de conteúdo dos títulos, este estudo procurou identificar a referência nominal de pesquisas eleitorais sobre candidatos, apontando aquelas que se referiram às fontes, ou aos órgãos de pesquisa, e aquelas que não se referiram. Nesta categoria evidencia-se mais uma estratégia de manipulação de opinião pública e de ocultação das relações entre a imprensa e os poderes constituídos na região. A referência aos órgãos de pesquisa acrescenta legitimidade à mensagem do título, mesmo que na matéria não haja descrição da metodologia da pesquisa e informações sobre a

amostra, data e região de aplicação. Com a omissão da metodologia e a manipulação dos índices, o título induz o leitor à opção do jornal, ou seja, a apoiar os interesses do empresário do jornal que, por outro lado, coincidem com o do candidato que patrocina a matéria sobre pesquisa.

QUADRO 5 – Levantamento de títulos com referência às pesquisas eleitorais realizadas em 1994 nos jornais de Pouso Alegre

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Pesquisas	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Pesquisa com indicação da fonte		1	1		2											2
Pesquisa sem indicação da fonte	1	1+1 +1			4		1+1 +1			3						7
total					6					3						9

Constata-se a partir de uma leitura dos dados deste quadro sobre pesquisas eleitorais que:

a) Durante o período pré- eleitoral de 1994 foram publicados nos três jornais estudados, sete títulos referentes às pesquisas realizadas sobre candidatos sem citação da fonte pesquisada, e dois títulos a respeito de pesquisas eleitorais, com citação da fonte, ou órgãos pesquisados.

b) O Jornal do Estado foi o que mais publicou títulos com resultado de pesquisas eleitorais. Foram seis no total, quatro sem citar o órgão de pesquisa e dois com indicação do responsável pela pesquisa.

c) Os três títulos sobre pesquisa publicados pelo Sul das Geraes não citam a fonte. Este mesmo jornal publicou um terço do total de títulos desta categoria .
d) O Folha do Vale não faz nenhum título dentro desta categoria.

Os títulos sobre pesquisas no Jornal do Estado foram:
Costa Lidera no Sul de Minas com 43% dos votos (12/8/94)
Pesquisas confirmam vitória de Hélio Costa no primeiro turno (9/9/94)
Francelino assume liderança na preferência para o Senado (16/9/94)
Ibope confirma vitória de Hélio Costa (23/9/94)
Cresce preferência por Mosconi no Sul de Minas (30/9/94)
Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB (4/11/94)

O Jornal do Estado publica duas pesquisas com citação nominal da fonte, - *Ibope confirma vitória de Hélio Costa* e, - *Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB* uma em setembro e outra em novembro, as duas indicavam vitória de Costa para governador. A fonte das duas pesquisas é o Ibope e, como analisado anteriormente, a menção ao nome do instituto de pesquisa, que ganhou relevância e credibilidade em eleições anteriores, influencia bastante na decisão do leitor/eleitor. Naquela época, ainda não haviam sido denunciados alguns deslizes do Ibope, como o ocorrido recentemente, durante a campanha para governador de São Paulo, em 1998, e que ficou evidenciada a influência da pesquisa do Ibope sobre os resultados negativos da concorrente do PT, Marta Suplicy.

No título sobre o senador Francelino Pereira: *Francelino assume liderança na preferência para o Senado,* o Jornal do Estado também aponta a liderança de um candidato ao senado sem se referir à fonte pesquisada. Este título faz o eleitor pensar em votar naquele que está vencendo sem refletir sobre outras opções. O verbo *assumir*, sugere uma conotação de que o candidato já estaria praticamente concretizando sua liderança, como senador eleito, antes mesmo das eleições.

Como analisado na primeira categoria desta análise, o Jornal do Estado não escondeu sua adesão à candidatura de Hélio Costa. Isto fica mais evidente quando se observa que dos seis títulos sobre pesquisa eleitoral publicados por este jornal, quatro referem-se a Hélio Costa, de forma bastante favoráveis. Os dois primeiros dizem que o

candidato lidera e obterá vitória no primeiro turno: *Costa lidera no Sul de Minas com 43% dos votos* (12/8/94) e *Pesquisas confirmam vitória de Hélio Costa no primeiro turno* (9/9/94). E os dois últimos dizem que ele terá vitória, lidera o Ibope e consolida apoio do PMDB, ou seja, um título reforça o outro, passando a sugestão de que o candidato já ganhou: *Ibope confirma vitória de Hélio Costa* (23/9/94) e *Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB* (4/11/94). O jornal cita informações como a porcentagem, 43% dos votos, indicando que o candidato está quase atingindo 50% dos eleitores, e usa o sujeito *pesquisas* no plural, conotando que várias pesquisas estariam confirmando a vitória de Costa, sem nomear com precisão o nome dos órgãos responsáveis pelas pesquisas realizadas, nos dois primeiros títulos. Já nos últimos, o órgão de pesquisa Ibope é o indicado.

As pesquisas publicadas pelo Sul das Geraes, assim como no Jornal do Estado, coincidem com as preferências demonstradas também por este jornal pelo candidato Hélio Costa do PP e pelo senador Francelino Pereira.

No Sul das Geraes publicou-se:

Hélio Costa amplia vantagem sobre adversários (2/9/94)

Minas não terá segundo turno,- com a linha fina- *Hélio Costa disparado nas pesquisas com 54% da preferência popular, já teria vitória assegurada em outubro* (30/9/94)

Francelino dispara rumo ao Senado (23/9/94)

O Sul das Geraes faz três títulos sobre pesquisa, sem indicação da fonte, sendo que dois deles anunciam a vitória de Hélio Costa para o governo de Minas. E o outro sobre a vantagem de Francelino Pereira, em relação aos concorrentes, para o senado.

Estes títulos também confirmam a tendência do Sul das Geraes em apoiar Costa para governador. Este mesmo jornal também faz referência à porcentagem que Costa atinge da preferência popular, 54%. Essa porcentagem garantiria a vitória do candidato no primeiro turno como afirma o título: *Minas não terá segundo turno.* O jornal se arriscou nessa previsão e acabou errando, já que houve segundo turno nas eleições de 1994 e o candidato Hélio Costa não foi eleito. O mesmo erro foi detectado nos títulos do Jornal do Estado, que faz praticamente a mesma previsão equivocada: *Pesquisas confirmam vitória de Hélio Costa no primeiro turno.*

A referência feita ao nome de Francelino Pereira para o senado no título de pesquisa publicado pelo Sul das Geraes: *Francelino dispara rumo ao Senado,* também repete a mesma mensagem do Jornal do Estado. Só que para este candidato, os dois jornais acertam a previsão, já que ele é eleito senador pelo estado de Minas Gerais, naquele ano.

Como sexta categoria selecionada para análise dos títulos, a pesquisa buscou identificar as denúncias nominais (referência direta ao nome do candidato denunciado) nos títulos das matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral para diversos cargos políticos do Estado de Minas Gerais, no ano de 1994.

QUADRO 6 – Levantamento de títulos com referência às denúncias sobre candidatos nas eleições de 1994 em jornais de Pouso Alegre

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Candidatos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Jair Siqueira		1+1			2	2				2						4
Hélio Costa								1		1			1		1	2
Eduardo Azeredo									2	2						2
total					2					5						8

Pode-se fazer as seguintes constatações a partir de leituras dos dados deste quadro:

a) O jornal Sul das Geraes é o que mais publicou títulos sobre denúncias contra candidatos nas eleições de 1994. Dos oito títulos sobre denúncias que aparecem nos três jornais estudados, cinco foram publicados pelo Sul das Geraes.

b) O Sul das Geraes publica duas denúncias contra o candidato a deputado federal Jair Siqueira, do PFL, e duas contra o candidato a governador Eduardo Azeredo do PSDB. Este mesmo jornal publica uma denúncia contra Hélio Costa. As quatro primeiras reforçam a intenção do veículo, de não adesão aos dois primeiros candidatos, como já analisado anteriormente, nas quadros 1 e 2.

d) O Jornal do Estado só publica duas denúncias contra o candidato a deputado federal Jair Siqueira do PFL, reforçando sua resistência a ele, como já foi analisado durante a leitura de títulos do quadro 2.

e) O jornal Folha do Vale se manifesta nesta categoria com um título publicado sobre denúncia contra o candidato Hélio Costa do PP. Para um jornal que vinha se omitindo em várias categorias levantadas neste estudo, e, em rumo diferente dos outros dois analisados, o Folha do Vale parece confirmar seu apoio para o candidato do PSDB, Eduardo Azeredo, quando resolve publicar um título denunciando Costa. Essa hipótese já havia sido levantada na análise da primeiro quadro.

No item que revela denúncia contra candidatos, o Sul das Geraes publica dois títulos contra o candidato a deputado federal, Jair Siqueira, em agosto; uma denúncia contra Hélio Costa, em outubro; duas contra Eduardo Azeredo, em novembro.

Os títulos contendo denúncias do Sul das Geraes foram :

Vereador afirma que Jair Siqueira pagou obra inexistente (5/8/94)

Vereador denuncia obra fantasma de 303 milhões –com linha fina- *Ex-prefeito Jair Siqueira contratou e pagou empreiteira e não realizou o serviço* (5/8/94)

Hélio Costa será processado (28/10/94)

Vice de Eduardo Azeredo envolvido em lavagem de dinheiro (2 vezes na em 11/11/94)

Ao utilizar os verbos transitivos diretos, *afirmar* e *denunciar*, os dois no presente do indicativo, no primeiro e segundos títulos : *Vereador afirma que Jair Siqueira pagou obra inexistente* e *Vereador denuncia obra fantasma de 303 milhões*, ambos publicados no mesmo dia, o jornal aponta uma grave acusação contra o pretendente a uma vaga na Câmara Federal. Estas denúncias levantam dúvidas sobre a honestidade do candidato

denunciado, envolvido em atitudes de caráter duvidoso, e mostram a falta de idoneidade de um futuro representante do povo.

O Título que denuncia Hélio Costa, publicado no Sul das Geraes: *Hélio Costa será processado*, utiliza o verbo no futuro, deixando dúvida sobre o motivo do processo contra o candidato, ou mesmo se este fato irá se confirmar. O jornal parece não querer entrar em detalhamento neste título como fez nos anteriores contra Siqueira, talvez por ser um dos candidatos que ele apóia, como analisado na primeira categoria.

O Sul das Geraes ainda publica duas vezes o mesmo título, em páginas diferentes, denunciando Azeredo: *Vice de Eduardo Azeredo envolvido em lavagem de dinheiro.* Este título mostra que a denúncia não é direcionada diretamente ao candidato Eduardo Azeredo, mas sim ao seu vice. Mas o nome deste vice nem é citado. O jornal se refere ao Vice de Eduardo Azeredo, citando o nome do candidato a governador, e utiliza o verbo *envolver*, que aparece logo depois do nome de Azeredo, ligando-o diretamente a uma possível lavagem de dinheiro comprometendo seu vice, o que se constituiria um crime grave. Com esse título distorcido, o Sul das Geraes mostra a intenção direta em prejudicar o candidato a governador do PSDB. E ainda repete a mesma distorção duas vezes, em uma mesma edição, confundindo o leitor e refletindo um distanciamento do compromisso com a atitude ética jornalística.

O jornal Folha do Vale publica apenas um título e matéria contra Hélio Costa, em outubro. O título foi:

Hélio Costa é acusado de falsidade ideológica (27/10/94)

Para um jornal que havia sido adquirido recentemente pela Igreja Catótlica, o Folha do Vale resolve publicar uma denúncia contra Costa. O verbo ser, no presente do indicativo, acompanhado do seu complemento acusado, dá a impressão de que o candidato não tem recurso contra esta denúncia consumada. Completamente diferente da denúncia que refere-se ao mesmo candidato, publicada na mesma semana pelo Sul das Geraes: *Hélio Costa será processado*, que não mostra o fato com a mesma gravidade que o Folha, que direciona para um crime concreto: a falsidade ideológica. São intenções bem diversas como pode-se perceber.

O Jornal do Estado faz apenas dois títulos contendo denúncia contra o candidato a deputado federal, Jair Siqueira, em setembro e em uma mesma edição.

Os títulos contendo denúncias no Jornal do Estado foram:

Jair descarta complô do prefeito (16/9/94)

Siqueira não crê em armação política contra sua candidatura (16/9/94)

Nota-se nestes títulos um sentido dúbio, a ação de descartar o complô e de negar de uma armação política em relação a candidatura de Jair Siqueira. Denuncia-se um possível complô e ao mesmo tempo descarta a possibilidade dele ter existido . O título cria um suspense e deixa o leitor em dúvida. A denúncia é praticamente esfriada por sua negação, mas não deixa de ser levantada uma suspeita.

Verifica-se que o Sul das Geraes publicou títulos de denúncias sobre quase todos os candidatos à governador, (que apareceram em publicações de jornais de Pouso Alegre), e sobre um candidato à deputado federal. No entanto, denúncias publicadas em novembro, pelo Sul das Geraes, não tiveram espaço, nem no Folha do Vale nem no Jornal do Estado. Será que essas denúncias publicadas pelo Sul das Geraes foram omitidas pelos outros jornais? È o que parece. Mas de acordo com entrevistas com editores, o jornal Sul das Geraes sempre teve tendência para matérias de denúncia. Outro fato relevante é que, tanto o Sul das Geraes como o Jornal do Estado publicaram duas denúncias contra o candidato a deputado federal Jair Siqueira.

Outra categoria possível de análise para títulos refere-se a ligação de candidatos e lideranças políticas com o assistencialismo ou a ligação destes com alguma entidade assistencial, durante a campanha eleitoral de 1994.

Foram localizados os seguintes políticos, lideranças e candidatos com alguma ligação a estas duas categorias. João Batista Rosa, ex- prefeito da cidade pelo PFL e depois teria ingressado no PMDB, José Adamo Belato, ex- deputado federal e candidato naquele ano pelo PMDB, Homero Duarte, ex- deputado estadual e candidato naquele ano (não foi localizada a sigla partidária) e Simão Pedro Toledo, ex- prefeito de Pouso Alegre e candidato a deputado estadual pelo PTB.

O Jornal do Estado é o único que publicou, no mês de setembro, títulos e matérias, mostrando ações assistencialistas de candidatos ou lideranças, durante a campanha eleitoral. O Jornal publicou dois títulos desta categoria. Um sobre o prefeito, na época, João Batista Rosa, que criou um programa de cesta básica anunciando-o em setembro de 94, e outro do

candidato a deputado federal, Belato, que havia doado a um deficiente físico um computador usado:

Prefeito cria programa de cesta básica para servidores (30/9/94)

Fundação realiza sonho de vendedor ambulante (30/9/94)

O segundo título mostra o envolvimento direto da Fundação Belato, entidade assistencialista do candidato, atuando durante a campanha eleitoral e colocando em evidência o nome do referido candidato a deputado federal, dirigente da Fundação, sobre a doação de um computador a um vendedor ambulante e deficiente físico, no dia 30 de setembro de 1994, em plena reta final da campanha: "*Fundação realiza sonho de vendedor ambulante*". O apelo emocional do título é relevante. O verbo transitivo *realizar*, acompanhado do predicativo, sonho de vendedor ambulante, torna a imagem deste político "bondosa e grandiosa". A atitude de realizar um sonho de um vendedor ambulante e deficiente físico demonstra que o candidato tem facilidade para resolver problemas sociais como poucos teriam, realizando, até mesmo, os sonhos das pessoas mais pobres. É mais uma das inúmeras Fundações assistencialistas que os políticos mantêm durante toda a sua atuação em cargos públicos, e que, em época de eleição, funciona como um meio de publicidade e cobrança para garantir votos de cabresto. Uma estratégia de troca de favores disfarçada pelo gesto "nobre" de doar, próprio das Oligarquias, como já comentado anteriormente.

O Sul das Geraes publicou dois títulos de entidades assistencialistas envolvidas com candidatos durante a campanha eleitoral. Uma do candidato a deputado estadual da cidade, Simão Pedro Toledo, que libera recursos para uma Santa Casa, de cidade vizinha a Pouso Alegre, em setembro, em plena campanha. E um outro, sobre o candidato a deputado estadual, Homero Duarte, que recebe homenagem de entidade beneficente, Aliança da Juventude, direcionada pelo odontologista, colunista social e político, Marcos Campanella, hoje vereador em Pouso Alegre. Este segundo título correspondeu a uma matéria que ocupou uma página do jornal.

Vejamos os títulos publicados pelo Sul das Geraes:

Simão libera recursos para Santa Casa (16/9/94)

Aliança completa 7º aniversário com homenagens ao deputado Estadual Homero Duarte (23/9/94)

É imprescindível esclarecer que nenhum destes títulos tiveram caráter crítico por parte dos veículos analisados, apenas mostraram o trabalho assistencial dos políticos, em época de campanha, confirmando a estratégia de auto-promoção dos candidatos e o vínculo das empresas jornalísticas com as forças políticas da região. Os títulos têm um tom favorável para políticos que em época de campanha costumam utilizar todos os recursos para conquistar o eleitor, adotando uma tática assistencialista. O primeiro mostra através do verbo *liberar* a atitude do candidato que consegue recursos para um hospital, uma ação rara e ao mesmo tempo de importância grandiosa se não fosse a época, em plena campanha eleitoral, o que provavelmente se reverterá em troca por votos. O segundo é sobre um candidato recebendo homenagens de uma entidade assistencial, ou seja, se este candidato merece ser homenageado por uma representação que presta assistência a algumas pessoas, ele também é digno de receber a votação das pessoas auxiliadas por esta entidade beneficente. Combina com políticos e Meios de Comunicação acostumados à troca de favores, a imagem popular e bondosa do dirigente político que se mantém no poder, porque presta auxílio e faz doações espontâneas à população, principalmente em períodos eleitorais. E os jornais cobrem suas atitudes, ao mesmo tempo eleitoreiras e beneficentes.

A pesquisa buscou identificar nomes de partidos políticos em títulos de matérias jornalísticas na época da campanha eleitoral de 1994.

O Jornal do Estado publica o nome de três partidos em quatro títulos : PT, PSDB e PMDB:

Candidatura de Arlindo Porto para o senado tem apoio do PMDB (5/8/94)
Candidato do PT debate na ACIPA (12/8/94)
Dissidência do PSDB confirma apoio a Sérgio Naya para Federal (23/ 9/94) *Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB* (28/10/94)

Três dos títulos publicados por este jornal indicam apoio a candidatos diferentes, para cargos também diversos: Arlindo Porto para o senado, Sérgio Naya para a Câmara Federal e Hélio Costa para governador. Como já comentado em outras categorias, todos eles são candidatos apoiados também pelo jornal. Verifica-se que o PMDB estaria apoiando dois candidatos que não pertencem a este partido, Arlindo Porto do PTB e Hélio Costa do PP. O outro apoio refere-se a uma dissidência do PSDB que estaria a favor de Sérgio Naya

do PP. Estes apoios a candidatos de outros partidos demonstra o quanto os membros de partidos políticos do interior de Minas não estão compromissados com candidatos que representam suas siglas. Eles preferem aderir a nomes de candidatos articulados com lideranças locais. É o caso de Hélio Costa, por exemplo, que já contava com a adesão política de um ex- prefeito, Jair Siqueira e candidato a deputado federal, nas eleições de 1994. E também de Sérgio Naya que era amigo de João Batista Rosa, prefeito em 1994. Essas lideranças influenciam partidos diferentes, pela proximidade das articulações políticas, possibilitando outros apoios.

A sigla do Partido dos Trabalhadores - PT, aparece em um dos títulos do Jornal do Estado. Este apenas informa sobre um debate que o candidato de esquerda estaria participando na Associação Comercial de Pouso Alegre – ACIPA. Bem diferente dos outros títulos que mostram partidos articulados para apoiar candidatos de direita. Neste caso, o PT não está sendo apoiado por nenhum outro partido, e enquanto os outros candidatos estariam recebendo adesões o candidato da esquerda estaria debatendo.

O Sul das Geraes publica dois títulos com nomes de partidos:

Candidato petista elege educação como meta de governo (26/8/94)

PMDB confirma apoio a Arlindo Porto (5/8/94)

Observa-se que três dos títulos do Jornal do Estado e um do Sul das Geraes que contêm siglas partidárias e não referem-se ao PT utilizam o verbo *apoiar*, o que, de certa forma, é abonador para os referidos candidatos apoiados, menos para o candidato petista. Mais uma vez um título refere-se ao candidato de esquerda em tom pejorativo. O candidato estaria elegendo a educação como a meta de governo, parecendo ser a única. Quando se elege se faz uma escolha, e esta deve ser uma entre outras. Mas em caso de governo não há como eleger e sim priorizar algumas metas.

O Jornal Sul das Geraes apresenta um título de matéria que revela o apoio do PMDB local à candidatura Arlindo Porto ao Senado. *PMDB confirma apoio a Arlindo Porto* (5/8/94). Este é publicado tanto no Sul das Geraes como no Jornal do Estado, evidenciando o apoio do PMDB de Pouso Alegre a um candidato ao senado do PTB. Os títulos aparecem de formas diferentes, mas o significado de apoiar é o mesmo. Os verbos transitivos diretos *ter,* no Jornal do Estado e *confirmar*, no Sul das Geraes aparecem nos dois títulos resultando no mesmo sentido.

O Jornal do Estado faz três títulos demonstrando apoio de partidos a seus candidatos.

Candidatura de Arlindo Porto para o senado tem apoio do PMDB (5/8/94) *Dissidência do PSDB confirma apoio a Sérgio Naya para Federal* (23/9/94) *Hélio Costa lidera Ibope e consolida apoio do PMDB* (28/10/94)

Quanto ao segundo título que é publicado pelo Jornal do Estado verifica-se que é uma dissidência do PSDB que confirma apoio ao candidato do PTB, Sérgio Naya. A palavra *dissidência,* sujeito da oração no título, significa que não é todo partido, mas uma parcela dele, que irá aderir à candidatura de Naya.

O último título do Jornal do Estado demonstra que o candidato Hélio Costa, do PP, também é apoiado pelo PMDB. O verbo utilizado no título para revelar a adesão é o transitivo direto *consolidar*, no presente do indicativo, que conota uma manifestação estável, segura.

Uma possível categoria seria a existência de colunas fixas em jornais, redigidas por candidatos ou lideranças políticas da região apoiando candidatos à eleição. Foi localizada apenas uma coluna e um título, em um dos jornais estudados, tratando-se portanto de apenas uma ocorrência.

Apenas o político do PSDB, Eduardo Toledo, que mantém uma coluna fixa no Jornal do Estado, aproveitou-a durante a campanha de 1994 para falar de seu candidato ao governo estadual, Eduardo Azeredo - PSDB, em um de seus artigos no mês de setembro. O título foi:

Os 10 mandamentos políticos de Eduardo Azeredo (30/9/94)

O referido título é uma demonstração inconteste da vontade de apresentar as propostas do candidato apoiado por este colunista, com o aval do jornal, para o qual o redator colabora. O título não tem a preocupação de utilizar um verbo para dar significado a uma ação, e sim, de apresentar um título que irá abrir a enumeração de propostas deste candidato. Para tanto, o título utiliza um recurso popular, fazendo uma analogia entre as propostas do candidato e os dez mandamentos de Deus a respeito do pecado, considerados as leis divinas mais respeitadas por milhões de pessoas.

Mesmo tendo demonstrado seu apoio a Hélio Costa, como verificado em análises anteriores, o Jornal do Estado tem uma tendência a manter boas relações políticas com outras candidaturas e partidos, o que, de certa forma, garante sua linha editorial comercial, como seu proprietário definiu em entrevista a esta pesquisa (ver entrevista com Sebastião Foch Kersul neste trabalho).

A pesquisa buscou identificar a existência de títulos mostrando que alguma personalidade pública importante teria apoiado algum candidato, durante o período de campanha eleitoral de 1994.

Apenas o Sul das Geraes publica 4 títulos de matérias, demonstrando este tipo de apoio. Sobre o candidato Simão Pedro Toledo o jornal publica dois títulos :

Líderes da política regional confirmam apoio a Simão Pedro (23/9/94)

Lideranças de Pouso Alegre confirmam seu apoio a Simão Pedro (23/9/94)

O primeiro título apresenta a confirmação do apoio de líderes da política regional, portanto uma adesão bastante abrangente, dando um significado até ilimitado, já que o título não esclarece quais municípios estariam apoiando o candidato a deputado estadual, Simão Pedro Toledo. E o segundo apresenta a mesma confirmação de apoio ao mesmo candidato, de lideranças de Pouso Alegre, um universo de apoio mais definido.

Os dois títulos criam um clima de que o referido candidato a deputado estadual estaria sendo apoiado por todos os líderes, tanto da política regional, como da local. Sem citar nomes de siglas, cidades, ou personagens da política os títulos parecem não excluir nenhum apoio das centenas de lideranças locais e regionais do Sul de Minas. Quando o título se refere a *Líderes da política regional*, a palavra líderes teria o significado abrangente de incluir todos, ao mesmo tempo. A palavra líderes representa uma sinédoque, pois é a figura de linguagem que dá à palavra um sentido mais amplo do que ela tem na realidade. O que deve ficar claro é que nos dois casos ocorre o mesmo exagero. Ao publicar no segundo título *lideranças de Pouso Alegre*, o jornal estaria dando a entender que todas as lideranças do município estariam apoiando o candidato.

O candidato Jair Siqueira revela seu apoio ao candidato a governo de Minas Hélio Costa, em dois outros títulos e matérias do mesmo jornal:

Jair comenta liderança de Costa (30/9/94)

Jair Siqueira afirma que denúncia contra Costa é política (em 14/10/94).

Nestes dois títulos que mostram o apoio de Siqueira a Hélio Costa, o primeiro é bastante frio. O fato de uma liderança comentar sobre um político que esteja apoiando não acrescenta muito para o leitor/eleitor. O verbo transitivo direto comenta não dá a força necessária ao objeto direto liderança, que qualifica Hélio Costa como um líder. Comentar não altera nada. Parece que a intenção de Jair é apenas falar sobre a liderança e não confirmar, apoiar, mostrar, apontar, expor, que dariam um sentido mais significativo ao substantivo liderança.

Já no segundo título, quando Jair Siqueira afirma que a denúncia contra seu candidato ao governo de Minas é política, ele está utilizando a palavra *política* metaforicamente para dizer que é " estratégia política contra seu candidato" ou política como "coisa perversa" . O título neste caso assume, através do uso de uma metáfora, um significado bastante coerente com a mensagem que se pretendia e, por esse motivo, se usou também uma outra figura de linguagem que é a metonímia, já que existe sua intenção de causa – efeito.

Como sétima categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa procurou apontar, nominalmente, os políticos envolvidos com o uso da máquina administrativa para beneficiar a campanha eleitoral de candidatos apoiados por eles.

QUADRO 7 – Levantamento de títulos que denunciam políticos por uso do dinheiro público ou da máquina administrativa durante campanha eleitoral de 1994 em jornais de Pouso Alegre

Jornais	JORNAL DO ESTADO					SUL DAS GERAIS					FOLHA DO VALE					TOTAL
Políticos	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
ex-prefeito João Rosa							2			2						2
total										2						2

Constata-se a partir da leitura dos dados deste quadro que:

a) Apenas o jornal Sul das Geraes publicou títulos desta categoria, no mês de setembro, de 1994.

b) O ex- prefeito João Batista Rosa é o único político citado em título que revela o uso da máquina administrativa durante a campanha eleitoral.

O Sul das Geraes publicou títulos de matérias que acabam por denunciar políticos e candidatos por uso do dinheiro público, ou da máquina administrativa com fins de se elegerem. Foram apenas dois sobre o ex- prefeito de Pouso Alegre, João Batista Rosa, apoiando seus candidatos:

Prefeito usa máquina administrativa para apoiar candidatos (2 vezes em 16/9/94)

Os títulos desta categoria publicados pelo jornal Sul das Gerais aparecem com a mesma construção, por duas vezes, na mesma edição, do dia 16 de setembro de 1994. O verbo transitivo usa, e seu complemento máquina administrativa já esclarecem que o ex-prefeito João Rosa, teria utilizado sua função e poder para desviar recursos da administração pública com fins eleitoreiros. A finalidade também é esclarecida no título, na expressão, para apoiar candidatos, que seria a meta do prefeito. Neste título também se

utilizou uma figura de linguagem, máquina administrativa, que é uma metáfora empregada para dar outros significados para o gasto do dinheiro público durante uma campanha eleitoral: dinheiro, carros, funcionários envolvidos com a promoção do candidato, festas, comícios, propaganda em TV, jornais e rádios etc. O fato de publicar duas vezes o mesmo título que acaba comprometendo a lisura do ex- prefeito, pode ser entendida como uma das poucas denúncias existentes em jornais de Pouso Alegre, que estriam contribuindo para uma discussão eleitoral mais democrática. não se sabe bem como este jornal que diz inclusive através de entrevista com um de seus editores, que o proprietário sempre foi amigo de João Rosa, estaria neste título em especial, revelando um lado mais jornalístico e profissional. Talvez o proprietário não tivesse opinado sobre esses títulos e acabaram sendo publicados.

Em todos estes resultados, fica claro que, o Jornal que mais fez denúncias, durante este período, foi o Sul das Geraes, mostrando-se, neste sentido, o mais independente em seu desempenho jornalístico. Mas, o que se nota, é que, os jornais de Pouso Alegre publicam muito mais matérias favoráveis que denúncias sobre candidatos, durante o período eleitoral. Em algumas situações, o jornal prefere calar-se e omitir as informações do que se pronunciar ou levantar a verdade sobre os fatos. Não existe qualquer levantamento sobre as denúncias, apenas publicação das mesmas, mostrando a falta de maturidade investigativa destes veículos.

Todos os títulos, nas 13 categorias analisadas, no Jornal do Estado, de agosto a novembro de 94, totalizaram 50. Os títulos referentes aos nomes de candidatos a governador somaram 14. Isto representa 28% do total de títulos publicados pelo jornal. Apenas 2 títulos aparecem, no mesmo veículo, enfocando denúncias, o que representa 4,0% do total . Apenas esta porcentagem seria prejudicial ao candidato denunciado por este jornal.

O Jornal Sul das Geraes publicou um total de 59 títulos em todas as 13 categorias analisadas, sendo que destes, 17 foram sobre candidatos a governador, com enfoque também favorável. Isto representa 28,81% do total de títulos. Uma soma de 5 títulos no Sul das Geraes , neste período, corresponderam a denúncias, representando 8,47% do total. Por este resultado, fica claro que, o Sul das Geraes, como já comentado acima, fez mais denúncias que os outros jornais pouso-alegrenses. O Folha do Vale fez apenas 5 títulos, 4

deles referindo-se a candidatos a governador, 80%, nas 13 categorias analisadas, no período de outubro e novembro de 1994. Desta forma, um número bastante inexpressivo, em relação aos outros, demonstrando que o referido jornal, em seu início com o novo proprietário, parece ter optado pela omissão, nas publicações que envolveram o processo eleitoral durante o ano e período considerados.

2 - Eleições de 1996

Nas eleições para vereadores e prefeito, no ano de 1996, os atores políticos são outros. Todos pertencendo ao mesmo município, apresentando um quadro de disputa política mais acirrada devido a proximidade com o eleitor pouso-alegrense. Foram analisados títulos em 19 categorias diferentes, por um período que variou do mês de junho a novembro de 1996.

Em alguns quadros os meses de junho e julho aparecem em uma mesma coluna, devido ao número reduzido de títulos que aparecem em um ou outro mês. Quando esta ocorrência aumenta a pesquisa passa a apresentar cada mês em uma coluna.

Como primeira categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a presença nominal (referência direta ao nome do candidato), nos títulos das matérias jornalísticas, por ocasião da campanha eleitoral para prefeito da cidade de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, no ano de 1996. Concorreram na época os seguintes candidatos: Darcy Gonçalves Campos, do Partido da Reconstrução Popular –PRP, Geraldo Cunha Filho, da coligação PDT/PTB/PMDB/PSDB, Maria Angela Augusto da coligação PT/PC do B e Jair Siqueira da coligação PPB/PFL/PL.

O levantamento de dados foi realizado entre os meses de junho a novembro de 1996 que antecederam o dia da eleição, em um turno, nos três jornais de Pouso Alegre: Jornal do Estado, Sul das Geraes e Folha do Vale.

QUADRO 8 – Levantamento de títulos com referência ao nome do candidato a prefeito em 1996 em jornais de Pouso Alegre

Jornais	JORNAL DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOTAL
Candidatos	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Darcy Campos															1			1	1
Geraldo Cunha							2+2			1		5	1		1			2	7
Maria Angela															1			1	1
Jair Siqueira		2+1+1	2+1	4		11	2	1+1	2+1			7	1+1+1		2			5	23
Total						11						12						9	32

Pode-se constatar através de leituras dos dados do quadro que:

a) Jair Siqueira foi o candidato mais citado pela imprensa escrita de Pouso Alegre, analisada por esta pesquisa.

b) O Jornal do Estado só se referiu ao candidato Jair Siqueira. Ele aparece em 11 títulos deste jornal, que publicou quase o dobro de títulos dos outros dois jornais juntos.

c) O Sul das Geraes publica 12 títulos, mas os títulos se dividem entre Jair Siqueira e Geraldo Cunha. Siqueira sai na frente com dois títulos a mais que Cunha.

c) Os candidatos Darcy Ribeiro e Maria Ângela foram citados em apenas um título cada um.

Na categoria de títulos, referindo-se ao nome de candidatos a prefeito, o jornal Folha do Vale, pertencente à igreja católica, preferencialmente publicou 5 títulos sobre o candidato a prefeito, na época, pertencente aos quadros do PPB, Jair Siqueira, dois títulos sobre, Geraldo Cunha, do PMDB, e apenas um título e matéria sobre os candidatos, do partido dos aposentados, Darcy Campos, PRP e do partido dos trabalhadores, Maria Ângela, PT.

Foram os seguintes títulos publicados pelo Folha do Vale:

Jair Siqueira estuda candidatura (6/6/96)

Jair Siqueira oficializa candidatura (20/6/96)

Geraldo Cunha é candidato a prefeito (18/7/96)

Jair Siqueira combate denúncias (5/9/96)

Jair Siqueira refuta boatos sobre sua candidatura (5/9/96)

Geraldo Cunha defende apoios políticos à candidatura (19/9/96)

Darcy critica situação política (26/9/96)

Maria Ângela espera "virada" (26/9/96)

Vitória de Siqueira supera pesquisas (10/10/96)

Os cinco títulos sobre o candidato Jair Siqueira publicados pelo jornal Folha do Vale mostram que este veículo, embora fosse um jornal de propriedade da Igreja Católica, já se definia a favor do candidato nas eleições de 1996. Os verbos transitivos, usados em todos os títulos que citam Jair Siqueira, têm sempre uma ação favorável: *estudar, oficializar, combater, refutar e superar*. O candidato apoiado por este jornal é sempre o sujeito dessas ações que narram a sua caminhada até a vitória, como podemos observar: *Jair Siqueira estuda candidatura, Jair Siqueira oficializa candidatura, Jair Siqueira combate denúncias, Jair Siqueira refuta boatos sobre sua candidatura, Vitória de Siqueira supera pesquisas.*

Os dois primeiros títulos mostram a fase em que Jair Siqueira está se preparando para assumir o futuro cargo. Os outros dois, que vêm em seguida, demonstram a força do candidato através do título: *Jair Siqueira combate denúncias, Jair Siqueira refuta boatos*

sobre sua candidatura. O fato de um político combater denúncias e refutar boatos é sinal de que houve equívocos na publicação e, portanto, é contestada pelo acusado, o principal interessado em revidar. O verbo *combater* também tem significado ligado a luta, guerra. E quem entra em uma luta ou guerra, geralmente pretende sair vitorioso. No outro título, o candidato aparece como aquele que refuta boatos. Não se pode deixar de analisar o sentido de boato, que geralmente refere-se a algum comentário mentiroso. Nestes dois títulos percebe-se a preocupação do jornal em passar a imagem íntegra do candidato, uma pessoa confiável e que não se cala diante de denúncias e boatos em torno de sua candidatura.

Percebe-se também essa preocupação com a imagem de Siqueira nos títulos : *Jair Siqueira estuda candidatura, Jair Siqueira oficializa candidatura.* A atividade de estudar remete a algo levado bastante a sério e que para pensar em lançar-se candidato, a pessoa deve antes de tudo refletir sobre essa possibilidade. E o título que utiliza o verbo *oficializar*, demonstra que o candidato decidiu lançar-se com algo a mais que tornar público o fato, torná-lo oficial, que dá o significado de algo proposto por autoridade ou dela emanado por meio de documentação legal. O termo oficializar é metáfora empregada em lugar do verbo *lançar* sua candidatura, o que, de certa forma, torna a ação do candidato mais comprometida, ligada a atos legais, portanto merecedora de atenção e respeito.

O último título sobre Jair Siqueira é o coroamento de sua campanha e prova do apoio recebido por este jornal. O candidato supera as pesquisas. Isto mostra que o resultado é mais que tudo aquilo que se esperava dele.

O Jornal do Estado só publicou títulos e matérias com o nome de um candidato a prefeito, o de Jair Siqueira, PPB. Foram 11 ao todo, nos seis meses anteriores às eleições, demonstrando claramente sua tendência de apoio a Jair Siqueira, PPB.

Foram os seguintes títulos:

Juiz considera improcedente o pedido de impugnação de Jair (2/8/96)

Rosa contesta declarações de Jair (9/8/96)

Jair Siqueira: verdade a todo momento (16/8/96)

Jair compromisso com a verdade (16/8/96)

Jair lidera pesquisa (20/9/96)

Sai relatório do SUS

Sindicância revela cobrança indevida na administração Jair Siqueira (27/9/96)

Sindicância aponta fraude na Saúde

Relatório denuncia cobrança indevida ao SUS na administração Jair Siqueira (27/9/96)

O verdadeiro relatório da Comissão de Sindicância do SUS inocenta Jair Siqueira (2/10/96)

Jair Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos (2/10/96)

Nova Pesquisa aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira (2/10/96)

Sindicância do SUS isenta administração Jair Siqueira (2/10/96)

O primeiro título: *Juiz considera improcedente o pedido de impugnação de Jair,* já apresenta uma situação polêmica e favorável ao candidato. O título afirma que havia um pedido de impugnação à candidatura de Jair Siqueira e que esse pedido é negado. O verbo transitivo direto considera, vem do infinitivo considerar, que quer dizer pensar a respeito, ponderar sobre algo, examinar, observar. O juiz que examinou esse possível pedido julgou-o improcedente, por não ser justificável, por ser ilógico. O título revela que a tentativa, por seus opositores, de impedir Jair de se candidatar é frustrada na resposta judicial ao pedido de impugnação. Desta forma é um título que representa uma primeira vitória do candidato sobre seus inimigos políticos.

O segundo título: *Rosa contesta declarações de Jair*, parece uma continuação da disputa política existente entre o ex- prefeito João Batista Rosa e Jair Siqueira, já identificada em vários títulos e momentos eleitorais do ano de 1994. O fato de João Rosa, prefeito na época, estar contestando declarações do candidato a prefeito, Jair Siqueira, é um exemplo claro da falta de entendimento entre estes dois políticos, que registram a incompatibilidade desde 1994, quando esta pesquisa estudou os títulos daquele ano. Política contrária irrefutável entre eles é mais uma vez evidenciada através deste e de outros títulos já publicados. O verbo contesta diz que o ex- prefeito estaria respondendo às declarações de Siqueira, contradizendo o candidato, opondo-se ao que ele disse.

Logo depois são publicados três títulos pelo Jornal do Estado, bastante favoráveis a Jair Siqueira: *Jair Siqueira: verdade a todo momento* (16/8/96), *Jair compromisso com a verdade* (16/8/96), *Jair lidera pesquisa* (20/9/96). Pode-se perceber que os dois primeiros títulos, publicados em uma mesma edição, mais parecem publicidade, é como se fossem dois slogans, eles não utilizam o verbo mas apresentam duas qualidades do candidato : o de

ser verdadeiro sempre, nunca mente, portanto é uma pessoa inteiramente confiável, e o de ter compromisso com a verdade, ou seja de cumprir com suas promessas, ser sério e honrar a verdade. Já o outro título aponta para liderança deste candidato através de um provável resultado de pesquisa. Este título utiliza o verbo lidera, no presente do indicativo, que acaba por dar um significado especial de líder ao concorrente, e quem é líder é geralmente o que também comanda.

Os dois títulos publicados no dia 27 de setembro, a poucos dias da eleição, apontam para duas denúncias que pretendem, de fato, comprometer o candidato Jair Siqueira: *Sai relatório do SUS* (27/9/96) - *Sindicância revela cobrança indevida na administração Jair Siqueira* (linha fina); *Sindicância aponta fraude na Saúde* (27/9/96) - *Relatório denuncia cobrança indevida ao SUS na administração Jair Siqueira* (linha fina). O primeiro título fala sobre a publicação de um relatório do Sistema Único de Saúde, SUS, explicado em uma linha fina que diz tratar-se de uma sindicância que revela cobrança indevida na primeira administração de Jair Siqueira. O outro título já fala da existência de uma fraude na saúde, durante o primeiro governo de Siqueira, provavelmente tratando-se da mesma sindicância e cobrança indevida do outro título. Estes dois títulos mostram-se bastante oportunistas pela época em que foram publicados e pelo assunto levantado. Outro detalhe é que, nenhum outro título indicando resposta do candidato é publicado neste dia. E ainda, a denúncia foi revelada pelo prefeito da época João Rosa, o maior inimigo político de Jair Siqueira, e também amigo político dos proprietários dos jornais, Jornal do Estado e Sul das Geraes. O Jornal do Estado, apesar de estar claramente apoiando o candidato Jair Siqueira, tanto nas eleições de 1994, para deputado, como nas de1996, para prefeito, não deixa de ceder espaço para o amigo do proprietário, o ex- prefeito, João Rosa, uma postura de jornal interiorano, que não rompe com ninguém, para não se prejudicar.

No dia 2 de outubro, um dia anterior às eleições, o Jornal do Estado publica quatro títulos citando o nome de Jair, todos favoráveis ao candidato. Os títulos começam negando o envolvimento do candidato a prefeito com o relatório publicado na semana anterior: *O verdadeiro relatório da Comissão de Sindicância do SUS inocenta Jair Siqueira*. Este título considera o outro relatório publicado como uma mentira. Ao falar sobre o verdadeiro relatório do SUS o título insinua a falsidade do outro. Depois, no mesmo título aparece que este novo relatório, o verdadeiro, inocentando Jair. Este título tenta recuperar a idoneidade

do candidato, que teria sido envolvido em desvio de recursos do SUS, na semana anterior, por um relatório considerado agora falso. Se era ou não falso e o jornal o publicou, este veículo de informação não levou a sério a checagem de suas denúncias bastante graves. Esta seria uma atitude de um jornal mais preocupado em agradar seus candidatos e amigos políticos, do que, propriamente, fazer jornalismo sério. Relações amigáveis e solidárias com todos que fazem parte do círculo de amizades do proprietário do veículo. O título sobre o verdadeiro relatório do SUS, também pode ser entendido como uma justificativa do jornal em querer se explicar com o público, e reparar um erro, sem aparentemente ser uma retratação do veículo, por ter publicado um fato inverídico, ou mesmo dar direito de resposta ao acusado.

Os outros títulos do dia 2 de outubro : *Jair Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos*, *Nova Pesquisa aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira*, *Sindicância do SUS isenta administração Jair Siqueira*, parecem querer justificar o erro da publicação anterior. Foram quatro títulos para um só candidato em um mesmo dia. A previsão de que, Jair sairá vitorioso na eleição do dia seguinte está atrelada ao resultado da pesquisa, que aparece em outro título e que aponta a vitória tranqüila do candidato, como aconteceu de fato. O último título é a confirmação de que a Sindicância que havia condenado Jair, na semana anterior, mas que fora considerada falsa, seria agora a que isentaria sua administração. O título não torna só o candidato inocente como também toda a sua primeira administração. Este título seria o voto de confiança para o candidato que concorreria pela segunda vez ao cargo de prefeito. A mensagem de que a primeira administração passou no teste de uma sindicância do SUS era o mesmo que considerar o candidato merecedor de confiança do leitor/eleitor daquele jornal.

O Sul das Geraes, publicou um número equilibrado de títulos e matérias com o nome de Jair Siqueira (7) e de Geraldo Cunha(5), sendo que Siqueira também levou vantagem em 2 títulos. De certa forma, o jornal demonstrou sua preferência por partidos conservadores, não publicando nenhum título com nomes dos outros candidatos e partidos.

Os títulos deste jornal foram:

Situação lança Geraldo Cunha candidato (12/7/96)

Geraldo Cunha é o candidato da situação (12/7/96)

PMDB pede impugnação de Jair Siqueira (19/7/96)

Geraldo Cunha se diz comprometido com as questões prioritárias (19/7/96)

Geraldo Cunha elabora plano de governo (19/7/96)

Jair Siqueira pode ter candidatura impugnada (19/7/96)

Confirmada candidatura de Jair Siqueira (2/8/96)

Pedido de impugnação é julgado improcedente (linha fina)

Rosa desabafa (9/8/96)

Siqueira é comprometido com ele mesmo (linha fina)

Pesquisa aponta liderança de Jair na disputa da Prefeitura (20/9/96)

Pesquisa aponta Jair Siqueira favorito à Prefeitura (20/9/96)

Prefeitura conclui sindicância. Rosa considera Jair Siqueira envolvido. Processo vai para o Ministério da Saúde (27/9/96)

Geraldo Cunha acusa equipe de jornalismo de baixar o nível da campanha (11/10/96)

O que se percebe nos títulos que o Sul das Geraes publicou é que, os cinco que citam o nome de Geraldo Cunha, quase todos, com exceção do último, fazem propaganda do candidato. Observem os títulos sobre Geraldo Cunha: *Situação lança Geraldo Cunha candidato, Geraldo Cunha é o candidato da situação, Geraldo Cunha se diz comprometido com as questões prioritárias, Geraldo Cunha elabora plano de governo, Geraldo Cunha acusa equipe de jornalismo de baixar o nível da campanha.* O primeiro e segundo títulos apresentam o candidato ao leitor/ eleitor como aquele que é o indicado da administração pública da época, governo municipal de João Rosa, portanto seria o candidato do prefeito. O nome situação dá a medida exata de que Geraldo Cunha faria oposição ao candidato Jair Siqueira, em nome da política vigente. O jornal resolve de maneira simplista para o leitor/eleitor a complexidade dos conflitos e conluios entre candidatos políticos. Apresenta um dualismo simples entre candidatos de oposição e situação, quase como se fossem dois times, dos quais o leitor deve optar por um. Deve-se lembrar que o proprietário deste veículo é amigo pessoal de João Rosa, como já comentado e explicado na pesquisa, e os dois primeiros títulos refletem também essa ligação. Os outros dois títulos mostram o candidato da situação como uma pessoa comprometida com questões prioritárias, deixando a impressão de que seu maior concorrente não o seria. O título é construído na voz reflexiva, se diz, em que próprio candidato faz a afirmação sobre ele mesmo, de ser

comprometido com as questões prioritárias, o que permite uma auto- afirmação à divulgação. O último título é publicado após as eleições e apresenta um fato sob a ótica de defesa do veículo, já que o candidato apoiado havia perdido a disputa. A atitude de acusar é grave e o título traz o verbo indicando exatamente esta ação: *acusa equipe de jornalismo de baixar o nível da campanha.* Baixar o nível, também pode indicar falta de ética, comportamento duvidoso de uma equipe de jornalismo, talvez a assessoria do próprio candidato, que não teria agido corretamente, a ponto do candidato reclamar publicamente. Por outro lado, para quem acabou de ser derrotado em uma eleição, poderia ser também um desabafo.

Já a maior parte dos títulos que citam o nome de Jair Siqueira, no Sul das Geraes, parecem desfavoráveis ao candidato. O primeiro e segundo publicados neste jornal mostram esse indício: *PMDB pede impugnação de Jair Siqueira e Jair Siqueira pode ter candidatura impugnada* (19/7/96). O PMDB, partido de João Rosa, naquela época, aparece no primeiro título como o autor da ação que pede a impugnação do candidato que era o maior concorrente de Geraldo Cunha e também do PMDB. Mas não se identifica uma pessoa como autora da denúncia, o partido a assume sem deixar transparecer um ator político de oposição. Deve-se analisar ainda que, estes primeiros títulos sobre Siqueira são publicados no mesmo dia que dois outros sobre Geraldo Cunha, já comentados acima: *Geraldo Cunha elabora plano de governo* (19/7/96) e *Geraldo Cunha se diz comprometido com as questões prioritárias* (19/7/96). Os dois títulos sobre Cunha mostram-no preocupado com questões prioritárias e com o plano de governo, enquanto os outros dois sobre Siqueira falam da possibilidade desse candidato ter sua disputa interrompida.

Os outros títulos sobre Jair Siqueira também não lhes são totalmente favoráveis: *Confirmada candidatura de Jair Siqueira* (2/8/96), *Pedido de impugnação é julgado improcedente* (linha fina), *Rosa desabafa* (9/8/96), *Siqueira é comprometido com ele mesmo* (linha fina), *Pesquisa aponta liderança de Jair na disputa da Prefeitura* (20/9/96), *Pesquisa aponta Jair Siqueira favorito à Prefeitura* (20/9/96), *Prefeitura conclui sindicância. Rosa considera Jair Siqueira envolvido. Processo vai para o Ministério da Saúde* (27/9/96). Os três primeiros títulos informam sobre a confirmação da candidatura de Jair Siqueira e da improcedência do pedido de impugnação, e ainda do desabafo de João Rosa. O primeiro destes utiliza o verbo impessoal *confirmar*, referindo-se à candidatura de

Siqueira, dando a impressão de que esta confirmação surgiu do nada, e que não havia antes um pedido de impugnação que foi negado. Só dois deles apresentam uma perspectiva animadora para Siqueira. Os que falam de uma pesquisa apontando a liderança e o favoritismo dele, Jair Siqueira, no final de setembro, próximo às eleições. Estes foram bastantes favoráveis a sua candidatura.

A primeira categoria já aponta, percentualmente, uma grande diferença na preferência dos jornais pouso- alegrenses por partidos situacionistas, ao publicarem títulos e respectivas matérias a respeito de candidatos a prefeito. Enquanto foram publicados 23 títulos sobre o candidato do PFL, Jair Siqueira, apenas 7 foram publicados sobre seu mais forte concorrente, do PMDB, Geraldo Cunha. O total de títulos, em todos os jornais, desta categoria é de 32 ocorrências. Então Cunha obteve 21,87% desse total, Siqueira obteve 71, 87%, e os outros dois candidatos ficaram com apenas 3,12%, cada um. Essa análise percentual reforça o resultado já evidenciado por esta categoria no quadro.

Como segunda categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a presença nominal (referência direta ao nome de candidatos a vereador) nos títulos das matérias jornalísticas, por ocasião da campanha eleitoral de 1996. Concorreram na época mais de 140 candidatos, mas apenas os dois abaixo constados no quadro foram mencionados pelos jornais, nos seis meses analisados por esta pesquisa.

QUADRO 9 – Levantamento de títulos com referência ao nome dos candidatos a vereador de Pouso Alegre em 1996 em jornais de Pouso Alegre

Jornais	JORNAL DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOTAL
Candidatos	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	JUN-JUL	AGO	SET	OUT	NOV	Sub	
Denival de Oliveira Dorta													1+2					3	3
Paulinho da Coade																1		1	1
Total																		4	4

Constata-se a partir das leituras dos dados deste quadro que:

a) Entre os três jornais pesquisados, apenas o Folha do Vale publicou quatro títulos citando nominalmente dois candidatos a vereador: Denival de Oliveira Dorta, do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB e o de Paulo Roberto Ferreira de Faria, do Partido da Frente Liberal - PFL.

Nem o Sul das Geraes nem o Jornal do Estado publicaram qualquer título que se referisse ao nome de algum candidato a vereador na cidade, nos seis meses analisados por este estudo. Apenas o Folha do Vale publicou quatro títulos citando os nomes de candidatos a vereador. Um deles citou Paulo Roberto Ferreira de Faria, mais conhecido por, Paulinho da Coade - PFL, logo após as eleições, sobre o desempenho deste candidato, o mais votado em 1996. E os outros três foram sobre o candidato, Denival de Olveira Dorta - PTB, a respeito de denúncias que envolviam o ex- vereador, na época, tentando a reeleição, e que desencadeou uma exacerbada discussão política entre ele e o ex- prefeito João Batista Rosa.

Os títulos foram:

Prefeito quer Denival Dorta fora da CEI do São João (13/6/96)

Câmara decide na segunda sobre Denival (20/6/96)

Câmara adia decisão sobre Denival Dorta (20/6/96)

Paulinho da Coade tem maioria dos votos (10/10/96)

O primeiro título, publicado pela Folha do Vale, utiliza o verbo *querer* no presente do indicativo, mostrando o desejo do ex- prefeito João Batista Rosa em afastar a participação do candidato Denival Dorta, de uma Comissão Especial de Investigação -CEI, que investigava denúncia contra João Rosa. Os outros dois títulos publicados no mesmo dia utilizam os verbos transitivos: *decidir* e *adiar*. Os dois apresentam a intenção da Câmara em não tomar uma atitude imediatista, já que o primeiro completa a ação de decidir com a previsão do dia da semana, a próxima segunda-feira. Posterior à publicação do título e na mesma edição, o jornal publica o outro título completando o sentido do primeiro e indicando, de fato, o adiamento da decisão sobre a retirada de Denival da CEI. . Uma postura política da Folha do Vale fica mais evidente, a favor de Jair Siqueira, ao publicar estes três títulos, mostrando o enfrentamento entre João Rosa e Denival Dorta. A Folha, como já comentado acima, demonstrou seu interesse em apoiar Jair Siqueira na eleição para prefeito. Sabe-se que o político de maior oposição a Jair Siqueira no município, como já se pode perceber através das inúmeras leituras desta pesquisa, é João Rosa. Publicando títulos que envolvessem o nome do inimigo político do candidato preferido do Folha, o jornal estaria indiretamente colaborando com o candidato que apoia. O último título: *Paulinho da Coade tem maioria dos votos,* apresenta a votação expressiva de um candidato do PFl, mesmo partido de Jair Siqueira, e que provavelmente, por este motivo e também por ter recebido maior número de votos, mereceu ter seu nome neste jornal.

Isto não significa que os outros candidatos a vereador não fossem citados em nenhum texto jornalístico no período de seis meses próximos à eleição de 1996. Mas, pelo menos, títulos que fizessem referência direta ao nome deles não foram encontrados. Este fato pode ter ocorrido devido ao aumento de publicidade destes candidatos, durante o período estudado, significando lucro certo para os jornais.

Notou-se também um interesse maior dos jornais, em apresentar fora dos espaços publicitários os candidatos a prefeito. Talvez, porque, seja o cargo de maior poder e

autoridade no município, que futuramente poderá se reverter em relações garantidas para a empresa jornalística que apoiou o vencedor.

A segunda categoria não dá para estabelecer uma comparação em números percentuais de títulos que fizessem referência ao nome de algum candidato a vereador pois, como já foi comentado acima, apenas dois deles aparecem em quatro títulos de matérias do Jornal Folha do Vale, três no mês de junho e um em outubro, após as eleições.

Como categoria possível de se analisar esta pesquisa procurou localizar títulos com referência a crítica direta do jornal a alguém ou órgão, ligado à política local de Pouso Alegre, por ocasião das eleições de 1996. O Folha do Vale, embora um jornal da igreja católica, foi o único a publicar títulos que revelassem crítica direta do veículo sobre alguém ou sobre algum órgão ligado à política local. Foram publicados três títulos pelo Folha do Vale, um em agosto e outros dois em setembro. Um sobre a reforma de uma praça que, estaria paralisada em agosto de 1996, durante a administração municipal de João Batista Rosa, e dois sobre a decisão da Câmara Municipal de não fazer a leitura de uma denúncia contra o prefeito.

Os títulos foram:

Reforma da Praça João Pinheiro continua parada (22/8/96)

Câmara suspende leitura de denúncia (5/9/96)

Denúncia é suspensa mais uma vez (5/9/96)

A posição do jornal parece ser a de querer reforçar algumas denúncias contra o prefeito daquela época. Isto aponta a preferência e o desejo do jornal em vê-lo substituído pelo candidato à prefeitura, Jair Siqueira, já demonstrada anteriormente na primeira categoria.

O primeiro título aponta, através da análise semântica, no uso da locução verbal *continua parada*, para uma suposta falta de interesse do ex- prefeito João Rosa, em relação às questões públicas, deixando a obra de uma praça da cidade estacionada. Os outros dois, referem-se a decisão da Câmara Municipal em não ler denúncia contra o prefeito da época. Para se referir a esta decisão, os títulos utilizam duas vezes o verbo *suspender*: *Câmara suspende leitura de denúncia* e *Denúncia é suspensa mais uma vez,* em uma mesma edição. O segundo título, desses dois últimos, indica a reincidência da suspensão da leitura da

denúncia, evidenciando a omissão da Câmara quanto a denúncia, que iria comprometer o prefeito.

Deve-se levar em conta, que o referido jornal da igreja católica foi o único a publicar títulos com este teor, todos contrários ao prefeito. Durante entrevista a esta pesquisa o administrador do jornal da igreja, Folha do Vale, comentou sobre as dificuldades que enfrentou durante a administração de João Batista Rosa, para conseguir publicações da prefeitura. Segundo ele, durante o governo de Jair Siqueira estas publicações foram mais constantes e divididas entre os diversos órgãos de imprensa, o que não teria ocorrido na administração de João Rosa.

Para um jornal que traz a insígnia : " Um jornal ético, responsável e imparcial da Igreja Católica", o Folha do Vale, levanta dúvida de sua imparcialidade, ao insinuar, por inúmeras vezes, através de títulos carregados de sentido negativo, contrários a um prefeito e, positivo em outras vezes, a favor de um candidato, em pleno período eleitoral.

O jornal Folha do Vale também é o único a publicar título sobre a existência de oposição à administração local na fase pré-eleitoral de 1996. O Folha publica um titulo que demonstra a oposição de alguns vereadores ao prefeito João Rosa. Nem o Jornal do Estado nem o Sul das Geraes publicaram títulos demonstrando este tipo de oposição. O título do Folha é: *Voto dos vereadores de oposição é contra prefeito e não contra a Copasa.* (1°/8/96).

Percebe-se que o uso da expressão verbal: *é contra prefeito*, demonstra clara intenção dos vereadores de oposição em se colocarem contrários ao prefeito. A publicação desse título, apenas pelo Folha do Vale, reforça, de certa forma, a posição do jornal contra João Rosa, que a cada categoria vem se fortalecendo.

Como a terceira categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a presença nominal (nome de cargos, ou de pessoas) de vereador, ou de prefeito, com referência a denúncias, envolvendo estes atores políticos, ou cargos por eles exercidos. Foram localizados denúncias envolvendo (prefeito e vereador) ou contendo os nomes do ex- prefeito João Batista Rosa (PMDB) e dos vereadores, Denival de Oliveira Dorta (PTB) e do ex - vereador Francisco Rafael Gonçalves (PFL).

Analisando a terceira categoria nota-se que o Folha do Vale mantém a lógica intenção de publicar títulos contra o ex- prefeito João Rosa, para alcançar seu objetivo maior, a promoção e eleição do candidato que demonstra apoiar para prefeito, Jair Siqueira. Tanto que, é possível perceber a persistência deste jornal, nas últimas três categorias, ao estabelecer uma verdadeira estratégia de combate contra o ex- prefeito João Rosa, expondo os inúmeros defeitos e críticas sobre ele (maior inimigo político de Siqueira) e sobre sua administração. Desta forma, o jornal estaria indiretamente insinuando a necessidade de se renovar o prefeito para alguém que não fosse ligado a ele, e assim, promovendo seu candidato preferencial. Mesmo não levantando títulos que fazem referência direta à algum candidato, esta categoria ganha relevância ao mostrar o envolvimento dos jornais com a evolução da política local, por ocasião da campanha eleitoral de 1996.

QUADRO 10 – Levantamento de títulos referentes a denúncia contra prefeito ou vereador, citando o nome ou não em 1996 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORNAL DO ESTADO							SUL DAS GERAIS							FOLHA DO VALE							TOTAL
Referência nominal ou não	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
João Rosa										1+1+1			1	4			1				1	5
Prefeito											1+1		1	3	4	1+1+1	1+1+1	1+1			12	15
Francisco Rafael													1	1	1						1	2
Denival Dorta															1+1+1						3	3
outros vereadores													1	1	1+1				1+1		4	5
Total														9							21	30

Constata-se a partir da leitura dos dados deste quadro que:

a) O Jornal que mais fez títulos sobre denúncia contra prefeito e vereadores foi o Folha do Vale, totalizando 21 títulos entre os 30 localizados, em dois dos jornais pesquisados. Só contra João Rosa, citando seu nome ou o cargo que ocupava, de prefeito, aparecem no Folha do Vale 12 títulos.

b) O maior número de títulos com denúncias está localizado primeiro em títulos que referem-se ao nome do cargo: prefeito; e depois, em segundo lugar, aos que referem-se nominalmente ao nome do ator político ex- prefeito da época, João Batista Rosa. Foram 15 títulos nos dois jornais, referindo-se à função prefeito, e 5 ao nome de João Rosa. Para vereador, sem citar o nome, ocorreram 5 títulos e citando o nome também 5 títulos.
c) O outro jornal que também fez títulos que denunciam o ex- prefeito João Rosa foi o Sul das Geraes. Foram quatro citando o nome de João Rosa e dois citando o cargo de prefeito, que ele ocupou em 1996. Contendo denúncia contra vereador o Sul das Geraes fez um título com o nome de Francisco Rafael e um título em que aparece a função vereador.
d) O Jornal do Estado não fez nenhum título referente à esta categoria.

Sobre as denúncias contra prefeito e vereadores publicados pelo Folha do Vale foram encontrados os seguintes títulos:

Sindicância apura denúncia contra vereador (6/6/96)
Câmara abre sindicância para apurar denúncia contra vereador (6/6/96)
Prefeito pede retirada da CEI do S. João (13/6/96)
Câmara discute instauração de nova CEI do "Caso Sanurban" (13/6/96)
Prefeito quer Denival Dorta fora da CEI do São João (13/6/96)
Francisco Rafael se defende das acusações do prefeito (13/6/96)
Vereador se defende das acusações (13/6/96)
Câmara decide na segunda sobre Denival (20/9/96)
Câmara adia decisão sobre Denival (20/9/96)
Leitura de relatório é barrada mais uma vez (11/7/96)
CEI constata irregularidades e tem divulgação suspensa (11/7/96)
Leitura de relatório é novamente adiada (11/7/96)
CEI do São João volta a ser discutida na Câmara (22/8/96)
Prefeito é expulso do partido (22/8/96)
Câmara discute denúncia sobre terraplanagem no São João (22/8/96)
Prefeito João Batista Rosa é expulso do PFL (22/8/96)
Câmara suspende leitura de denúncia (5/9/96)
Denúncia é suspensa mais uma vez (5/9/96)

Vereador refuta acusações (3/10/96) – dia da eleição

Nos 11 títulos que referem-se a denúncias relacionadas ao ex-prefeito João Rosa, sem citar o seu nome: *Prefeito pede retirada da CEI do S. João, Câmara discute instauração de nova CEI do "Caso Sanurban", Prefeito quer Denival Dorta fora da CEI do São João, Leitura de relatório é barrada mais uma vez, CEI constata irregularidades e tem divulgação suspensa, Leitura de relatório é novamente adiada, CEI do São João volta a ser discutida na Câmara, Prefeito é expulso do partido, Câmara discute denúncia sobre terraplanagem no São João, Câmara suspende leitura de denúncia, Denúncia é suspensa mais uma vez*; o Folha do Vale apresenta um quadro de subserviência dos vereadores em relação ao prefeito na época. A Câmara Municipal permanece entre a análise das denúncias e o adiamento da leitura de relatórios que poderiam comprometer o prefeito da época. Nestes títulos precebe-se a preocupação do jornal em acompanhar todo o desenvolvimento das denúncias feitas contra o prefeito e a omissão da Câmara, certamente envolvida com o executivo, e preocupada em não formalizar as constatações das diversas Comissões Especiais de Inquérito (CEIs). Mas ao mesmo tempo percebe-se o exagerado zelo da Folha do Vale em publicar nos mínimos detalhes essa parte nebulosa da história política de Pouso Alegre contrária a João Rosa, com uma profusão de denúncias e CEIs que se instalaram contra o prefeito, justamente em período pré-eleitoral, em que este prefeito era oposição ao candidato apoiado pelo jornal. Reforça-se, desta forma, o desejo do jornal em ver o candidato a prefeito, Jair Siqueira, eleito.

Fazendo-se ainda uma análise semântica desses títulos percebe-se em primeiro lugar que o título : *Prefeito pede retirada da CEI do S. João,* apresenta o prefeito já em situação desprivilegiada. O uso do verbo transitivo *pedir* remete a uma condição de necessidade do prefeito evidenciando o seu temor em relação ao que poderia prejudicá-lo politicamente. O fato de pedir coloca o prefeito, maior representante político do município, em situação pouco confortável e até constrangedora. Ele pede a retirada de uma Comissão Especial de Investigação sobre alguma denúncia a seu respeito, portanto, o fato de pedir a retirada dessa investigação dá a entender que o prefeito poderia estar envolvido com as denúncias levantadas sobre ele e seu cargo, o que seria extremamente grave.

No mesmo dia desse primeiro título, o Folha do Vale ainda publica: *Câmara discute instauração de nova CEI do "Caso Sanurban",* que representa uma outra comissão de

inquérito envolvendo prefeito. O verbo *discutir,* e a expressão, *nova CEI do "Caso Sanurban",* parecem ser a própria declaração de que não haveria trégua para o prefeito da época, é quase um pré-julgamento. O título mostra a instauração de uma nova comissão de inquérito envolvendo João Rosa, em um momento em que o representante do executivo estaria fragilizado. Agora não seria apenas uma, mas duas denúncias contra ele. E ainda, na mesma edição, é publicado outro título sobre a insatisfação de João Rosa em relação às denúncias: *Prefeito quer Denival Dorta fora da CEI do São João.* O título expõe uma certa insegurança do prefeito, pela segunda vez, ao pedir a retirada de um vereador da outra Comissão de Investigação contra ele. Através do verbo *querer*, no presente do indicativo, o prefeito sugere a saída de um vereador da comissão de investigação, tentando recuperar sua imagem abalada.

Já no dia 22 de agosto, de 1996, pôde-se ler no Folha do Vale os seguintes títulos: *Prefeito é expulso do partido, Câmara discute denúncia sobre terraplanagem no São João, Prefeito João Batista Rosa é expulso do PFL.* A expressão verbal, é expulso, apresenta a mensagem resultante das inúmeras denúncias que surgem contra o prefeito em plena campanha eleitoral. A repulsa em relação ao comportamento do ex- prefeito custa sua expulsão do partido. O jornal utiliza dois títulos para falar sobre este assunto. Ao mesmo tempo uma das denúncias contra João Rosa é também noticiada por este jornal. A expressão, discute denúncia, sugere que este processo denunciatório sobre o prefeito nunca cessaria. Na edição de 5 de setembro do mesmo ano são publicados dois títulos mostram a retração da Câmara Municipal em relação às denúncias: *Câmara suspende leitura de denúncia* e *Denúncia é suspensa mais uma vez.* A construção desses dois títulos apresentam o verbo suspender de dois modos diferentes. No primeiro caso a Câmara aparece como o sujeito da ação de suspender a denúncia, e no outro, a oração apresenta-se sem um sujeito, como se não houvesse a autoria do ato de suspender a denúncia. Parece ser uma estratégia do jornal que através do segundo título, ao mesmo tempo que mostra a denúncia paralisada, demonstra não se sentir a vontade para denunciar a Câmara Municipal.

Sobre vereadores, o jornal Folha publica quatro títulos: *Sindicância apura denúncia contra vereador* e *Câmara abre sindicância para apurar denúncia contra vereador* no dia 6 de junho de 1996. *Vereador se defende das acusações em 13 de junho de 1996.* E, *Vereador refuta acusações,* no dia 3 de outubro daquele ano, dia de eleição. Os dois

primeiros são publicados no mesmo dia e tratam-se portanto de uma mesma denúncia. Analisando os títulos, denunciando vereadores, sem citar o nome, percebe-se que apenas os dois primeiros, que apontam para uma sindicância instalada para apurar uma denúncia, são mais graves. Nos outros, a mensagem corresponde a uma defesa e até refutamento das acusações, tornando-se menos graves que as denúncias constadas em títulos, contra o prefeito.

Já os títulos que citam o nome dos vereadores : *Prefeito quer Denival Dorta fora da CEI do São João e Francisco Rafael se defende das acusações do prefeito,* em 13 de junho de 1996; e, *Câmara decide na segunda sobre Denival* e *Câmara adia decisão sobre Denival*, em 20 de setembro de 1996, apresentam um resumo de que o jornal preocupou-se mais com as denúncias sobre o prefeito, do que com as de vereadores. Comparando-se o primeiro com os demais, o verbo *querer*, como já comentado acima, tem um sentido de desejo, em ver afastado o vereador Denival, da comissão de investigação, que estaria verificando uma das denúncias contra o prefeito e também contrária à administração da época. E na mesma edição, ainda tem um outro vereador se defende das acusações do prefeito. Os dois outros, do dia 20 de setembro, utilizam os verbos *decidir* e *adiar*, dando a impressão de que a situação do vereador na Câmara não se definiu, e não existe muita preocupação para que isto ocorra.

O Sul das Geraes publicou oito títulos nesta categoria. Apesar de se mostrar favorável ao prefeito da época, este jornal chegou a publicar todos estes títulos de denúncias contra João Rosa:

Rosa expulso do PFL (16/8/96)

Juiz nega recurso a Rosa (30/8/96)

Ministério público poderá processar prefeito (linha fina)

Juiz encaminha ao MP denúncia contra Rosa (30/8/96)

Faculdade de Engenharia de Itajubá afirma que obra foi majorada (6/9/96)

Laudo confirma majoração na obra do Platô do São João (6/9/96)

Francisco Rafael acusa Rosa de irresponsável (9/11/96)

Vereador denuncia irresponsabilidade do prefeito (9/11/96)

Em todos os títulos o nome de João Rosa ou de sua função política na época são citados. A relação traz oito títulos, mas os dois últimos aparecem os nomes, tanto de

vereador e quanto de prefeito. Os termos e expressões: *nega recurso, expulso, poderá processar, encaminha ao MP denúncia, afirma que obra foi majorada, laudo confirma majoração, acusa Rosa, denunciam irresponsabilidade do prefeito*; todos, sem exceção, se referem ao ex- prefeito João Rosa. O Sul das Geraes é um dos jornais cujo proprietário tem uma relação de amizade com o ex- prefeito João Rosa (como já referido anteriormente nesta pesquisa), mas nesta categoria o jornal parece ter deixado a amizade de lado, embora em escala bem menor que o Folha do Vale, e publicou algumas matérias que são denúncias contra João Rosa. Deve-se acrescentar que os títulos que carregam o nome de Francisco Rafael e o de vereador, também o denunciam, ao mesmo tempo que João Rosa, e por isso constam como duas ocorrências no quadro.

Deve-se acrescentar que o Jornal do Estado não publicou nenhum título nesta categoria acima analisada. Entre os títulos do Jornal do Estado, do período pré-eleitoral de 1996, não foi encontrada uma só denúncia contra prefeito ou vereador daquela época, provando mais uma vez que este jornal prefere se omitir em questões polêmicas, como seu proprietário declarou em entrevista a esta pesquisa. O jornal tem uma política editorial comercial e não deseja entrar em conflito com ninguém.

Como quarta categoria selecionada para análise dos títulos, a pesquisa buscou identificar a presença de pesquisas (referência direta a qualquer pesquisa) nos títulos das matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral para prefeitos e vereadores na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, no ano de 1996.

QUADRO 11 – Levantamento de títulos referentes à pesquisa eleitoral com indicação ou sem indicação da fonte (órgãos responsáveis), em jornais de Pouso Alegre nas eleições de 1996

JORNAL	JORN. DO ESTADO							SUL DAS GERAIS							FOLHA DO VALE							
Pesquisas	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	TOT
Com indicação da fonte																			1		1	1
Sem indicação da fonte				1	1 + 1		3				1 + 1			2								5
total							3							2							1	6

Constata-se a partir da leitura dos dados do quadro que:

a) Foram publicados dois títulos sobre pesquisa eleitoral no jornal Sul das Geraes, e três no Jornal do Estado, todos eles sem identificação da fonte ou do órgão responsável pela pesquisa. Todas as pesquisas identificadas nos títulos não revelam as fontes ou órgãos que fizeram a pesquisa.

b) O Folha do Vale publicou apenas um título sobre pesquisa eleitoral.

Analisando a categoria selecionada – sobre pesquisas eleitorais - , verificou-se apenas seis ocorrências, três no Jornal do Estado e duas no Sul das Geraes e uma no Folha do Vale.

O Jornal do Estado publicou os seguintes títulos:

Jair lidera pesquisa (20/9/96)

Nova Pesquisa aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira (2/10/96)

Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos (2/10/96)

E o Sul das Geraes publicou os seguintes títulos:

Pesquisa aponta liderança de Jair na disputa da prefeitura (20/9/96)

Pesquisa aponta Jair favorito à Prefeitura (20/9/96)

Todos os títulos sobre pesquisas foram publicados a poucos dias da eleição. Dois deles, apenas um dia anterior à eleição: *Nova Pesquisa aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira* (2/10/96), *Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos* (2/10/96), prevendo a vitória do candidato do PPB, Jair Siqueira. Os predicados: *aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira e deverá bater seu próprio recorde de votos*, mostram uma situação completamente favorável ao candidato. Antes destes dois títulos o Jornal do Estado já havia publicado : *Jair lidera pesquisa*, apresentando o candidato à frente. Neste mesmo dia, 20 de setembro de 1996, o Sul das Geraes publica sobre esta mesma pesquisa dois títulos: *Pesquisa aponta liderança de Jair na disputa da prefeitura*, *Pesquisa aponta Jair favorito à Prefeitura*. Os verbos transitivos e expressões lidera, aponta liderança e aponta favorito; evidenciam que o candidato referido nos títulos estaria vencendo as eleições. Apesar dos dois proprietários destes jornais serem amigos do ex- prefeito João Rosa, estes títulos passam a ser a prova irrefutável de que após a proximidade dos resultados de pesquisas favoráveis ao candidato de oposição ao prefeito da época, não haveria como não dar destaque a possível vitória do outro concorrente. O Jornal do Estado já estaria, desde o início (primeira categoria), com a tendência em querer apoiar Jair Siqueira, mas o Sul das Geraes, como pôde-se verificar em várias categorias, demonstrou, em quase todo o estudo, uma tendência de resistência a este candidato.

Já o Jornal Folha do Vale, que se mostrou favorável à candidatura de Jair Siqueira em todas as categorias, publica apenas o seguinte título sobre o assunto, após a vitória de seu candidato favorito: *Vitória de Siqueira supera pesquisas* (10/10/96). O título mostra que o candidato da igreja católica de Pouso Alegre superou o que era esperado em relação às pesquisas realizadas, ou que, a votação de Siqueira foi além do que se mediu nas pesquisas de opinião pública. Este jornal não publicou pesquisas antes das eleições, preferindo a publicação referente a esta categoria apenas após a vitória do candidato que apoiou.

A falta de identificação das fontes de informação das pesquisas nos títulos demonstram que estes jornais não estariam preocupados em apresentar para o público, pelo menos nos títulos, que as pesquisas eram provenientes de institutos conhecidos, e que portanto, de credibilidade da opinião pública. Procurando mais informações sobre as

pesquisas eleitorais publicadas, verificou-se que estes títulos referem-se à pesquisas encomendadas por um candidato, a um instituto de pesquisa sediado em Lavras, (naquela época), denominado Pesquisa de Opinião Pública e Consultoria Estatística Ltda (MDA), que teria realizado duas pesquisas naquele ano sobre as eleições municipais em Pouso Alegre.

Como quinta categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar denúncias com referência nominal (citando os nomes de candidatos denunciados) nos títulos de matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral do município de Pouso Alegre, no ano de 1996. Apesar de terem quatro candidatos a prefeito e inúmeros candidatos a vereador, apenas um foi citado nominalmente em denúncias.

QUADRO 12 – Levantamento de títulos referentes a denúncia contra candidatos em jornais de Pouso Alegre nas eleições de 1996

JORNAL	JORN. DO ESTADO							SUL DAS GERAIS							FOLHA DO VALE							
CANDIDATOS	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	TOT
Jair Siqueira			1	1 + 1			3		1 + 1		1			3				1			1	7
total							3							3							1	7

Constata-se através da leitura dos dados do quadro que:

a) Todas as denúncias publicadas nos títulos dos três jornais pesquisados estão direcionadas para o candidato Jair Siqueira do PPB. Foram publicadas sete denúncias contra ele no período pré-eleitoral de 1996.

b) O jornais do Jornal do Estado e Sul das Geraes publicaram três denúncias cada um, e logo depois vem o Folha do Vale que publicou uma denúncia.

O Sul das Geraes confirma sua característica de jornal denunciador, comentada por seu atual editor, Sérgio Batista, em entrevista a esta pesquisa, ao publicar nesta categoria três denúncias contra Jair Siqueira:

PMDB pede impugnação de Jair Siqueira (19/7/96)

Jair Siqueira pode ter candidatura impugnada (19/7/96)

Prefeitura conclui sindicância. Rosa considera Jair Siqueira envolvido

Processo vai para o Ministério da Saúde (27/9/96)

Ao publicar títulos que contém uma carga semântica desfavorável ao candidato Jair Siqueira, utilizando verbos transitivos como: *pedir, concluir, considerar* e *ir*; e expressões como: *pede impugnação, candidatura impugnada, considera Jair Siqueira envolvido* e *vai para o Ministério Público*; percebe-se que o Sul das Geraes fez títulos, do início ao fim, com caráter denunciador em relação ao candidato, desde o pedido, no primeiro deles, quando se deseja anular a participação do candidato nas eleições de 1996, até o último, em que se conclui a sindicância e o prefeito o considera envolvido, resultando em processo encaminhado ao Ministério Público. É uma espécie de trajeto de condenação prévia, utilizado, às vezes, em entrevistas e matérias de jornalismo policial e investigativo, que pode conter uma intenção e um desfecho negativos.

Os títulos que o Jornal do Estado publicou são:

Juiz considera improcedente o pedido de impugnação de Jair (2/8/96)

Sindicância aponta fraude na saúde

Relatório denuncia cobrança indevida ao SUS na administração Jair Siqueira (27/9/96)

Sai relatório do SUS

Sindicância revela cobrança indevida na administração de Jair (27/9/96)

Percebe-se que a intenção do Jornal do Estado não é a mesma do Sul das Geraes, em relação à publicação de títulos contendo denúncias contra Siqueira. Tanto que, o primeiro título desta categoria já contém a absolvição do candidato do PPB, ao utilizar o verbo transitivo *considerar*, e o seu complemento *improcedente*, em relação a uma denúncia que era dirigida ao candidato, a improcedência demonstra a falta de fundamentação da denúncia, ou que ela não pode ser comprovada. O título também apresenta como sujeito da ação, um juiz, o que dá maior credibilidade e legalidade ao fato.

Já nos outros dois títulos indicando denúncia contra Siqueira, no Jornal do Estado, o nome dele só aparece na linha fina do título, e se apenas os títulos fossem observados, sem a linha fina, não se perceberia que estas denúncias seriam referentes a este candidato. Mas como a linha fina é complemento do título, não se pode deixar de fazer a leitura delas. Tanto a primeira como a segunda, *Relatório denuncia cobrança indevida ao SUS na administração Jair Siqueira* e *Sindicância revela cobrança indevida na administração de Jair*, utilizam uma expressão chave da denúncia que corresponde a cobrança indevida, ou seja, que é considerado criminoso, cobrar indevidamente um órgão responsável pela saúde pública do país.

Como já foi comentado, este relatório foi denunciado pelo então prefeito de Pouso Alegre João Batista Rosa, opositor de Siqueira, em uma coletiva promovida por este ex-prefeito. Posteriormente foi publicado neste mesmo jornal, na semana posterior, um dia antes das eleições, um outro relatório que praticamente considerava a primeira publicação mentirosa. Não houve a devida retratação do veículo, por ter publicado uma página inteira com uma única versão de uma denúncia grave. O título da matéria que falava do relatório posterior como pode-se recordar dizia: *O verdadeiro relatório da Comissão de Sindicância do SUS inocenta administração Jair Siqueira.* Ao utilizar o termo, *verdadeiro*, o Jornal do Estado passa a considerar o outro título, também publicado por ele como falso, ou seja, uma mentira.

O Jornal do Estado demonstra com estas publicações ou uma ingenuidade na prática jornalística ou um jogo duplo, para agradar a todos. Confia em todas as declarações e publica denúncias sem qualquer preocupação de checar as informações. E depois publica mensagens contrárias na semana seguinte, sem se retratar para o público. È como se os fatos incorretos das denúncias da semana anterior não tivessem existido e pudessem ser desmentidos com a maior facilidade.

O jornal Folha do Vale só publica um título que insinua a existência de denúncias contra Jair Siqueira: *Jair Siqueira combate denúncias*. O fato do candidato estar combatendo denúncias já limita seu comprometimento com alguma situação que possa prejudicá-lo. O Folha do Vale mostra mais uma vez seu favoritismo pelo candidato. O verbo *combater* remete a uma postura de enfrentamento do candidato contrária às denúncias a seu respeito, demonstrando que ele não as teme.

O Sul das Geraes e o Jornal do Estado publicaram nesta categoria 42,85% cada um, e o Folha do Vale 14,28%. Deve-se levar em conta que os dois últimos títulos do Jornal do Estado, contra o candidato Jair Siqueira saíram na penúltima semana, anterior às eleições de 1996, o que provavelmente teria a finalidade de diminuir a votação do candidato e a tentativa de fazê-lo perder a eleição, o que não ocorreu. No entanto, o mesmo Jornal soltou na semana posterior, no dia 2 de outubro, um dia antes das eleições, matérias contrárias às apresentadas pelo jornal. Em uma semana o jornal acusou e na outra inocentou o candidato. Uma postura confusa e indefinida. O jornal justificou em texto que, as informações contidas no primeiro relatório teriam sido passadas durante uma coletiva com o prefeito na época, João Batista Rosa, e seriam diferentes das do segundo relatório, elaborado por vereadores, que também foram apresentados como os membros da comissão que investigou os fatos e, elaboradores do primeiro relatório. O segundo relatório teria chegado ao jornal após o fechamento da edição anterior, e só poderia ser publicado, segundo justificou o jornal, na semana seguinte. O que não fica claro é, como que em uma denúncia tão grave como esta, um jornal que se diz sério e isento não procurou ouvir o outro lado da notícia ou outras fontes de informação que relatassem a outra versão?

O jornal Sul das Geraes também não ouviu o outro lado da notícia nestes casos de denúncia. Prova disso é que, só na segunda semana, após a edição da primeira denúncia, referindo-se aos dois primeiros títulos, o veículo publica o seguinte na manchete principal: *Confirmada a candidatura de Jair Siqueira (Pedido de impugnação é julgado improcedente)*. Sobre a outra denúncia, corespondendo ao título que inocentava Jair Siqueira, o jornal justifica no final do texto, que havia recebido uma cópia do relatório do SUS isentando o candidato Jair Siqueira de qualquer responsabilidade, mas como o documento era uma cópia xerocada e anônima, e ainda, como a redação do jornal não havia conseguido falar com Jair Siqueira, nada foi publicado na versão do acusado. Também trata-se de uma postura duvidosa do ponto de vista da imparcialidade e interesse. Durante a entrevista com a ex- editora do Sul das Geraes, Sônia Cabral, a jornalista explica que houve a interferência do proprietário do veículo, naquela época, em relação a esta matéria, para que o jornal publicasse apenas a versão de João Batista Rosa sobre o relatório, ou seja, a que considerava Jair Siqueira culpado (ver entrevista em anexo). A referida jornalista ainda

justificou que, por decisão dela, resolveu colocar no final da matéria a informação do outro relatório que havia chegado posteriormente e que inocentava o candidato Siqueira.

O Folha do Vale foi o único jornal que não publicou a denúncia de corrupção que envolvia o candidato Jair Siqueira em irregularidades na Secretaria Municipal de Saúde (Caso SUS), como os outros jornais. Talvez por fechar suas edições às quartas-feiras e não às quintas, como os outros, já que, a divulgação do relatório pelo prefeito, naquela época, foi realizada na tarde de uma quarta-feira, 25 de setembro de 1996. Ou não deu mesmo tempo de cobrir o assunto, ou o jornal preferiu veicular com quatro outros títulos, no dia 3 de outubro, em pleno dia de eleição, inocentando o candidato Jair Siqueira: *Relatório do SUS é mal interpretado* (1ª página), *Caso SUS provoca polêmica, Relatório descarta hipótese de benefício pessoal* e *Vereador refuta acusações* (os três últimos na página 3).

Como sexta categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar títulos que demonstrem o apoio dos jornais estudados a candidatos ou políticos, durante o período pré-eleitoral de 1996.

O Jornal do Estado foi o que mais publicou títulos apoiando o candidato do PPB Jair Siqueira. Desde o início desta pesquisa o Jornal do Estado já estaria mostrando-se favorável a este candidato. Com cinco títulos que evidenciam apoio à Jair este jornal apenas confirma sua tendência de favoritismo.

QUADRO 13 – Levantamento de títulos que revelam o apoio do jornal a determinado candidato ou político em jornais de Pouso Alegre nas eleições de 1996

JORNAL	JORN. DO ESTADO							SUL DAS GERAIS							FOLHA DO VALE							
CANDIDATOS OU POLÍTICOS	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	TOT
Jair Siqueira			1 + 1	1	1 + 1		5				1 + 1			2								7
João Rosa									1	1 + 1				3								3
total							5							5								10

Constata-se através da leitura dos dados do quadro que:

a) Jair Siqueira obteve maior número de títulos de apoio dos jornais analisados. Foram 7 dos dois jornais que publicaram títulos referindo-se a esta categoria: Jornal do Estado publicou 5 apoiando Jair Siqueira e o Sul das Geraes publicou 2.

b) O jornal Folha do Vale não publicou nenhum título apoiando diretamente qualquer candidato. O fato de não publicar nenhum título nesta categoria, que revela apoio do jornal a candidatos ou políticos, mostra que este jornal não quer mostrar-se diretamente favorável a este ou a aquele candidato ou político.

c) O Sul das Geraes publicou três títulos que demonstram seu apoio a João Rosa.

d) Percebe-se ainda que o apoio de jornais a candidatos e políticos ocorre em meses diferentes. O Jornal do Estado publica títulos apoiando Siqueira em três meses consecutivos, agosto, setembro e outubro; já o Sul das Geraes publica títulos apoiando Rosa em julho e agosto e em setembro publica dois títulos apoiando Siqueira.

Foram os seguintes títulos publicados pelo Jornal do Estado:

Jair : compromisso com a verdade (16/8/96)

Jair Siqueira: verdade a todo momento (16/8/96)

Jair lidera pesquisa (20/9/96)

Nova pesquisa aponta vitória tranqüila de Jair Siqueira (2/10/96)

Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos (2/10/96)

Com estes títulos o Jornal do Estado coloca seu candidato favorito sempre em situação privilegiada. Os dois publicados em agosto por exemplo, são verdadeiros slogans que apontam o candidato como aquele que é sempre comprometido com a verdade, e quem é comprometido com a verdade geralmente é honesto, referindo-se a uma qualidade política pouco comum nos dias de hoje. Além disto estes dois títulos são publicados em um mesmo dia, o que demonstra o desejo do jornal em destacar a qualidade deste candidato.

Os três últimos, embora refiram-se às pesquisas, já comentados neste estudo, são títulos que passam a impressão de que este candidato está sempre vencendo. Em setembro ele *lidera*, e apenas a um dia da eleição, o jornal publica mais dois títulos em que o candidato *terá vitória tranqüila*, e ainda, *irá bater seu próprio recorde*.

O Sul das Geraes publica os seguintes títulos que podem ser considerados, apoio do jornal ao candidato:

Pesquisa aponta liderança de Jair na disputa da prefeitura (20/9/96)

Pesquisa aponta Jair Siqueira favorito à Prefeitura (20/9/96)

Na verdade o jornal Sul das Geraes apenas publicou pesquisas em tom favorável à candidatura de Jair Siqueira, mas de qualquer forma, os títulos não deixam de ser apoio para o candidato. Os dois títulos utilizam o verbo transitivo *apontar*, como forma de se referir ao favoritismo de Siqueira, mas primeiro além de mostrar o candidato como liderança também o indica como aquele que é favorito.

Em títulos que revelam apoio do jornal à determinado político, o Sul das Geraes publicou: *Rosa desabafa:"Jair Siqueira é comprometido com ele mesmo"* e *Rosa: "Aqui é lugar de compromisso"*, os dois no dia 9 de agosto de 1996. No dia 26 de julho de 1996 o jornal já teria publicado, *Copasa em Pouso Alegre. Prefeito convence oposição.* Vê-se pelo teor dos títulos a vontade do jornal em apoiar o ex-prefeito João Batista Rosa, que estaria sendo criticado pelo candidato a prefeito Jair Siqueira. Essa tendência do Sul das Geraes em querer apoiar João Rosa é evidente nesta pesquisa, em diversos momentos. Rosa é amigo pessoal do proprietário do Sul das Geraes, Erivaldo Bezerra, e por isso o jornal

apoiou o ex-prefeito em diversas administrações e candidaturas. Uma situação característica do antigo sistema oligárquico, em que a troca de favores e apoios entre amigos, pessoas de interesses comuns, é uma característica peculiar (ver entrevista com o editor Sérgio Batista).

O Jornal do Estado publicou dois títulos apoiando Jair Siqueira em agosto, um em setembro e outros dois em outubro. Com essa quantidade de títulos o JE mostrou claramente sua tendência a Jair Siqueira, embora o gerente comercial do jornal, Eduardo Gusmão, que foi editor por muitos anos do JE, tivesse também comentado que o proprietário do jornal, Sebastião Foch Kersul, por algum tempo, teria apoiado o ex-prefeito, João Batista Rosa. Deve-se considerar que, o JE não publicou nenhuma denúncia contra Rosa, durante o período pré-eleitoral, ao contrário dos outros jornais. Lê-se acima, foram ao todo 20 denúncias relacionadas no Folha do Vale e Sul das Geraes. Verifica-se que o Jornal do Estado prefere se omitir em certas questões de seu interesse. A decisão de não publicar títulos contra uma pessoa que ocupa um cargo político importante (no caso o ex- prefeito) e ao mesmo tempo apoiar seu adversário político, que tinha grande chance de ser eleito, pode ser entendida como uma estratégia para não perder seu prestígio junto à qualquer administração pública e, conseqüentemente, garantir, no futuro próximo, a troca de poder político por econômico. Um situação indefinida, não criticar ninguém para estar sempre bem com todos.

Como sétima categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a ocorrência de títulos, que revelassem nomes de partidos políticos (por meio de siglas). Entre os que foram encontrados estão: o Partido da Frente Liberal - PFL, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, o Partido Popular Brasileiro – PPB, o Partido da Reconstrução Popular – PRP, e o Partido dos Trabalhadores – PT.

QUADRO 14– Levantamento de títulos que revelam nome de partidos políticos nas eleições de 1996 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO							SUL DAS GERAIS							FOLHA DO VALE							
Partidos Políticos	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	TOT
PFL										1				1			1				1	2
PMDB									1					1								1
PPB		1					1															1
PRP										1				1								1
PT																		1 + 1			2	2
total							1							3							3	7

Constata-se através da leitura dos dados deste quadro que:

a) Foram localizados sete títulos no total que revelam nomes de partidos políticos por meio de siglas nos três jornais pesquisados.

b) Apenas o Partido da Frente Liberal, PFL, e o Partido dos Trabalhadores, PT, tiveram suas siglas citadas em dois títulos, cada um.

c) Os Jornais que mais publicaram títulos utilizando siglas partidárias foram: o Sul das Geraes e o Folha do Vale, com três títulos localizados em cada um.

O Sul das Geraes que publicou três títulos nesta categoria fez os seguintes títulos:

PMDB pede impugnação de Jair Siqueira (19/7/96)

Candidato do PRP confirma candidatura independente (9/8/96)

Rosa expulso do PFL (16/8/96)

O Jornal Sul das Geraes publicou as seguintes legendas de partidos: PMDB, PRP e PFL. O primeiro e o último títulos apesar de mostrarem duas legendas, o PMDB e o PFL, também apontam para duas situações bastante constrangedoras para um candidato e para um político da época. A primeira, de ter a candidatura impugnada, e a outra, de ser expulso de partido. O verbo *pedir*, com o complemento *impugnação* já remete a uma situação desfavorável. E o último título, mesmo faltando o verbo principal, seu auxiliar *expulsar* explica o momento delicado que atravessava o ex- prefeito.

Já o título que refere-se ao PRP é favorável ao candidato, divulgando apenas a sua candidatura independente. O verbo transitivo *confirmar*, mostra o candidato lançando a candidatura a partir daquele dia.

O Jornal do Estado publica apenas um título nesta categoria que é:

PPB contesta impugnação (2/8/96)

Este título revela que o partido PPB está defendendo o candidato Jair Siqueira contra o pedido de impugnação feito pelo PMDB, que consta em um título do Sul das Geraes. O verbo *contestar* é o mesmo que se opor, no caso o PPB estaria se opondo ao pedido que colocava em risco seu candidato.

O Folha do Vale publica três títulos com nomes de siglas de partidos.

Prefeito João Rosa é expulso do PFL (22/8/96)

Postura dos Políticos é criticada pelo PT (19/9/96)

Maria Ângela, do PT, espera "virada" (26/9/96)

O primeiro mostra o prefeito em péssima situação ao ser expulso de seu próprio partido. O mesmo assunto foi publicado pelo Sul das Geraes, no entanto em datas diferentes. O Folha publicou o fato uma semana após. Neste jornal é utilizado o verbo *ser*, permitindo mais ação ao fato, tornando-o mais quente, diferente da forma como foi divulgado pelo Sul das Geraes Já o segundo título, mostra a atitude crítica do Partido dos Trabalhadores em relação aos outros partidos. Apesar de ser o único jornal que publica a sigla de um partido da esquerda por duas vezes, nesta categoria, o Folha do Vale apoia o candidato do PPB, fato evidenciado em outras categorias.

A postura de políticos criticada pelo PT, pode significar a chance que o Folha do Vale deu ao PT de fazer uma crítica. O último título desse jornal também refere-se à sigla do PT apresentando a candidata a prefeita do partido aguardando uma virada no quadro

eleitoral. O verbo *esperar*, dá a impressão que o PT está estagnado, esperando a situação mudar.

3 – Eleições de 1998

Nas eleições de 1998 foram escolhidos governadores, deputados estaduais, federais e senadores, além de presidente da República. A análise não incluiu os títulos em relação aos candidatos a presidência da República, por considerar que as outras candidaturas estariam mais próximas da realidade dos jornais do interior. Foram analisados os títulos referentes aos meses de julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 1998.

A técnica de registro dos dados no quadro de categorias se manteve a mesma em todos os períodos estudados por esta pesquisa, variando apenas as categorias e o período de estudo, que foram definidos a cada eleição (ano), de acordo com as divulgações jornalísticas que ocorriam. Assim, se no período eleitoral de 1994, a pesquisa abrange os meses que vão de agosto a novembro, em 1996 o estudo vai de junho à novembro e em 1998 cobre de julho a novembro. Esta diferença é explicada pelo maior aparecimento de títulos sobre a campanha eleitoral em determinado mês, tendo variado a cada ano eleitoral, o que foi percebido nas primeiras leituras feitas por esta pesquisadora, ao iniciar o estudo. E as categorias foram quase todas, praticamente, mantidas nos períodos, mas durante o estudo percebeu-se que algumas delas tinham menos importância para cada análise em especial.

Na primeira categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a referência nominal (citação de nomes de candidatos a governador) em títulos de matérias jornalísticas, nos três jornais estudados de Pouso Alegre, por ocasião da campanha eleitoral para governador do Estado de Minas Gerais no ano de 1998. Concorreram, na época, os candidatos: Eduardo Brandão de Azeredo do Partido Social Democrático Brasileiro, - PSDB, pela coligação PPB/PTB/PFL/PSN/PSD/PSDB, Francisco Simões de Aguiar do Partido da Reconstrução Nacional, - PRN, Israel Pinheiro do Partido Social dos Trabalhadores Unidos, PSTU, Milton Jun Yumiya do Partido da Reconstrução Popular, - PRP, Itamar Augusto Cautiero Franco do Partido do Movimento Democrático

Brasileiro, - PMDB pela coligação PMDB/PSL/PST/PTN, e Patrus Ananias do Partido dos Trabalhadores, - PT pela coligação PDT/PT/PCB/PSB/PV/PC do B.

QUADRO 15– Levantamento de títulos com referência nominal de candidato a governador de Minas Gerais, durante campanha eleitoral de 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Eduardo Azeredo		1+1	1	1+1+1		6			1	3		4	2	1		1		4	14
Francisco Simões de Aguiar																			
Itamar Franco			2	2+1		5		2	1	3+1		7				3+1		4	16
Israel Pinheiro																			
Milton Jun Yumiya																			
Patrus Ananias													1					1	1
total						11						11						9	31

Constata-se através da leitura dos dados do quadro que:

a) O candidato Eduardo Azeredo, que buscava reeleição em 1998, obteve 14 citações de seu nome em títulos dos três jornais de Pouso Alegre; dois títulos a menos que o candidato Itamar Franco que foi citado em 16 títulos nos mesmos três jornais, durante o período pré-eleitoral analisado por esta pesquisa.

b) Foram publicados, ao todo, nesta categoria, 31 títulos referindo-se nominalmente a três candidatos a governador. O candidato Patrus Ananias é citado em apenas um título do Jornal Folha do Vale.

c) Não foi publicado nenhum título sobre outros 3 candidatos a governador pelo Estado de Minas Gerais, no período pré- eleitoral de 1998.

d) O jornal Sul das Geraes publicou mais títulos com referência ao nome de Itamar Franco, num total de sete. E o Jornal do Estado publicou mais títulos com referência nominal ao candidato Eduardo Azeredo, foram seis em cinco meses analisados. O Folha do Vale publicou o mesmo número de títulos para Eduardo Azeredo e para Itamar Franco.

O Folha do Vale refere-se ao nome de Eduardo Azeredo - PSDB, em títulos de matérias, quatro vezes entre julho e novembro de 1998. Este jornal publica esse mesmo número de títulos referindo-se ao candidato do PMDB, Itamar Franco, e cita em um título o candidato, Patrus Ananias do PT.

Os títulos do Folha do Vale foram:

Azeredo visita Sul de Minas em busca de apoio e votos (24/7/98)

Eduardo Azeredo faz campanha no Sul de Minas (24/7/98)

Eduardo Azeredo volta a região (7/8/98)

Em campanha Patrus Anananias visita Pouso Alegre (4/9/98)

Eduardo Azeredo e Itamar Franco participam de Encontro de Prefeitos (16/10/98)

Itamar diz que plano de desenvolvimento será em conjunto com a sociedade (30/10/98)

Mineiros decidem por Itamar no 2° turno (30/10/98)

Itamar Franco fala sobre seu programa de governo (30/10/98)

Os três últimos títulos citando o nome de Itamar Franco saíram após a sua eleição, para governo de Minas Gerais, e serão, portanto, considerados fatos de grande probabilidade de publicação por todos os jornais, pelo menos os pertencentes a este estado. Entre os demais, o Folha publicou quatro de Azeredo e apenas um de Itamar durante a

campanha, o que dá a Azeredo uma vantagem de três títulos a mais, ou mais do dobro, em um período de quase quatro meses. Se considerarmos o título referente ao encontro de prefeitos, *Eduardo Azeredo e Itamar Franco participam de Encontro de Prefeitos,* observa-se que, tanto um nome quanto o outro estão presentes neste título, o que resta apenas um título individual sobre o atual governador, Itamar Franco, nos três meses que antecederam as eleições de 98, publicados no jornal Folha do Vale. Enquanto Azeredo teve publicado seu nome individualmente em três títulos, antes da eleição, mais do dobro do que o de Itamar Franco.

Outra diferença é sobre os títulos em que aparecem o nome de Azeredo. Eles têm sempre um apelo identificador de que o candidato está em constante campanha, em persistente presença em busca de apoio e votos: *Azeredo visita Sul de Minas em busca de apoio e votos*, *Eduardo Azeredo faz campanha no Sul de Minas*, *Eduardo Azeredo volta a região*. Enquanto os títulos que citam Patrus, *Em campanha Patrus Anananias visita Pouso Alegre,* e Itamar, antes do resultado das eleições, *Eduardo Azeredo e Itamar Franco participam de Encontro de Prefeitos,* passam a idéia de que eles apenas participam de encontros ou visitam a cidade em época de campanha, esporadicamente. Percebe-se um tratamento diferenciado e a preferência do jornal aponta para Eduardo Azeredo. Nos títulos publicados sobre Azeredo usam-se os verbos transitivos *visitar, fazer e voltar*, acompanhados dos complementos: *visita Sul de Minas em busca de apoio e votos*, *faz campanha no Sul de Minas* e *volta à região*, são mais direcionados ao sul do Estado e indicam que o candidato está sempre presente em toda a região. Enquanto os outros candidatos apenas vêm para uma visita rara, ou para participar de um encontro com prefeitos, e ainda restringe-se a cidade de Pouso Alegre.

No Jornal do Estado aparecem seis títulos citando o nome do candidato ao governo de Minas, Eduardo Azeredo (PSDB), sete referindo-se ao nome de Itamar Franco (PMDB) e um citando o nome de Patrus Ananias (PT), entre os meses de julho a novembro de 1998.

Os títulos foram:

Azeredo usa dívida em Minas (em 14/8/98)

Azeredo e Patrus em Pouso Alegre (28/8/98)

ISTO É revela ascensão de Itamar Franco (4/9/98)

Pesquisa ISTO É mostra Itamar 14% à frente de Azeredo (4/9/98)

Azeredo e Itamar vêm ao encontro de prefeitos (9/10/98)

Itamar e Azeredo apresentam propostas a prefeitos (16/10/98)

Itamar X Azeredo chegou a hora da verdade (23/10/98)

Sul de Minas optou por Itamar (30/10/98)

Itamar ganha na maioria dos Municípios do Sul de Minas (30/10/98)

Em número, os títulos com o nome dos candidatos a governador, Itamar e Azeredo, no Jornal do Estado, quase empatam. Itamar teve um título a mais que seu concorrente. No entanto, através da observação destes títulos, pode-se verificar um detalhe importante, a metade deles faz citação do nome dos dois concorrentes, acima referidos, em um mesmo título, o que pode ser entendido como uma preocupação do jornal em mostrar uma posição quase neutra do veículo. Mas acontece que, os dois últimos títulos foram publicados após a eleição, o que seria também uma notícia de maior probabilidade de ser divulgada, como comentado acima. Os outros foram publicados durante a campanha, e entre eles existe quase um equilíbrio em relação ao conteúdo veiculado sobre os dois candidatos. Um equilíbrio em querer apresentar os dois políticos quase como se fossem partidários de uma mesma proposta. Para o jornal parece que tanto faz um como o outro. A única diferença localizada nos conteúdos dos títulos os tornam mais favoráveis a Itamar Franco, e estão presentes nos dois títulos sobre a pesquisa veiculada pela Isto É, a qual o jornal se baseia e acaba por beneficiar Itamar Franco. *ISTO É revela ascensão de Itamar Franco* e *Pesquisa ISTO É mostra Itamar 14% à frente de Azeredo*. Mas, alguns dias após a edição sobre a pesquisa, o jornal passa a publicar os nomes de Itamar e Azeredo novamente em um mesmo título, retornando a uma posição aparentemente neutra.

Nota-se que ao utilizar as expressões verbais: *revela ascensão* e *mostra Itamar 14% à frente*, os títulos do Jornal do Estado tornam o candidato do PMDB muito mais importante que o do PSDB. *Revela ascensão* imprime ao candidato a idéia de que ele sobe e atinge a vitória. O verbo *revelar* conota um sentido de religiosidade, as revelações da igreja, por exemplo, que com termo *ascensão* estão relacionadas à subida de Jesus Cristo ao céu após a morte. É um apelo dramático e que acaba beneficiando o candidato Itamar colocando-o acima do seu concorrente.

Observando ainda o primeiro título sobre Azeredo: *Azeredo usa dívida em Minas,* nota-se uma certa intenção em mostrar o uso indevido do dinheiro público por parte do

candidato, sendo este mais um indício de que o jornal estaria com uma tendência maior para a candidatura Itamar. É cabível lembrar que o Folha do Vale não publicou este título, um indício da diferente proposta política entre um e outro jornais. Além disso o verbo *usar*, presente no título, leva o leitor a perceber o pouco cuidado do candidato em relação ao dinheiro público, e mais ainda, com a dívida do estado, mostrando o quanto é inescrupuloso o candidato.

O proprietário do Jornal do Estado, Sebastião Foch Kersul (entrevista, 1999) falou que a proposta ideológica do jornal é a empresarial e apolítica e em períodos eleitorais essas matérias políticas seriam publicadas através de matérias pagas. Só que matéria paga deveria vir entre fios e com indicação de publicidade, e em nenhum desses títulos ocorreu isto.

O Sul das Geraes publica quatro títulos citando o nome de Eduardo Azeredo e sete com o de Itamar Franco. Não cita o nome de nenhum outro candidato, no período de julho à novembro. Nesta diferença quantitativa, quase o dobro, o jornal apresenta uma suposta vantagem de Itamar sobre Azeredo, em títulos publicados, que serão analisados melhor na observação dos conteúdos:

Itamar Franco visita Pouso Alegre (7/8/98)

Itamar Franco vem a Pouso Alegre e não tem povo para recepcioná-lo (7/8/98)

Itamar cai e Azeredo sobe 3,2 pontos, diz pesquisa(25/9/98)

Data tempo revela empate técnico entre candidatos (25/9/98)

Azeredo transforma Estado em "condomínio familiar" (23/10/98)

Itamar chega ao 2° turno com ampla vantagem sobre Azeredo (23/10/98)

Azeredo fez do governo cabide de emprego para familiares (23/10/98)

Itamar fala sobre seu programa de governo (30/10/98)

Itamar comprova nas urnas, a força de seu nome 30/10/98)

Itamar comprova nas urnas a aprovação de sua candidatura (30/10/98)

Em um primeiro momento, o jornal Sul das Geraes publica títulos desfavoráveis ao candidato do PMDB: *Itamar Franco visita Pouso Alegre*, *Itamar Franco vem a Pouso Alegre e não tem povo para recepcioná-lo*, *Itamar cai e Azeredo sobe 3,2 pontos, diz pesquisa*, *Data tempo revela empate técnico entre candidatos*. Os dois primeiros títulos que contêm os verbos transitivo *visitar* e o intransitivo *vir* (vem), os dois apresentam o

candidato como alguém que apenas visita o município. O segundo mostra que o povo ignora a vinda do candidato ao governo de Minas à cidade, que já teria sido, inclusive, há pouco tempo atrás, presidente do Brasil. O terceiro título usa dois verbos intransitivos: *cair* e *subir*. O verbo cair direcionado para a intenção de voto de Itamar, apontando sua queda e portanto um possível fracasso na candidatura, enquanto Azeredo estaria subindo nas intenções de voto e deveria ser o vencedor. O quarto deles já indica um quadro indefinido, pois explica que estaria havendo um empate técnico, devido a pequena diferença percentual entre os dois candidatos. Só que, este quarto título foi publicado no mesmo dia em que ocorre a elevação de um candidato a queda do outro, um e outro títulos portanto se completam. Mas parecem ser dois títulos de conteúdos contraditórios. O primeiro e o segundo títulos também foram publicados em uma única edição, no entanto, o tom desfavorável do segundo leva o leitor acreditar que a vinda de Itamar ao município foi um fracasso para o candidato.

Em edições posteriores o jornal faz títulos que denunciam o candidato do PSDB com acusações graves e favorece o outro candidato do PMDB, através da publicação de uma pesquisa: *Azeredo transforma Estado em "condomínio familiar"*, *Itamar chega ao 2° turno com ampla vantagem sobre Azeredo* e *Azeredo fez do governo cabide de emprego para familiares*. O jornal parece definir-se mais favorável a Itamar a poucos dias da eleição. Dois títulos têm um teor contrários ao ex- governador Azeredo, denunciando-o de ter transformado seu governo em "cabide de emprego", beneficiando seus parentes. E o outro título favorece Itamar apontando que este estaria com ampla vantagem sobre seu principal concorrente. Estes três títulos saem em um mesmo dia. A situação muda completamente algumas semanas após a publicação dos primeiros títulos, basta observar estes dois publicados pelo jornal Sul das Geraes: *Data tempo revela empate técnico entre candidatos* (25/9/98) e *Itamar chega ao 2° turno com ampla vantagem sobre Azeredo* (23/10/98). Os candidatos estariam empatados no final de setembro e um mês depois a situação se reverte a favor do candidato do PMDB, que no início não tinha a mínima popularidade no município.

Pela análise semântica destes três últimos títulos verifica-se que os desfavoráveis à candidatura de Azeredo utilizam os verbos transitivos: *transformar* e *fazer*, que trazem como complementos expressões pejorativas com sentido bastante negativo, "*condomínio*

familiar" e "*cabide de empregos*". O verbo utilizado no título favorável a Itamar é o intransitivo: *chegar*, mostrando que o candidato além de chegar ao segundo turno ainda obteve uma ampla vantagem em relação ao seu principal concorrente.

Após a eleição, o jornal lança três títulos, um sobre o programa de governo de Itamar e outros dois sobre a força política do novo governador. É necessário observar que, retirando os três títulos que saíram após a eleição, sobram aqueles que, de certa forma são desfavoráveis aos dois candidatos, mas Azeredo parece estar em situação melhor que Itamar até o final de setembro, no Sul das Geraes, a poucos dias do primeiro turno. Ao passar esta fase eleitoral (1° turno) os títulos são declaradamente contrários a Azeredo e favoráveis a Itamar, no momento oportuno para se definir, para quem se mostrava com uma tendência indefinida. É importante observar ainda que, o Jornal do Estado publica uma pesquisa no início de setembro favorável a Itamar, *Pesquisa ISTO É mostra Itamar 14% à frente de Azeredo* (4/9/98), e o Sul das Geraes publica outra pesquisa no final de setembro um pouco mais favorável a Azeredo, *Itamar cai e Azeredo sobe 3,2 pontos, diz pesquisa*(25/9/98). Nem um nem outro publicam as mesmas pesquisas. Neste aspecto, os dois jornais priorizam de acordo com seus interesses, mostrando-se ligados a uma ou outra proposta, sem se comprometerem no futuro, isto é, sem perderem as possibilidades futuras de obterem publicidades e veiculações vantajosas do futuro governador vencedor.

Percentualmente, os candidatos Itamar Franco e Eduardo Azeredo obtiveram uma diferença de 6,45% no número de títulos publicados entre os nomes deles, durante o período analisado e em todos os três veículos de comunicação desta pesquisa. Itamar Franco obteve 51,61% dos títulos publicados nos três jornais, Azeredo ficou com 45,16% e Patrus Ananias alcançou apenas 3,2%. Este resultado confirma a vantagem do nome Itamar Franco nos jornais, mas percebe-se que só após o segundo turno é que estes jornais se posicionam favoráveis a Itamar. Pelo relatório parcial das eleições de 1998, documento oficial do Cartório Eleitoral de Pouso Alegre, datado 14/10/98, Azeredo vencia as eleições na Comarca de Pouso Alegre. Em 26/10/98, o resultado final apontava novamente Azeredo como o vencedor nas eleições, em Pouso Alegre e região, pertencente a esta mesma Comarca, ao contrário do que ocorreu no resultado final em todo o estado que elegeu Itamar governador.

Como segunda categoria selecionada para análise dos títulos, a pesquisa procurou identificar a presença nominal (referindo-se ao candidato a deputado estadual) nos títulos das matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral de 1998. Concorreram inúmeros candidatos mas serão relacionados apenas os nomes completos e de seus respectivos partidos daqueles que aparecem nos títulos dos jornais pesquisados:
Francisco Rafael Gonçalves da coligação PSB/PT, João Batista Rosa da coligação PMDB/PST, Olavo Bilac Pinto da coligação PPB/PFL/PSDB, Alberto Pinto Coelho Júnior da coligação PPB/PFL/PSDB, Márcio Pereira da Silva da coligação PSC/PAN/PRTB/PMN, Douglas Tadeu Dória da coligação PT/PSB, Miguel Arcanjo da Costa Barbosa da coligação PSN/PSD, Odinaldo Mazon da coligação PPB/PFL/PSDB e Firmo da Mota Paes da coligação PMDB/PST.

QUADRO 16– Levantamento de títulos com referência nominal aos candidatos a deputado estadual em 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Alberto Pinto Coelho			1			1													1
Bilac Pinto										2		2							2
Firmo da Mota Paes													1					1	1
Francisco Rafael			1	1+1		3				1+2 3		6	1			1		2	11
João Batista Rosa		1+1	1	1		4		1+1+1+1	1	2		7							11
Márcio da Lubrimar		1				1													1
Mazon		1				1								1				1	2
Miguel Barbosa			1			1													1
Pe. Douglas															1			1	1
total						11						15						5	31

Constata-se a partir da leitura dos dados do quadro que:

a) Os dois candidatos a deputado estadual com maior incidência de referências nominais nos jornais estudados são Francisco Rafael e João Batista Rosa. Foram localizados o mesmo número de títulos com os nomes dos dois candidatos em todo período pré- eleitoral, 11 para cada um.

b) O jornal Sul das Geraes publicou um título a mais com o nome de João Rosa (7 títulos) e estes concentraram-se mais em agosto. Com o nome de Francisco Rafael o mesmo jornal publicou 6 títulos, todos em outubro. O Jornal do Estado também publica um título a mais para João Rosa, 4 títulos, enquanto que para Francisco Rafael são três títulos.

c) O jornal Folha do Vale publicou apenas cinco títulos nesta categoria. Dois deles com o nome do candidato Francisco Rafael

Em relação a categoria, o jornal Sul das Geraes refere-se aos seguintes candidatos: Francisco Rafael, em seis títulos, João Batista Rosa, em sete títulos e a Olavo Bilac Pinto Neto, em dois títulos. Os títulos são:

Rosa confirma candidatura (abaixo deste título aparece um pequeno texto, que poderia ser identificado como "olho"[1] explicando a candidatura de João Rosa)

Em entrevista coletiva, ex- prefeito confiante em eleger-se deputado estadual. Segundo ele, a tentativa de impugnação não passou de manobra política de seu adversário Francisco Rafael (14/8/98)

Enéas Chiarini apóia candidatura de Rosa (18/9/98)

Projeção da Assembléia Legislativa aponta Rosa como eventual candidato mais votado no Sul de Minas(25/9/98)

Jair Siqueira declara oficialmente apoio a Chico Rafael para deputado estadual (25/9/98)

Projeção da AL aponta Rosa como eventual deputado mais votado de Minas (25/9/98)

Segundo projeções Rosa será o mais votado (2/10/98)

Peso Político do sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções (2/10/98)

[1] Olho é um jargão jornalístico que significa um pequeno texto, em duas ou três linhas, em destaque, com a função de completar e destacar as informações nos textos de notícias, entrevistas e reportagens. Podem ainda aparecer logo abaixo de títulos, completando o sentido dos mesmos, como neste caso.

Chico Rafael e Rosa quase saem no tapa no Colégio São José (9/10/98)

Chico Rafael é eleito deputado estadual (9/10/98)

Candidatos trocam insultos no Colégio São José (9/10/98)

Chico Rafael é eleito representante da cidade na Assembléia Legislativa (9/10/98)

Chico Rafael corre o risco de cassação (16/10/98)

PSB ameaça cassar deputado eleito Francisco Rafael (16/10/98)

Bilac Pinto foi contra anistia para PMs (30/10/98).

Deputado Bilac Pinto contra anistia de PMs (30/10/98)

Verificando a quantidade de títulos entre os dois candidatos a deputado estadual mais citados no Sul das Geraes observa-se que, Rosa teve um título a mais que Rafael, no entanto, esta diferença é pequena. O outro candidato citado, Bilac Pinto, aparece apenas em dois títulos após a eleição. Quanto ao teor destes títulos verifica-se claramente que este jornal apoiou João Rosa. A maior parte dos títulos, até dois dias antes da eleição, é favorável ao candidato João Rosa. Até 2 de outubro de 1998 o Sul das Geraes só publica títulos favoráveis a João Rosa e apenas um deles cita o nome de Francisco Rafael, mesmo assim, falando a respeito do apoio que o candidato do PSB teria recebido do prefeito Jair Siqueira.

O Sul das Geraes foi tão parcial nesta categoria que, até mesmo após o resultado, que definia eleito Francisco Rafael Gonçalves, o jornal ainda publica dois títulos desfavoráveis ao referido deputado estadual, o mais votado em Pouso Alegre, como pode-se verificar acima, através dos títulos e também na relação de candidatos mais votados na 227ª Zona eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral (TRE/MG), para este cargo. Se considerarmos apenas os títulos anteriores à eleição, nota-se que o nome de Rafael apareceu apenas uma vez e os outros títulos sobre João Rosa demonstram o favoritismo do jornal pelo candidato. Até mesmo, uma projeção da Assembléia Legislativa é veiculada no Sul das Geraes como o fator projeção, esta daria credibilidade às publicações que saíam naquela época com a finalidade de eleger João Rosa. Tudo isso se esclarece ainda mais quando associamos os títulos favoráveis a João Rosa à entrevista do editor do Jornal Sul das Geraes, Sérgio Baptista, já comentada em outros períodos eleitorais, que confirma a amizade do proprietário do jornal com o candidato e o apoio que o empresário sempre deu às candidaturas e campanhas deste político. São as oligarquias mineiras com atores da

época atual e com formas diferentes de favorecimento. O representante político municipal que apóia o governador, o empresário da imprensa mineira que apóia o político da mesma cidade, cada um em sua área de atuação, dirigentes de diferentes representações do poder, público ou privado, unem-se para conquistar mais poder e manterem-se por mais tempo na administração local. É a extensão do clientelismo, mandonismo, filhotismo e todas as ações políticas resultantes das oligarquias.

A troca de favores estabelece uma rede de comprometimento entre os poderes que é praticamente disforme, ocorrendo nos bastidores as relações entre atores que têm interesses comuns. Destas relações escusas saem a "carta- branca" a qual LEAL (1997) se refere, já citada no capítulo sobre oligarquias desta dissertação. A carta-branca permite aos atores envolvidos em acordos oligárquicos tomarem decisões que favoreçam pessoas que lhes interessam. No caso do empresário de comunicação poderia ser uma publicação apoiando algum político de seu interesse, como na situação acima.

Os títulos favoráveis ao candidato João Rosa foram: *Rosa confirma candidatura, Enéas Chiarini apóia candidatura de Rosa, Projeção da Assembléia Legislativa aponta Rosa como eventual candidato mais votado no Sul de Minas, Projeção da AL aponta Rosa como eventual deputado mais votado de Minas, Segundo projeções Rosa será o mais votado* e *Peso Político do sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções*. Todos esses títulos são publicados até a véspera da eleição. Os verbos utilizados foram: *confirmar*, *apoiar*, *apontar* e *garantir*, todos transitivos e *ser* predicativo, que de certa forma vem complementados por expressões significativas garantindo uma alta carga semântica. O primeiro apenas apresenta o candidato ao público, mas a partir do segundo, o verbo *apoiar* já coloca em evidência o candidato que recebe adesões de um empresário e político local bastante conhecido. Os títulos seguintes apresentam um órgão público, Assembléia Legislativa, fazendo uma projeção da vitória triunfal de João Rosa. Existe um exagero implícito nestes dois títulos. Primeiro porque são publicados dois títulos, no mesmo dia, falando sobre o mesmo sucesso do candidato, como o concorrente mais votado. Depois, porque ainda, na mesma edição, um outro título além de utilizar o verbo *garantir* diz que a vitória do candidato será esmagadora. É uma dupla carga de exageros.

Em compensação observa-se que os títulos que citam o nome Francisco Rafael não são nada favoráveis a este concorrente, com exceção deste: *Jair Siqueira declara*

oficialmente apoio a Chico Rafael para deputado estadual, que mostra uma manifestação de apoio do prefeito da cidade à candidatura de Rafael. A formulação desse título também pode ter duplo sentido. O fato de declarar apoio é um normal, mas quando se diz *declara oficialmente*, ou seja tornar um fato público este apoio, pode-se também entender que, por ser o prefeito quem o declarou, seu apoio pode ser compreendido como um ato oficial de governo.

Este outro título é bastante desfavorável, *Chico Rafael e Rosa quase saem no tapa no Colégio São José,* tanto um quanto outro, por apontar o descontrole total dos candidatos, mas esse título e todos os outros sobre este candidato só são publicados após o primeiro turno. Observa-se nestes outros títulos após as eleições: *Chico Rafael é eleito deputado estadual, Candidatos trocam insultos no Colégio São José, Chico Rafael é eleito representante da cidade na Assembléia Legislativa, Chico Rafael corre o risco de cassação, PSB ameaça cassar deputado eleito Francisco Rafael, Bilac Pinto foi contra anistia para PMs, Deputado Bilac Pinto contra anistia de PMs.* Com exceção dos dois que são publicados no dia da eleição, que comentam a conquista de Francisco Rafael para deputado, todos os outros são desfavoráveis ao candidato eleito. Até mesmo os dois títulos publicados sobre o deputado Bilac Pinto, evidenciando a atitude contrária do candidato em relação à anistia dos PMs, que estariam sendo julgados por haverem realizado manifestação reivindicando melhorias para classe, durante o governo Azeredo, tem um teor negativo, para este outro candidato. Ao usar duas vezes a expressão, *contra a anistia*, o título demonstra o posicionamento de oposição do político ao movimento de enfrentamento ao governo promovido por esta classe, o que não deixa de ser negativo.

O jornal Folha do Vale, na segunda categoria, refere-se ao nome do candidato a deputado estadual Francisco Rafael por duas vezes, ao nome do candidato Firmo da Mota Paes, uma vez, ao nome do candidato Mazon uma vez, ao nome do candidato Pe. Douglas, uma vez, ao nome do candidato Olavo Bilac Pinto uma vez e a nenhum outro candidato nesta categoria analisada, entre os meses de julho à novembro de 1998.

Os títulos foram:

Perfil Francisco Rafael (9/7/98)

Perfil Firmo da Mota Paes (7/8/98)

Perfil Mazon (28/8/98)

Perfil Pe Douglas (4/9/98)

Perfil Olavo Bilac Pinto (18/9/98)

Francisco Rafael fala sobre seus planos na Assembléia (16/10/98).

Os candidatos que aparecem apenas uma vez no Folha do Vale tem seus nomes em títulos dados a uma coluna fixa denominada Perfil, que a cada semana mostrava a biografia de um candidato a deputado estadual da cidade ou região. Esta coluna teve a característica jornalística de informar o leitor/eleitor do jornal a respeito dos concorrentes a deputado estadual, podendo ser reconhecida como uma prestação de serviço à comunidade através do esclarecimento. A coluna utilizava sempre foto e o mesmo espaço e alterava às vezes sua localização. Como esta questão de espaço e localização não foram estipulados como categorias por este trabalho, não pretendo explicá-lo, para evitar desvios. Do ponto de vista de conteúdo os títulos nesta coluna foram sempre idênticos e em número igual para cada candidato que nela aparece. Desta forma, este título fixo nada acrescenta de importante na diferenciação entre os candidatos citados e em suas relações com o jornal.

Sem contar com as citações anteriores, o Folha do Vale só faz mais um título com o nome do candidato a deputado estadual Francisco Rafael, no dia 16/10/98, portanto logo após as eleições. Neste título o jornal apresenta o candidato eleito e suas propostas. Um título bastante provável e óbvio após as eleições. Sobre João Rosa não foi encontrado nenhum título que se referisse ao seu nome, nem mesmo na coluna fixa criada por este jornal.

Portanto, nesta categoria, não foi localizado algum interesse mais evidente ou ligação do jornal com determinado candidato à deputado estadual. O jornal demonstrou nestes títulos a imparcialidade que tanto apregoa.

O Jornal do Estado se referiu ao nome do candidato a deputado estadual Francisco Rafael por três vezes, ao nome de João Batista Rosa por quatro vezes, ao nome de Odinaldo Mazon por uma vez, e ao nome de Marcinho da Lubrimar por uma vez, ao nome de Aberto Pinto Coelho, por uma vez, ao nome de Miguel Barbosa por uma vez e a nenhum outro candidato.

Os títulos no Estado foram os seguintes:

João Rosa desmente tentativa de impugnação e critica "fábrica de boatos" (14/8/98)

Mazon : "Nossa região está sem liderança política" (21/8/98)

"O eleitor sabe o que quer" afirma Marcinho da Lubrimar (21/8/98)

Rosa não acredita na compra de votos (28/8/98)

Rosa visita JE e comenta sobre campanha (11/9/98)

Deputado Miguel Barbosa destaque no Estado de Minas (18/9/98)

Aberto Pinto Coelho é destaque na Assembléia

Jair confirma apoio a Chico Rafael (25/9/98)

Chico Rafael lidera Pesquisa (1/10/98)

AL prevê Rosa como único eleito em PA (1/10/98)

Chico Rafael é Pouso Alegre na AL (9/10/98).

João Batista Rosa e Francisco Rafael Gonçalves são os dois nomes mais citados em títulos nesta categoria. O primeiro uma vez a mais que o segundo. Um detalhe curioso nos títulos, é que são todos favoráveis aos concorrentes. Isto pode ser explicado através do depoimento do proprietário do Jornal do Estado (entrevista,1999), que se revelou avesso à publicação de assuntos polêmicos, definindo sua linha editorial como: empresarial, social e apolítica.

O primeiro deles: *João Rosa desmente tentativa de impugnação e critica "fábrica de boatos"*, já mostra uma situação a favor do candidato João Rosa ao desmentir a existência de uma impugnação contra sua candidatura, criticando os boatos. A expressão *desmente tentativa* faz o leitor entender que o candidato foi vítima de uma armação cruel e que isso poderia prejudicá-lo.

As frases de efeito utilizadas para títulos sobre outros dois candidatos dão a impressão de que a mensagem é uma propaganda, sem no entanto aparecer as identificações específicas : *Mazon : "Nossa região está sem liderança política"* e *"O eleitor sabe o que quer" afirma Marcinho da Lubrimar*, tanto o primeiro como o segundo contém uma pretensiosidade e um narcisismo exagerados. O primeiro porque parece que toda a região sul de Minas não possui uma liderança e o candidato Mazon deverá ser uma espécie de "salvador da pátria", e a outra, por apontar um candidato como a única opção para o eleitor que sabe o que está querendo. Estas frases de efeito aparecem entre aspas e são uma espécie de auto-elogio dos candidatos com a opinião formada sobre a capacidade de liderança deles mesmos.

Uma outra observação sobre títulos em que apareceram o nome de João Rosa é que são todos publicados anteriores à eleição de 1998. Podemos comparar não só as datas mas o teor dos títulos que citam um e outro candidatos: *João Rosa desmente tentativa de impugnação e critica "fábrica de boatos"*(14/8/98), *Rosa não acredita na compra de votos* (28/8/98), *Rosa visita JE e comenta sobre campanha* (11/9/98) *AL prevê Rosa como único eleito em PA* (1/10/98), *Jair confirma apoio a Chico Rafael* (25/9/98) *Chico Rafael lidera Pesquisa* (1/10/98) e *Chico Rafael é Pouso Alegre na AL* (9/10/98). O segundo título sobre João Rosa mostra o candidato em uma atitude despojada e ética em relação à alguma trapaça política. O terceiro título parece querer colocar o candidato em evidência. Mas este título não mostra o candidato apenas visitando, mas também falando de sua campanha. No dia primeiro de outubro foram publicados textos a favor de Rosa e de Rafafel. Só que o título sobre Rosa é o mesmo que foi também publicado pelo Sul das Geraes sobre uma previsão a respeito da vitória do candidato. Apesar do título de João Rosa ser uma previsão, a mensagem aponta João Rosa como o único eleito em Pouso Alegre. É neste título que o jornal parece demonstrar, de fato, sua preferência, *AL prevê Rosa como único eleito em PA*. Neste mesmo dia o jornal publica sobre Rafael um título mostrando o apoio do prefeito à candidatura de Francisco Rafael, e contraditoriamente ao título que previa a vitória certeira de Rosa o Jornal do Estado publica: *Chico Rafael lidera Pesquisa.* Afinal quem liderava e quem iria vencer? O jornal acaba deixando o leitor/eleitor confuso, sem saber qual seria a previsão correta. Um como o único eleito, descartando os demais e o outro título apontando um candidato liderando a pesquisa. A palavra *único* esgotaria outras possibilidades, enquanto a expressão *lidera pesquisa* poderia ser naquele momento a poucas horas da eleição.

Nestes títulos o Jornal do Estado afirma-se e mostra sua opção em relação a estes candidatos. O jornal não demonstra opção explicita por Rosa, mas em sua seleção e priorização da notícia, em relação à época e ao contexto em que concorria, mostra claramente seu posicionamento. Além disto nos dois penúltimos títulos o JE faz uma equiparação de valores: de um lado uma pesquisa sem identificação, de outro a Assembléia Legislativa fazendo previsão, que seria uma fonte de credibilidade para o título.

Esta opção do Estado pode também, de certa forma, se confirmar nas palavras de um dos seus ex- editores, Eduardo Gusmão (entrevista, 1999). Segundo ele, o proprietário

do JE também tinha boas relações com João Rosa e em alguns momentos o teria apoiado. Uma situação parecida com a do Sul das Geraes, já analisado anteriormente. A diferença é que o Sul das Geraes demonstra mais abertamente seu apoio ao candidato João Rosa: *Projeção da Assembléia Legislativa aponta Rosa como eventual candidato mais votado no Sul de Minas* e *Segundo projeções Rosa será o mais votado.* O Sul das Geraes não publicou a pesquisa favorável à Rafael, mas apenas um título a favor deste candidato antes das eleições, e ainda, foi mais combativo ao maior adversário político de João Rosa. O Jornal do Estado é mais moderado, como já comentado acima contrário a questões polêmicas, portanto seus títulos sobre candidatos foram bastante favoráveis a todos. Após a eleição o jornal lança este título: *Chico Rafael é Pouso Alegre na AL* (9/10/98), o jornal agora apresenta o candidato como o representante da cidade utilizando um jogo de palavras, de frase feita de programa de auditório do SBT, quando o apresentador dizia o nome de alguém conhecido do júri no concurso de calouros e em seguida se referia a ele com o seguinte predicado: " Fulano de tal é coisa nossa", uma construção que se tornou popular. O título que refere-se à Chico Rafael utiliza-se de uma frase feita de projeção nacional. Conforme um outro título neste mesmo jornal a respeito de uma projeção da Assembléia Legislativa e a poucas horas da eleição João Rosa seria o único eleito.

Dos 32 títulos que saíram, citando o nome de algum candidato a deputado estadual de julho a novembro de 1998, nos três jornais estudados, tanto o candidato Francisco Rafael quanto João Rosa empataram com 34,37% do total, Olavo Bilac Pinto vem logo em seguida com 9,37% e depois vem Mazon com 6,25%. Os outros, citados apenas uma vez, ficaram com 3,12% do total, cada um. Essa diferença entre os dois primeiros e o segundo já demonstra a preferência dos jornais em relação à estes candidatos.

Como terceira categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a presença nominal (referência direta aos nomes dos candidatos a deputado federal) nos títulos das matérias jornalísticas por ocasião da campanha eleitoral do Estado de Minas Gerais no ano de 1998. Os nomes de candidatos que aparecem nestes títulos são: Carlos Eduardo Venturelli Mosconi do Partido social democrático brasileiro – PSDB, Milton Reis, do Partido trabalhista brasileiro – PTB, e Roberto Lúcio Rocha Brant, também do PSDB. Como vem ocorrendo em todas as eleições, os candidatos para este cargo, como

para deputados estaduais e senadores são inúmeros, mas os jornais simplesmente ignoram as outras candidaturas não permitindo ao leitor/eleitor conhecer as diversas opções.

QUADRO 17– Levantamento de títulos com referência nominal aos candidatos a deputado federal em 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Carlos Mosconi													1					1	1
Milton Reis		1		1		2													2
Roberto Brant		1	1+1	1		4													4
total						6												1	7

Constata-se a partir da leitura dos dados do quadro que:

a) Apenas dois candidatos a deputado federal da região foram citados nominalmente em títulos dos três jornais pesquisados de Pouso Alegre.

b) O candidato Roberto Brant, que já havia ocupado um cargo no governo de Azeredo, foi mais citado que os próprios candidatos a deputado federal da cidade e região.

c) Ocorreram apenas sete títulos nesta categoria.

O Jornal do Estado publicou quatro títulos citando o nome do candidato a deputado federal Roberto Brant (PSDB) e dois títulos do candidato a deputado federal Milton Reis da coligação (PPB/PTB/PFL). O Sul das Geraes publicou apenas um título referindo-se ao único candidato a deputado federal da cidade, Milton Reis, sem citar ao nome dele. E o Folha do Vale publicou apenas um título em que aparece o nome do candidato à Câmara Federal Carlos Mosconi (PSDB). Com moderação os jornais optaram por publicar nomes de poucos candidatos em títulos da categoria.

Foram os seguintes títulos publicados pelo Jornal do Estado:

Milton Reis inaugura comitê (21/8/98)

Cresce campanha de Alberto Pinto Coelho e Roberto Brant (28/8/98)

Roberto Brant na lista dos notáveis (25/9/98)

Brant na lista dos notáveis (25/9/98)

Milton Reis discursa na tribuna da Câmara (1/10/98)

Roberto Brant recebe apoio total na região (1/10/98)

Observando estes títulos é possível verificar a diferença entre os dois títulos referentes à Milton Reis e os outros quatro que referem-se à Roberto Brant. Os que citam o nome de Brant procuram despertar nos eleitores a importância do candidato com várias ênfases como: a campanha que cresce, o candidato pertence a uma lista de notáveis (em dois títulos) e o apoio de toda a região a ele. Já os citam Milton Reis apenas mencionam a inauguração de seu comitê e o seu discurso na Câmara. Percebe-se que o Jornal do Estado optou por apoiar Roberto Brant.

Os verbos dos títulos que referem-se a Roberto Brant são: intransitivo *crescer* e transitivo *receber* (apoio). Eles mostram que o candidato está bem na campanha. Além disto dois títulos sobre este mesmo candidato publicados no dia 25 de setembro, em tom de slogan, o elevam a condição de notável.

Vejamos o título do Sul das Geraes:

O único candidato a deputado federal de Pouso Alegre recebe adesões (18/9/98). O Sul das Geraes preferiu se referir apenas a Milton Reis sem citar seu nome, mas de certa forma o jornal chama atenção para o fato de que a cidade tinha único candidato a deputado federal e que este estaria recebendo adesões. O verbo *receber*, transitivo direto com o complemento: *adesões* é favorável ao candidato. Este título não aparece no quadro pois não atende à categoria., por não citar o nome do candidato.

Já o Folha do Vale publicou: *Mosconi explica mudança política* (9/7/98). Este título deixa uma dúvida sobre qual mudança o candidato do PSDB estaria explicando. Politicamente não se define com clareza o apoio do jornal ao candidato. Mas ele apenas se referiu a este nome.

Os três jornais analisados publicaram um total de oito títulos citando candidatos a deputado federal, no período de julho à novembro de 1998. Entre estes, 50% corresponde a

títulos citando Roberto Brant através do Jornal do Estado, 37,5% foram títulos que referiram-se à Milton Reis, no Jornal do Estado e no Sul das Geraes (incluindo o título deste jornal), e apenas 12,5% pertencem a títulos com o nome do candidato Carlos Mosconi publicado no Folha do Vale. Por estas comparações percebe-se que o nome mais apoiado para a Câmara Federal foi, sem dúvida, o de Roberto Brant do PSDB. É oportuno observar que o candidato mais apoiado neste caso não é o do município e sim um outro, de Belo Horizonte. Neste caso ocorre o apoio de um empresário da imprensa local a um político da capital, mostrando o estreitamento entre as relações empresariais da mídia e as políticas, evidenciadas em período eleitoral, quando concorrem vários interesses comuns.

Uma categoria possível para análise de títulos seria a de se verificar a referência nominal de candidatos a senador pelo Estado de Minas Gerais, nas eleições de 1998. Como apenas um jornal publicou um título da categoria, sendo pequena a incidência, a pesquisa dispensou a apresentação do quadro e partiu diretamente para alguns comentários. Concorreram na ocasião para senador nove candidatos, no entanto, o único a aparecer em um jornal da cidade foi José Alencar Gomes da Silva do partido do movimento democrático brasileiro – PMDB. Essa ocorrência mínima mostra o descaso dos jornais de Pouso Alegre em relação ao leitor/eleitor.

O Sul das Geraes publica o referido título citando o candidato a senador José de Alencar: *José de Alencar visita a cidade e recebe adesão de vereadores e prefeito* (25/9/98). O que chama a atenção neste único título é a adesão que o candidato recebe para a campanha dele de vereadores e prefeito. Devido a utilização do substantivo *vereador* no plural, o significado da mensagem se torna abrangente, parecendo incluir neste plural todos os vereadores de Pouso Alegre. Nem o Jornal do Estado nem o Folha do Vale publicam qualquer título sobre candidatos a senador. Apenas o nome de José Alencar aparece de julho a novembro de 1998, durante todo o período pré-eleitoral estudado.

Como quarta categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a publicação de pesquisas nos títulos das matérias jornalísticas, nos três jornais estudados, que fizessem ou não referência dos órgãos responsáveis por estas pesquisas.

As duas últimas publicações saíram após as eleições e as duas primeiras dois dias antes. Nenhuma delas aponta o órgão responsável pela pesquisa, mas todos os títulos sugerem a indicação das preferências eleitorais e a confirmação dessas preferências após as eleições, assim como reafirma a credibilidade da informação veiculada pelo jornal, ao confirmar os resultados divulgados dois dias antes do processo eleitoral.

QUADRO 18– Levantamento de títulos com referência a pesquisas com indicação sem indicação das fontes no ano de 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
Pesquisas	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Sem indicação das fontes				1		1				3		3				2+2		4	8
Com indicação das fontes			2	1		3			2			2							5
total						4						5						4	13

Constata-se a partir de leituras dos dados do quadro que:

a) Foram publicados 13 títulos referindo-se a resultados de pesquisas durante o processo eleitoral de 1998. Oito deles aparecem sem indicação dos órgãos responsáveis pelas pesquisas.

b) O Sul das Geraes publicou maior número de títulos nesta categoria, seguido dos outros dois jornais.

c) A maior parte de títulos referindo-se às pesquisas foram publicados no mês de outubro, mês em que ocorreu as eleições.

d) O jornal Folha do Vale publicou quatro títulos sobre pesquisa sem indicação da fonte, todos no mês de outubro:

Pesquisa aponta preferência do eleitor pouso- alegrense (2/10/98)

Última pesquisa aponta preferência dos eleitores (2/10/98)
Urnas confirmam pesquisa divulgada pela Folha do Vale (9/10/98)
Resultado das eleições confirmam pesquisa divulgada (9/10/98)

O Jornal Folha do Vale fez questão de publicar dois títulos que mostram que a pesquisa publicada pelo jornal foi confirmada pelo resultado das eleições. Os títulos utilizam o mesmo verbo transitivo : *confirmar* referindo-se à votação nas urnas e ao resultado eleitoral. Entre os dois primeiros títulos publicados pelo Folha do Vale, em uma única edição, um deles parece apontar uma intenção: *Última pesquisa aponta preferência dos eleitores*. Este título utiliza a expressão, *última pesquisa*, dando a impressão que esta seria a palavra final em relação a preferência eleitoral.

O Jornal do Estado publica três pesquisas com indicação da fonte de informação e uma sem indicar a empresa pesquisadora:

ISTO É revela ascensão de Itamar Franco (4/9/98)
ISTO É mostra Itamar 14% à frente de Azeredo (4/9/98)
AL prevê Rosa como único eleito em PA (1/10/98)
Chico Rafael lidera Pesquisa (1/10/98)

Os dois primeiros títulos estão baseados em reportagem divulgada pela revista ISTO É que o jornal aproveita, provavelmente em razão do destaque dado à Itamar Franco. Os dois outros títulos revelam uma contradição, como já comentado anteriormente por esta pesquisa, com uma vantagem de Rosa sobre Rafael, em dois aspectos. Um deles pela utilização da expressão, único eleito em PA, parecendo descartar o outro candidato, que por sua vez ganha destaque como o candidato líder de uma pesquisa no outro título. O primeiro identifica a fonte que goza de certa credibilidade, ou seja, a própria Assembléia Legislativa, para a qual os dois candidatos concorrem a uma vaga, que seria a autora da previsão em que Rosa constaria como o único eleito em Pouso Alegre.

Esta atitude do Jornal do Estado, em apontar os dois candidatos vitoriosos, em sondagens diferentes, uma praticamente contrariando a outra, demonstra a necessidade de apresentar os prováveis resultados da eleição. Isto seria bastante saudável se fosse uma mesma matéria com uma análise imparcial e crítica sobre uma e outra pesquisa ou indicação. Mas, quando se analisa o teor de um e outro título percebe-se que a preferência

está naquele que aponta Rosa vencedor. Verifica-se que o Jornal do Estado faz mais indicação da fonte pesquisadora em títulos desta categoria que o Folha do Vale.

O jornal Sul das Geraes publica cinco títulos referentes a pesquisa, três sem citação da fonte:

Itamar cai e Azeredo sobe 3,2%, diz pesquisa

Data tempo revela empate técnico entre candidatos (25/9/98)

Projeção da AL aponta Rosa como eventual deputado mais votado no Sul de Minas (25/9/98)

Segundo projeções Rosa será o mais votado (2/10/98)

Pesquisa aponta Chico Rafael como candidato mais votado (2/10/98)

Peso político do Sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções (2/10/98)

O primeiro título aponta um empate técnico, mas a forma de publicação, revela certa tendência do jornal em mostrar a queda de Itamar e a ascensão de Azeredo. É na linha fina é que o leitor perceberá que, apesar da pequena vantagem de um candidato sobre o outro, a pesquisa revela um empate técnico. Os outros títulos deixam clara a preferência do jornal em publicar pesquisas e projeções a favor de Rosa, mas dois destes títulos, publicados em 2 de outubro de 1998, batem de frente e são contraditórios. O eleitor /leitor se torna confuso ao ler dois títulos semelhantes, em uma mesma edição, indicando atores políticos diferentes para ser o candidato mais votado. Os dois têm praticamente o mesmo significado, mudando apenas um detalhe, em um deles é utilizado o termo, projeções e no outro pesquisa. Em seguida vem um outro título que desestabiliza este breve momento de imparcialidade, voltando a prevalecer a preferência e o evidente apoio à João Rosa no Sul das Geraes: *Projeção da AL aponta Rosa como eventual deputado mais votado no Sul de Minas* (25/9/98).

O título que fala da projeção da Assembléia Legislativa e aponta João Rosa como deputado mais votado do Sul de Minas é bastante parecido com o que foi publicado pelo Jornal do Estado, em que a AL estaria fazendo a previsão de ser este mesmo candidato o único eleito em Pouso Alegre.

Confirmam-se as intenções dos dois jornais. Um pouco diferentes na formulação, o Jornal do Estado publica que Rosa seria o único eleito, e que, portanto, não haveria outro;

enquanto o Sul das Geraes publica que Rosa seria o candidato mais votado, portanto seria o provável vencedor. O termo *eventual*, utilizado pelo Sul das Geraes, garantiria a sua informação a possibilidade, caso o candidato não fosse eleito. No fundo se confirma o apoio dos dois veículos a João Rosa. Ao lançar no mesmo dia um outro título: *Peso político do Sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções*, o Sul das Geraes confirma sua preferência. A formulação *Peso político do Sul de Minas*, também sujeito da frase, parece referir-se a um grupo de pessoas, que representam a força política do sul de Minas e que garantiriam um resultado satisfatório para este candidato. Além disto, a expressão *votação esmagadora* sugere a expressiva votação que o concorrente irá alcançar. Neste título o jornal Sul das Geraes não acrescenta nenhum termo que estabelece uma condição, demonstrando um posicionamento favorável a João Rosa pelo exagero conotativo do título.

Dos treze títulos localizados sobre pesquisa, oito não citam a fonte pesquisadora, correspondendo a 61,53% do total. Os outros têm a indicação no título da fonte de pesquisa. Com este resultado verifica-se que os jornais não se preocupam em divulgar as empresas responsáveis por pesquisas e sim em mostrar o resultado dessas pesquisas. Poucas vezes os jornais deram os pormenores de quem fez a pesquisa, como foi elaborada e o tipo de pesquisa. Será que qualquer pesquisa valeria ser publicada, desde que atendesse aos interesses do veículo? Se houver uma fraude nas pesquisas o leitor ficaria sabendo? Sete destas pesquisas ou 53,84% , mais da metade do total, foram publicadas dois ou três dias antes da eleição, o que torna clara a ligação do veículo a algum interesse político. É justamente nesta fase que poderia ocorrer uma virada eleitoral ou uma definição no quadro político, e os jornais fazem esta publicação com fins empresariais e políticos. São os prováveis ganhadores que também irão garantir às empresas jornalísticas uma fatia do material publicitário no período em que estão no governo. É verba certa em troca de estímulo ao voto. Um acordo que não fica claro, mas faz parte dos bastidores, sugestionado em detalhes da ação de se publicar um ou outro material jornalístico. É na seleção e priorização de fatos e depois na formulação do anúncio desses fatos, de forma bastante apelativa e intencional.

Outra categoria possível de ser analisada seria a existência de títulos que representassem um auto-elogio dos veículos à cobertura jornalística durante a campanha eleitoral de 1998 que tenha sido confirmada posteriormente no resultado.

O Folha do Vale fez três títulos que tiveram a função de mostrar a veracidade dos fatos divulgados pelo jornal durante a campanha eleitoral de 1998, que se confirmaram no resultado, reforçando sua credibilidade. Estes títulos seriam a auto-afirmação do jornal em relação ao material publicado antes das eleições. Apenas o Folha do Vale publicou títulos incluídos nesta possível categoria, para a qual também não foi elaborado um quadro, devido à pequena incidência de mensagens.

Foram os seguintes títulos publicados no Folha do Vale:

Resultado das eleições confirmam pesquisa divulgada

Urnas confirmam pesquisa divulgada pela Folha do Vale

Folha do Vale recebe reconhecimento dos vereadores (os três em 9/10/98 - edição seguinte à semana da eleição).

Verifica-se nesta publicação, do jornal Folha do Vale, que um dos candidatos publicados como o possível primeiro lugar nas intenções de voto para deputado federal seria Milton Reis, que acabou perdendo as eleições. O jornal justifica no início da publicação que a pesquisa teria sido realizada apenas em Pouso Alegre e não em todos os municípios da região. Talvez, para explicar este fato, de um candidato previsto como possível eleito não ter obtido resultado favorável, mas injustificável quando se analisa que Milton Reis obteve apenas 26,54% das intenções de voto, e estaria previsto pela pesquisa publicada pelo Folha, que este candidato ficaria com 31, 4%. A pesquisa prevê um erro de no máximo 3%. Neste caso o erro foi um pouco além do máximo, 4,9%. São estes detalhes que só são possíveis de se observar em uma análise mais detida. Quem faria contas para verificar se houve ou não erro de publicação anterior e posterior à pesquisa divulgada? É muito difícil ocorrer a verificação dessas pesquisas, a não ser em trabalhos mais detalhados que levam tempo e não permitem retorno imediato.

O número divulgado de intenção de voto para Francisco Rafael também foi menor em relação ao resultado eleitoral. A pesquisa publicada pelo Folha do Vale falava em uma intenção espontânea de 24,8% e Rafael atingiu 30,81% dos votos válidos, uma diferença de 6,01% , portanto o dobro do erro máximo de 3%. Na mesma pesquisa o candidato Mosconi

aparecia em segundo lugar com 5,9% das intenções de voto em Pouso Alegre e obteve 10,64% dos votos válidos. Isso também dá uma diferença de 4,74% em relação aos dados publicados.

Quando a Folha do Vale justifica a "coerência" de sua publicação sobre as eleições deixa um pouco a desejar nesta simples comparação do que foi publicado. O auto-elogio que o veículo pretende passar para seu público é sempre o de um "jornal ético, responsável e imparcial", como ele mesmo se intitula, através de sua insígnia. No entanto, nem sempre existe coerência entre aquilo que se pretende e o que se faz.

Houve um exagero de auto-elogio quando o jornal aproveita para publicar o título: *Folha do Vale recebe reconhecimento dos vereadores*, na mesma edição que os títulos anteriores. O título se refere a dois vereadores que elogiaram o Folha publicamente, por sua cobertura eleitoral e pela divulgação da pesquisa. Os vereadores que fizeram o referido elogio foram: Emanuel de Almeida Coutinho e Sérgio Garcia, ambos ligados ao prefeito Jair Siqueira, que por sua vez é ligado ao deputado estadual que se elegeu no município em 1998, Francisco Rafael, tendo recebido publicamente o apoio do prefeito Siqueira, já comentado por esta pesquisa. Apesar disso, a própria Folha reconhece que Rafael teve votação expressiva na região, mas conseguiu se eleger graças à coligação a qual pertencia durante a eleição, PT/PSB (matéria publicada em 9/10/98). Francisco Rafael pertencia aos quadros do partido liberal -PL, tendo sido membro fundador deste partido e presidente por vários mandatos. Antes de se candidatar a deputado nas eleições de 1998, se filiou ao PSB que por sua vez coligou-se com o PT.

A ética e responsabilidade dos jornais ficam comprometidas quando o poder político não é afinado com sua linha política editorial. Isto se confirmou durante a entrevista com Pe. Nelson Pereira Rosa, diretor do Folha do Vale, que teceu comentários desfavoráveis à administração de João Rosa, durante a qual o jornal que dirige não recebia qualquer tipo de material publicável a ser pago. Ao contrário da administração atual, de Jair Siqueira, que segundo o padre faz publicações pagas na empresa jornalística que administra. As publicações provenientes de órgãos públicos são a principal fonte de sustentação de quase todos os veículos pesquisados, como pode ser confirmado no histórico dos três jornais que constam desta pesquisa.

Como quinta categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa procurou identificar denúncia contra candidatos.

QUADRO 19– Levantamento de títulos que referentes a denúncia contra candidato de 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS (denunciados)	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Eduardo Azeredo		1				1			1	1+1		3							4
Francisco Rafael								1		1+1		3							3
João Rosa		1+1				2		1+1				2							4
total						3						8							11

Constata-se a partir de leituras dos dados do quadro que:

a) O maior número de títulos que refere-se a denúncias contra candidatos à eleição aparece no jornal Sul das Geraes.

b) O Jornal Folha do Vale não publicou nenhum título que traz denúncia contra candidatos.

c) O Jornal do Estado publicou menos da metade de títulos nesta categoria em relação ao Sul das Geraes.

O jornal Sul das Geraes publica sete títulos que revelam denúncias contra candidatos. São eles:

Frustrada tentativa de impugnação de Rosa (14/8/98)

Rosa confirma candidatura

Em entrevista, ex- prefeito mostra-se confiante em eleger-se deputado estadual.

Segundo ele, tentativa de impugnação não passou de manobra política de seu adversário Francisco Rafael (14/8/98)

Os equívocos da reeleição

Eduardo Azeredo faz Campanha com recursos desviados do contribuinte

(25/9/98). Esta matéria é assinada por Hélio Fernandes, portanto, não coincide necessariamente com a opinião do jornal.

PSB ameaça cassar deputado Francisco Rafael (16/10/98)

Francisco Rafael corre o risco de cassação (16/10/98)

Azeredo transforma Estado em "condomínio familiar" (23/10/98).

Azeredo fez do governo cabide de emprego para familiares (23/10/98).

Mantendo uma postura de favorecimento à candidatura de João Rosa, o jornal Sul das Geraes não deixa de expressar esta vontade em mais esta categoria. Percebe-se que o Sul das Geraes foi bem mais contundente nas denúncias publicadas contra Francisco Rafael, o principal opositor a Joâo Rosa. Os títulos que mais revelam isto são: *Rosa confirma candidatura, Em entrevista, ex- prefeito mostra-se confiante em eleger-se deputado estadual. Segundo ele, tentativa de impugnação não passou de manobra política de seu adversário Francisco Rafael* (Linha fina -14/8/98), *PSB ameaça cassar deputado Francisco Rafael, Francisco Rafael corre o risco de cassação* (16/10/98). Além disso o jornal publica as denúncias contra João Rosa não o apresentando como um possível envolvido e culpado em situações graves ou atitudes reprovadoras, mas como vítima, como neste primeiro título: *Frustrada tentativa de impugnação de Rosa.*

Notam-se diversas situações graves de acusação contra Francisco Rafael. No primeiro título o candidato é responsabilizado de ser o autor de uma manobra política para tentar impugnar a candidatura do seu principal adversário. E nos dois últimos títulos o candidato após se eleger estaria correndo risco de ser cassado, por seu atual partido, o PSB. Alguns fragmentos dos títulos e da linha fina do primeiro título evidenciam a tendência dos títulos do Sul das Geraes em querer comprometer a candidatura e a eleição de Francisco Rafael: *tentativa de impugnação não passou de manobra política de seu adversário Francisco Rafael, PSB ameaça cassar, corre o risco de cassação.*

O Sul das Geraes também confirma sua preferência por Itamar Franco, já comentada anteriormente, ao publicar dois títulos contrários à Azeredo, bastante comprometedores, e ainda o título de um artigo de colaboração que também faz crítica e denúncia grave contra este candidato. *Os equívocos da reeleição, Eduardo Azeredo faz Campanha com recursos desviados do contribuinte* (linha fina), *Azeredo transforma Estado em "condomínio familiar", Azeredo fez do governo cabide de emprego para familiares.* São duas as

acusações contra Azeredo, a de ele estar utilizando dinheiro do estado para campanha, e a de que o candidato, enquanto governador, estaria empregando parentes. Alguns chavões como: condomínio famillíar e cabide emprego, além da crítica à reeleição são indícios de rejeição a este candidato, através destes títulos.

O Jornal do Estado publica três denúncias contra candidatos. Uma contra Azeredo e duas contra João Rosa.

João Batista Rosa desmente tentativa de impugnação e critica "fábrica de boatos"

Candidato desmente impugnação (4/8/98)

Azeredo usa dívida em Minas (14/8/98)

Observa-se que as denúncias contra Rosa são mais uma defesa que propriamente denúncia, como ocorreu no Sul das Geraes, pois nelas o candidato está se defendendo contra denúncias a ele dirigidas e o jornal lhe oportuniza esta defesa. Já denúncia contra Azeredo apesar de ser grave, pois coloca em dúvida a honestidade do ex- governador, é menos acirrada que no Sul das Geraes. O Jornal do Estado não publica tantas denúncias como o Sul das Geraes e é menos convincente neste sentido, deixando transparecer nesta formulação de denúncia um entendimento incompleto. Talvez isto também esteja relacionado à linha editorial do veículo com um modelo mais moderado. Percebe-se que o Jornal do Estado nem publicou denúncias contra Francisco Rafael.

O Folha do Vale também não publicou nenhum título que revelasse denúncia contra candidatos. Entre os três jornais, apenas o Sul das Geraes parece cumprir com esta função de denunciar situações que contribuam para um debate político mais democrático e crítico. No entanto o jornal faz isto privilegiando os interesses de seu proprietário e não os do público. Em matérias deste tipo deveria haver uma abordagem imparcial com a preocupação de ouvir os dois lados da notícia, o que não se verifica . Deixar o público julgar e não o jornalista ou editor. As denúncias mais parecem ataques pessoais que propriamente jornalismo, que possui uma série de descobertas sobre fatos de interesse público que precisam ser revelados a partir de levantamentos, entrevistas, documentação, fontes, estratégias denunciadoras e do "faro jornalístico"[2] .

[2] Jargão utilizado no jornalismo para definir uma qualidade do profissional desta área que descobre fatos quentes e denúncias com maior freqüência e facilidade. O faro jornalístico é bastante utilizado por repórteres que se dedicam ao jornalismo investigativo.

Um exemplo de denúncia como ataque pessoal é o título que revela a ameaça de cassação do recém-candidato eleito Chico Rafael, em cuja elaboração do texto o mesmo não foi escutado para possíveis esclarecimentos. O jornal justifica que não encontrou o candidato para falar, e a matéria se baseou em outra publicação de um jornal ao fazer levantamento dos fatos e elaborar texto e o título. Uma atitude bastante diferente do jornalismo profissional, em que a checagem dos fatos, a obtenção de documentação e a entrevista, ouvindo os dois lados da história quando se trata de denúncia ou de um fato grave, que envolva pessoas e as compromete, é essencial, podendo-se mesmo deixar de publicar o conteúdo por falta de dados suficientes que lhe garantam a complexidade das comprovações.

Como sexta categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa buscou identificar a preferência do prefeito nesta época, por algum candidato.

QUADRO 20 – Levantamento de títulos demonstrando a preferência do prefeito por determinado candidato nas eleições de 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Chico Rafael			1			1			1			1							2
total			1									1							2

Constata-se a partir de leituras dos dados do quadro que:

a) Apenas o candidato a deputado estadual Francisco Rafael recebeu a demonstração de preferência do prefeito.

b) São publicados dois títulos referindo-se à mesma preferência, em dois jornais diferentes: Sul das Geraes e Jornal do Estado. O Folha do Vale não publica nenhum título referente a esta categoria.

O Sul das Geraes fez um título que demonstra a preferência do prefeito:

Jair Siqueira declara oficialmente apoio a Chico Rafael para deputado estadual (25/9/98).

O Jornal do Estado também publica o seguinte título revelando o apoio do prefeito ao candidato Francisco Rafael.

Jair confirma apoio a Chico Rafael (25/9/98).

Nesta categoria, em que são publicados dois títulos apenas de dois dos veículos impressos estudados, é observado a omissão do Folha do Vale em relação à declaração oficial do prefeito, como expôs o Sul das Geraes em título. Qual teria sido o motivo de o Folha do Vale não haver publicado? Logo este jornal que, conforme revelou seu editor em entrevista a este trabalho, sempre teve bom relacionamento com o atual prefeito Jair Siqueira. Sabe-se que Jair, embora pertencendo aos quadros do PPB e do ex- PFL, também sempre teve bom relacionamento com o político Francisco Rafael, que candidatou-se pelo PSB, e que por sua vez, também sempre manteve bom relacionamento com o Folha do Vale, contando provavelmente como apoio do veículo nas eleições de 98, embora não demonstrado claramente.

Os títulos utilizam os verbos transitivos: *declarar* e *confirmar*, o que comprova claramente a opção do prefeito por este candidato. O termo, oficialmente, como já comentado antes por esta pesquisa, dá um sentido dúbio de que o prefeito estaria envolvendo mais do que a pessoa dele ao apoiar o candidato.

Como outra categoria possível de análise, a pesquisa buscou selecionar títulos que apontassem a existência de alguma ação assistencialista de candidatos ou liderança política em plena campanha eleitoral.

Apenas o Sul das Geraes fez um título apontando ação assistencialista de candidatos em plena campanha eleitoral. O título refere-se a uma ação do governo Azeredo e candidato a reeleição na época. O título publicado foi:

Governo de Minas ganha mais um prêmio da ONU. Desta vez é para o PMC - Habitacional (25/9/98).

Este título foi publicado a duas semanas do primeiro turno e explicava a premiação da ONU concedida ao governo de Minas, por seu trabalho em torno da construção de moradias e melhoria das já existentes para comunidades pobres. O anúncio da premiação é

um fato jornalisticamente noticiável devido a sua importância, mas não se deve deixar de observar que isto foi feito a duas semanas do primeiro turno de 1998, e apenas este jornal noticiou o fato. Além disto uma pesquisa que previa a queda de Itamar Franco e uma subida de 3,2 pontos de Azeredo aparece logo abaixo do título sobre esta premiação da ONU, praticamente reforçando a importância do candidato, embora o jornal tivesse explicado que se tratava de um empate técnico. Essa ação do governo Azeredo, mesmo não sendo uma atitude assistencialista, e sim um projeto que atendia às comunidades de baixa renda para construção de casas e melhoria de qualidade de vida, se torna assistencialista pela oportuna divulgação durante o período de campanha eleitoral. Um assistencialismo conveniente à reeleição de um candidato e provavelmente para o jornal que o publicou.

O predicado: *ganha mais um prêmio da ONU,* parece mostrar que o governo de Minas, representado na época por Azeredo, já teria ganho vários prêmios da ONU, dando-lhe uma importância sem precedentes.

Como sétima categoria selecionada para análise de títulos, a pesquisa procurou identificar candidatos que receberam apoio dos próprios jornais que os divulgaram , no período pré- eleitoral de 1998.

QUADRO 21– Levantamento de títulos que revela o apoio direto de um jornal a determinado candidato em 1998 em jornais de Pouso Alegre

JORNAL	JORN. DO ESTADO						SUL DAS GERAIS						FOLHA DO VALE						TOT
CANDIDATOS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	sub	
Itamar Franco										1		1							1
João Rosa										1		1							1
Roberto Brant			1+1	1		3													3
total						3						2							5

Constata-se a partir da leitura dos dados deste quadro que:

a) Roberto Brant, candidato a deputado federal, foi o que mais recebeu apoio direto de um jornal. Foram três títulos publicados pelo Jornal do Estado apoiando Brant.
b) Foram feitos mais dois títulos nesta categoria publicados pelo Sul das Geraes e revelaram apoio direto deste veículo aos candidatos Itamar Franco e a João Batista Rosa.
c) O jornal Folha do Vale não publicou nenhum título apoiando diretamente um candidato.

O jornal Sul das Geraes revela apoio direto, através de títulos, a dois candidatos, nas eleições de 1998. Um destinado à Itamar Franco e o outro a João Rosa. Os títulos publicados por este veículo foram:

Peso político do Sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções (2/10/98)

Itamar chega ao 2º turno com ampla vantagem sobre Azeredo (3/10/98)

Se o segundo título baseia-se em pesquisas e tem um reforço do jornal ao publicar enfaticamente a vitória certa de Itamar, traduzida na adjetivação do substantivo *vantagem* (ampla vantagem), que revela-se na mensagem conotada de uma invencível disputa para o concorrente de Itamar, a apenas uma semana do segundo turno; o primeiro contém o exagero enfático e investe no candidato, mesmo sabendo que o candidato tem grande chance de perder. Este primeiro título remete à amizade do proprietário pelo o político, ao comprometimento do jornal com a notícia preparada para manter no poder amigos do proprietário da empresa jornalística e também a futuros privilégios para a empresa que o divulgou, caso ele seja eleito.

O jornal e o jornalista não têm a função de aclamar candidatos por antecipação e sim noticiar a vantagem real de um sobre o outro, mostrar de quanto é a vantagem e deixar que público conclua sobre a informação. O jornal poderá até fazer alguma previsão sobre as possibilidades de vitória de alguns candidatos, seria a antecipação dos fatos com base em pesquisas ou dados reais, sem envolver interesses. Mas em vez de usar, *ampla vantagem*, é melhor dizer com precisão de quanto é esta vantagem . O adjetivo "ampla" é uma ofuscação da realidade e não a tentativa de mostrá-la com imparcialidade. Os mesmos recursos de adjetivação, sem exatidão de dados ou falta de concreticidade dos fatos, são utilizados no outro título com as formulações: "*peso político*" e "*votação esmagadora*". É uma mostra do quanto as palavras e expressões nos títulos produzem um efeito esperado

pelo empresário da comunicação, frases construídas pelo jornalista a serviço do poder político e econômico.

Quando Napoleão dizia que os jornais tinham a força de um exército com 300 mil homens talvez tivesse razão, em relação ao poder político que a imprensa consegue manter ou deter. Ter a imprensa ao lado dos governos é uma tranqüilidade política e a certeza de vencer sempre as disputas, assim como, manter-se no poder.

O Jornal do Estado revela apoio direto do jornal a um mesmo candidato em três títulos que são:

Brant na lista dos notáveis (25/9/98)

Roberto Brant na lista dos notáveis (25/9/98)

Roberto Brant recebe apoio total na região (1/10/98)

Os apelos utilizados nestes títulos são os mesmos do Sul das Geraes, ou seja, sem deixar claramente expresso que tipo de apoio, de quem é, ou de quantos são, o jornal passa a mensagem de que o candidato teria apoio total na região, uma expressão abrangente e generalizada do todo, que não se comprovou pela falta de dados mais precisos. Os primeiros títulos são ainda mais genéricos e não esclarecem nenhuma informação para o leitor. Parecem querer deixar o público com uma ótima impressão sobre o candidato Brant, colocando-o entre os notáveis a duas semanas das eleições. Que notáveis seriam estes? O título mostra o candidato como se ele fosse um destaque. A intenção é a de associar o nome do candidato a uma pessoa importante, de destaque e portanto merecedora da confiança do voto.

Em outra categoria possível de ser selecionada para análise dos títulos a pesquisa procurou relacionar títulos que demonstrassem o apoio de personalidades públicas importantes do município a algum candidato. Só foram encontrados títulos nesta categoria no jornal Sul das Geraes, e por isto não foi elaborado o quadro.

Em títulos que demonstram o apoio de personalidades públicas importantes do município a algum candidato, o Sul das Geraes publicou cinco títulos:

Enéas Chiarini apóia candidatura de Rosa (18/9/98)

O único candidato a deputado federal de Pouso Alegre recebe adesões (18/9/98)

Lideranças de Pouso Alegre declaram apoio a Milton Reis (25/9/98)

José de Alencar visita Pouso Alegre e recebe adesão de veradores e prefeito (25/9/98)

Jair Siqueira declara oficialmente apoio a Chico Rafael para deputado estadual (25/9/98)

Entre os títulos publicados por este jornal, o primeiro revela o apoio de Enéas Chiarini, empresário e político do PMDB, a João Batista Rosa, também pertencente aos quadros do PMDB. *Enéas Chiarini apóia candidatura de Rosa.* Este título reforça a candidatura de Rosa como é a intenção deste veículo.

Os dois títulos publicados em favor de Milton Reis, candidato da coligação PPB/PTB/PFL, um se refere às adesões recebidas durante a campanha, e outro à lideranças que o apoiam. *O único candidato a deputado federal de Pouso Alegre recebe adesões* e *Lideranças de Pouso Alegre declaram apoio a Milton Reis.* A generalização nestes títulos dá uma abrangência impossível de ser medida, o leitor fica sem saber quais são as adesões e quais as lideranças que apóiam este candidato. A formulação do primeiro título também chama a atenção para uma certa intencionalidade em promover o candidato, quando enfatiza que ele é único candidato da cidade.

Um outro título diz respeito ao apoio de vereadores e prefeito ao candidato ao senado José de Alencar, do PMDB: *José de Alencar visita Pouso Alegre e recebe adesão de veradores e prefeito.* Este título também generaliza ao colocar vereadores, dando a impressão que todos apoiaram o mesmo candidato. Todos parecem haver concordado em apoiar um único candidato ao senado, dando a impressão que vereadores e prefeito decidem apoiar por consenso, sem levar em conta a diferença político-partidária.

Conclusão

A análise de conteúdo em jornais de Pouso Alegre, Minas Gerais, desenvolvida por esta pesquisa, permitiu chegar à comprovação da hipótese levantada no início do estudo, de que a imprensa está ligada aos poderes constituídos, político e econômico. A pesquisa bibliográfica,(primeira parte), apontou momentos e situações em que a imprensa esteve condicionada aos mandos dos reis e mais tarde aos dos governantes.

O aparecimento dos primeiros jornais brasileiros, 1808, é marcado por questões que envolvem as disputas políticas de reis, a fuga de D. João VI para o Brasil e o início de uma nova era que se sobrepõe ao atraso cultural e econômico do país, à exploração do homem pela geração de riqueza, por aproximadamente três séculos, desde o aparecimento dos primeiros jornais no mundo.

A imprensa de Minas Gerais surge por volta de 1823, com o Compilador Mineiro, sendo publicado em Ouro Preto. Após quatro anos é iniciada a publicação do Pregoeiro Constitucional em Pouso Alegre, em 1830, originado de uma gestão também ligada ao poder religioso e político do senador José Bento.

A imprensa brasileira em seu desenvolvimento desde o início ligada ao poder público, enfrentou a censura, a destruição de prensas e de jornais, mortes de jornalistas e lutas políticas, até surgir os grandes conglomerados empresariais da imprensa capitalista atual, que começam a aparecer no final do século XIX e início do século XX.

Mesmo deixando de estar ligada apenas ao poder público, a imprensa passa para mãos de empresários do setor privado, que vão construindo seus impérios de comunicação capitalista. Os novos conglomerados empresariais da imprensa brasileira surgem com característica familiar.

As oligarquias que passam a liderar nas grandes áreas rurais deste país a partir de 1930 e o sul de Minas tem grande influência política nas grandes propriedades cafeeiras, deixando raízes no relacionamento entre políticos, empresários, proprietários de veículos de comunicação, e pessoas em geral, que, de certa forma, irão influenciar as relações

existentes em várias áreas de atuação, mantendo por muitos anos políticos no poder, que querem tornar os eleitores fantoches perfeitamente controláveis.

As trocas de favores, as doações por apoio político, as subvenções para alguma obra assistencialista e depois as cobranças do voto; são resultantes desta política oligárquica, que trocavam apoio entre os governos estadual e municipal. Ainda hoje é possível localizar esta troca de favores nos jornais analisados.

Como pode-se perceber é a atitude retrógrada e incoerente que é publicada pela imprensa de Pouso Alegre, mantendo o leitor/eleitor sempre dependente das políticas de doações e da troca de favores, que ainda está presente nas relações entre políticos e seus eleitores e entre veículos de comunicação e políticos, principalmente em períodos pré-eleitorais. Foi possível observar isso desde as primeiras leituras nos jornais selecionados para a pesquisa e a após várias anotações chegou-se ao recorte da análise de títulos, que permitiu os resultados que confirmam a hipótese.

Foram encontradas desde situações bastante evidentes de relacionamento dos proprietários dos três jornais analisados, *Sul das Geraes*, *Jornal do Estado* e *Folha do Vale*, com políticos; até fatos em que se têm a impressão de não haver qualquer intenção, mas quando analisados verificam-se as tendências antes não percebidas.

A análise comprova que existe uma seleção e priorização da notícia política que pretende divulgar mais um do que outro candidato. Que nem sempre aquele que recebe mais publicações com seu nome é o apoiado pela empresa jornalística, pois a maior parte do títulos que o citaram pode ter uma formulação perfeitamente de oposição a ele. Mas em alguns casos, a diferença entre publicações em que aparece o nome de um candidato é tão expressiva em relação ao outro, que este pode ser o primeiro sinal de favorecimento. É o caso de Hélio Costa e Eduardo Azeredo nas eleições para governador em 1994.

A seleção de fatos que irão ser publicados já se inicia pela omissão de candidatos que aparecem nos jornais e representa uma constante em toda a análise, nos três anos e períodos estudados: 1994, 1996 e 1998. Em geral os jornais não publicam todos os candidatos, nem mesmo em eleições municipais, onde há uma redução no número de concorrentes, pelo menos em relação aos candidatos a prefeito. Nas duas eleições que tiveram para governadores, e na eleição municipal em que se escolheu prefeito e

vereadores, não houve preocupação em apresentar todos os candidatos para o leitor/eleitor, que fica conhecendo apenas dois ou três concorrentes.

Foi possível perceber que atores políticos que tiveram apoio de alguns jornais em uma eleição, mantiveram a preferência por parte das empresas jornalísticas em outra fase eleitoral. Um exemplo é o político João Rosa que sempre contou com o apoio do *Sul das Geraes*, quando era prefeito em 1994, nas eleições de 1996 quando tentou desestabilizar a candidatura de Jair Siqueira a deputado federal, e nas eleições de 1998 quando tenta eleição a deputado estadual e seu maior concorrente é o candidato Francisco Rafael, apoiado por Jair Siqueira. Nota-se claramente o apoio do *Sul das Geraes* à João Rosa, em três momentos políticos diferentes, o que só foi possível através da análise dos títulos nestes três anos de eleição.

Também evidenciam-se as diversas rivalidades políticas no município e no estado. A rivalidade entre João Rosa e Jair Siqueira é explicitada através dos títulos. Os ataques pessoais são registrados em alguns deles. Um exemplo são estes títulos publicados, um em 1994 e o outro em 1996: *Vereador afirma que Jair Siqueira pagou obra inexistente* (5/8/94) e *Rosa contesta declarações de Jair* (9/8/96). Quando o candidato é o favorito do jornal o título é, até mesmo, omitido. A omissão passa a ser, então, uma tática para que o candidato favorecido não seja prejudicado.

As categorias delimitadas para fazer a análises de conteúdo de títulos oportunizaram resultados que indicam exatamente como e quando os três jornais analisados se ligaram ao poder político ou econômico, para também garantir seus interesses. Ao citar mais o nome de um candidato que outro, sempre com títulos que o favoreciam, o jornal estaria apoiando este político. A presença de vários termos que remetem a exageros identificaram uma tendência do veículo em querer que o candidato ficasse mais em evidência. As denúncias contra alguns atores políticos permitiram mostrar, as resistências de jornais em relação a alguns candidatos.

As categorias que demonstraram apoios, tanto de políticos a candidatos como de outras representações e até mesmo do jornal a determinado candidato, estimularam resultados que indicaram as preferências de cada jornal. Assim o *Jornal do Estado* estabeleceu algumas preferências, em momentos diferentes, mas em outros optou por ficar entre duas candidaturas, sem se comprometer, evitando ter uma decepção e prejudicar seu

futuro relacionamento com os eleitos. Um exemplo foi sua opção por Hélio Costa em 1994. O *Sul das Geraes* também mostrou-se favorável a este mesmo candidato ao governo, naquele ano, e Costa acabou perdendo as eleições.

Como o proprietário do *Jornal do Estado* comentou em entrevista, o jornal tem uma ideologia empresarial e social e prefere não publicar situações polêmicas. Quanto ao lado social do *Jornal do Estado* é possível ler isto em seus títulos, na categoria sobre ações assistencialistas, e em suas ações como revelou seu proprietário, na entrevista dada a esta pesquisa. Mas às vezes, por manter esta postura, o *Jornal do Estado* omite informações que considera inconvenientes para seu relacionamento político e econômico. O jornal não pretende perder seus convênios de publicação dos judiciários e de prefeituras, com quem mantém contato e alguns contratos, desde sua fundação.

O Jornal *Sul das Geraes*, apesar ter indicado bem suas preferências por alguns candidatos, durante a publicação de títulos de todos os períodos pré-eleitorias pesquisados, manteve uma característica que também é explicada na entrevista com sua ex- editora, a de ser um jornal que levanta e faz denúncias. Isto é evidenciado no número de títulos nesta categoria, só que, as denúncias feitas por este jornal são bastante parciais, ele não costuma ouvir nem mesmo duas versões do fato. Este jornal também publicou algumas informações sobre assistencialismo expondo, em plena campanha eleitoral, candidatos envolvidos com ações assistenciais.

Estas publicações sobre assistencialismo , tanto do *Jornal do Estado*, como do *Sul das Geraes*, mostram o quanto estes jornais estão ligados ao poder político e ao sistema oligárquico. As publicações sobre assistencialismo soam como uma das mais sutis formas de efeito moral. Quem aparece como o responsável pela assistência social é quase Deus. Ganha fama de homem bondoso e também é aquele que obtém recursos.

A análise permitiu verificar a mudança de atitude do *Jornal do Estado* de 1994 para 1996, em relação ao apoio que resolveu dar para o candidato Jair Siqueira, só publicando títulos sobre a sua candidatura à prefeito, e não dando a mínima para as outras candidaturas. Além de ter publicado apenas o nome deste candidato, na categoria de títulos que aparecessem o nome do concorrente a prefeito, o *Jornal do Estado* fez títulos favoráveis a ele.

Enquanto que o *Sul das Geraes* manteve sua posição de apoiar João Rosa e combater Jair. É também bastante curiosa a atitude do jornal da Igreja Católica, *Folha do Vale*, em 1996. O jornal que pouco se manisfestou nas duas eleições estaduais, na municipal, de 1996, a Folha fez mais títulos sobre o conteúdo eleitoral, e publicou várias denúncias contra João Rosa. Este posicionamento confere com as declarações de seu diretor, em entrevista a esta pesquisa, de que este político não teria aprovado publicações pagas no jornal enquanto era prefeito. Embora não deixe transparecer claramente a Folha demonstra timidamente sua opção por Jair Siqueira.

Em poucas manifestações de títulos sobre a candidatura para governador, em 1994, o *Folha do Vale* demonstra em 1998 sua opção política por Eduardo Azeredo. Talvez devido ao resultado contrário a preferência dos jornais *Sul das Geraes* e *Jornal do Estado* em 1994, por Hélio Costa; nas eleições de 1998 os dois veículos se tornam mais contidos e moderados em relação à 1994. De qualquer forma estes jornais acabam mostrando suas preferências, em outras categorias. Mesmo assim é possível medir o interesse desses veículos nas publicações ocorridas pouco após os resultados das eleições. São títulos exageradamente satisfatórios para os candidatos eleitos, mesmo que estes não tivessem merecido o apoio destes jornais durante o processo eleitoral. Nestes títulos os jornais mostram seus interesses econômicos agradando os governantes que irão lhes garantir uma fatia das publicações pagas, ou até mesmo algumas subvenções, que irão viabilizar a sustentação econômica destes pequenos jornais.

É visível o desinteresse de todos estes jornais estudados por partidos considerados de esquerda. Alguns nem mesmo os citam nominalmente e quando ocorre alguma citação, em poucas categorias, os títulos não têm expressão ou característica de favorecimento como no caso de candidatos de outros partidos.

A análise de conteúdo de títulos permitiu detectar detalhes do emaranhado jogo entre a imprensa e os poderes político e econômico. Em períodos diferentes é possível observar através dos títulos analisados, na disputa nem sempre leal entre os diversos atores políticos, algumas características: interesses acima da preocupação com o leitor/eleitor, tentativas de "sugestionar" o público, slogans sobre determinados candidatos, vínculo de interesses entre proprietário das empresas jornalísticas e políticos, o privilegiamento de partidos, a quantidade inexpressiva de publicações sobre legendas de esquerda, a falta de

referência sobre os órgãos de pesquisa, propagandas sob a forma de matérias, parcialidade, denúncias unilaterais, preferência política dos jornais por determinadas candidaturas (em mais de um ano), incoerência entre práticas e propostas jornalísticas nas publicações analisadas, entre outros fatores que mostram o comprometimento dos jornais estudados com o poder político local.

BIBLIOGRAFIA

ABELHA DO ITACULUMY. Ouro Preto: Oficina Patricia de Barbosa, nº1, 12 de janeiro de 1824, 1824. (Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mimeo, 1999).

ADILSON CITELLI. *Linguagem e Persuasão*, 2ªed., São Paulo: Ática, 1986. 77p. (série Princípios, 17)

ALBERT, P. e TERROU, F. . *História da imprensa*, trad. Edison Darci Heldt, 1ªed., São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990, 121p..

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia, *História das Mulheres no Brasil,* Mary Del Priori (org.), Carla Bassanezi (coord. de textos), São Paulo: Contexto, 1997, p. 45-77.

BAHIA, Juarez. *Jornal ,história e técnica*: história da imprensa brasileira, 4ªed., São Paulo: Editora Ática, 1990, 445p. . vol.1.

BAHIA, Juarez. *Jornal ,história e técnica:* as técnicas do jornalismo, 4ªed., São Paulo: Editora Ática, 1990. (47-48). vol.1.

CARVALHO, Daniel de. Formação Histórica das Minas Gerais. *Primeiro Seminário de Estudos Mineiros:* conferências pronunciadas no primeiro seminário de estudos mineiros, realizado de 3 a 12 de abril de 1956, Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1957. págs. (7-30).

CASTAGNI ,Nicoletta. Gutenberg: a maravilhosa invenção. In: Giovannini, Giovanni. *Evolução na Comunicação*, do sílex ao silício, trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho, 1ªed., Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1987. (85-135).

COHN, Gabriel. A análise estrutural da mensagem, In: COHN, Gabriel (Org.),*Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971, vol.39, Parte V, cap.19, (333- 345).

COMPILADOR MINEIRO. Ouro Preto, Oficina Patricia de Barbosa, 22 de outubro de 1823, 1823. (Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mimeo, 1999)

CORREIO BRASILIENSE OU ARMAZEM LITERÁRIO. Londres, Impresso por W. Lewis Paternoster. Row. , Vol. 1, Jun. 1808, 1808. (Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mimeo, 1999).

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder:* formação do patronato político brasileiro, 11ªed., São Paulo: Editora Globo, , 1997, 397p.. vol.1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Impressão Regia, Rio de Janeiro, nº1, 10 de setembro de 1808, 1808. (Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mimeo , 1999)

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1993, 159p.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 4ª ed., São Paulo: Atlas, 1995, 207p.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*, 2ªed., São Paulo: Editora Ática, 1978, 591p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26ªed., 4ªreimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (119-138)

JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e Poder*: ligações perigosas, Salvador: Ed. da Universidade Federal da Bahia, São Paulo: Hucitec, 1996. 282p.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 2ªed. , São Paulo: Ática, 1987. 64p. (série Princípios, vol.29)

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 3ª ed., São Paulo: Àtica, 1987. 78p. (série Princípios, vol.37)

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo , enxada e voto*: o município e o regime representativo no Brasil, 3ªedição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997. 440p..

LIMA, Márcia e PRIOLLI, Gabriel. Missão Cumprida, *Imprensa*, São Paulo: Três editorial Ltda, 1998. (Ano XI- Jun/98 – nº129).

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte*: 1895-1954, estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro, Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 612 p. . (coleção centenário).

LISTAGEM DE JORNAIS AVULSOS DE MINAS GERAIS. Hemeroteca Pública de Belo Horizonte. (pesquisa realizada em arquivos da Hemeroteca em 10 de set. de 1998, mimeo).

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*, Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1996. 192p. (149-156).

MANUAL DE ESTILO EDITORA ABRIL: como escrever bem para nossa revistas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 22p.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem Manipula quem?*: poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil, 4ªedição, São Paulo: Vozes, 1991.163p.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo*: de O Estado de São Paulo, 3ªed. revista e ampliada, São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997. (283-289).

MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda*: jornalismo na sociedade urbana e industrial, 2ªed. , São Paulo: Summus, 1988. 191p. (118- 131).

MEIRELES, Neusa. Poder e consciência social na imprensa interiorana, *Comunicação e soaiedade*, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Paulo: Cortez Editora, 1980.(Out./80 – n°4, 95-131).

NIGRI, André. Jornalismo nasceu alheio ao povo. *O Tempo,* Belo Horizonte: Gráfica do jornal O Tempo, 1997. (cadern. Engenho e Arte, p. 5, 28/ set./97)

PASCOAL, Isaías. *Política e economia do sul de Minas na primeira metade do século XIX*, Campinas, 1999. (Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia do IFCH, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP).

PREGOEIRO CONSTITUCIONAL. Arraial de Pouso Alegre, Tipografia do Pregoeiro Constitucional, Número 1, 7 de set. de 1930 (Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mimeo, 1999).

QUEIROZ, Amadeu de. *A história de Pouso Alegre e sua imprensa*, Org. Newton Meyer Azevedo, 2ª edição (reedição comemorativa), Borda da Mata: Gráfica Imagem, 1998, 107p..

QUEIROZ, Amadeu de. *O intendente do ouro*, romance do tempo da mineração, São Paulo: Grafhica Paulista, 1937. 172p. (Museu histórico de Pouso Alegre, mimeo)

QUEIROZ, Amadeu de. *O senador José Bento*: estudo histórico, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1933, 163p. (Museu Histórico de Pouso Alegre, mimeo)

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: o novo PRM, (1889-1906)*, Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982. 261p.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: Formação e o sentido do Brasil, 1ªreimprensão, Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças, cientistas, instituições e questão racial no Brasil*, 1870-1930, São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (23-42) e (141- 155).

SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Nasce a República(1888-1894),* col. História da república brasileira, São Paulo: editora Três, 1975.

SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *O poder civil (1895-1910),* col. História da república brasileira, São Paulo: editora Três, 1975.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação*: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa, São Paulo: Summus, 1995. (Novas buscas em comunicação,v.7. (115-119).

SOBRINHO, Barbosa Lima apud LEAL. Prefácio à segunda edição. *Coronelismo, enxada e voto, o município e o regime representativo no Brasil,* 3ªedição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997. (13-19).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, 2ªed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977, 583p..

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, 4ª ed. [atualizada], Rio de Janeiro: Mauad, 1999, 501p. .

STONE, Philip J. . A análise de conteúdo da mensagem, In: COHN Gabriel (Org.), *Comunicação e Indústria Cultural.,* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. (315-332). (vol.39, Parte V, cap.18).

VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa em Minas Gerais (1807-1897), *Revista do Arquivo Público Mineiro,* Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1898, págs.169-249. Anno III. (Arquivo Público Mineiro, mimeo)

ZANOTTI, Carlos Alberto. *As prévias eleitorais no espetáculo noticioso*, São Paulo, 1995, 145p.(Dissertação Mestrado – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, USP).

ANEXOS

Anexo 1

Primeiros jornais do Brasil, de Minas Gerais e de Pouso Alegre

CORREIO BRAZILIENSE

OU

ARMAZEM LITERARIO.

VOL. I.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
R. 119
1808.

LONDRES.

IMPRESSO POR W. LEWIS, PATERNOSTER-ROW.

1808.

CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quinta parte nova os campos ara,
E sse mais mundo houvera lá chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

Introducçaõ.

O PRIMEIRO dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educaçaõ lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, saõ das trevas, ou da illuzaõ, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, representam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Naçaõ Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbeck, em 1640, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamaçaõ de D. Joaõ o Quarto. Neste folheto se vem os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamaçaõ com tanta censura, e acertada critica, como fez.

N.º 1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

Doctrina sed vim promovet insitam,
Rectique cultus pectora roborant.

HORAT. Ode [illegible] Lib. IV.

Londres [illegible] de Junho de 1808.

Noticias chegadas por via de França.

Morlaix [illegible] de Abril.

[illegible] Navios Americanos, que ultimamente arribárão [illegible], não podendo descarregar as suas mercadorias, e devendo immediatamente fazer-se á véla [illegible] pena de confiscação. Isto tem influido muito nos preços de varios generos [illegible], tudo por se terem hontem recebido cartas de França, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos serão detidos [illegible] que chegarem a qualquer porto da França.

Noticias vindas por Gottemburgo.

Chegárão-nos esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona [illegible], de cujas datas ultimas constavão que os Janizaros em Constantinopla se declarárão contra a França, e a favor de Inglaterra; porém que o ministro se tinha apaziguado. [illegible] Hamburgo está tão exhausto pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já nem côdea de pão, nem hum a carne. Quasi todo o Hannover se acha na mesma deploravel situação. [illegible] 40000 homens de tropas Francezas, que estão em Berlim, tiverão ordem de marchar para Hespanha.

Londres 16 de Junho.

Extracto de huma Carta escrita a bordo do Statira.

"Segundo o que nos disse o Official Hespanhol, que levámos a Lord Gambier, o Povo Hespanhol faz todo o possivel para sacodir o jugo Francez. As Provincias de Asturias, Leão, e outras adjacentes armárão 80000 homens, em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé, como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes, e o Ferrol se teria igualmente sublevado a não ser hum Governador do partido Francez. Os Andaluzos, nas vizinhanças de Cadiz, tem pegado em armas, e destes ha já 60000, que são pela maior parte Tropas de Linha, e commandadas por hum habil General. Todo este tempestade se originou de Bonaparte ter declarado a Murat Regente de Hespanha. O espirito de resistencia chegou á Carthagena, e não duvido que em pouco seja geral por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon, que fica poucas leguas distante de Oviedo, com huma sufficiente quantidade de polvora, &c. pois do successo de Hespanha depende a sorte de Portugal. A revolta he tão geral, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Concidadãos revoltosos."

Segunda Feira 1824 12 de Janeiro.

ABELHA DO ITACULUMY.

[illegible] em 21 de [illegible] de 1897.

> Vence o trabalho tudo ; o que cansa
> Seu espirito, e seus olhos algu' hora
> Mostrará parte alguma do que achou.
> *Fer. á Bern.*

TRabalhar para o bem geral hé a mais imperiosa obrigação, que a Natureza, e a Religião impõe ao homem na sociedade. Este dever principalmente, e a instigação de algumas pessoas zelosas da ordem, e prosperidade publica nos forçárão a emprender a redacção da presente Folha; substituindo com notavel desigualdade ao Compilador Mineiro, cujo illustre Redactor, tanto por incommodo de saude, como por occupado no louvavel, e patriotico empenho de hum Estabelecimento de primeira necessidade no Paiz, deixou de continuar no seu tão bem começado trabalho. A demais hé constante quanta fadiga, quanto dispendio tem custado á seus Auctores a Typographia Patricia desta Cidade, dita com rasão Patricia; porque todos os seus utensis forão aqui fabricados sem modelos, e sem outra direcção, que o desenho achado em alguns Livros; e para maior gloria dos mesmos grande porção de typos se fundio de chumbo extrahido de nossas Minas; e tão patriotico Estabelecimento cahiria, apenas levado a tal qual perfeição? Mais hum motivo, que desculpa nossa temeridade. E supposto não tenhamos visto os Porticos de Athenas, nem ao menos em Caixas opticas debuxados, com tudo não desejamos seja precisa toda a authoridade de huma Bulla Pontificia para sermos reconhecidos capazes das operações intellectuaes, como o foi, para que os Hespanhoes [illegible] entendessem á respeito dos Americanos, a quem tal vez suspeitavão de origem alheia ao nosso Pay commum.

As condições, com que aceitamos esta tarefa, entre as quaes se comprehende huma deducção a pro da Bibliotheca Publica provão á todas as luzes nosso desinteresse particular: temos a mira unicamente no bem da ordem, donde só pode provir aos nossos Compatriotas a paz, e a segurança, e por consequencia a prosperidade individual. Nosso caracter não hé absolutamente desconhecido para recearmos a taxa de Cabalistas: não nos deslumbra o ouropel de hum Liberalismo exaltado; e menos nos aviltão servis condescendencias: amamos a moderação, e afincadamente a Justiça: encaramos sempre o Idolo da Liberdade debaixo daquelle ponto de vista, em que convem ao Cidadão, e que torna o homem digno de tal [illegible], porque, quem ignora que a liberdade desenfreada transforma muitas vezes o homem das melhores disposições em monstro feroz? Quando privado inteiramente desta singular prerogativa elle nada mais he que hum reptil despresivel.

Por tanto procurando encher as indicações incluidas no titulo da presente Folha (em cuja publicação guardaremos a exacção compativel com nossas occupações publicas, dando á luz trez numeros em cada Semana) [illegible] rogamos a cooperação de nossos Compatriotas honrados, protestando [illegible] nella somente, alem [illegible] a que [illegible] quanto for em prol da [illegible] geral, da união, e [illegible]

COMPILADOR MINEIRO.

QUARTA FEIRA 22 DE OUTUBRO DE 1823.

NOTICIAS NACIONAES

PArece, que a Opinião Publica da Provincia do Maranhão sempre foi pela independencia de Portugal, e adhesão á causa da Patria; mas não se tinha podido manifestar pela oppressão, em que jazia. Depois da derrota da Fidia, as Tropas do Piauhi, e Ceará d'intelligencia com os bons, e honrados Maranhenses se ligárão estreitamente para consolidação do Systema de Independencia desta Provincia, e havendo [illegible] nte a mais [illegible] a reduzido a sua Capital a [illegible] cerco, de maneira que chegou a sentir falta dos alimentos de primeira necessidade, não poderão com tudo restaurá-la senão á chegada de Lord Cochrane, por se oppôr a Tropa, que alli se achava, e que se mantinha nas mais tenaz com o auxilio de [illegible] da Tropa da Madeira, que [illegible].

Aos 26 de Julho do corrente anno fundeou a Náo D. Pedro I, em que hia Lord Cochrane na ponta da Coroa da Sotavento, proxima á barra da Capital do Maranhão; immediatamente dirigio o Lord Officios ao Governo Civil, e ao Governador das Armas para [illegible] a Independencia, e jurarem obediencia á S. M. o Imperador, declarando desde logo como bloqueados o Porto, Rio, e Ilha do Maranhão, a Bahia de S. José, e agoas adjacentes, segurando ás ditas Auctoridades os melhores desejos pela prosperidade da Provincia, e que verificaria a sua liberdade na plena escolha do Governo. No mesmo dia em casa do Governador das Armas se congregárão as Auctoridades, e muitos Officiaes, e assentárão unanimemente, que se proclamasse a Independencia, e se jurasse obediencia ao Senhor D. PEDRO I; a 28 expedio o Lord participação aos Chefes da Força Armada das Provincias do Ceará, e Piauhi para cessarem as hostilidades; no dia 29 fez sahir a Tropa Portugueza, que estava na Cidade, e Fortalezas para se elegêr livremente o novo Governo daquella Provincia. O Lord fez logo sahir hum Brigue para o Pará a fazer-lhe a mesma intimação, e he de esperar que já tenha abraçado a Causa do Imperio.

Achou o Lord no porto da Capital hum Brigue, huma Escuna, e [illegible] artilhe[illegible] [illegible].

O Comboy Portuguez, que sahio com Madeira da Bahia, constava de 70 vélas, de que 5[illegible] [illegible] tomadas pela Esquadra Imperial.

A Estrella Brasileira de [illegible] do corrente diz o seguinte " Parece fóra de duvida, que M. Hyde de Neuville, membro da Camara dos Deputados de França sahio de Brest no principio de Agosto na Fragata Cybelle com destino para o Brasil com escala a Lisboa. Este Diplomata vem encarregado de huma Missão extraordinaria á cerca dos Negocios do Imperio; traz com sigo o Snr. Conde de Gestas bem conhecido nesta Côrte (Rio de Janeiro) e nomeado por S. M. C. encarregado de Negocios, e Consul Geral da França no Brasil.

Illmo e Exmo Snr. — Por Officio do Governo Provisorio da Provincia do Maranhão, em data de 12 de Agosto do corrente anno, vindo

Numero 1.º Terça Feira 7 de Setembro. Anno de 1830.

Precoeiro Constitucional.

Outrager est d'un fou, flatter est d'un esclave,
Il faut bannir l'audace, et non la liberté,
La balança a la main, peser la verité.
Bernis *sur l'independance.*

PROSPECTO.

Possuidos só de um verdadeiro patriotismo, cheios de amor, respeito, e enthusiasmo pela Constituição, que juramos, e a qual só pode fazer a nossa prosperidade, não é alguma paixão mal dirigida, e muito menos ainda alguma paixão criminosa quem nos fez lançar mão da penna para offerecermos ao Publico as poucas e acanhadas observações, de que somos capazes: convencidos da rigorosa obrigação, que tem todo o Cidadão de concorrer para a pública felicidade com todas as forças do seu espirito, e de seu corpo, se té agora tranquillos observadores dos passos opprimidos, que tem dado a Liberdade preciosa do paiz a que tanto nos lisongeamos de pertencer, circunstancias imperiosas que então nos vedavão uma tarefa tão grata, hoje quebradas, e dissolvidas, nós apparecemos em publico a fazer á nossa Patria o sacrificio, que nos cumpre, e que póde prestar-lhe nosso ingenho circunscripto sim em pequena orbita de idéas, mas nutrido só, (nós o protestamos) nutrido só d'aquelles sentimentos, que a Justiça e a Razão prescrevem a tódo o homem social.

Quando outr'ora arrastando vergonhosas cadêas, e gemendo em nossa Patria, como se estivessemos em terra extranha, no opprobrio e na ignominia, viamos nossas pessoas, nossos bens, e tudo o que nos era mais cháro sugeito á tyrannia de genios malfeitores, e á voragem de inimigos sedentos de tudo o que era nosso pelo mais sagrado de todos os direitos, quando então estes males ainda mais se aggravavão pelo aspecto de uma terrivel perpetuidade, que cada vez mais se vigorisava, porque não era dado ao homem livre por naturéza o oppôr-se a tantos vexames emittindo suas queixas, publicando justas censuras contra seus oppressores, e contra os oppressores de sua Patria, e só no silencio e no retiro é que podia chorar o ter a virtude desamparado o seu logar, e ser n'elle substituida pela prepotencia armada, e pela ostentação orgulhosa; quando em fim..... Tempos de luto, vós desapparecestes para sempre do Brazil, graças á Providencia de um Deos que detesta os tyrannos! Hoje restituidos á nobreza de nossa especie, hoje reintegrados em nossos direitos inauferiveis porque naturaes, hoje constituidos e col-

Anexo 2

Jornais analisados de Pouso Alegre

O melhor presente é uma poesia de um menino. (Emerson)

Jornal do Estado

Quarta-Feira, 2 de outubro de 1996 | Ano X - Edição nº 458 | Diretor Presidente Sebastião Paes Kertzel | Tel.: 421-6626 | Fonte Alegre-MG | R$ 0,50

Porte Pago DRR-CPA SER 43.943 81

Jair Siqueira deverá bater seu próprio recorde de votos

Segundo pesquisa do Instituto MDA, o novo prefeito de Pouso Alegre será Jair Siqueira. Em 3 de outubro ele deverá ter 13 mil votos a mais que Geraldo Cunha, seu principal oponente, uma votação recorde entre todos os candidatos que já disputaram qualquer eleição nesta cidade.

Com este resultado, mais uma vez a população da cidade demonstra a aprovação e o respeito ao trabalho realizado por Jair Siqueira na Prefeitura de Pouso Alegre. *(Página 3)*

Na comício realizado nesta segunda-feira, milhares de pessoas ouviram o candidato (centro da foto)

Resultado da Pesquisa*

Jair Siqueira	30.238
Geraldo Cunha	17.388
Maria Angela	3.065
Darcy Campos	1.296
Nulos	1.592
Brancos	5.364

Pesquisa realizada no dia 26 de setembro de 1996, com 972 entrevistados. Margem estatística de erro: 3%. Confiabilidade da pesquisa: 95%. Projeção sobre o universo de 58.943 eleitores, segundo informações do Cartório Eleitoral de Pouso Alegre.* em número de votos
Fonte MDA

Segunda etapa da Fernão Dias sai em fevereiro de 97

Os editais de licitação da segunda etapa de duplicação da rodovia Fernão Dias (BR-381) que liga Belo Horizonte a São Paulo, estarão prontos para publicação dentro de 60 dias. O início das obras está confirmado para fevereiro do [illegible] [illegible]

Real melhorou a renda da população menos favorecida

Estudos de economistas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) confirmaram que o Plano Real beneficiou mesmo as camadas mais pobres da população. O impacto da redistribuição de renda promovido pela nova moeda possibilitou que os menos favorecidos tivessem um considerável aporte adicional de renda. *(Página 4)*

Ocorrências POLICIAIS

- Um lavrador foi encontrado morto em cima de uma cama. Investigações concluem que o assassino utilizou um pedaço de madeira para efetuar perfurações no pescoço, costas e peito da vítima
- Dois indivíduos de cor escura atacaram uma guarda-mirim na avenida Dr Lisboa. Eles pretendiam tomar o dinheiro arrecadado com a venda dos talões de estacionamento
- Após fazer uso de substâncias entorpecentes, uma mulher ameaçou de morte a própria mãe.
- Acidente com espingarda leva mulher ao HPS. Ela colocou a arma sobre a cama e recebeu um disparo.
- Um tumulto num bar da av. Dr. Lisboa resultou na prisão de um elemento que se recusou a ser revistado pela polícia. *(Página 8)*

Espaço Feminino

Com raras exceções, nenhuma mulher que vista mais de 42 fica bem com essa roupa que está chegando. É o que revela Anna Marina em seu artigo sobre o *Modismo que estraga o visual.* *(Página 6)*

O verdadeiro relatório da Comissão de Sindicância do SUS inocenta administração Jair Siqueira

O prefeito João Batista Rosa divulgou na semana passada um relatório diferente do relatório oficial da Comissão de Sindicância criada para apurar possíveis irregularidades no SUS.

Segundo este relatório, todos os membro da Comissão Municipal de Saúde, CIMS, estão isentos de qualquer culpa, incluindo o ex-prefeito Jair Siqueira e seu secretário de saúde, Dr. Emanuel Coutinho.

A conclusão diz claramente que ninguém na administração — médicos ou funcionários — foi beneficiado e que só a população de Pouso Alegre ganhou, já que teve um atendimento de melhor qualidade. *(Página 3)*

Caxambu e São Lourenço podem reduzir vereadores

O Ministério Público das Comarcas de Caxambu e São Lourenço pediu a redução do número de vereadores nas duas cidades, com base na proporcionalidade ao número de habitantes. Se acolhido pedido dos promotores Wilson da Silva Campos e Pedro Paulo Aines o Legislativo terá o número de seus integrantes reduzido de 15 para nove na próxima legislatura. Em Andradas, também no Sul de Minas, o juiz eleitoral acolheu o pedido do Ministério Público e determinou a redução de vereadores de 13 para nove. De acordo com a Constituição, municípios com até 1 milhão de habitantes devem possuir no mínimo nove e no máximo 21 vereadores. A medida tem aprovação de grande parte da população destas cidades, pois a economia feita com o pagamento dos salários dos vereadores poderia ser investida em setores emergenciais, como a Saúde. *(Página 9)*

Sesi prepara uma grande festa para o Dia da Criança

Durante a tarde, na festa do Dia da Criança a ser realizada pelo Sesi, no próximo dia 12 de outubro, a partir das 9h *(veja programação na página 6)*, acontece o 2º Festival do Sorvete. A convite do Sesi e Sindiconsul, vão participar da festa a Afas/20 e o 20º BPM com o festival.

O Sesi comunica a todas as crianças que estará com os portões abertos para recebê-las e que refrigerante, pipoca, cachorro-quente e muito mais, serão distribuídos gratuitamente, numa iniciativa de parceria com as indústrias de Pouso Alegre. Apenas a ficha para o sorvete será cobrada pela Afas/20 e o 20º BPM. O Sesi não cobrará nada, pois a festa é uma confraternização com as crianças da cidade.

Crianças, participem desse evento, pois a alegria do Sesi é recebê-las bem em suas dependências. Não se esqueçam, dia 12 de outubro, a partir das 9h, com tudo grátis. O seu dia é no Sesizinhas. *(Página 6)*

Saúde

O relógio biológico

Todas as funções orgânicas são ligadas ao cérebro. Nossos comportamentos, sentimentos e pensamentos estão diretamente relacionados à saúde física. Em intervalos regulares, a energia vital percorre com maior intensidade determinados órgãos. É o chamado relógio biológico, assunto relatado pelo médico homeopata Eduvaldo de Oliveira Dorta. *(Página 4)*

Cirurgia plástica

O presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), Farid Haikme, condenou o uso de computador em clínicas de estética e rejuvenescimento, para se prometer a clientes resultados nem sempre possíveis de serem conseguidos. Ele alertou a população para não acreditar em propaganda enganosa no estilo "antes e depois". *(Página 4)*

Andropausa

O homem não está totalmente isento das transformações dramáticas e desagradáveis que afetam irremediavelmente as mulheres na fase do climatério. Se o Criador poupou o sexo masculino de muitas mazelas, por certo não o isentou de todas. E elas se manifestam geralmente nos indivíduos em idade entre 50 e 60 anos. É a idade da Andropausa.. Médicos do Instituto do Homem abordam o assunto. *(Página 4)*

Nova pesquisa aponta vitória tranquila de Jair Siqueira

Mesmo considerando a margem de erro, vitória deve ser por mais de 11 mil votos

O Instituto de Pesquisa MDA, da cidade de Alfenas, divulgou nesta segunda-feira, 30 de setembro, uma nova pesquisa em que aponta uma vitória tranqüila para o candidato da Coligação Pouso Alegre 2000, Jair Siqueira.

As projeções indicam que Jair Siqueira terá cerca de 30 mil votos contra 17 mil de Geraldo Cunha Filho, 3 mil de Maria-Angela Augusto, mil votos de Darci Campos e 7 mil votos nulos e em branco.

Esta nova pesquisa, que foi realiza com uma cópia da cédula eleitoral, urna e voto secreto, simulando uma votação real, não permite a existência de indecisos. As projeções indicam que a vitória de Jair Siqueira se dará por uma margem de no mínimo 11.200 e no máximo 14.500 votos.

Com estas projeções Jair Siqueira quebrará o recorde de votos em Pouso Alegre em mais de seis mil votos, isso representa um crescimento de 25% em relação à sua votação para deputado federal.

O virtual futuro prefeito (C) Jair Siqueira em sua última carreata

Mas essa votação maciça comprova que a administração que Jair Siqueira desenvolveu na Prefeitura de Pouso Alegre é até hoje aprovada pela população da cidade.

Propostas

Apesar do intenso bombardeio que recebeu nos programas de televisão o candidato da coligação Pouso Alegre 2000 manteve seu resultado na pesquisa dentro da margem de erro.

Em nenhum momento da campanha o programa de Jair Siqueira fez ataques a seus adversários e se limitou a fazer propostas como determina a lei 9.100/96.

Os resultados das urnas dirá exatamente o que o povo espera para Pouso Alegre nos próximos quatro anos. Uma cidade rumo ao século XXI.

O que é o Instituto MDA

O Instituto MDA foi criado há mais de dez anos por professores da então Escola Superior de Lavras - ESAL, que hoje é a Universidade Federal de Lavras - UFLA.

Nesses dez anos, o Instituto MDA realizou pesquisas para diversos órgãos do governo federal, estadual e empresas particulares. Entre alguns destes trabalhos podemos destacar pesquisas feitas para a EMATER, SEBRAE e EMBRAPA.

Nestas eleições, está realizando trabalhos em diversas cidades do sul de Minas. As cidades que estão sendo pesquisadas pelo MDA são Alfenas, Varginha, Três Corações e muitas outras, o que garante o trabalho sério do MDA.

A metodologia da Pesquisa

Esta última pesquisa foi feita com utilização da cédula eleitoral, urna e voto secreto o que permite uma melhor projeção do que vai ocorrer em 3 de outubro.

A pesquisa foi realizada em 26 de setembro com 972 entrevistados, com uma confiabilidade de 95% e margem de erro de 3%.

Levando em conta os índices alcançados pelos candidatos: Jair Siqueira 51,3%, Geraldo Cunha 29,5%, Maria Angela 5,2%, Darci Campos 2,2%, brancos e nulos 11,8% e projetando sobre o número de eleitores de Pouso Alegre, pode-se fazer as projeções de votação recorde para Jair Siqueira.

Sindicância do SUS isenta administração Jair Siqueira

Na última quarta-feira o prefeito de Pouso Alegre, João Batista Rosa, apresentou pela a cidade uma versão do relatório da sindicância que apurou denúncias de irregularidades no SUS durante a administração Jair Siqueira.

O relatório do prefeito apontava que Jair Siqueira e seu secretário de saúde, Dr. Emanuel Coutinho, eram responsáveis por uma fraude de mais de 42 mil procedimentos médicos.

Porém, na sexta-feira, portanto após o fechamento de nossa edição, chegou às mãos do "Jornal do Estado" uma cópia do relatório final da Comissão de Sindicância, que tem como membros Lúcio Arouca (presidente), Iraci Maria dos Santos, Marcia Moreira Marinho e Eva Geovanna Rodrigues.

A verdade

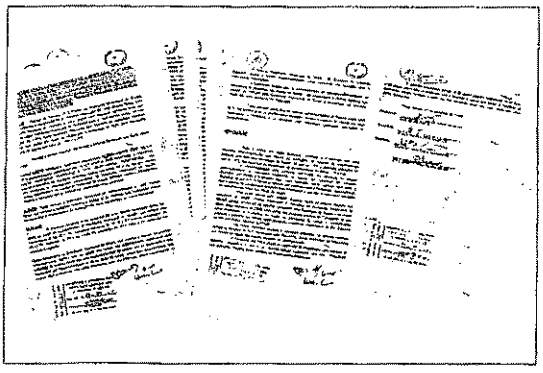
A conclusão deste relatório é totalmente diversa do relatório divulgado pelo atual prefeito.

O relatório afirma que os aumentos apresentados nas planilhas do SUS não visavam beneficiar ninguém pessoa e sim ressarcir a prefeitura de custos procedimentos na área de saúde que não seriam pagos pelo SUS e que causariam prejuízos ao município.

Esses procedimentos, segundo Emanuel Coutinho, eram para assistência ao Asilo Betânia da Providência, atendimentos médicos durante aos Jogos Olímpicos de Pouso Alegre, Jogos JIMI, na sede do Sindicato Rural e na Praça de Esportes quando das enchentes ocorridas em Pouso Alegre, e nas escolas por ocasiãode epidemias, como meningite, hepatite, sarampo, prevenção à AIDS e cólera e outros atendimentos realizados fora dos postos de saude municipal.

A comissão conclui que o ex-prefeito Jair Siqueira não tem nenhuma responsabilidade na alteração das faturas do SUS, bem como nenhum dos outros membros da Comissão Municipal de Saúde, CIMS, já que em nenhum momento as faturas ultrapassaram o limite do SUS.

O ex-secretário de saúde também foi isentado de culpa, já que a sua atitude apenas permitiu que a prefeitura tivesse um melhor serviço de saúde durante o período de 1989 a 1992.



Fac-símile do relatório da Comissão de Inquérito do SUS

CONCLUSÃO

"Após a análise dos fatos apurados, verificou a Comissão, por seus membros abaixo-assinados que houve as alterações no número de atendimentos médicos pela Secretaria Municipal de Saúde, no ano de 1991 e primeiro trimestre do ano de 1992, nos quantitativos registrados no demonstrativo de folhas 139 a 155.

A responsabilidade pelo aumento verificado foi admitida de maira responsabilidade pelo Secretário Municipal de Saúde, Dr. Emanuel de Almeida Coutinho, que parece à Comissão agiu sem nenhuma má-fé, porque feita com a finalidade de que o SUS fizesse o repasse dos recursos para a Prefeitura, remunerando toda espécie de atendimento prestado pelo Município e que não se constituía somente nos atendimentos feitos nos Postos de Saúde.

Não existe motivo para atribuir qualquer culpa às demais pessoas que assinavam as faturas (Prefeito Municipal e Membros da Comissão Municipal de Saúde), porque confiavam no trabalho elaborado pela Secretaria de Saúde e os vistos dados pelos membros da CIMS eram dados nas reuniões mensais do Colegiado em que eram discutidos os problemas de saúde da população da cidade e naturalmente avaliado o trabalho que estava sendo prestado, conforme depoimento do Dr. Demival de Oliveira Doria, membro do CIMS.

Não houve benefício pessoal a qualquer prestador de serviço médico porque os recursos do SUS, repassados pelo INAMPS, foram creditados ao Município e o Pessoal da Saúde não recebia adicional de produtividade.

A Comissão justifica o atraso na conclusão da sindicância pelo volume de trabalho exigido e o que é ao mesmo tempo executado pelo seu Presidente nos inúmeros afazeres como membro da Procuradoria Municipal.

O presente documento consta de 08 (oito) páginas numeradas de 01 (um) a 08 (oito), rubricadas as primeiras sete e assinada a última por todos os membros da Comissão, sendo entregue a cada um dos membros neste ato, uma cópia em xerox deste documento.

Pouso Alegre, 17 de setembro de 1996

(Assinam Lúcio Arouca, Iraci Maria dos Santos, Márcia Moreira Marinho e Eva Geovanna Rodrigues)

Jornal do Estado

Pouso Alegre, quinta-feira, 1 de Outubro de 1998

DIRETORES: SEBASTIÃO FOCH KERSUL E VÂNIA CAROLINA KERSUL - TRAVESSA EVARISTO DA VEIGA, 30 - CENTRO - POUSO ALEGRE/MG - ANO XI - Nº 597 - R$ 0,50

Veja onde você vai votar - Página 6

Chico Rafael lidera pesquisa

Pesquisa realizada em Pouso Alegre pela empresa MDA, credita ao candidato a deputado estadual Francisco Rafael Gonçalves (Chico Rafael) o maior índice de intenções de votos entre todos os demais candidatos no município. A pesquisa, registrada no Tribunal Regional Eleitoral e realizada nos dias 22 e 24 de setembro apontou um percentual de 38.1% para Chico Rafael contra 14.1% de Rosinha, 10.0% do Dr. Firmo, 8.6% de Elói Radim, 6.4% de Márcio, 4.2% de Bilac Pinto, 1.4% de Daimo, 1.1% de Alberto Pinto Coelho, 4.5% outros, 2.0% nenhum e 9.7% não revelado.

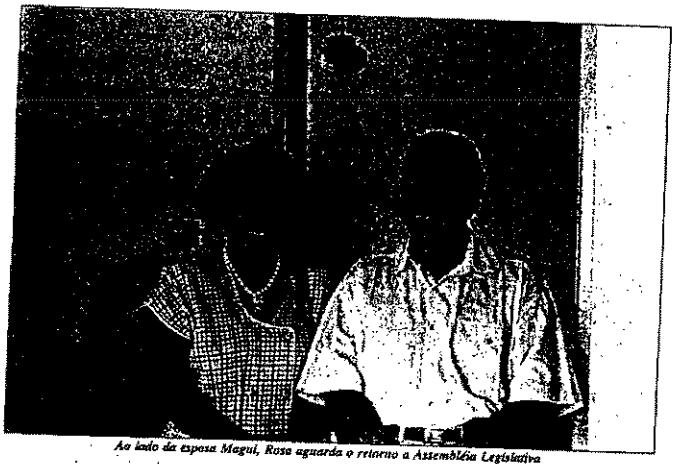
Se confirmados os números da pesquisa, Chico Rafael poderá obter cerca de 18.000 votos somente em Pouso Alegre, fato que colocará o candidato entre os mais votados nas disputas eleitorais para a Assembléia Legislativa nos últimos anos, garantido-lhe uma vaga para os próximos quatro anos.

Polícia Militar apreende maconha e cocaína no bairro Colina Verde

PÁGINA 3

Francisco Rafael (dir) poderá, segundo pesquisa, obter a maior votação de candidato a deputado estadual

AL prevê Rosa como único eleito em PA



Ao lado da esposa Magui, Rosa aguarda o retorno a Assembléia Legislativa

A Assembléia Legislativa do Estado divulgou no final da semana passada uma projeção dos candidatos do Sul de Minas com reais possibilidades de vitória no pleito de 4 de outubro, destacando o nome do candidato a deputado João Batista Rosa - Rosinha (PMDB) como o único provável eleito em Pouso Alegre.

A projeção da AL teve como referência levantamentos realizados em Pouso Alegre e todo o Sul de Minas, que colocam o candidato entre os de maior aceitação junto ao eleitorado, reafirmando a condição de verdadeira liderança política do candidato João Rosa.

Ex-prefeito de Pouso Alegre e já tendo ocupado cadeira na Assembléia Legislativa e Câmara Federal, para João Rosa o destaque concedido a ele comprova que o povo não esquece aqueles que deixaram muitos benefícios em sua trajetória política.

Roda de Negócios em Pouso Alegre foi a melhor de Minas

PÁGINA 4

Manchester é pioneira no Sul de Minas

Conheça um pouco da história da escola pioneira de Informática do Sul de Minas.

PÁGINA 12

CADERNO 2

08 Páginas

Mais de **100** ofertas no Classi*Estado*

Agenda Cultural

Horóscopo

Curiosidade

Jet Set

Moda

* *Cada vez mais crianças nascem fora do casamento*
* *Doação de órgãos (página 2)*
* *O que é notícia*
* *Cá entre nós*
* *Coleção Primavera-Verão (página 3)*
* *A ação dos desodorantes (página 4)*
* *Exposição dos 150 anos (página 5)*
* *Malhação*
* *Horóscopo (página 8)*

Jornal do Estado — Sexta-feira, 11 de Novembro de 1994

Entrevista/Hélio Costa

"Junto com o povo, vamos mudar Minas Gerais"

Belo Horizonte – Geração de empregos, saúde, educação, e pleno atendimento à população mais sofrida de Minas Gerais. Estas são as prioridades do candidato do MPP ao Governo de Minas, Hélio Costa, que lidera as pesquisas do Ibope para governador.

Em plena reta final de campanha, conversou com jornalistas e lembrou que a sua candidatura significa a renovação de Minas, contra o continuísmo representado pelo candidato do governo, Eduardo Azeredo. ''Mas ninguém muda nada sozinho, e é por isto que eu preciso de ajuda de todos os mineiros'', disse à reportagem. Nesta entrevista, Hélio Costa fala sobre os seus planos para Minas, e lamenta que o dinheiro público e a máquina administrativa do governo estejam sendo usadas para favorecer o candidato do Palácio. ''Enquanto isto, crianças e pessoas carentes morrem nas filas dos hospitais'', reforçou. Veja, agora, a entrevista de Hélio Costa.

P – Estamos nos últimos dias da campanha para governador do Estado. O sr. esteve, ao longo dos últimos anos, em praticamente todos os municípios de Minas e em todas as regiões do Estado, quando conheceu de perto os problemas que afligem os mineiros. Qual o balanço que o sr. faz da sua campanha, e o que mais lhe chamou a atenção no Estado?

R – O balanço que faço é extremamente positivo. Eu estou muito feliz. Eu tive a felicidade de, como você frisou, percorrer as regiões de Minas, colocar o pé na estrada, e conversar com milhares de pessoas, que sempre me receberam com muito carinho em suas cidades. Este carinho, por sinal, é o tesouro mais valioso que conquistei durante a nossa campanha. Não há nada mais bonito do que você poder conversar com as pessoas com o coração aberto, com a alma pronta para escutar tudo de bom que este povo maravilhoso tem para dizer. E foi isto que eu fiz durante todo este tempo. E olha, vou dizer uma coisa a você: dizem que o mineiro é desconfiado e que não gosta de falar muito. Na verdade, não é bem assim. O mineiro fala, sim – desde que confie na pessoa com quem está falando. E eu, graças a Deus, sempre mereci a confiança deste nosso povo. Minas conhece a minha vida – e a prova disto foram os 48% dos votos válidos que obtive no primeiro turno. Agora, o que mais chamou a minha atenção, sem dúvida, é o abandono em que se encontra todo o interior de Minas e as vilas e favelas de Belo Horizonte. O que estão fazendo com a nossa Minas? O que estão fazendo com o nosso povo, com as nossas professoras, que ganham pouco mais que um salário mínimo para formar e educar os nossos filhos?

P – O sr. tem uma trajetória diferente dentro da política mineira, já que não faz parte desta elite que tem governado o Estado nos últimos anos. O que representa sua candidatura para Minas, e o que existe de diferente entre o sr. e o outro candidato?

R – O que você falou é verdade. Felizmente, eu não faço parte desta elite que sempre governou Minas – a que, portanto, é a grande responsável pelo caos que estamos enfrentando hoje. Minha vida foi construída com muito trabalho, suor e dedicação. Ao contrário de outros candidatos, que sempre foram indicados para cargos públicos por seus ''padrinhos políticos'', eu tive que trabalhar muito para vencer na minha profissão. E venci, com a ajuda de Deus. Não tenho ''padrinhos políticos'', não tenho pai que foi deputado, e nem governador para ajudar minha candidatura. Tenho apenas uma enorme vontade de trabalhar pelo povo de Minas, principalmente para aqueles mais sofridos, para aqueles que moram nas regiões mais pobres e abandonadas do Estado. É para eles que o meu governo está trabalhando 24 horas por dia. Sou um mineiro como milhões de outros, que sempre tiveram que lutar muito na vida. Esta é a grande diferença entre a minha candidatura e a do outro candidato, que já nasceu em berço esplêndido e nunca precisou trabalhar.

P – Na sua opinião, o que os mineiros realmente querem do próximo governador? E o que Minas pode esperar do seu governo?

R – Os mineiros querem trabalhar, querem ter a oportunidade de ter um emprego, de poder dar uma vida melhor para seus filhos, com escolas decentes, com médico, com hospital de boa qualidade. Os mineiros, na verdade, querem apenas uma chance para mostrar o seu valor e levar uma vida decente, onde ele seja respeitado. Para isto, Minas precisa voltar a crescer, para poder gerar mais empregos. Esta será a grande meta do nosso governo. Temos um projeto econômico inteligente e ousado, baseado na redução de impostos e no estímulo às micro e pequenas empresas, à agricultura e ao turismo. Os bancos do Estado estarão direcionando pelo menos dois terços de seus recursos para o financiamento da produção. Vamos atrair novas indústrias e novas empresas para Minas, a partir das vocações econômicas de cada região. Vamos voltar a crescer, sempre priorizando a geração de emprego, a saúde, a educação. Nosso Programa de Governo é simples e viável – e será implantado já nos primeiros dias da nossa administração.

P – O Crescimento econômico, no entanto, é uma meta de médio prazo. Enquanto isso, a nossa realidade mostra que temos hoje milhões de pessoas desempregadas. Milhares de famílias – principalmente crianças – enfrentam a fome, a falta de moradias e a desesperança todos os dias, principalmente nas vilas e favelas de Belo Horizonte e nas regiões mais pobres do interior. O que fazer por estas pessoas até que Minas consiga voltar a crescer?

R – Temos um Plano de Emergência para estas pessoas. De fato, quem tem fome não pode esperar. Para gerar empregos de forma imediata, estaremos lançando o Programa do Mutirão Remunerado, com a abertura de frentes de trabalho por todo o Estado. Nestas frentes, teremos trabalhadores indicados pela própria comunidade, que irão trabalhar em pequenas obras em seus bairros, vilas ou cidades, como asfaltamento de ruas, abertura de canais, construção de muros de arrimo, etc. Caberá ao governo do Estado pagar o salário destes trabalhadores. Eu tenho ouvido, por onde passo, que os mineiros não querem mais esmolas do governo. Querem trabalho, respeito e dignidade. Pois terão tudo isto no Mutirão Remunerado. Outra meta é trazer de volta para Minas o Programa do Leite, para atender nossas crianças e gestantes carentes. Com a distribuição diária de leite, vamos reduzir drasticamente a mortalidade infantil no nosso Estado, que hoje já atinge níveis assustadores. E temos, ainda, o Mutirão Habitacional, que vai nos ajudar a reduzir o déficit de moradia no Estado – já que desde o governo de Francelino Pereira não se constróem mais casas para a população carente de Minas. Com o Mutirão Habitacional, a própria comunidade construirá suas casas, a partir do material de construção fornecido pelo governo.

P – Seus adversários costumam criticar o Mutirão Remunerado e o Programa do Leite, dizendo que são propostas ''paternalistas''. O que o sr. diria sobre isto?

R – É como eu disse antes. Quem nunca teve que trabalhar para sustentar sua família não pode saber o que significa o drama de estar desempregado, nem o que é a aflição de não ter comida para dar aos filhos. Mas esta é a realidade em Minas hoje. Não adianta tampar o sol com a peneira, nem fingir que tudo está bem. Minas tem hoje, segundo dados do governo federal, mais de três milhões de pessoas em estado de miséria. Em nossa capital, Belo Horizonte, o quadro é alarmante. O índice de desempregados é um dos maiores do Brasil, e milhares de crianças estão morrendo todos os dias por desnutrição. Desnutrição significa fome. Ou seja, nossas crianças estão morrendo por falta de comida. Em Belo Horizonte, as favelas aumentam a cada dia. Não há sequer um viaduto na cidade onde não haja uma família morando embaixo. E onde estavam nossos prefeitos e governadores que deixaram a situação chegar a este ponto? Estavam encastelados em seus gabinetes e palácios, vencidos pela preguiça ou então mandando arrumar pracinhas nos bairros ricos da cidade. São estas as pessoas que dizem que o Mutirão e o Programa do Leite são paternalistas.

P – As notícias que chegam a Belo Horizonte mostram que na capital, bem como no interior, a saúde pública no Estado está completamente abandonada. Em Belo Horizonte, os jornais publicam todos os dias notícias sobre pessoas morrendo nas filas dos hospitais públicos, como o Pronto Socorro João XXIII, que é administrado pelo Estado. E no interior, os hospitais não têm leitos, medicamentos, equipamentos e nem médicos para atender a população. O que o sr. pretende fazer para alterar este quadro?

R – O quadro da saúde em Minas é realmente dramático – e atinge diretamente os setores mais sacrificados da população. Nosso programa de Governo prevê ações rápidas neste sentido. O primeiro passo é valorizar os profissionais que atuam no setor. Hoje, os funcionários do nível básico da saúde recebem apenas R$ 87,00 – e um médico não ganha mais que R$ 300. Resultado: faltam médicos e outros profissionais para trabalhar no setor público. E sem médicos não há atendimento à população. O segundo passo é reaparelhar os hospitais já existentes e concluir os que estão inacabados, para que eles possam atender os mineiros imediatamente. O terceiro é construir hospitais nas cidades-pólo de Minas, para que a população não tenha que se deslocar até Belo Horizonte. O quarto é o fortalecimento da Fundação Ezequiel Dias, que será a responsável pela fabricação de medicamentos básicos no Estado. Estes medicamentos serão distribuídos gratuitamente à população carente. O quinto passo é a criação do Sistema Móvel de Atendimento à Saúde. O que é isto? É simples: vamos colocar médicos e enfermeiras em trailers e barcos no interior do Estado, para que eles tenham condições de chegar nas áreas mais distantes e mais pobres de Minas. E, finalmente, vamos incentivar propostas pioneiras, como os consórcios intermunicipais de saúde. Este sistema já funciona com sucesso na região do Alto São Francisco.

P – O Consórcio de saúde do Alto São Francisco, aliás, é uma prova concreta que o interior de Minas tem soluções simples e eficientes para mostrar a todos os mineiros. Mas hoje as pessoas que dirigem o Estado não conhecem estas soluções, já que preferem ficar trancadas em Belo Horizonte. No seu governo, isto vai mudar?

R – Vai – e o fato de eu ter percorrido mais de 700 cidades mineiras comprova isto. Hoje, temos em Minas o governo do silêncio. É um governo que não fala, que não recebe prefeitos, que não conversa com o interior – a não ser, é claro, na época de eleições. Quantas vezes o prefeito da sua cidade foi recebido pelo governador nos últimos anos? Uma vez? Duas? Ou será que ele nunca foi recebido? E quantas vezes você viu um governador na sua cidade? Uma vez? Duas? Ou nunca? Ou ele veio aqui apenas na época da eleição, para pedir votos para o seu candidato? O resultado está aí: estagnação, pobreza, miséria. Vamos mudar isto a partir de 1995. A tônica do nosso governo vai ser a parceria com os prefeitos, o diálogo com as nossas lideranças, e conversa com o nosso povo. Decididamente, não se pode mais governar Minas a partir do Palácio das Mangabeiras, tentando resolver os problemas através de telefones, computadores ou fax. O que Minas quer é um governador que governe para todos os mineiros, para todos os municípios.

P – Temos visto, nas últimas semanas, várias denúncias de que o governo está usando a máquina pública e o dinheiro do povo para ajudar na campanha do candidato do PSDB, Eduardo Azeredo, que tem o apoio do governo. Já há, inclusive, um processo no TRE contra Azeredo, por uso da máquina pública. Este processo, aberto pelo procurador regional eleitoral, João Batista de Oliveira, pede a cassação do candidato do governo e punição para o governador Hélio Garcia. Qual a sua opinião sobre isto?

R – Tudo isto é profundamente lamentável e vergonhoso. Vejam bem: no exato momento em que Minas enfrenta problemas gravíssimos, o governador do Estado simplesmente deixa o seu cargo de lado e vai pedir voto para o seu candidato! Isto é um absurdo! Afinal, o que é mais importante? Tentar resolver os problemas do povo mineiro ou participar da campanha de um candidato? Pelo visto, o governador Hélio Garcia acha que é mais importante pedir voto para o seu candidato. E o povo que continue esperando, que continue morrendo nas filas, que continue desesperado por não encontrar trabalho. É por isto que eu pergunto: será que Minas merece mais quatro anos deste governo? Eu espero que o TRE julgue este processo o mais rápido possível. Os fatos deixam claro que a máquina administrativa está sendo usada. Só para ficarmos num exemplo: nos últimos dias, o DER liberou quase R$ 300 milhões para colocar suas máquinas e tratores por todo o Estado. Acontece que os mineiros já viram isto antes. Faltando poucos dias para a eleição, aparecem os tratores. Depois da eleição, eles vão embora. E só voltam na próxima eleição. Não dá mais para tentar enganar o povo usando arapucas como esta. Vejam bem: são quase R$ 300 milhões para fazer campanha política – ao mesmo tempo em que crianças e pessoas carentes morrem em hospitais e instituições do Estado. No final de outubro, por exemplo, duas crianças morreram dentro da Febem, que pertence ao governo, por falta de comida! É isto que estão fazendo com Minas.

P – Além do governador Hélio Garcia, outras pessoas ligadas ao governo, como o vice governador Arlindo Porto, o presidente da Assembléia, José Ferraz, e os presidentes da Cemig e da Copasa, também deixaram seus cargos para pedir votos para o candidato do governo. Na sua opinião, qual seria o motivo de tanto empenho numa campanha como esta?

R – É simples. Este grupo tem medo de perder o poder. Eles têm medo de que os mineiros, por decisão livre e independente, escolham um governador cujo único compromisso seja o de trabalhar pelo bem do seu povo. Este grupo, que está no governo há anos, é o mesmo que fechou a Minascaixa no primeiro dia da atual administração. Até hoje, este grupo não veio a público explicar os motivos pelos quais a Minascaixa foi fechada. Afinal, o que aconteceu com a Minascaixa? Quem quebrou a Minascaixa? Quem foram os responsáveis pelo seu fechamento? São perguntas que ainda não foram respondidas. Este grupo também é o mesmo que foi acusado de superfaturamento em obras realizadas em Belo Horizonte. As acusações foram feitas pela CPI da Câmara que investigou obras irregulares na Capital, como a canalização do ribeirão Arrudas e a construção do Complexo da Lagoinha, e estão agora sendo investigadas pela Justiça. É por isto que estes têm tanto medo de deixar o poder. É no poder que eles se escondem da Justiça.

P – Faltam poucos dias para a eleição. Qual é a mensagem que o sr. gostaria de levar aos mineiros?

R – É uma mensagem de esperança. Após percorrer todo o Estado, eu sei que o nosso povo está enfrentando dias difíceis. Não há emprego, não há oportunidades, não há sequer governo. Eu conheço o problema do pai de família, que levanta de manhã cedo sem saber se conseguirá trazer comida para o seu filho. Conhecemos o drama das nossas mães, que são obrigadas a deixar seus filhos partirem para outros países, em busca de oportunidades. Sabemos o que acontece com o nosso agricultor, que tem que lutar contra a falta de recursos, contra o abandono. Vimos de perto a aflição dos nossos irmãos do Norte de Minas, do Jequitinhonha, castigados pela seca e pela pobreza – sem que haja qualquer ajuda por parte do governo. Acompanhamos o descaso com o servidor público, com as professoras, com os médicos, com os policiais civis e militares, que recebem salários indignos. E é por saber de tudo isto que quero dizer a vocês: tenham esperança. Nós temos um Programa de Governo capaz de recuperar o orgulho de ser mineiro, de fazer com que o nosso povo volte a levantar a cabeça. Minas vai mudar, a partir de 1995. Mas sabemos também que ninguém muda nada sozinho. Eu preciso da ajuda dos mineiros. Eu peço a ajuda de todos vocês. Vamos juntos, fazer um governo parceiro e amigo, onde o diálogo franco seja a marca da administração. Chega de prefeitos com pires na mão no Palácio da Liberdade. Vamos mudar. E conto com vocês. Muito obrigado.

FOLHA DO VALE
do Sapucaí

Diretor Padre Nelson Pereira Rosa

Fone/Fax: (035) 421-4488

Pouso Alegre, 03 de outubro de 1996 — "Um jornal ético, responsável e imparcial da Igreja Católica" — Ano II - Nº 104 — R$ 0,30

Relatório do SUS é mal interpretado

O assunto do editorial é *"O voto certo"*
Pág. 02

O Monsenhor Benedito Marcílio Magalhães dá continuidade ao assunto *"Sexualidade humana"*
Pág. 02

Os articulistas Zoroastro de Paiva Ferreira e Othon Carlos Werner falam sobre *"As dificuldades de ser oposição"*
Pág. 02

Em entrevista coletiva, realizada na quinta-feira passada, o prefeito João Batista Rosa falou sobre os resultados da sindicância que apurava irregularidades na Secretaria de Saúde durante a última administração. Um "resumo" do relatório da sindicância, sem a assinatura do presidente da Comissão, foi entregue à Imprensa.

O relatório original inocenta o ex-prefeito Jair Siqueira e fala que o ex-secretário de Saúde, Emanuel de Almeida Coutinho "agiu sem nenhuma má-fé". Segundo Emanuel, a atitude do prefeito de divulgar de maneira equivocada os resultados da sindicância é motivada pelo desespero e pela tentativa de reverter o quadro eleitoral.

Pág. 03

Emanuel Coutinho: Atendimentos extras eram anotados por estimativa

Prefeito e vereadores serão escolhidos hoje

Cidadãos de todo o Brasil escolhem hoje seus representantes. Na região Sul de Minas, a impugnação de algumas candidaturas podem confundir os eleitores, mas tudo deve ocorrer normalmente, mesmo sem o resultado oficial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A Folha do Vale publica, nesta edição, a relação das seções e dos locais de votação em Pouso Alegre.

Pág. 04

Itajubense leva bicicleta

Uma assinante de Itajubá foi a primeira vencedora da promoção "Assine a Folha e saia pedalando". Ao todo, são cinco bicicletas sorteadas pelo jornal Folha do Vale entre pessoas que fizerem assinatura ou renovação anual do semanário. Pág. 06

Filha de Neuza Villas Boas recebe bicicleta na Folha do Vale

Encontro encerra comemorações da Pastoral da Criança

Uma concentração em São João da Mata, no último domingo, marcou o encerramento das reuniões que comemoravam os 10 anos de existência da Pastoral da Criança na Arquidiocese de Pouso Alegre. Ao todo, foram realizadas cinco concentrações em diversos setores da Arquidiocese.

No encontro em São João da Mata, além de quatro paróquias do setor Dourado, estiveram presentes Agnaldo Perugini e Antoon Dewulf, que foram convidados foram convidados para animar a concentração. Também participaram padres da região, seminaristas e um diácono.

Pág. 06

Empresários participam da Roda de Negócios

Mais de 300 empresários da região estiveram reunidos no Marques Plaza Hotel, nos dias 26 e 27 de setembro, na 1ª Roda de Negócios do Sul de Minas. O principal objetivo foi o de fazer negócios e firmar parcerias. O evento foi promovido pelas regionais do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Pouso Alegre e de Campinas -SP.

Balcão Sebrae

O Sebrae-Minas inaugurou, no dia 25, um novo Balcão Sebrae, em parceria com a Associação do Comércio e da Indústria de Pouso Alegre (Acipa). O Balcão Sebrae está funcionando no primeiro andar do prédio da Acipa, na praça Senador José Bento, 118.

Pág. 05

Coordenador regional do Sebrae-Minas, Joaquim ..., durante inauguração

Natação do São José vence Festival Aquático

O Colégio São José é bicampeão do II Festival Aquático Mineiro Aberto (Fama).

A competição aconteceu no Ideal Clube de Paraguaçu, no fim de semana. A representação de Pouso Alegre ficou em primeiro lugar, com 77,5 pontos. Já a delegação do São José foi a maior das oito participantes. O festival faz parte da fase classificatória para a etapa de Ipatinga, que será nos dias 9 e 10 de novembro.

Pág. 09

PROMOÇÃO

Assine a Folha e saia pedalando

A Folha do Vale está sorteando **cinco bicicletas**. Basta fazer uma assinatura ou renovação anual, e você estará concorrendo a uma linda bicicleta de 18 marchas a cada mês.

Não perca tempo!
Uma delas pode ser sua!

Assinatura anual: Apenas R$ 30,00
FONES: 421-4488/421-4589/421-4598

FOLHA DO VALE do Sapucaí

Pouso Alegre, 03 de outubro de 1996 - 5

Caso SUS provoca polêmica

A exatamente uma semana das eleições municipais, o prefeito João Batista Rosa convocou uma entrevista coletiva com a Imprensa de Pouso Alegre para divulgar os resultados da sindicância correspondente às denúncias de irregularidades na Secretaria Municipal de Saúde, na administração de Jair Siqueira. A divulgação do relatório que confirma a existência de irregularidades (caso SUS), no entanto, tem causado polêmica, tendo em vista que a cópia entregue pela Prefeitura à Imprensa não consta de assinatura do presidente da Comissão, Lúcio Arouca, conforme a cópia original assinada em 17 de setembro.

O prefeito João Batista Rosa alega que o secretário municipal Joel Rossi recebeu uma denúncia anônima de que havia irregularidades na Secretaria Municipal de Saúde, à época da administração do ex-prefeito Jair Siqueira. As denúncias são de alteração nos números de consultas médicas realizadas nos postos de saúde do município. A conclusão da comissão, no resumo entregue pelo prefeito, é de que o secretário municipal de Saúde da época, Emanuel de Almeida Coutinho, assume a inteira responsabilidade pelo aumento nos números.

A assessoria de Imprensa da Prefeitura admite que os "documentos" entregues à imprensa local são um resumo do relatório original, mas há quem conteste, já que as informações foram selecionadas de acordo com o interesse do prefeito, dando ao relatório um caráter ambíguo. As informações divulgadas pela Prefeitura de Pouso Alegre em nenhum momento foram fornecidas pelo advogado que presidiu a Comissão de Sindicância. O dr. Lúcio Arouca, no entanto, assinou o relatório que isenta o ex-prefeito Jair Siqueira de qualquer envolvimento com o caso SUS. O original, infelizmente, não foi entregue à Imprensa.

Fica clara para a população de Pouso Alegre a tentativa do prefeito João Batista Rosa, que apóia o candidato Geraldo Cunha Filho, de reverter o quadro de liderança de Jair Siqueira, através de denúncias divulgadas apenas agora, em época de eleição. A atitude demonstra, ainda, a tentativa de desviar a atenção dos eleitores para as denúncias que a atual administração recebeu, entre elas: superfaturamento de obras, licitações fraudulentas e utilização da máquina administrativa pública para apoiar candidato.

O prefeito João Batista Rosa, entretanto, admitiu durante a entrevista coletiva que não pretende prejudicar ninguém, apenas divulgar os resultados da sindicância. Algumas questões, no entanto, colocam em dúvida a veracidade da afirmação do prefeito: a denúncia anônima foi realizada em outubro de 1993, conforme alega o relatório da Comissão de Sindicância, porém esta apenas foi instalada em 1995, ficando pendente um prazo de mais de um ano entre o recebimento da denúncia e a decisão de apurar a possível irregularidade.

Outra questão pendente é que à época da instalação da sindicância os vereadores Emanuel Coutinho e Denival de Oliveira Dorta eram acusados pela irregularidade (ambos eram oposição ao prefeito). A conclusão do relatório, no entanto, culpa apenas o vereador Emanuel Coutinho, que continua sendo de oposição. O vereador Denival Dorta, que após votar a favor da Copasa deixou de ser "persona não grata" na Prefeitura, foi citado no relatório apenas como testemunha.

O fato do relatório original, com a assinatura da Comissão de Sindicância, cuja legitimidade de todas as assinaturas já foram conferidas e autenticadas pelos tabeliões Anésio Embuaba e Edmundo Olavo Ferreira de Oliveira, não ter sido entregue também causou surpresa. Ele não é tão grande e a linguagem é simples o bastante para ser entendida pela Imprensa.

Vereador refuta acusações

Desespero. Com esta palavra o vereador Emanuel de Almeida Coutinho, cujo nome está envolvido no caso SUS, definiu a atitude do prefeito de Pouso Alegre, João Batista Rosa, em divulgar de maneira equivocada os resultados da sindicância realizada. "O prefeito queria que o presidente da Comissão, Lúcio Arouca, assinasse o relatório que fosse feito no gabinete e não o que ele já havia concluído", disse Emanuel Coutinho, completando que o presidente da Comissão se negou a agir desta forma.

De acordo com o ex-secretário de Saúde, trata-se de mais uma cartada do prefeito de reverter o quadro de liderança do candidato Jair Siqueira nas pesquisas. Emanuel Coutinho explica que as variações dos números nas planilhas referem-se simplesmente à inclusão de atendimentos extra posto de saúde. "Fazíamos um trabalho de prevenção da cólera e da Aids. Fazíamos também atendimento por ocasião das enchentes e dos jogos estudantis, enviando sempre ambulância, médicos e atendentes de saúde à disposição da população", informa.

Ele explica que este tipo de trabalho dificulta que se quantifique o número de atendimentos. Fazia-se, portanto, uma estimativa e se colocava para o SUS. Tudo isto acontecia de acordo com a Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde (Cims) e os membros da comissão assinavam dando o aval de que estava tudo regular. "Jamais se ultrapassou o número de consultas estabelecidas pela Secretaria de Estado da Saúde. O número de atendimentos naquele tempo era inferior ao número de atendimentos de hoje", informou.

O médico Eduardo Felipe Machado, que é citado no relatório divulgado pelo prefeito, informou que realmente nunca atendeu no bairro Árvore Grande, conforme descrito no relatório. "Eles me perguntaram se eu achava que a planilha estava adulterada e isto eu não podia afirmar. Eu não sei se foi adulterada agora", alegou.

Segundo ele, Emanuel Coutinho sempre se pautou muito pela ética, pela honestidade e é uma pessoa muito capaz, o que coloca em dúvida se o fato foi uma manipulação política. "Realmente não dá para saber", concluiu. A médica Célia Junqueira, que também foi ouvida pela sindicância, não sabe precisar se os números foram adulterados. "Está tudo muito rasurado, não dá para saber se é a mesma planilha de antigamente. Não dá mesmo para saber", concluiu.

Relatório descarta hipótese de benefício pessoal

Conclusão

"Após análise dos fatos apurados, verificou a Comissão, por seus membros abaixo-assinados que houve alterações no número de atendimentos médicos pela Secretaria Municipal de Saúde, no ano de 1991 e primeiro trimestre de 1992, nos quantitativos registrados no demonstrativo de folhas 139 a 155.

A responsabilidade pelo aumento verificado foi admitida da inteira responsabilidade do secretário municipal de Saúde, dr. Emanuel de Almeida Coutinho, que parece à comissão agiu sem nenhuma má-fé, porque feita com a finalidade de que o SUS fizesse o repasse dos recursos para a Prefeitura, remunerando toda a espécie de atendimento prestado pelo município e que não se constituía somente nos atendimentos feitos nos Postos de Saúde.

Não existe motivo para atribuir qualquer culpa às demais pessoas que assinavam as faturas (Prefeito Municipal e membros da Comissão Municipal de Saúde), porque confiavam no trabalho elaborado pela Secretaria de Saúde e os vistos dados pelos membros da CIMS eram dados nas reuniões mensais do Colegiado em que eram discutidos os problemas de saúde da população da cidade e naturalmente avaliado o trabalho que estava sendo prestado, conforme depoimento do dr. Denival de Oliveira Dorta, membro do CIMS.

Não houve benefício pessoal a qualquer prestador do serviço médico porque os recursos do SUS, repassados pelo Inamps, foram creditados ao município e o pessoal da saúde não recebia adicional de produtividade".

Assinam o relatório o presidente da Comissão de Sindicância, Lúcio Arouca; a secretária Iraci Maria dos Santos; e os membros Márcia Moreira Marinho e Eva Geovanina Rodrigues. Os trechos citados acima foram retirados na íntegra do relatório original.

Ministério cassa entidades em Minas

O Ministério da Justiça, que já cassou 11 entidades filantrópicas de Minas Gerais por inadimplência com o governo, notificou com publicação no Diário Oficial, 28 novas entidades mineiras, que têm um prazo de 30 dias para se manifestarem, caso contrário perderão seus títulos de utilidade pública. O que significa que estas entidades deixarão de usufruir de alguns privilégios, como por exemplo a isenção patronal do INSS.

Estão na mira do Ministério da Justiça as entidades que deixarem de prestar contas num prazo consecutivo de três anos. No Sul de Minas foram cassados registros de utilidade pública do Colégio Paraguaçu de 1º e 2º graus (Paraguaçu) e do Lar Cristo Rei (Três Corações).

Já as entidades sul-mineiras que foram notificadas e agora têm o prazo de um mês para se manifestarem com documentação são as seguintes: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Baependi, Boa Esperança e Ouro Fino, o Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Poços de Caldas e a Sociedade São Vicente de Paulo de Varginha.

Polícia

Menores infratores

A Polícia Militar foi informada, na tarde de 26 de setembro, que indivíduos não identificados haviam invadido a residência do agricultor Benedito Clarel Ferreira [illegible], furtando roupas e jóias. Durante rastreamento, foram identificados os adolescentes H. B. S. F., J. O. F. S., ambos de 16 anos, e J. R. S., de 15. Os objetos, encontrados com os adolescentes, foram levados à Delegacia de Polícia juntamente com os infratores.

Disparo casual

Em 26 de setembro, no Bairro Bom Jardim, Zona Rural de Bueno Brandão, Márcia Baganha, 34 anos, do lar, pegou uma espingarda que estava sobre o guarda-roupas e pôs sobre a cama. A arma disparou, causando fratura exposta na perna direita de Márcia. Ela foi levada pelo marido ao Hospital local, sendo encaminhada ao H. P. S. de Pouso Alegre.

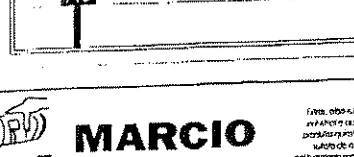
Drogas e armas

Às 03:40 horas de 28 de setembro, após saírem da boate Fogão de Lenha, quatro indivíduos realizaram vários disparos de arma de fogo para o alto, com um revólver calibre 38 e evadiram no Pick Up Chevrolet D-20, de cor branca, ano 94, placa KAY 6511/ Arceburgo-MG. Após ser acionado, a PM realizou o rastreamento, sendo os indivíduos avistados na Rodovia BR 381, sentido Belo Horizonte. Interceptado o carro, foi realizada uma busca minuciosa no veículo, sendo encontrado debaixo da capa do banco do motorista 20 gramas de maconha e dois facões, além do revólver que os indivíduos tinham jogado no mato. Os agentes, identificados como sendo os vendedores E. X. S., 28 anos, e I. C. O. S., 19 anos, de Três Corações, e I. X. C., 26 anos e F. R. S. X., 19 anos, de Pouso Alegre, foram presos em flagrante e conduzidos à D. P. C., para as demais providências.

Roubo de alumínio

Um caminhão carregado de 20 toneladas de alumínio foi roubado na tarde do dia 26, no trevo do Capote (bairro Santa Bárbara), em Piranguinho. O motorista, Osvaldo Alves, de 38 anos, foi amarrado e amordaçado, e colocado deitado dentro da cabine do caminhão, que tomou sentido ao Vale do Paraíba, São Paulo. Em um matagal, próximo a Delfim Moreira, a vítima permaneceu naquele local sob a mira de um dos marginais até às 22:45 horas, quando seu "algoz" fugiu, dizendo para o motorista sair do local somente após 30 minutos.

Acompanhe pela sua Rádio Difusora, o andamento das apurações das eleições/96 em Pouso Alegre e em todo o Brasil, sintonizando seu rádio em 710 KHZ - AM.
A frequência da maior rádio católica do Sul de Minas.



Assistência Técnica
TV, Vídeo-Cassete, Som
Eduardo Villela Valim
Técnico em Eletrônica
CREA 10479
Rua Prof. Queiroz Filho, 135 - B. Primavera - Pouso Alegre-MG
Fone: 421-1143/1129

Macarrão CHIARINI
prazer em comer bem

Folha do Vale do Sapucaí

COFERMACO
FERRAGENS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
QUALIDADE E PREÇO MÍNIMO
FAÇA-NOS UMA VISITA E COMPROVE
FONES: 421-3951
421-3209
R. CEL. JOAQUIM ROBERTO DUARTE, 345 POUSO ALEGRE - MG

MARCIO Lubrimar
Avenida Vicente Simões, 960 - Centro - Pouso Alegre - MG Fone: 421-2633 - Fone/Fax: 421-4263

Modas & Griffes
M&G COLLECTION
CALÇADOS - CONFECÇÕES - ACESSÓRIOS
TERNOS, BLAZERS E GRAVATAS
A MAIOR VARIEDADE E QUALIDADE EM MODAS
R. Adolfo Olinto, 451 - Pouso Alegre
Fone: 421-5319

FOLHA DO VALE
do Sapucaí

Arcebispo Metropolitano: D. Ricardo Pedro ... Diretor: Padre Nelson Pereira Rosa ... Fone: (035) 425-1466

...o Alegre, 08 de abril de 1998 — "Um jornal ético, responsável e imparcial da Igreja Católica" — Ano IV - Nº 183 — R$ 0,50

Jair Siqueira apóia Azeredo

...prefeito de Pouso Alegre, Jair Siqueira, confirma apoio à candidatura do governador Eduardo Azeredo

O prefeito Jair Siqueira confirmou, durante a última visita do governador à cidade, o apoio à sua candidatura. Ele também esclareceu por que não se aliou a Eduardo Azeredo nas últimas eleições para o governo do Estado.

Pág. 4

O ...ditorial desta ...emana ...borda o tema *"A saúde ...ai bem, ...rigado?"*

Pág. 2

...oroastro ...e Paiva ...erreira ...screve *"Notas ...diciais"*

Pág. 2

"...eus é a ...elidade ...e a ...urança ...a vida" ...o tema ...Magda ...frasino

Pág. 2

Celebrações da Semana Santa animam fiéis

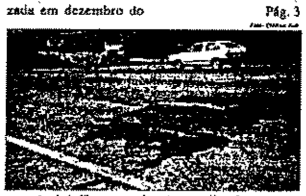
Desde o último domingo, dia 5, os fiéis da Arquidiocese estão participando das atividades da Semana Santa que prosseguem até o próximo domingo, quando será comemorada a Páscoa. Nesta edição, O Jornal *Folha do Vale do Sapucaí* traz a programação completa de todas as paróquias de Pouso Alegre.

Pág. 7

Rodovia JK já apresenta buracos

Um trecho da rodovia JK, duplicado há poucos meses, e a avenida Ayrton Senna (Dique), que também foi construída há pouco tempo, já estão apresentando buracos. A inauguração destas duas obras foi realizada em dezembro do ano passado pelo governador do Estado, Eduardo Azeredo. De acordo com o ex-Secretário de Estado para Assuntos Municipais, Carlos Mosconi, a responsabilidade do problema é de quem fez a obra.

Pág. 3



Dengue ainda não chegou a Pouso Alegre

Embora haja vários casos de dengue no Brasil e em Minas Gerais, não foram ainda registrados casos da doença em Pouso Alegre.

Uma equipe de agentes de saúde está fazendo uma pesquisa na cidade e informando a população sobre os riscos da doença. Também está sendo feita conscientização para que sejam tomadas as medidas necessárias.

Pág. 3

ÍNDICE

Opinião	Pág. 2	Cultura/Sociais	Pág. 6
Polícia	Pág. 3	Religião	Pág. 7
Política/Geral	Pág. 4		e Pág. 8
Agricultura e		Guia Variedades	Pág. 9
Ecologia/Geral	Pág. 5	Esportes	Pág. 10

Vem aí
O show do ano!
Padre Zezinho
18 de abril, às 20:00 horas,
na Escola Profissional
Ingressos à venda nas paróquias e na Rádio Difusora

FOLHA DO VALE do Sapucaí

Arcebispo Metropolitano: D. Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho Diretor Padre Nelson Pereira Rosa

Alegre, 09 de outubro de 1998 "Um jornal ético, responsável e imparcial da Igreja Católica" Telefax: (035) 423-1488 Ano IV - Nº 209 R$ 0,50

Urnas confirmam pesquisa divulgada pela Folha do Vale

A pesquisa de opinião pública divulgada pelo jornal Folha do Vale do Sapucaí, em sua última edição, foi a única publicada em Pouso Alegre que apontou corretamente a preferência do eleitorado do município.

A pesquisa foi realizada pela empresa MDA-Pesquisa de Opinião e Consultoria Estatísticas Ltda. no dia 23 de setembro deste ano.

Ao todo foram entrevistadas 740 pessoas de diversas setores da cidade. O método utilizado neste trabalho foi o de amostragem estratificada proporcional com sorteios sucessivos de ruas, domicílios e eleitores. Nesta edição o jornal Folha do Vale traz os resultados finais da apuração dos votos e mostra a lista dos candidatos eleitos na região. Ainda nesta edição, você fica sabendo como ocorreu o processo eleitoral nos 27 locais de votação de Pouso Alegre e como foi a experiência de utilizar pela vez a urna eletrônica. *Página 03*

FALTAM 10 DIAS
para os 150 anos
de Pouso Alegre

Leia ainda:

** Ladrões de malotes são presos na região.*
**Telemig lança novos serviços.* *Página 04*

**Estão sendo expedidas novas carteiras de motorista* *Página 11*

** COPA começa no sábado*
**Universitários se reúnem em Pouso Alegre para competição* *Página 12*

Saiba quem se elegeu na região

Resultado final das Eleições 98

Presidente

...do Henrique	53,01% eleito
	31,76%
...ores	10,99%
	2,14%

Carlos Mosconi

Governador 2º turno

...Franco	44,29%
...Azeredo	38,32%

Senador

...ncar	48,19% eleito

Deputado Federal

...Mosconi	80.972 votos eleito
...Medioli	80.763 votos eleito
...Brasi	71.778 votos eleito
...Reis	35.688 votos
...Germiniani	22.440 votos

Deputado Estadual

...Pinto	54.117 votos eleito
...Melo	48.834 votos eleito
...Pinto Coelho	40.954 votos eleito
	25.660 votos eleito
...Rafael	21.290 votos eleito
...Radio	27.277 votos
...Barbosa	16.443 votos
	8.064 votos
...da Mota Paes	4.408 votos
...Lubrimar	3.917 votos
...Eusice	1.318 votos
	643 votos
	435 votos

Bilac Pinto

...apuradas: 36.092 (100%)
...eleitores em Minas Gerais: 11.815.183 eleitores
...votos apurados: 9.465.957 (80,12% de 11.815.183 eleitores)
...votos brancos: 1.185.998 (12,32% de 9.465.957 votos apurados)
...votos nulos: 1.058.366 (11,29% de 9.465.957 votos apurados)
...válidos: 7.211.593 (76,18% de 9.465.957 votos apurados)
...ção: 2.349.226 (19,88% de 11.815.183 eleitores)
...apuradas: 36.092 (100%)
...eleitores em Minas Gerais: 11.815.183 eleitores

...Rafael Gonçalves que foi apoiado pela Prefeita Ivor Siqueira

Viva Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil!

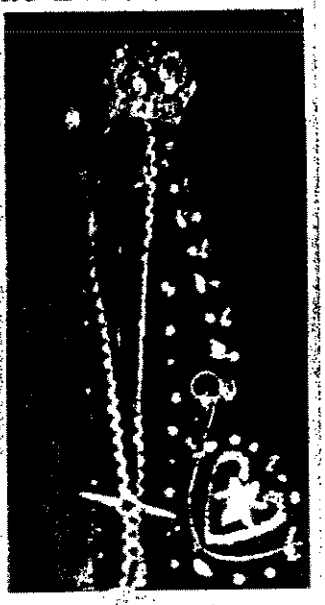
Dia das Crianças será comemorado pela Pastoral

As comunidades católicas da Arquidiocese comemoram o dia da Criança. A Pastoral da Criança lembra da importância da conscientização dos direitos e a importância desta data para todas as famílias.

Saiba de toda a programação religiosa nesta semana na Arquidiocese de Pouso Alegre, além disso, a Folha do Vale continua publicando textos que esclarecem o Projeto Rumo ao Novo Milênio. *Pág. 07*

Várias festas estão sendo realizadas em Pouso Alegre e região para preparar a comemoração do dia da Padroeira do Brasil, 12 de outubro.

Confira também nesta edição a história do aparecimento de Nossa Senhora Aparecida e como Aparecida do Norte se tornou um dos maiores centros de peregrinação.



Nossa Senhora Aparecida rogai por nós!

SUL DAS GERAES - PÁGINA 07

Rosa divulga resultado da sindicância do SUS

Numa coletiva realizada no gabinete do prefeito João Rosa, na tarde de quarta-feira,25, o chefe do executivo entregou aos jornalistas presentes, parte da documentação da sindicância no Sistema Único de Saúde (SUS), movida pela prefeitura, para apurar possíveis irregularidades nas consultas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde, na gestão do prefeito Jair Siqueira.

Às vésperas da eleição, o prefeito João Rosa abre o cofre e entrega a sindicância que foi concluída como ele próprio diz há poucos dias. A Comissão levou pelo menos um ano para apurar os fatos. Nesse período o Sul das Geraes que divulgou a denúncia, cobrava do prefeito o relatório, sendo que o mesmo sempre se esquivava, alegando que a conclusão seria feita em dez ou quinze dias. Durante dez meses o assunto foi guardado sob sigilo, pelo meno9s o resultado das apurações e agora a seis dias da eleição, Rosa reune a imprensa e num gesto, cuja a finalidade como alegou, é o de revidar o pronunciamento feito na terça-feira, pelo candidato Jair Siqueira, traz à tona o assunto.

O prefeito dividiu a entrevista em duas partes. Na primeira tratou exclusivamente sobre a sindicância. Rosa afirmou que a Comissão foi instaurada com um único objetivo: o de apurar as irregularidades na documentação da Secretaria Municipal de Saúde, na administração anterior.

Logo após assumir a prefeitura, conta Rosa, o secretário de Saúde, Dr. Edwaldo Kersul, [illegible] as irregularidades. Foi então determinado ao Procurador Geral do Município, Carlos Dias, que se pronunciasse sobre o caso. Ele deu parecer pela abertura de sindicância, para que as inúmeras irregularidades e adulterações fossem apuradas. Em meados de m94, quando a comissão se instalava, prossegiu o prefeito, com voz pausada, ele recebeu a visita de Jair Siqueira, que acompanhado de José Luiz Amaral e Tista Beraldo o procuraram em sua residência, para pedir-lhe o retardamento no processo de apuração, já que Siqueira se encontrava em campanha à deputado federal e isso poderia prejudicá-lo. Rosa afirma que atendeu o pedido retardando a sindicância, porque em nenhum momento, salientou, era sua intenção prejudicar quem quer que fosse.

O chefe do executivo explicou que foi obrigado a cumprir a determinação legal por haver um parecer da procuradoria geral do Município, embora não tenha demonstrado interesse em entrar no mérito da questão, quanto à demora, na conclusão dos trabalhos da sindicância. A Comissão confirmou as adulterações, não cabendo como disse, julgar se houve boa fé ou má fé. O que importa, delcarou, é apresentar os números apurados, e consequentemente para isso para as autoridades competentes da área federal. Sempre lembrando que estava sendo obrigado a ir até o fim, Rosa falou sobre o debate promovido pela EPTV com os candidatos à prefeito em Pouso Alegre, quando Jair Siqueira respondeu que era invencionice a questão do Sus, ao ser interpelado por Geraldo Cunha Filho.

Rosa ficou chocado com tal afirmação. Como disse não era sua intenção apresentar o resultado da sindicância às vésperas da eleição. Ele pretendia deixar a coisa fluir normalmente, para depois fazê-lo, mas como foi colocado em xeque não teve outra escolha a não ser trazer à público o relatório.

Alguns trechos do relatório foi lido por ele, e logo em seguida entregou à imprensa duas folhas xerocadas, sendo essas uma síntese do que foi apurado.

Segundo o relatório; "as alterações foram comprovadas pelos rascuhos adulterados, sendo que em mapas à lápis, foram acrescentados números à tinta, em alguns casos e em outros as alterações foram feitas também à lápis."

Examinando o depoimento das testemunhas citando pelo menos sete delas, a douta Comissão afirma que através desses depoimentos, fica comprovado que as adulterações ocorreram na própria secretaria municipal de saúde."

A Comissão afirma ainda que o próprio secretário municipal de saúde, Dr. Emmanuel de Almeida Coutinho, assimiu a inteira responsabilidade pelos aumentos nos números.

A conclusão no entanto que inocenta ou incrimina o deputado federal Jair Siqueira, assim como os demais envolvidos não foi apresentada pelo prefeito.

Rosa chegou a exibir um quadro que mostra no ano de 1991 a cobrança feita ao Sus, correspondente a 67 mil e 800 cruzeiros pelas 24 mil e 923 consultas realizadas, perfazendo um total de 42 mil e 887 mil de diferença. No ano de 92 a cobrança feita ao Sistema Único de Saúde é de 55 mil e 512 cruzeiros pelas 55 mil e 803 consultas realizadas, perfazendo uma diferença, de 291 mil cruzeiros. Somando as duas diferenças elas chegam na casa dos 42 mil 386 cruzeiros e não aos 49 mil como foi anteriormente divulgado pelo prefeito.

Rosa concluiu que caberá agora aos Ministérios da Previdência Social e ao da Justiça através dos orgãos federais, ir fundo e apurar as responsabilidade de quem quer que seja. O prefeito do Pouso Alegre considera sua missão cumprida.

Prefeitura Municipal de Pouso Alegre
ESTADO DE MINAS GERAIS

Comissão de Sindicância criada pela Portaria nº 1.726/95, com o objetivo de apurar denúncias relativas a alterações no número de consultas médicas realizadas nos Postos de Saúde do Município, na gestão do Secretário Municipal de Saúde, Dr. Emanuel de Almeida Coutinho, durante o mandato do Dr. Jair Siqueira.

Segundo o relatório da Comissão de Sindicância, presidida pelo Dr. Lúcio Arouca, "as alterações foram comprovadas pelos rascunhos adulterados, sendo que em mapas à lápis, foram acrescentados números à tinta, em alguns casos, e em outros as alterações foram feitas também à lápis".

Examinando os depoimentos das testemunhas Maria Bafila Aparecida Silva, Vera Lúcia de Oliveira Valias, Francisco de Assis Rezende, Dr. Edvaldo Kersul, Dr. Denival de Oliveira Dorta, Dr. José Geraldo Ribeiro e do Dr. Emanuel de Almeida Coutinho, este último Secretário Municipal de Saúde, de 1989 a 1992, quando Prefeito Municipal Dr. Jair Siqueira, a douta Comissão de Sindicância afirma que através desses depoimentos, ficou comprovado que as adulterações ocorreram na própria Secretaria Municipal de Saúde".

Afirmam, ainda, os membros da Comissão de Sindicância que "O próprio Secretário Municipal de Saúde, Dr. Emanuel de Almeida Coutinho, assume a inteira responsabilidade pelos aumentos nos números".

Na conclusão do Relatório, afirmam os membros da Comissão de Sindicância que "Após a análise dos fatos apurados, verificou a Comissão, por seus membros abaixo-assinados, que houve alterações no número de atendimentos médicos pela Secretaria Municipal de Saúde, no ano de 1991 e primeiro trimestre do ano de 1992, nos quantitativos registrados no demonstrativo de folhas 139 a 159.

E acrescentam os membros da Comissão: "A responsabilidade pelo fato verificado, foi admitida da inteira responsabilidade do Secretário Municipal de Saúde, Dr. Emanuel de Almeida Coutinho.

AGORA É COM INSS

Na segunda parte da coletiva Rosa tratou sobre as pendências deixadas pela administração Jair Siqueira. Na documentação apresentada à imprensa Rosa alegou que ao assumir à prefeitura encontrou um déficit junto ao INSS, que para pagar foi obrigado a solicitar parcelamento. O prefeito também encontrou diversos parcelamento, sendo um referente ao Fundo de Garantia Por Tempo de Serviço (FGTS) que estava com quitação atrasada, sendo obrigado a atualizá-la, podendo assim redividi-la. Outro parcelamento achado por Rosa foi na ordem de 14 milhões na época, o que elevou em 1993 as dívidas para 17 milhões. O prefeito conseguiu dividir em 10 prestações a quitação do débito, pagando a cada mes o valor de um milhão e 700 mil

A documentação foi entregue com Rosa lamentando que a prefeitura nos anos de 91 e 92 tenha contraido débitos com o PIS,PASEP,FGTS,INSS e IPSEMG, conseguindo quitar somente parte deles. O prefeito resolveu tornar público a questão, porque assistiu numa fita Jair Siqueira afirmar que não tinha deixado nenhum débito institucional. Além destes outra dívida surpreendeu o chefe do executivo: aquele junto ao INSS que chega no valor dos três milhões de reais. Isso obrigou Rosa a fazer um apelo ao Ministro da Previdência Social, Reynolds Stephanes, para que fosse realizada uma revisão, já que esgotaram-se todas as iniciativas de defesa. O ministro acabou evocando o processo para uma revisão, mas a prefeitura não poderá fugir da dívida garantiu. "Os débitos existem e são muito altos."

Antes do fechamento desta edição chegou à redação do SG uma cópia do relatório da Sindicância do Sus, que isenta de qualquer responsabilidade o deputado federal, Jair Siqueira. O SG não vai divulgar o documento, porque o mesmo é uma cópia xerocada e anônima.

A nossa reportagem tentou ouvir Jair Siqueira, que não foi encontrado para falar sobre o assunto.

Alfenas terá banca permanente

A partir de outubro, os exames serão realizados todos os dias e a prova de legislação será escrita

Denise Prado da Silva
JORNAL DOS LAGOS

A partir do dia 16 de outubro, os candidatos a tirar a Carteira Nacional de Habilitação poderão ficar mais tranquilos. É que, nesta data, será criada a Ciretran - Circunscrição Regional de Trânsito, ou seja, uma banca examinadora permanente.

A informação é do delegado regional da 19ª Delegacia Regional de Segurança Pública, Valdecir Antônio de Oliveira. Segundo ele, existe a lei de se criar a banca em todas as regionais, dependendo das condições que oferecem como pessoal e instalações.

O delegado Valdecir esteve em reunião, na semana passada, em Belo Horizonte, com o diretor do Detran, Raimundo Inácio, e ficou acertado que Alfenas seria a oitava cidade, no interior, a possuir Ciretran. Ele ressalta que, além do seu esforço em conseguir logo, houve o empenho também da prefeitura, que ajudou nas instalações onde funciona a regional: "isto só foi possível graças ao nosso esforço de mandar detetives para o curso e ajuda da prefeitura nas instalações".

Para se criar uma Ciretran, é necessário ter pessoal suficiente, além das instalações, o que não é problema para a 19ª, que tem salas onde as provas poderão ser feitas, além da sala de computação.

Com a banca permanente em Alfenas acabam as longas filas em dias de exames

A delegacia possuía um examinador. Agora, mais dois detetives foram fazer curso em Belo Horizonte e "os três estão credenciados, tanto para os exames de legislação quanto para o de rua", explica o delegado. Para cada Ciretran são necessários, no mínimo, dez funcionários: o delegado regional, que fica na presidência, o delegado coordenador - Dr. Allan Pianetti, os três examinadores (Francisco, Jupir e [illegible]) secretário auxiliar, conferencista, digitador e dois estafetas.

A banca permanente terá início no dia 16 de outubro, já que nesta data começará, também, o exame de legislação escrito. "Os candidatos terão mais tranquilidade para fazer as provas, assim como os examinadores, uma vez que as provas serão realizadas no salão de reunião da 19ª", disse dr. Valdecir.

O delegado já estipulou os dias para cada tipo de exame: segundas, terças e quartas ficarão reservados para o exame de legislação e quintas e sextas, para os exames de ruas. "Assim, as filas acabam e também a tensão, tanto dos candidatos quanto dos examinadores". Ele disse que outra mudança futura "é que o Contran irá exigir atestado de residência dos candidatos, não vai ser mais possível recorrer a São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo para conseguir a Carteira".

O delegado regional reconhece que, até agora, os "candidatos participavam de uma maratona para tirar a Carteira de Habilitação. Em outubro, o problema será resolvido: "só ficará sem carteira de habilitação quem quiser". O procedimento para tentar a carteira continua o mesmo: o candidato precisa fazer o psicotécnico, pagar a taxa e marcar o dia para o exame de legislação e depois marcar o de rua.

O delegado regional Valdecir Antônio de Oliveira será o presidente do Ciretran

Sul das Geraes

o jornal do Sul do Estado

[illegible] | Pouso Alegre, [illegible] | [illegible] | [illegible] | Editora : [illegible] | [illegible]

Peso político do Sul de Minas garante votação esmagadora de Rosa, segundo projeções

Leia nesta edição

Jardim São João recebe asfalto

Moradores do bairro Jardim São João estão rindo à toa com a pavimentação de todas as ruas. Depois de ficarem esquecidos durante longos anos, os moradores vêm um sonho realizado. Há quem não caiba em si de tanto contentamento. Eles alegam que com o asfaltamento chegou o fim da penúria com relação à lama que, no período de chuva, dificultava o acesso de atendimento médico a quem necessitasse.

Uma coisa no entanto chamou a atenção: o asfalto foi colocado mas sem que as bocas de lobos fossem executadas. Com isto, quer dizer, que as inundações não serão um privilégio somente do centro da cidade, ele também vai dar trabalho às comunidades periféricas como é o caso do Jardim São João. Pág. 05

Rosa - Previsão de ser o mais votado também em Pouso Alegre. Pág. 03

Comandante do 14º GAC analisa a política brasileira

O comandante do 14º GAC, Cel. Alberto Hallwass concedeu uma entrevista exclusiva ao SG tratando sobre o Projeto que foi aprovado no Congresso que permite que o jovem opte por prestar o serviço militar ou assistência a entidades filantrópicas da cidade onde reside.

Na Alemanha é assim, afirmou. Lá, são 10 meses de serviço militar contra 15 de prestação de serviço voluntário.

Ele também teceu comentários sobre a política atual no Brasil. O comandante acredita que a falta de informação da população brasileira é um dos pontos que mais têm emperrado o andamento da sociedade brasileira.

Elegeu como ilustração, o desconhecimento em relação ao Código de Defesa do Consumidor que protege os compradores. Poucos são os que o conhecem e sabem como reivindicar os seus direitos.

Quanto ao país, do seu ponto de vista, está faltando uma continuidade nos planos de diretrizes, como ocorria no período militar. Pág. 09

Polícia apreende 6,5 Kg de maconha

A Polícia Civil encontrou, depois de uma denúncia anônima, na estrada de terra perto do Clube de Campo Fernão Dias, seis quilos e meio de maconha prensada em forma de vários tijolos e acomodada em sacos plásticos guardados dentro de duas sacolas.

A maconha está avaliada, segundo informações, em sete mil reais. A Polícia não sabe quem a deixou naquele local, embora não haja suspeitos, os civis trabalham no caso.

Pág. 08

Ex-prefeito de Estiva, José Maria de Andrade, responde matéria sobre possíveis irregularidades

Eleições 98

Confira sua seção de votação e conheça o funcionamento da urna eletrônica

Pág. 11

Financiamentos do BDMG chegam a Pouso Alegre

O Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) está atentando para Pouso Alegre e para os outros 45 municípios que formam a Regional Administrativa do Vale do Sapucaí, diversas linhas de crédito que visam beneficiar as pequenas, médias e grandes empresas.

Implantado em Pouso Alegre esta iniciativa, desde o mês de julho, o representante do BDMG José Libério Ribeiro diz que já visitou inúmeras cidades afirmando que este trabalho está sendo realizado em parceria com as associações comerciais e o Sebrae.

Em Pouso Alegre, ele esteve reunido com o prefeito municipal, Jair Siqueira, para tratar sobre a criação do Banco do Povo, como ficou conhecido o Credpop, que visa permitir acesso ao financiamento às pessoas de baixa renda, com dificuldades em consegui-lo no mercado creditício formal.

Para a implantação do Banco do Povo no município, a prefeitura junto com a Câmara Municipal têm que criar a Associação de Crédito, estipulando o valor a ser aplicado.

Depois de criada, a taxa de juros varia entre três a quatro por cento ao mês. Esta associação não tem fins lucrativos sendo ainda uma entidade não governamental que em Juiz de Fora tem mostrado excelentes resultados.

Além desta cidade o Banco do Povo funciona ainda em Uberaba e Itabira.

Pág. 05

Médico proíbe comissário de entrar no PS

O chefe do comissariado de menores de Pouso Alegre Roberto Bonifácio Oliveira foi barrado, como contou à reportagem do SG, quando procurou o Pronto Socorro para acompanhar uma menor até o interior daquele estabelecimento de saúde.

Ele, a pedido da mãe da menor, a acompanhou, quando foi entrar, o médico residente José Luiz, barrou sua entrada ameaçando-o e pedindo ao guarda que o jogasse para fora.

Com três testemunhas a seu favor, Roberto elaborou um relatório ao juiz. Uma das testemunhas afirma que o comissário foi desacatado e que se ele, estivesse na pele de Roberto, não teria agüentado o que lhe foi dito pelo médico residente.

Pág. 08

Quem compara vota.

Uma vida dedicada a cidade e a Minas Gerais.
Dignidade acima de tudo !

Para deputado Estadual - PMDB

JOÃO ROSA

Rosinha

15.333

Pesquisa aponta Chico Rafael como o candidato mais votado na história de Pouso Alegre

Sul das Geraes

o jornal do sul do Estado

PORTE PAGO DR/CPA ISR 43 - 130/84

Diretor: Erivaldo Bezerra | Pouso Alegre, 12 de agosto de 1994 | Edição-661 | Ano X | Editora: Ana Flávia A. Tertuliano | R$ 0,60

" O jornalismo é o exercício diário da inteligência e prática cotidiana do caráter "

<u>Escândalo</u>

Jair Siqueira, em matéria paga, contesta a reportagem do *Sul das Geraes*

<u>Páginas 8 e 9</u>

NOTA DA REDAÇÃO

Apesar da polêmica criada pelo ex-Prefeito Jair Siqueira e o vereador Geraldo Cunha Filho, o jornal *Sul das Geraes* reafirma as denúncias publicadas em sua edição de nº 560 "Escândalo - Vereador denuncia obra fantasma de 303 milhões", publicada na primeira página e "Denúncia - Vereador afirma que Jair Siqueira pagou obra inexistente", na página 3.

O jornal *Sul das Geraes* limitou-se a transcrever fielmente a denúncia feita na Tribuna da Câmara Municipal, no dia 1º de agosto, pelo vereador Geraldo Cunha Filho.

O *Sul das Geraes* não é, portanto, responsável pela mudança de posição do referido vereador, nem por prováveis pressões que tenha ele sofrido, para desmentir o dito anterior.

Testemunhas são os vereadores Cantalício Teodoro Borges, José Lúcio Campos, Geraldo de Paula Moreira, Antonio Teodoro Mendes, Hebert de Campos, Carmelita de Fátima Santos, Claudionísio Francisco do Prado, Benedito Silvestre Pereira, Denival de Oliveira Dorta, Ricardo Ribeiro Romeiro, Gilberto Guimarães Barreiro, Firmo da Motta Paes, Francisco Rafael Gonçalves e Emanuel de Almeida Coutinho, presentes à sessão, bem como todos os ouvintes da Rádio Difusora de Pouso Alegre que a transmitiu, cuja fita está gravada.

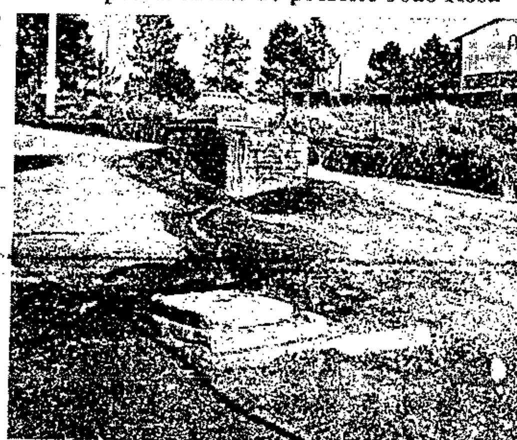
Se há um equivocado na cidade, ele está fora da redação do *Sul das Geraes*.

* Esportes Página 12
* Sociais Página 7
* Polícia Página 11
* Região Página 6
* Denúncia Página 3

<u>Infra-Estrutura</u>

Bairros abandonados

Moradores cobram providências do prefeito João Rosa



Moradores do bairro São Cristóvão, Jardim Aeroporto e Bela Vista estão cansados de apelar e reclamar para a Prefeitura Municipal para que ela possa resolver de uma vez com os problemas que os moradores vem enfrentando já há 10 anos. Dentre esses problemas, se encontram a falta de água, falta de galeria pluvial, falta de asfalto, limpeza pública e principalmente esgoto à céu aberto.

De acordo com o Secretário Municipal de Saneamento Básico da Prefeitura Municipal, Luiz Horta, parte dos problemas que vem ocorrendo nesses bairros deve-se ao elevado número de casas clandestinas.

Apesar de todos os problemas, o secretário Luiz Horta garantiu que em setembro a Prefeitura dará sequência à construção do emissário de esgotos daquele bairro. <u>Página 3.</u>

<u>Desenvolvimento</u>

Hélio Garcia libera obra pleiteada por Simão Pedro

Durante visita à Pouso Alegre, na última sexta-feira, quando da inauguração da ampliação da Brasinca, o governador Hélio Garcia autorizou as obras de melhoramentos, pavimentação e recapeamento do trecho que compreende o entroncamento da BR-381 com a BR-459, no trevo da Mavesa, até a avenida Perimetral.

As obras são frutos de sucessivas gestões do deputado Estadual Simão Pedro Toledo junto ao governador Hélio Garcia. Segundo o deputado, "há tempos temos verificado que o acesso de Pouso Alegre pela Fernão Dias está muito pobre, insuficiente para atender às necessidades de tráfego e acho que a cidade, pela sua importância e volume de tráfego, estava por merecer uma obra dessa expressão".

O governador liberou ainda um empréstimo, no valor de US$ 8 milhões, para o projeto de modernização e expansão da Brasinca, que vai gerar 500 novos empregos diretos.

Na foto, o governador Hélio Garcia, o depu...

<u>Escola</u>

Prefeito reafirma construção do CIEM Esplanada

Para o prefeito João [illegible] Rosa, grande parte das [illegible] destinadas à [illegible] apenas [illegible], água, luz, [illegible]

...DE VENDAS:

...ARCELAS MENSAIS
...LA POUPANÇA
...NTO PRÓPRIO

...MENTO DE MARCA:
...ORA SAGENDRA

...ENDAS:
...ÁRIA VIANNA
...o Amaral,78 - Pouso Alegre- MG
...e: (035) 421.1188

VOCÊ NÃO ESTÁ SO...

Sul das Geraes

o jornal do Sul do Estado

Diretor: Ericaldo Barreto | Pouso Alegre, 23 de outubro de 1.998 | Edição 771 | Ano XIII | Editora: Sonia Cabral | R$ 0,50

- Você não está sozinho -

Nova cadeia não saiu do papel

Pág. 11

Azeredo fez do Governo cabide de emprego para familiares

A poucos dias do segundo turno, o governador Eduardo Azeredo, candidato à reeleição está sendo acusado de ter empregado a família toda no governo de Minas. Segundo informações estão lotados hoje no quadro funcional os filhos, genros e esposa. O governador ainda não respondeu as acusações que segundo denúncias estariam sendo beneficiados com uma boa quantia dos cofres públicos.

O governador Azeredo, não terá muita chance de esclarecer o assunto, pois as eleições ocorrerão no domingo. Enquanto isso, muito do que o candidato pregava nos programas eleitorais foi suspenso, por determinação da justiça.

Nesta guerra entre os candidatos do eleitor é quem sai lesado, pois fica sem saber o que é verdadeiro ou o que é produto de marketing que visa somente ganhar votos de pleno das urnas, agora eletrônicas. Em Pouso Alegre, a informação passada e impressa é que quase todos os familiares de Azeredo estão trabalhando distribuídos em gabinetes da Casa Civil, Copasa, Administração Regional e par ai afora.

O governador também, vale salientar foi classificado por um deputado de muito boteco, quando se recusou a comprar um carro, adquirindo-o através de pagamento mensal da quantia estipulada. O tal deputado comentou que a insecabilidade de Azeredo o incomodava tamanho era a atitude correta do chefe do executivo de Minas Gerais.

Eduardo Azeredo

Enquanto isso, a política ganha proporções inconvencionais, haja visto que a disputa pelo Palacio das Mangabeiras ou terá um único vencedor, e para ocupa-lo vale tudo, inclusive chacotas que, e o mais bonitas em favor ou vc veja de que lado for.

Pág. 03

UNIVAS: projeto ameaçado

Depois de muita festa anunciada, Pouso Alegre pode não ganhar a sua tão sonhada universidade, até agora o único a fazer um apelo para que os estudos sejam reabilitados neste sentido foi o professor João Baptista Almeida Júnior, mas se que todos juntos acabou pregando no deserto.

Em Pouso Alegre, ninguem quer crer, o risco de ter uma cidade intelectualizada e culturalmente progressista, isto atrairia os planos futuros para um município que caminha a passos largos para se transformar num favelão.

Para entender do que se trata, basta ler nas entrelinhas. A Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí, se caso transforme em universidade, colocará em nível os cargos hoje ocupados por gente mal preparada. Para a universidade obviamente, nem todos devem ser contratados, pois muitos dominam e merecem ficar como um peso morto na universidade. A transformação da instituição exigiria pessoas mais capacitadas, inclusive professores com mestrado e doutorado, assim como de outros segmentos.

A indecisão daqueles que a cultivam fazem mal, pois levam a cidade a perder, e estes educandos passam a questionar os seus conceitos e regras, obrigando-o a que ignorá-los. O motivo que está pegando muito com o atual, haja visto que parece estar de farinha do mesmo saco, obtendo legislação ainda mais. Depois de uma luta só para se conseguir faculdade de medicina. Deve-se não ficar como está.

O deputado de Pouso Alegre tem a incumbência de ser o mentor da universidade, ou ela deixa de ser.

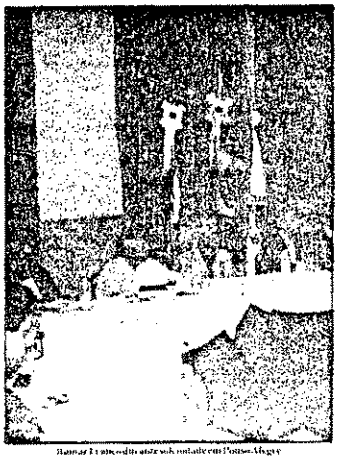
Pág. 11

Candidatos apresentam propostas em encontro de prefeitos

Os candidatos ao governo de Minas Itamar Franco e Eduardo Azeredo estiveram na cidade, entre os dias 15 e 16 onde participaram do 54º Encontro dos Prefeitos das Cidades Pólo. Os 25 prefeitos reunidos puderam ouvir dos dois suas propostas de trabalho à frente do Palacio da Liberdade.

Quem chegou primeiro foi o candidato Itamar Franco que tratou das dificuldades enfrentadas pelos prefeitos para administrarem os municipios com a chegada da recessão. Depois, na dia seguinte foi a vez de Eduardo Azeredo expor suas ideias. Os prefeitos das cidades pólos, entre elas, Varginha, Pocos de Caldas, Uberlandia, Juiz de Fora dentre outras, além de discutir o futuro de Minas nas urnas, também trataram sobre as medidas urgentes que vem sendo anunciadas pelo governo federal, que segundo eles vão na contra mão dos interesses.

Dos 20 por cento dos fundos constitucionais de estados e municipios hoje retidos no Tesouro com as medidas que estão para serem anunciadas pelo governo, percentual de retenção subirá para quarenta por cento.



Itamar Franco discursa ao lado de outras autoridades em Pouso Alegre

Depois de todos os assuntos tratados os prefeitos assinaram uma carta que foi remetida ao governador eleito.

Pág. 04

Motorista é acusado de abusos

O transporte coletivo da cidade ainda causa de muitas melindras. Além de suas aperturas, horários curtos, nos últimos meses, a redação do SG, recebeu uma serie de reclamações contra um motorista que faz a linha São João/Cascavel, sempre aos dias 2.9/10.

Em busca de apurar a verdade, a reportagem do SG, esteve pessoalmente no dia, onde preferiu manter-se oculta e presente, e pode constatar a total insensatez do mesmo no trato com os usuários. Todas as reclamações tinham vistas. Ao saber-se, ele discutiu com um passageiro, depois que ele insistiu em perguntar da hora e da parada na Avenida Duque de Caxias, gritou dizendo este que não aconteceu quando outro motorista está de serviço na linha. Alem disso, ele disse aos usuários que se não estava satisfeitos ele deveria descer e pegar outro ônibus, parecendo ser ele o dono do horário. De acordo com relatos dos usuários, a falta de educação do motorista já vem de longa data, mas como eles têm o medo de reclamar, com medo de represália, a sua situação insustentável, que isso, têm preferido ao invés de reclamar, procurar uma alternativa para fugir com um atraso menor possível. Pág. 09

Coordenador contesta declarações de ex-integrante do Sindicato dos Metalúrgicos

O coordenador do sindicato dos metalurgicos, Sebastião Camilo explicou a reportagem do SG sobre os motivos que provocaram a suspensão da última eleição daquela instituição. Segundo ele, quando diretores do sindicato quando foi eleito, posteriormente entrou com uma ação contra aquele estabelecimento, porque não conseguiu montar uma chapa para disputar uma nova eleição.

Jader, que integrava a diretoria do sindicato, após depois de ir contra a vários princípios pregados pela categoria, uma delas aconteceu no final de uma greve por melhores salários. Ele atribuiu culpa de não ter conseguido montar uma chapa para disputar uma nova eleição.

Jader, que integrava a diretoria do sindicato, após depois de ir contra a vários princípios pregados pela categoria, uma delas aconteceu no final de uma greve por melhores salários. Ele atribuiu culpa de não ter conseguido montar uma chapa para disputar uma nova eleição.

Camilo pede ao que se aproveite para salientar que durante um bom tempo Jader fazia exatamente o que Lafaiete, embora não exercesse mais cargo no sindicato e nem na categoria somente há cinco dias que o mesmo voltou as suas atividades na empresa. Ele afirma que a atitude de Jader foi exclusivamente política, pois ele queria apenas ter o nome ligado ao sindicato, mas não queria trabalhar.

Pág. 05

Pág. 12

Anexo 3

Entrevistas com proprietários e editores dos jornais analisados

Entrevistas com proprietários e editores dos veículos de comunicação de Pouso Alegre:

Sérgio Batista - editor do Sul das Geraes (atualmente)

1) Você foi editor do jornal Sul das Geraes por quanto tempo?

R- De 90 a 94.

2) Neste período você enfrentou algum problema para publicar matérias ou tinha inteira liberdade?

R – O Erivaldo Bezerra (proprietário do jornal) sempre me deu inteira liberdade e quando não dava por algum motivo eu contestava. Eu achava que, se eu era editor tinha inteira responsabilidade perante a Lei civil e criminal, então sempre fui cara de pau (...). Mas apesar disso, sobre algumas coisas a gente sentava e conversava. Por exemplo: você fala de tal político, ou tal deputado, "manera" um pouquinho (...) . Eu até "manerava". Mas, realmente, eu tive mais liberdade do que todos que passaram pelo jornal.

3) Você considera que todos os editores têm liberdade?

R- Não, não têm. Muito difícil, não têm. Porque os editores antigamente (...) . No Sul de Minas não existe jornalismo, nem salário não tem. A verdade é esta, as pessoas se prendem muito ao que o patrão quer. E todos os jornais são comerciais. Então o dono é que manda, o dono é que "se mete". Então é muito difícil ter liberdade, é muito difícil.

4) Como o Sul das Geraes age em caso de matérias polêmicas que envolvam ou não políticos ou empresários?

R- Se a matéria for de interesse da comunidade eu publico. Agora tem outras que não são, seria um caso mais de represália pessoal, então eu não ligo para isso, não vou atrás disso. Eu penso assim, se eu posso falar de um humilde, de um peão, de um cidadão comum, porque eu não posso falar de um outro.

5) Mesmo que esse político esteja, de certa forma, ligado ao dono do veículo, vocês publicam?

R- Já tive casos assim, ligados ao dono. Depois ele chegou a me chamar a atenção. Agora "já era".

6) O jornal apoia candidatos durante a campanha eleitoral?

R- Olha, só existe um senão no Sul das Geraes. Ele apoia o Rosa, porque o Rosa é amigo de "cozinha" dele, considera o Rosa um amigo. Então, tudo que ele pode fazer pelo Rosa, como já fez, dá espaço (...), dá gráfica, ele fez. Mas porque ele é amigo pessoal do Rosa, o resto não.

7) Então ele o apóia abertamente?

R- Teve época de eleição que apoiou sim, o jornal deu espaço para o Rosa. Foi dito isto, foi fato. Mas foi só uma época. Este tempo todo que eu tive a frente foi só uma época de campanha.

8) Na sua opinião, a publicação de matéria de determinados candidatos, em tom favorável, em época pré-eleitoral, pode significar apoio a estes candidatos?

R- Falar é muito relativo. Não é sim nem não. Depende do jornal. Se o jornal tiver peso, credibilidade, se puxar para uma matéria prosseguidamente, influi sim, dá a entender que ele está apoiando.

9) Quando o jornal denuncia políticos pode estar se colocando contra um político?

R- Depende do editor. Eu não gosto de político porque acho a política muito suja. Não quer dizer que o político seja sujo. Mas têm uns que são. Então, eu acho que não. Se você denunciou não quer dizer que você esteja contra ou a favor.

10) Pode ser apenas para denunciar?

R- Pode ser só para denunciar.

11) Durante a campanha eleitoral o jornal assume uma posição política e faz matérias para sugestionar o eleitor?

R- Não, eu não faço. Um exemplo. Estão achando que eu sou contra o Jair. Eu não sou. Eu sou contra as coisas erradas da administração do Jair. Tanto que esta semana estou publicando sobre as galerias. O povo começou a falar sobre a inundação da Comendador (rua de Pouso Alegre). Fui atrás, é mentira. Funcionou perfeitamente na Comendador. E antes eu havia denunciado a galeria que estourou na rua João Beraldo. Não podemos usar de mentiras, nem somente atacar gratuitamente, têm fatos, base real.

12) O jornal costuma ouvir os dois lados da versão em caso de denúncia?

R- Depende, às vezes eu não ouço não. Mas eu quero que assine. Eu quero que a pessoa grave. Às vezes faço com que assine, compreende? Eu não ouço. Porque têm denúncias que são até vergonhosas. É o caso daquele assassino da moça. É o caso de pedir a pena de morte pra eles. Pra quê que eu vou ouvi-los? São bandidos, são homicidas. Agora quando o caso é dúbio, pode estar havendo uma vingança, uma denúncia caluniosa, aí você têm que ouvir.

13) E, em caso de uma denúncia ocorrida durante a época eleitoral?

R- Se não for baseada em documentos, você tem que ouvir os dois lados. Se for baseado em documentos você pode soltar e depois dá espaço para o outro.

14) É possível definir a linha política do jornal,?

R- O Sul da Geraes não tem linha política.

15) Qual que é a linha do Sul das Geraes?

R- É a minha linha.

16) E qual é a sua linha?

R- A minha linha é "abrir tiro pra tudo quanto é lado". Eu fico parodiando o prefeito de Mogi das Cruzes, com quem trabalhei. Dizia pra ele, quando você não tem ninguém pra criticar, critica você mesmo. Eu sou a mesma coisa.

17)Vocês já enfrentaram algum tipo de problema em relação às publicações feitas pelo jornal?

R- Já enfrentei problema sim. Já tive direito de resposta, processo.

17) Você poderia citar um exemplo?

R- Logo no início, contra um capitão da PM que foi visto rasgando multa na cara das policiais. Ele disse que era mentira até que realmente foi provado e ele foi punido. Nós não estávamos caluniando a PM, estávamos dizendo a verdade. Teve um caso anterior em 1990 ou 91. Deve ter tido uns três ou quatro casos.

18) Sérgio, em caso da publicação de matéria que desagrada o proprietário do jornal, antes de publicá-la já ocorreu retirada desse material?

R- Já aconteceu de modificar. De duas formas, piorar ou minorar a carga, adocicar. Às vezes estava pronto e tinha que mudar tudo.

Sônia Cabral – ex- editora do jornal Sul das Geraes

1) Sônia, você se lembra quando foi criado o jornal Sul das Geraes e por quê?

R- O jornal foi criado em 7 de setembro de 1984. O objetivo era atender a população de Pouso Alegre com um veículo de comunicação que pudesse fornecer a todos dados a respeito da cidade, trazer informação de interesse exclusivo da comunidade.

2) Qual foi o grupo que o fundou?

R- Jair Siqueira, Amador Graciliano, o Amoroso, Luiz Turqueto e José Teixeira.

3) Qual era a proposta editorial do jornal na época em que você trabalhou lá?

R- A proposta ideológica, a princípio, era defender os interesses da comunidade em todos os sentidos. "Doa a quem doer" , a ideologia do jornal era essa.

4) O jornal tem ligações políticas com candidatos ou políticos locais, do estado ou do município?

R- Vou responder por mim, quando eu era editora não tinha ligação política com ninguém. Mas eu não posso responder pelo Erivaldo Bezerra (proprietário). Porque se houve ou se havia algum conchavo, essa informação teria que ser fornecida por ele mesmo.

5) Você sabe se o jornal recebe verbas da prefeitura para publicações?

R- Recebe. É chamada verba institucional. A prefeitura publica nos jornais, um quarto, uma página, meia página, e paga por esses anúncios regulares. São chamados anúncios institucionais.

6) Como funcionava a manutenção de despesas do Sul das Geraes em sua época?

R- Era uma contenção de gastos grande porque o jornal não dispunha de verbas. Eu era editora, Andréia cuidava do setor financeiro e Alessandra fazia a distribuição do jornal, e ainda havia um menino para entregar. Éramos três funcionárias fixas e um menino uma vez por semana. A contenção de gastos era grande, inclusive tivemos que reduzir páginas para pagar uma série de gastos que estavam pendentes. Na época o jornal acabou reduzindo de 2500 para 1100 exemplares e de 12 para oito páginas.

7) O editor tem liberdade de publicação Sônia? Na sua época você tinha liberdade?

R- Tudo que eu ia fazer eu tinha que passar pelo Erivaldo, que é o proprietário do jornal. Eu não fazia nada sem consultá-lo.

8) Em matérias polêmicas que envolviam políticos ou empresários da cidade, como o jornal agia?

R- Olha, o jornal procurou ser imparcial o máximo possível. Pelo menos eu tentava isso. Agora, era super amigo do Erivaldo Bezerra, o João Batista Rosa, e houve alguns pedidos para que o Erivaldo pusesse o jornal à disposição. Chegamos a publicar até alguns anúncios dele na época de campanha, mas isso era coisa tratada entre Erivaldo e João Rosa. Comigo ninguém tratava nada, porque o mesmo espaço que um tinha o outro também tinha. Mas, se alguma coisa era tratada diretamente com Erivaldo, eu não posso responder.

9) O jornal apoiava ou apoia candidatos durante a campanha eleitoral?

R- A seqüência que eu tentava fazer era esta: não apoiar candidato nenhum e dar abertura igual para todo mundo. Pelo menos eu tentei levar isso a fundo. Mas se o Erivaldo apoiou, o assunto deve ter sido conversado entre ele e a parte interessada.

10) Você acha que a publicação de matérias sobre determinados candidatos com tom favorável, em época pré- eleitoral, poderia significar apoio do jornal a esses candidatos?

R- Não acredito. Porque se alguém tem um plano de governo muito melhor do que outro candidato o eleitor tem direito de conhecer em quem ele vai votar. Publicar os dois lados da moeda para que o eleitor julgue.

11) Quando o jornal denuncia um político, ele pode estar se colocando contra este político?

R- Acredito que não. Se o político estiver fazendo a coisa certa ou errada não vai de porta em porta e nem irá chegar para o editor do jornal e perguntar se está certo ou se está errado. É um risco que eu corro. Acho que a população tem o direito de saber o que está certo e o que está errado, o que o político está fazendo, para julgar quem ela colocou lá dentro.

12) Durante a campanha eleitoral, o jornal assume uma posição política ou faz matérias para sugestionar o eleitor?

R- A minha tentativa foi nunca fazer isso. Mas se o Erivaldo algum dia fez, deve ter sido conversado entre ele e a parte interessada. Ninguém nunca me pediu para fazer este tipo de coisa.

13) O jornal se posiciona politicamente?

R- O interesse do Sul das Geraes, na época em que eu estava lá, durante quatro anos, era defender o interesse da comunidade.

14) O próprio Erivado pedia isso para vocês?
R- Ele sempre concordou com esse princípio. Porque a comunidade precisa de ter um espaço voltado para seus interesses, onde ela possa denunciar, cobrar, pedir ajuda, muitas vezes é negada. Se chegasse alguém reclamando de um fogão, para nós poderia não ser interessante, mas se a pessoa procurou o jornal, para ela seria caso de vida ou morte, então a idéia era defender o interesse das pessoas.

15) Sônia, vocês enfrentaram algum tipo de problema quanto a publicações?
R- Eu enfrentei ameaça de morte. Chegou a um ponto em que falavam em desaparecer com meu filho, na época meu filho tinha cinco anos. Ligavam pra minha casa e me ameaçavam.

16) Quem? Quando foi isso?
R- Isso foi entre novembro e dezembro de 97. Ligavam pra minha casa e ameaçavam: Olha, seu filho é muito bonitinho e nós vamos desaparecer com ele. Na época da COPEA, foi questão ligada ao esporte de Pouso Alegre. O jornal resolveu investigar e denunciar o prejuízo da COPEA. A primeira deu um prejuízo de 140 mil, inclusive o prefeito se comprometeu a assumir a dívida. Quando foi marcada uma segunda , nós alertamos a população sobre o prejuízo da primeira. Começamos a denunciar os jogos que tiveram em Pouso Alegre que só computaram prejuízos. Cheguei a entrevistar uma pessoa que voltou atrás e pediu que a matéria não fosse publicada. Na realização de um desses eventos diversos prêmios deveriam ser distribuídos após sorteados. Um desses prêmios, o de maior valor, foi sorteado e a pessoa não recebeu. Como esta pessoa que havia formalizado a denúncia voltou atrás fiquei sem material para publicar. Se publicasse eu teria ido contra o pedido de alguém que não autorizou. Após um tempo passei a sofrer a ameaça, eu e meu filho. E chegou a um ponto em que se reconheceu a voz da pessoa que me ameaçava. Desta forma, o boletim de ocorrência foi registrado e caso que foi parar no Juizado de Pequenas Causas, e eu nunca mais sofri ameaça. Vale ressaltar também que nem por isso nós calamos a boca. Continuamos a falar daquilo que era interesse da comunidade.

16) Alguma vez vocês deixaram de publicar algum material era contra os princípios do jornal?

R- Não, eu nunca deixei de publicar, muito pelo contrário. O que aconteceu, eu já tive "pegas homéricos" com Erivaldo Bezerra por causa disso. Porque as pessoas(...) O jornal meu Deus(...) Na hora de cometer qualquer infração, ninguém vai perguntar para mim se tá certo ou errado. Se eu concordo ou discordo, ou se a comunidade discorda ou concorda. Todo mundo "topa" correr o risco. Se der certo ótimo, se dá errado estou sujeito a pena. Então veja bem, teve caso que a gente "quebrou muito pau" por causa dessa história. Mas nunca me furtei de publicar algo que considerasse de interesse da população. E lembro disso com uma clareza imensa.

Uma vez, durante uma campanha política, o Rosa reuniu a imprensa e fez uma divulgação sobre a primeira administração de Jair Siqueira: Havia ocorrido um problema em relação a área de saúde e uma comissão de investigação teria averiguado isso. O Lúcio Arouca (político do PRN) era presidente da comissão. E chegou-se a conclusão que Jair era inocente. Eu fiz toda a matéria do assunto.

Depois veio o Erivaldo Bezerra perguntando: - você tá com uma matéria assim, assim, me passa. Passei a matéria para ele, e o Erivaldo analisou. Depois me ligou e disse: - eu acho que esta matéria me interessa. E eu respondi: - essa matéria te interessa porque interessa a comunidade. Assim como nós publicamos a acusação, nós vamos publicar a defesa que a comissão encontrou. E ele disse: - mas eu acho que não convém, não fica bem. E eu respondi: - Não, nós vamos publicar.

Então, o quê eu fiz. Eu não podia me comprometer a ponto de deixar o jornal, digo: o jornal acusou, então nós não podíamos ficar omissos. Não é que o jornal acusou, nós publicamos uma acusação. Não só eu, mas todos os veículos de comunicação fizeram essa maldita publicação. Nós tínhamos que fazer a maldita da conclusão. A matéria saiu, foi publicada na íntegra, mas no final veio uma frase: a comissão se reuniu e considerou Jair Siqueira inocente. Eu acrescentei um parágrafo. Eu publiquei o que o Erivaldo queria, mas não me omiti de publicar (...), eu não publiquei todo o resultado da comissão.

17) Você publicou a versão de João Rosa de uma coletiva?

R- Nós fizemos o seguinte, publicamos a versão do Rosa da coletiva. E quando a comissão concluiu o relatório, esse veio para mim e para todos os veículos de comunicação dizendo que havia inocentado Jair. Nós publicamos que havia uma comissão, que havia um fato e que este poderia gerar uma série de problemas. Só que a conclusão dava Jair Siqueira inocente. Então quando eu mandei para o Erivaldo ele falou que não iria sair. E eu disse:- vai sair sim doutor, porque se nós publicamos antes, temos que publicar depois. E ele respondeu: - não, não vai sair, a matéria não vai sair. Coloca só o relatório. E eu coloquei. Fiz o que o Erivaldo me pediu. Na última linha eu acrescentei: a comissão chegou à conclusão, Jair Siqueira é inocente.

18) Você acrescentou um parágrafo?
R- Acrescentei por minha conta e risco. Porque se o jornal é de interesse da comunidade, o jornal não tem que ter bandeira. O jornal não pode ter pátria. O jornal tinha possibilidade de informar. Se o jornal tem por princípio informar não me interessa se ele vai atingir a, b ou c.

19) Enquanto você esteve no Sul das Geraes nunca teve material cortado?
R- Algumas vezes que eu tive material cortado, retirado. Mas sempre se voltava atrás, porque eu falava tanto, que voltávamos atrás. Podemos mudar o conteúdo, mas as frases principais, que são importantes a comunidade saem. O Sul das Geraes teve uma fase, nesta eu não estava trabalhando lá. O Denival Dorta (ex- vereador) acusou João Batista Rosa de uma série de irregularidades quando ele era prefeito. O Sul das Geraes não publicou uma linha, nenhum jornal publicou uma linha a respeito desse assunto do Denival. Vou contar o começo da história. Quando o Sérgio Batista era o editor do Sul das Geraes (a entrevistada refere-se à primeira vez que Sérgio Batista trabalhou nesta função no jornal), o Denilson Marcondes Fernandes era advogado do Denival e procurou o jornal, pedindo uma série de publicações contra o Rosa. Até então estas publicações saíram. Quando o Sérgio saiu do jornal, entrou em seu lugar o Léo Nunes, e um desses casos veio a tona, se eu não me engano, que o Denival teria ganho uma causa contra o Rosa, em um dos processos que ele estaria movendo. Nenhum jornal em Pouso Alegre citou uma linha disso. E eu ainda brinquei com o Léo: - Léo esta matéria é boa, devia ter saído. Ele falou: - foram ordens

superiores, eu não tenho ordem de (...) . E eu respondi: - Mas não pode. E ele falou: – Mas chegou de última hora, e nós não publicamos.

Assim também, quando fulano de tal (ex- ocupante de um alto cargo no judiciário de Pouso Alegre)[1] bateu na esposa, tem BO de ocorrência registrado, eu não estava no Sul das Geraes nesta fase. Fui a única a publicar isso. Eu estava trabalhando na rádio nessa época e dei a notícia. Eu tinha o boletim de ocorrência na mão e publiquei. E outra coisa, não acrescentei nada, eu costumo não acrescentar nada. Mantive o documento. Eu fui a única pessoa a publicar essa agressão. Nenhum jornal publicou. Inclusive eu ouvi um amigo de profissão que me disse o seguinte, no Sul das Geraes, nessa época: - Olha, você é louca de publicar um "trem" desses, porque eu fui até ele e falei que ele poderia ficar tranqüilo, que aquilo lá não ia sair uma linha.

20) Você considera que, nesse caso, a omissão dos jornais seria uma conivência com o poder?

R- A comunidade tem direito de saber tudo que acontece. Se eu não quero que saibam eu não faço, se fizer estou sujeita a virar manchete de jornal no dia seguinte, é um risco. A comunidade paga, contribui, tem todos os encargos sociais. Ela tem o direito de saber o que acontece. Não dá para publicar apenas (...) Se o Joaquim bebe e bate na esposa, eu nem sei quem é Joaquim da Silva, é pedreiro, catador de papel, ele vira notícia. Porque que um fulano (alto cargo na cidade) não pode virar também? A lei tem que ser igual.

Sebastião Hilário Pagliarini : Editor do Jornal Folha do Vale

1) Você poderia falar sobre o jornal na época em que ele foi criado?

R) Lembro da criação do Folha da Cidade. A gente terminou o curso e um grupo de alunos da primeira turma de jornalismo resolveu criar um jornal. Na verdade eu fazia parte desse grupo, mas entrei para o jornal apenas para fazer a ilustração e acabei ficando até hoje. O pessoal era a Adaísa, o José Francisco, a Silvana e o José Roberto. Eles eram os sócios e eu

[1] Este ator público foi omitido e aparece no trabalho de forma alterada àquela que a entrevistada falou em sua gravação para evitar qualquer constrangimento.

fazia as charges, e com o tempo, por motivos diferentes, eles foram saindo e eu fiquei até hoje com a continuação da Folha do Vale.

2) Qual era proposta ideológica inicial do jornal?

R) A princípio, a preocupação maior, naturalmente, era com a ética. Criar na cidade um tipo de jornalismo nas mãos de profissionais. Acabávamos de sair da Faculdade. Na verdade, Pouso Alegre sempre teve bons e maus profissionais nesta área. Grande parte dessas pessoas não tinha uma faculdade. A primeira proposta era de se fazer um jornalismo dentro da ética, com imparcialidade. A idéia era uma cobertura regional e posteriormente com o nome Folha do Vale se concretizou a cobertura regional. Só que, unindo à igreja católica, ao em vez de coberturas só regionais houve também a cobertura da parte religiosa.

3) Com a passagem do jornal para a igreja houve uma mudança grande? Qual a maior mudança que você apontaria?

R) A principal mudança foi ampliar o público. A gente tinha um determinado público e agora tem também o público religioso. Essa foi a maior vantagem para o veículo.

4) O jornal continua publicando fatos da cidade ou os ligados à igreja católica tem maior importância?

R) A princípio era meio mesclado. Depois houve reuniões e decidiu-se editar junto o Semana Religiosa (reedição de um antigo jornal da igreja que sai junto com a Folha do Vale), que publica as notícias paroquiais da Arquidiocese em geral, mas o jornal não perdeu o nível de importância, ao contrário, tem em seu espaço um caderno especial, no caso o Semana Religiosa.

5) Vocês têm liberdade de publicar matérias polêmicas, que envolvam políticos ou escândalos, ou qualquer tipo de matéria polêmica ?

R) A gente sempre ouve comentar na rua e isso nos deixa contente: que o Folha do Vale é um veículo que não toma partido. A gente sempre teve cobertura, por parte da direção, para trabalhar nessas matérias. É claro que, todo órgão de imprensa, por mais imparcial e objetivo que seja, sempre vai esbarrar em alguma coisa. Por exemplo, é um órgão da

igreja católica e não faz nenhum sentido trabalhar uma matéria polêmica que envolva a igreja católica, é até natural. Mas de maneira geral a gente sempre teve liberdade. É um órgão bom de trabalhar.

6) O jornal tem ligação política com alguém?

R) Que eu saiba não.

7) Algum político tem mais espaço que outros no jornal?

R) Não, pelo contrário, inclusive nós temos uma página de política que em momentos de eleição tem dado espaço igual para todos. Por exemplo: um dia é de um partido, em outra edição fala-se de uma outra tendência partidária. A idéia é dar espaço igual pra todo mundo.

8) Mesmo antes de criar este espaço, que é novo, havia também a mesma forma de tratamento para todos os políticos?

R) É claro que muitos políticos assediam a imprensa, é natural para eles. Na verdade não existe uma preferência por este ou aquele político, o negócio é que às vezes você percebe que determinados políticos não têm boas idéias ou não estão com boas intenções. Se fosse optar por algum tipo de preferência seria mais a intenção de atender a população do que coisa puramente particular.

9) Você considera que quando o jornal dá mais espaço para um político do que para o outro, com matérias que apenas elogiam, está sendo partidário?

R) Sim, só que o jornal é partidário. São dois fatores: o empresarial e o jornalístico. Às vezes o jornalista é um empregado. Pode ser qualquer veículo no caso, não seria a Folha, ou Sul das Geraes, ou Jornal do Estado, ou O Progresso. Se ele é empregado, às vezes, ele está sujeito. Se ele é empregado do jornal ele pode não ter escolha.

10) Alguma vez você teve algum problema em querer publicar uma matéria no Folha do Vale e não conseguiu?

R) Não, principalmente porque eu comecei com a cobertura esportiva e não tive problemas. Não me aprofundei muito em política porque o Eduardo faz esta parte.

11) Alguém teve algum problema que você visse, em querer publicar uma matéria e a direção do jornal impedir?

R) Não que eu lembre. O que normalmente acontece, desde que você fale a verdade e não caia em crime de opinião, é trabalhar determinados ângulos melhor do que outros. Agora censurar determinadas coisas não tem jeito, porque as pessoas cobram a gente na rua.: - Está havendo determinado assunto polêmico, vocês não vão colocar, como é que fica o jornal? As pessoas cobram. Determinados tipos de assunto têm que ser abordados, não tem jeito.

Eduardo Júnior de Souza – repórter de política da Folha do Vale

1) Você está dirigindo a seção política do jornal Folha do Vale. Você enfrenta problemas para a divulgação de matérias? Você publica sob pressão? Como é que você faz a seleção e a pauta desse material?

R) Normalmente nosso jornal por ser imparcial e ético e pertencer à Arquidiocese não temos tanta pressão como os outros jornais, que, às vezes, no interior como a gente sabe, sofrem pressões políticas e partidárias de todos os tipos, de todas as formas. No nosso caso nem tanto, mas mesmo assim, algumas matérias têm que ser dirigidas por causa de algumas propagandas, alguns contratos que os jornais têm com a Prefeitura, com a Câmara e tal. Mas eu, normalmente, por ter uma relação boa com os políticos, com as pessoas ligadas aos políticos em Pouso Alegre, tenho essa liberdade de expressão. Às vezes eu até ligo para a pessoa e digo: - vai sair sua versão e a de outra pessoa também, pode ficar tranqüila, mas eu jamais deixei de colocar uma matéria no jornal.

2) Na publicação de matérias de candidatos, em períodos pré- eleitorais, como é que vocês agem? Vocês publicam qualquer matéria ou só a de alguns candidatos?

R) No caso de eleição para prefeito a gente faz uma matéria específica para cada candidato. Quando é para deputado fazemos entrevistas com os deputados da região. Nós trabalhamos

nessa linha, entrevista com cada candidato, suas propostas, expectativa dele para eleição. No caso de pesquisas eleitorais, só publicamos de empresas que têm esse poder de fazer pesquisas, não de qualquer empresa ou que se diz empresa. Por exemplo, tem muita pesquisa no interior, como aconteceu na eleição passada para deputado estadual, nós tivemos um problema porque existia uma pesquisa não oficial, que colocava o candidato João Batista Rosa com um número de votos que realmente não condizia com a pesquisa oficial, que veio de Belo Horizonte, e que indicava o candidato, hoje deputado estadual, Francisco Rafael, com uma contagem de votos maior. A gente tem que tomar cuidado. Como o jornal do interior depende muito de verbas e às vezes das verbas políticas, eles são obrigados e pressionados a publicar esse tipo de pesquisa que não é oficial.

3) Alguma vez vocês foram pressionados a publicar esse tipo de matéria por receber verbas políticas?

R) Não, como eu disse pra você, como não sobrevivemos do dinheiro de propagandas de políticos da região, nunca tivemos esse problema. Mas o que ficamos sabendo, inclusive o deputado Francisco Rafael parabenizou o jornal, foi que o único jornal que não publicou aquela pesquisa que não era oficial foi o Folha do Vale, e pelo que contam os boatos e outros jornalistas, a pesquisa foi paga pelo tal candidato João Batista Rosa.

4) E no caso a pesquisa que citava o candidato Francisco Rafael ela teria sido feita espontaneamente por algum órgão de pesquisa? Qual órgão?

R) Não, não me lembro. É de Belo Horizonte. Eu acho que é o único órgão que pode fazer este tipo de pesquisa em Minas Gerais. Tanto que, a pesquisa nossa vinha com deputados de outras regiões, de outros lugares, e dentro dessa porcentagem o candidato Francisco Rafael aparecia como possível eleito, e João Batista Rosa não. Claro que a gente não tem nada contra João Batista Rosa ou Francisco Rafael. A gente quer publicar o que é verdade.

5) Com é que tem funcionado realmente, até hoje no jornal, a publicação de matérias de candidatos a prefeito?

R) Nos dois anos e meio que estou aqui, fizemos espontaneamente sobre todos os candidatos. Acho que a gente foi bem imparcial nesse sentido, porque começamos

procurando candidatos que não têm o poder de estar na mídia sempre, em Pouso Alegre. Por exemplo, candidatos do PT, que na época era uma senhora, uma primeira candidata a prefeita de Pouso Alegre, e que a matéria dela surtiu um efeito muito grande entre as pessoas. Eu acho que os outros jornais estavam sempre entre dois candidatos, e a gente foi desde aqueles partidos menores até os maiores, sempre com o mesmo espaço, no mesmo local a foto , de uma forma bem limpa, bem transparente.

6) Fora esta matéria, em que você está fazendo esta comparação, outras matérias que vocês soltaram de candidatos foram sempre de equilíbrio entre todos os candidatos, ou sempre saía mais de um que de outro?

R) Olha, o que acontece no jornal, talvez se você for analisar o jornal do interior é que, talvez as matérias sejam as mesmas mas, alguns políticos pagam o espaço de propaganda.

7) A propaganda para vocês vem dentro daquele método que o jornalismo utiliza, de contornar com fio e colocar informe publicitário ou não ?

R) Isto eu não tenho certeza, porque essa área de publicidade eu não estou bem certo. Talvez o Hilário pudesse responder. O que normalmente acontecia era a foto do candidato, o nome dele e o número dele logo abaixo. Só que determinado candidato que paga mais por um espaço maior, a foto dele sairia um pouco maior. Agora no caso da matéria jornalística em si, o tamanho dela foi sempre o mesmo para todos.

8) E essa identificação seria então a identificação de publicidade?

R) Tenho impressão que sim, não só em nosso jornal como em outros jornais de Pouso Alegre. E os candidatos que tem poder aquisitivo maior fazem um contrato, uma propaganda maior.

9) Você tem liberdade de publicar matérias polêmicas sem consultar a direção do Jornal?

R) Sim, tenho essa liberdade, eles confiam em mim. Normalmente o diretor olha a página, mas ele não muda nada, nem uma palavra. Só que tenho que assumir, porque estou escrevendo. Se é polêmico eu tenho que ser um jornalista, praticar a ética e publicar os dois

lados. Por exemplo, esse último caso do concurso público em Pouso Alegre, porque que a gente não publicou nada? Porque ninguém assumiu nada, ninguém quis dizer o nome nas denúncias. Como que eu vou simplesmente colocar meu nome num assunto que eu não sei se é certo ou errado? Eu tenho que ter minhas fontes e confiáveis, para também não me prejudicar.

10) No caso de matérias polêmicas, você já enfrentou algum tipo de problema na Folha do Vale com a questão da publicação? Já teve algum atrito com a direção, ao querer publicar e deixou de fazê-lo porque seria um problema para você?

R) Nós tivemos um problema, não com a Folha do Vale, mas com a rádio Difusora. Na época, com um presidente da Câmara de Pouso Alegre. Teve um problema de transmissão. A rádio transmite a sessão da Câmara Municipal, e ele achava que o espaço que era dado à transmissão ao vivo para Câmara, deveria ser o mesmo que deveria constar também no horário jornalístico da rádio, quer dizer, ele queria aparecer no jornal com o mesmo espaço de tempo. Como era presidente da Câmara chegou a ligar para reclamar, eu tenho as fitas gravadas. Isso é um mero passado, hoje somos muito amigos temos uma relação boa, mas na época ele ligou aqui e disse que iria cortar a concessão que tinha com a rádio.

11) Quem era o presidente da Câmara nessa época?

R) Era o Marcos Campanella. Hoje nós temos uma amizade muito boa, acho que ele conseguiu compreender um pouquinho mais o que é o jornalismo. Não é este tipo de pressão que existe na questão de querer aparecer com os seus projetos, querer aparecer mais, com suas falas.

12) Mas a transmissão das sessões da Câmara é pago, não é?

R) Ela é paga, a parte. A rádio já se propôs fazer até de graça. Mas depois dessa briga.

12) Eles fazem uma concorrência?

R) A rádio Difusora ganhou a concorrência e existe este programa de cobertura.

13) E ele queria ter o mesmo espaço no jornal da rádio, fora da concorrência?
R) Ele queria o mesmo espaço no jornal da Difusora. Durante a gravação da sessão a gente grava tudo e depois decupa[2] alguma coisa sobre os projetos, para aproveitar no horário do jornalismo da rádio. Ele queria aparecer, achava que deveria estar ali sempre, e às vezes nem toda sessão se fala de uma coisa interessante. Ele ligava e perguntava: - Tá tendo alguma pressão? Existiu até uma briga, o pessoal do jornal foi à Câmara. Ele iria cortar o contrato e abrir uma nova concorrência. Mas como é só a nossa rádio e a rádio Clube. Inclusive o Pe. Nelson (diretor da rádio) se ofereceu e foi até lá, e falou aos vereadores: - Por isso não, por dinheiro não, vocês podem ter até de graça se vocês quiserem. Acho que acabou com o problema aí.

14)Vocês fazem reunião para decidir se matéria sai ou não quando é muito polêmica?
R) Não, eu escolho, faço a matéria e deixo a matéria pronta. O diretor e o gerente lêem, o Hilário lê, toda a redação. Eles dizem se está boa ou não. Dificilmente existe matéria polêmica que irá ver só um lado da questão. Sempre buscamos os dois lados. Não tem polêmica de fato. A matéria sobre a Tribuna Livre, por exemplo, que foi rejeitada pela Câmara, fizemos uma matéria enorme, contando o porque. De uma certa forma esse tipo de matéria denigre o poder legislativo, demonstra que ele está alheio. É muito difícil a população entender. Ela quer atitudes mais imediatas, é como se os vereadores tivessem podado a participação do povo no legislativo.

15) O jornal se posiciona politicamente?
R) Eu tenho impressão que se posiciona, não de uma forma explicita, mas eu acho que se posiciona por causas sociais. É como se nós, da Arquidiocese, da Igreja Católica, quiséssemos mostrar algumas falhas que ocorrem em relação em a questões sociais. Por exemplo, se um vereador diz que não vai votar na Tribuna Livre, porque vai atrapalhar no decorrer da Câmara, a gente entrevista uma pessoa do povo expressando sua vontade de ir à Câmara para reivindicar água, no seu bairro estaria faltando água há quatro meses e ninguém toma consciência.

---

[2] Decupar significa marcar o tempo em uma fita gravada, ou de áudio ou de vídeo, para saber onde se encontram as informações necessárias que irão ser utilizadas em uma edição de radiojornalismo ou de telejornalismo.

Sebastião Foch Kersul – proprietário do Jornal do Estado

1) Quando foi criado o Jornal do Estado?

R) O Jornal do Estado vai completar agora, em dezembro, 14 anos. Foi criado em dezembro de 85.

2) Qual era a proposta inicial do jornal? Por que foi criado?

R) Na época, Pouso Alegre tinha uma carência de jornais e tínhamos um trabalho grande junto a empresários, prefeituras, órgãos públicos. Dentro da construtora tínhamos uma loja de material de construção. E a gente sentia a carência de um veículo, não só de comunicação como de divulgação. Uma cidade como Pouso Alegre, em franco desenvolvimento, tendo apenas um jornal, não retratava realmente a realidade, não só de Pouso Alegre como de toda a região. Então resolvemos fundar um jornal que pudesse atender a essa lacuna, que acreditávamos que deveria ser preenchida.

3) O outro jornal concorrente qual era?

R) Era o Sul das Geraes.

4) Então a finalidade seria comercial e também informativa?

R) Informativa e mais empresarial. A gente já tinha um relacionamento muito grande, na época do Sebrae também, trabalhávamos em conjunto, então era uma maneira da gente divulgar o trabalho do Sebrae, das empresas nossas e também o cotidiano de Pouso Alegre e Região.

5) Como era o projeto gráfico inicial do jornal?

R) O projeto gráfico era o pior possível. Você batia na máquina, cortava, colava, mandava para imprimir. Quer dizer era artesanal.

6) Qual era o tamanho dele?

R) Era um tablóide, inicialmente. A pretensão dele não era a que temos hoje. Era um jornal informativo, para atender uma demanda muito pequena, e tudo mais, quer dizer, super artesanal. Era uma maquininha ainda manual, depois passou para uma elétrica, e quando passou para a IBM foi, nossa senhora, um modernismo, tecnologia. Foi um negócio difícil, muita gente foi contra no início, achando que era um absurdo um novo jornal na cidade, a concorrência na época, o Sul das Geraes era o jornal da elite, então o surgimento de um outro jornal causou uma preocupação muito grande, um furor na cidade. Mas foi muito importante porque sacudiu a cidade de Pouso Alegre e houve uma conscientização de que as mudanças tinham que ser feitas, o perfil do jornal, não era um jornal radical, era um jornal empresarial. Com o tempo o pessoal foi sentindo que o jornal não tinha preocupação de mexer, ou de tocar em pontos chamados na época, intocáveis. A idéia era ser um jornal empresarial, que mostrasse o desenvolvimento da cidade, comercial , industrial ou a educação, sem se preocupar com outros assuntos de política, de querelas de discussões. Não era a preocupação do jornal como continua não sendo até hoje

7) A intenção também era divulgar a sua empresa?

R) É principalmente, uma das preocupações maiores realmente era divulgar as nossas empresas, na área da construção civil, na área de venda de materiais da construção civil, essa era principalmente a preocupação.

8) Qual seria a proposta ideológica hoje?

R) Hoje nós temos um pensamento bem mais avançado. O jornal um chamado filho, que a gente não queria que viesse, pois veio, hoje é o filho querido, pode ter seus defeitos ou não, mas é o filho que nós queremos que continue, então, hoje nós estamos preocupados também em continuar o perfil do jornal, um jornal empresarial. Trazer todas as mudanças na área de indústrias, na área de comércio, na área de educação, que são todas coligadas ao desenvolvimento da nossa região, e realmente tornar um jornal mais dinâmico, inclusive já com a pretensão e a idéia de se trazer uma gráfica para Pouso Alegre, torná-lo, se possível, em curto espaço de tempo, bi- semanário, e com o prosseguimento na hora que estiver estruturado, torná-lo um jornal diário. Tanto é que nós estamos encabeçando um trabalho,

que nós iniciamos já há algum tempo, e que hoje os frutos começam a ser colhidos. Pouso Alegre, em termos de jornais, hoje virou uma prostituição total. Qualquer elemento daqui que acha que deva fundar um jornal, funda o jornal e diz ser jornalista. É o cúmulo do absurdo. O sujeito mal sabe escrever o nome e sai dizendo aí que é jornalista É o cúmulo do absurdo que se permita, e nós nos omitimos nisso, que essas pessoas saiam dizendo que são jornalistas. Quer dizer, falta total de qualificação, o sujeito não tem o que fazer e resolve fundar um jornal. Nós já estamos nos movimentando, devemos ter uma reunião na segunda feira agora, com os jornais já bem tradicionais daqui, para nós discutirmos maneiras, formas, inclusive juridicamente falando, de acabar com essa situação, não se pode mais consentir e aceitar que se chegue aqui alienígenas, sem nenhuma formação e funde jornais. Eu acho que nós temos a obrigação, principalmente por termos uma Faculdade, temos elementos do mais alto nível, formados nessa Faculdade e pessoas hoje que não têm o mínimo de cultura, dirigindo jornais em Pouso Alegre.

9) O jornal sempre pertenceu ao mesmo proprietário?

R) Sempre pertenceu aos proprietários da empresa, foram sempre eles.

10) Tem ligações políticas com políticos locais ou do estado?

R) O jornal nunca teve ligação política nenhuma. Os proprietários do jornal, marido e mulher, têm a suas posições políticas que não tem nada a ver com o perfil do jornal.

11) O jornal recebe verba da prefeitura para publicações?

R) Atualmente e há algum tempo não recebe um tostão. Nem da prefeitura de Pouso Alegre nem de nada.

12) Já recebeu?

R) Já, quando nós publicávamos material...é..., logicamente material que deveria ser pago. Nunca recebeu, vamos dizer assim, subsídios. Nunca recebeu nada nem de Pouso Alegre, nem de nenhuma prefeitura.

13) O jornal têm convênios com órgãos públicos ou com algum órgão empresarial?
R) Empresarial não. Nós temos convênios com o judiciário. São seis comarcas que nós atendemos através de concorrência, licitação.

14) Com funciona a manutenção das despesas então?
R) O jornal tem os assinantes, a venda nos locais pré-determinados e temos as propagandas dos nossos clientes.

15) Então se mantém mais pelas vendas e propagandas?
R) Mais por propagandas do que propriamente de vendas.

16) Tem quantos funcionários o jornal hoje?
R) Hoje nós temos 11 funcionários, dois jornalistas e um editor.

17) O editor tem liberdade de publicar o que quiser?
R) Total e plena liberdade, desde que não seja matéria agressiva ou de ataque pessoal.

18) Em matérias polêmicas que envolvam políticos ou empresários, como o jornal age?
R) Hoje nós temos um Conselho Gestor em que participam dois jornalistas, o departamento comercial, e os diretores, cada um tem um voto. Então, pode acontecer de os proprietários que têm somente dois votos sejam votos vencidos, prevalece a democracia.

19) O sr. teria alguma outra informação importante sobre o jornal?
R) Nós podemos dizer que o jornal, independente dessa área empresarial, se preocupa muito com a parte social., chamada hoje, está muito em voga, empresa cidadã. Temos procurado, na medida do possível, fazer movimentos no sentido de arrecadar dinheiro, para determinadas entidades. Agora mesmo montamos um projeto de telemarketing, cuja preocupação maior, até o dia 17 de dezembro, é arrecadar assinaturas. Uma parte dessa arrecadação, em dinheiro, vai para uma entidade social, que é a creche da Cidade Foch. Devemos promover em breve um projeto que tem algum tempo, e já é data fixa no calendário, são os Maiores e Melhores do ano, que fazemos todo ano. Uma parte

dessa arrecadação também vai para uma entidade social. Nós temos um outro projeto que é a Noite árabe, que também é um projeto que temos parceria com o Movimento de Promoção São José. Acho que qualquer empresa tem a obrigação de atender também ao social. O jornal, você sabe, já trabalhou, é realmente uma empresa que financeiramente não tem resultado, a não ser, logicamente, quando tem alguém, politicamente falando, uma empresa forte por detrás para manter. Por isso a briga nossa, hoje, em Pouso Alegre tem jornais surgindo com políticos por trás desse jornal, distribuindo jornais gratuitamente. Quer dizer, se alguém disser: - mas esse cara distribui jornais gratuitamente por quê? Não precisa nem responder porque. Essa dificuldade de empresas jornalísticas, a própria profissão, a gente vê como é a responsabilidade. Da mesma maneira que os resultados financeiros não são condizentes com o trabalho nós ainda somos taxados de sermos ligados a políticos de todas crenças de todas as matizes. É muito difícil hoje ser empresário de jornalismo e ser jornalista. Mas eu acredito que o jornal já tem 14 anos, ele já tem uma estabilidade, um perfil, e a gente se sente orgulhoso de saber que o nosso jornal hoje na região tem uma certa credibilidade.

20) Durante o período eleitoral o jornal publica notícias de candidatos como matéria paga ou divulga políticos em evidência que estejam concorrendo?

R) Como nós somos um jornal apolítico definimos uma linha de conduta. O candidato ou os que já são candidatos à reeleição, qualquer divulgação que se deseja deverá ser paga, porque se você divulga um e não divulga o outro, vai receber logicamente uma crítica. Porque você divulgou fulano, porque você divulgou beltrano, porque você divulgou tal partido. É Lógico que quando é de interesse da comunidade, ou do estado ou federal. Uma lei que foi aprovada de interesse da comunidade, que a comunidade sabe que a lei foi aprovada, vai ser publicada porque é de interesse. Agora dizer que o fulano viajou, que visitou, isso aí já é uma propaganda mostrando a pessoa. Então, achamos conveniente se for fazer prá um que se faça para outro.

21) O Sr. acredita que quando há divulgação mais de um do que do outro candidato é porque o jornal está apoiando alguém?

R) Sem dúvida nenhuma, ou então .... Agora você sabe também que tem determinadas pessoas que têm uma assessoria de imprensa agressiva. Ela participa. Então essas pessoas às vezes conseguem espaço pela insistência. Nós temos caso aí, a pessoa vai no editor, vai no proprietário. Assessoria mais eficiente. E às vezes ele manda o material com uma conotação de utilidade pública que você publica naturalmente. Enquanto que uns, às vezes são bons candidatos, mas não tem assessoria de imprensa. Nós conhecemos vários. E hoje um jornal de interior não tem uma estrutura de ficar atrás, procurando notícias de determinados candidatos. Agora é lógico que tem candidatos que por si só representam algo mais, então nesses casos, não que o jornal queira, mas o próprio jornalista se sente atraído em procurar saber: - olha, como é que ficou isso assim... . Isso aí não é posicionamento do jornal, é mais um problema de assessoria de imprensa mais atuante mais. Isso acontece como acontece com empresas também.

Pe. Nelson Pereira Rosa – Diretor geral do jornal Folha do Vale

1) Quando foi criado o jornal Folha do Vale?
R) O jornal fez quatro anos. Já era um jornal da cidade, chamava Folha da Cidade foi adquirido pela Arquidiocese através da rádio Difusora, a princípio em parceria com os antigos donos do Folha da Cidade, depois de um ano e meio, mais ou menos, compramos a outra parte, ficando totalmente da Diocese. Logo que ele foi adquirido, trocamos o nome, passou a chamar Folha do Vale do Sapucaí.

2) Por que vocês compraram o jornal e qual era a proposta inicial?
R) O objetivo da compra do jornal. Primeiro foi um pouco de teimosia minha. Dom João Bergese, (ex- arcebispo de Pouso Alegre já falecido), na época não era muito a favor. Eu achei que era importante ter um jornal e acabei convencendo ele. E comprei um pouco na raça. Justamente para gente ter, estar presente também no jornal. A proposta inicial nunca foi de fazer um jornal só religioso. Foi de estar presente na sociedade, ter o espaço religioso, espaço de divulgação da mensagem propriamente católica, mas também estar

presente em todos os setores da vida da sociedade. Esta era a proposta e até hoje procuramos manter essa linha.

3) Qual era o projeto gráfico?

R) O que é projeto gráfico?

4) Digo, o tamanho era menor ou maior, qual o formato, deveria ter títulos grandes ou pequenos, etc.?

R) O tamanho da Folha da Cidade era o standard. Nós continuamos com esse tamanho. Essa questão de fotos a gente tentava seguir o padrão.

5) Então não houve uma mudança gráfica?

R) Não, não houve. A gente sempre procurou destacar uma manchete religiosa, com uma outra manchete. Às vezes a religiosa era a principal, às vezes a outra. Sempre na primeira página alguma coisa da igreja também.

6) O destaque maior seria então para a questão religiosa?

R) Não, não que seria, sempre tem alguma coisa da igreja na primeira página. E quando era um evento de maior significação ou para diocese ou para cidade apareceria como manchete principal.

7) Qual seria a proposta ideológica do jornal hoje?

R) É a mesma de quando ele foi adquirido. Um jornal ético, responsável e imparcial.

8) O que é ser ético, responsável e imparcial, para o Folha do Vale?

R) Primeira coisa, acho que isso é básico no jornalismo, é ouvir os dois lados da questão. Não ser sensacionalista. Não ter compromisso com ninguém, não estar preso a nada. Divulgar dentro do espaço que temos, não é um jornal muito grande, procura divulgar todas as correntes, todas as posições, todos os fatos.

9) O jornal tem ligações políticas com candidatos ou políticos locais, ou do estado?
R) Não.

10) Recebe verbas da prefeitura para publicações?
R) Nós temos ganhado as licitações. Porque o nosso jornal está em dia com toda documentação, certidões negativas, que se pede nessas licitações públicas. A gente tem ganhado diversas licitações. Parece que alguns jornais aí não estão conseguindo. Então, por exemplo, hoje nós temos um contrato com a prefeitura, mas foi por licitação. Temos um contrato com a Câmara Municipal, foi licitação para a rádio. Em Cachoeira de Minas também licitação, e agora Estiva, temos o Fórum. Temos a Comarca de Borda da Mata e Cambuí. E a Prefeitura de Pouso Alegre também, temos um contrato lá que inclui a publicação de licitar e outras coisas.

10) Tem convênio com alguém?
R) não

11) Como funciona a manutenção do jornal?
R) Propaganda e assinatura

12) Quantos funcionários tem o jornal, sem ser jornalistas?
R) São quatro.

13) Quantos são jornalistas?
R) Todos são jornalistas.

14) E editores?
R) Só um.

15) O editor tem liberdade de publicar o que ele quer?
R) Sempre há uma reunião de pauta, sempre a gente conversa. E, ele tem liberdade sim, de publicar. Mas às vezes a gente chega num consenso que não deve ser publicado,

principalmente quando diz respeito a coisa sensacionalista, ou então política, que a gente vê que tem interesses muito particulares, essas coisas são bastante levadas a sério.

16) Em que matérias políticas o jornal toma a atitude de reunir para discutir?
R) Acontece. Às vezes chega lá uma carta ou uma reivindicação, que a gente não tem tempo hábil para procurar a outra parte. Às vezes algumas matérias são cortadas por esse motivo. Porque eu acredito, na minha opinião, eu acho se eu tiver que escrever que a outra parte não quis falar, muitas vezes nem pode falar. No caso do prefeito por exemplo, você vai atrás do prefeito e às vezes realmente ele não pode falar e ele teria alguma coisa para falar. E para sair a outra coisa seria interessante que saísse a posição dele também. Estou citando como exemplo o prefeito, mas podia ser qualquer outro, um empresário, alguma coisa assim.

17) O jornal apóia candidatos durante a campanha eleitoral?
R) Não, nunca apoiou nem vai apoiar.

18) O Sr. acha que a publicação de matérias sobre determinados candidatos com tom favorável, em época pré-eleitoral, pode significar apoio do jornal a esses candidatos?
R) Se for realmente favorável significa apoio. Não quer dizer que isto tenha acontecido, eu acredito que não tenha acontecido. Os candidatos podem publicar matéria até na véspera da eleição.

19) Só que a matéria paga vem entre fios e também vem escrita a identificação de publicidade.
R) Então, isso sempre saiu. Graças a Deus, a gente sempre conseguiu. Na época do Rosinha, quando ele foi candidato, ele publicou diversas matérias, foi tudo entre fios, matéria paga.

20) Na época de Jair Siqueira também?
R) Jair também, o Chico Rafael, o Dalton. Agora depois que foi eleito, por exemplo o caso de Chico Rafael, nós já divulgamos bastante coisa dele. Porque também já está eleito é uma liderança significativa.

21) É significativo para o jornal, o Chico Rafael?
R) Eu acho que é significativo para o jornal como é para a cidade inteira, do mesmo jeito que é para região, não especificamente para o jornal.

22) Quando o jornal denuncia algo de um político ele pode estar se colocando contra este político?
R) Acho que não. Não necessariamente.

23) Quando o Sr. acha que ele se coloca contra um político, contra mesmo, de fato?
R) Por exemplo, quando começa a marcar, quando começa a dar muito destaque a coisa que é insignificante, faz um drama, faz toda uma bagunça em cima de uma coisa que faz um fato querer parecer uma coisa grande. Acho que é marcação. Mesma coisa toda semana.

24) Em época eleitoral, se o jornal combate as atitudes de um prefeito, a quem está prefeito naquela época, lançando notícias, criticando aquele prefeito e apoiando determinado candidato à Prefeitura, o Sr. acha que isso é um posicionamento do jornal?
R) É um posicionamento do jornal, o jornal que fizesse isso, seria.

25) O Sr. acha que o jornal deve fazer matérias para sugestionar o eleitor, durante a campanha eleitoral, para votar a favor do candidato dele?
R) Não. Bom, se ele apoia um candidato ele deve fazer isso, mas eu acho que ele não deve fazer isso.

Eduardo Gusmão Guimarães - gerente comercial do Jornal do Estado (onde também foi editor e revisor por muito tempo)

1) Desde quando você está no Jornal do Estado?

R) Desde julho de 1991, eu retornei de Salvador, tão logo cheguei a Pouso Alegre, na mesma semana comecei a trabalhar no Jornal do Estado em 1991, onde me encontro até hoje. Tive uma rápida mudança, saí, tive em outra equipe de um outro jornal da cidade, mas foi num período muito curto, retornando ao Jornal do Estado.

2) Durante todo este período você exerceu também a função de editor do jornal, embora não assinasse o jornal, mas o editor tem liberdade de publicação, aqui no Jornal do Estado?

R) O editor goza da confiança total do diretor presidente do jornal e ele acredita no trabalho da editoria e proporciona toda esta confiança. Muito embora o nosso jornal tenha mais um perfil empresarial e nós ficamos todo esse período, à parte das fofocas, podendo dizer assim, das fofocas políticas, das ebulições políticas, e o Jornal do Estado, por si, pela própria condução, a diretoria, pelo envolvimento dos seus diretores tem um perfil editorial. então isso é muito fácil de ser conduzido.

3) Qual seria o perfil editorial do Jornal do Estado?

R) Ele se volta mais para as atividades empresariais. Nós proporcionamos pouco destaque tanto na área política como policial. O nosso noticiário é mais voltado para as atividades empresariais do Sul de Minas, damos mais destaque às atividades empresariais do Sul de Minas.

4) E em matérias polêmicas que envolvam o escândalo, envolvendo um empresário ou um político, como o jornal age nesses casos?

R) Como qualquer órgão de comunicação, ele procura ouvir as duas partes. E utiliza... . Sempre utilizou esse critério, nós gostamos de ouvir as duas partes.

5) Alguma vez vocês tiveram problema na publicação de algum material? Que não seria permitido ser divulgado porque iria contra a ideologia do jornal?

R) Não, eu não me recordo. Por sinal, pelo próprio perfil empresarial do jornal ele até..., não se envolve muito nesses problemas não. No Jornal do Estado não me recordo que tenha existido qualquer problema.

6) O jornal tem dificuldades de conseguir subvenções de prefeituras? As prefeituras normalmente não dão subvenções?

R) Tem uma dificuldade muito grande. As prefeituras pouco prestigiam a imprensa. Eles deixam de efetuar as publicações que são obrigados na imprensa local e as fazem na imprensa oficial em Belo Horizonte, burlando a Lei, e isso, de uma certa forma, impede que as empresas tomem conhecimento das contratações, das licitações, e empresas que poderiam ser contratadas por menor preço elas não participam de licitações. Poucas prefeituras publicam, não só no Jornal do Estado, mas em qualquer jornal da cidade, o material que deveria publicar. Não só as prefeituras mas as empresas do estado e também e da União. A exemplo de INSS, de Caixa Econômica Federal. Quando elas fazem licitação elas procuram os jornais da cidade e às vezes a empresa contratada são às vezes as empresas locais.

7) Você considera que publicar matéria de determinados candidatos, em véspera de eleição, com um tom favorável, pode significar apoio do jornal a esses candidatos?

R) É intenção do jornal, da diretoria do jornal não proporcionar apoio para determinado candidato. Àqueles que procuram o jornal são cedidos os espaços e os políticos o adquirem e nele fazem suas publicações, dentro dos critérios da legislação eleitoral.

8) Publicações pagas? Matérias pagas?

R) É às vezes são publicações pagas sempre seguindo os critérios da legislação eleitoral.

9) Quando o jornal denuncia alguma coisa contra um político ele pode estar se colocando contra este político?

R) Não necessariamente, às vezes é uma denúncia que parte de terceiros e o jornal vem por essa notícia, mas também ouvindo a parte denunciada.

10) Seria ouvindo as duas partes então ?

R) Seria ouvindo as duas partes, sempre o jornal procurou ouvir as duas partes, desde quando a outra parte não seja localizada é citado na matéria.

11) Durante uma campanha eleitoral o jornal assume uma posição política e faz matérias para sugestionar o eleitor?

R) É , em pleitos municipais anteriores, o Jornal do Estado teve o seu noticiário naturalmente voltado para as eleições. E... . já nos ocorreram detectar simpatia dos diretores por determinado candidato, porém o jornal evita essa manifestação, sempre evitou, muito embora, toda imprensa brasileira sempre tem manifestado o seu apoio, isso fica difícil de esconder na imprensa brasileira, mas nós evitamos que seja manifestado apoio por determinado candidato.